



**Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga**

**Emigração paterna e as representações mentais
de família**

Estudo Exploratório com filhos jovens adultos

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Família**.

Joana Cristina Cardoso Soares



FACULDADE DE FILOSOFIA
JUNHO 2013



**Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga**

Emigração paterna e as representações mentais de família

Estudo Exploratório com filhos jovens adultos

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Família.**

Joana Cristina Cardoso Soares

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Fabrizia Raguso**



FACULDADE DE FILOSOFIA
JUNHO 2013

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, meu auxiliador; sem confiar n'Ele o trabalho não seria possível.

À Doutora Fabrizia Raguso, que me orientou e motivou nos momentos mais difíceis.

Aos jovens que se dispuseram a participar neste estudo, sem eles teria sido impossível atingir os meus objetivos.

A todas as pessoas que me indicaram participantes e me apoiaram no meu trabalho.

Resumo

Esta investigação desenvolvida no âmbito do mestrado em Psicologia de Família tem como objetivo compreender alguns aspetos inerentes à família com filhos onde o pai é emigrante, nomeadamente a transmissão dos legados familiares, a introdução da lei e as fronteiras e sistemas de pertença destes jovens, assim como compreender as suas representações mentais de família.

Estudar a família implica que se compreenda o construto a que nos referimos, e por isso faz-se uma breve referência às transformações que esta sofre e as transições que lhe estão associadas. Atendendo que se pretende focar o papel do pai na sua ausência, descreve-se a sua importância e quais as consequências; sendo um dos aspetos centrais a emigração importa contextualizar este fenómeno e associá-lo à ausência do pai. Aqui surgem as questões de investigação, nomeadamente, que representações de família têm estes jovens; como se sentem em relação à ausência do pai; de que forma a mãe introduz o papel do pai; que fronteiras existem na família, entre outras.

A amostra foi constituída por seis jovens com idades entre os 20 e os 26 anos; e como método de recolha de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada e o instrumento gráfico-projetivo *Dupla Lua* (Greco, 1999).

Como principais conclusões podemos referir que estes jovens, na sua infância, viam o pai de forma idealizada, ou seja, uma figura maravilha associada a férias e presentes. Hoje reconhecem que não é assim, mas continuam a representar a família de forma também idealizada onde a ausência do pai não se percebe, revelando a negação do conflito.

Outro aspeto relevante é a verbalização de uma forte autonomia e amadurecimento que se revela na *Dupla Lua* como parentalização ou relação igualitária entre pais e filhos, visível também pelo próprio vazio relacional. Uma vez que a ausência do pai provoca alterações na estrutura familiar e nos papéis de cada membro, percebe-se a não construção de uma verdadeira relação do casal parental. Dessa forma os papéis de autoridade e afetivos ficam entregues a outros membros, não se percebendo um verdadeiro sistema de pertença destes jovens.

Palavras-Chave: Emigração, legados familiares, fronteiras e sistemas de pertença.

Abstract

This research carried out in the scope of the Master Degree in Family Psychology aims to understand some aspects related to families with children where the father is an emigrant, in particular to the transmission of family legacies, the introduction of the law and boundaries and of belonging systems of these young people, as well to understand their mental representations of the family.

To study the family implies understanding the construct, to which we refer, and so a brief reference is made on the changes that it undergoes and the transitions to it associated. Given that the focus is on the father's roll during his absence, his importance and the consequences are described; being the emigration a core aspect it's important to put into context this phenomenon and associate it to the father's absence. In this matter some research questions start raising, in particular, which family representations this young people have; how they feel regarding the father's absence; in what ways the mother introduce the father's roll, what boundaries exists in the family, among others.

The sample consisted of six young people with ages between 20 and 26 years old, and as data collection method was chosen semistructured interviews and the graphic tool projective test *Dupla Lua* (Greco, 1999).

As main conclusions we can say that these young people, during their childhood, they saw the father in an idealised way, meaning, a marvellous figure related to holidays and gifts. Nowadays they recognize that it is not true, even so they continue to represent the family in an idealized way where the father's absence is not perceived, revealing a denial of the conflict.

Another relevant aspect is the verbalization of strong autonomy and maturity revealed in *Dupla Lua* as parentalized child or equitable relationship parents-children, also visible by itself in the relationship emptiness. Once the father's absence causes changes in the family structure and in each member's role, it is noticeable that a true relationship is not built up on the parental couple. In that way the authority and affection roles are delivered to other members, not being able to notice a true belonging system of these young people.

Keywords: Emigration, family legacies, borders and belonging systems.

Índice

Índice de Tabelas	VI
Índice de Anexos	VII

Introdução	1
-------------------------	----------

Parte Teórica

1. Enquadramento sociológico.....	3
1.1. A família e as suas transformações.....	3
1.2. Ciclo de vida familiar e transições.....	5
2. Papel do pai e sua ausência.....	8
2.1. Papel e funções do pai	8
2.2. Importância da presença paterna	11
2.3. Consequências da ausência do pai	14
3. Emigração e ausência do pai	19
3.1. Emigração em Portugal.....	19
3.2. Impacto da ausência por emigração.....	22
3.3. Emigração e identidade.....	26
4. Problema, objetivos e questões de investigação	30

Parte Empírica

1. Metodologia.....	32
1.1. Abordagem de investigação.....	32
1.2. Desenho de investigação.....	33
1.3. Processo de amostragem.....	34
1.4. Amostra.....	34
1.5. Instrumentos de recolha de dados	36
1.6. Procedimentos e análise dos dados.....	37

2. Resultados	39
2.1. Análise de conteúdo.....	39
2.2. Análise da <i>Dupla Lua</i>	43
2.2.1. Análise do conteúdo gráfico	43
2.2.2. Análise do conteúdo verbal.....	46
2.2.3. Análise do nível interativo-emotivo.....	47
2.2.4. Análise do nível reflexivo.....	48
2.2.5. Análise dos dois construtos chave: fronteiras e pertenças	48
2.2.6. Síntese dos resultados	50
Discussão dos resultados	51
Conclusão	56
Referências	59
Anexos.....	65

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Estágios de adaptação às transições (Hill, 1949, cit. in Cigoli & Scabini, 2006).....	6
Tabela 2 – Fronteiras e tipologias de famílias (Minuchin, 1982)	7
Tabela 3 – Dados sociodemográficos da amostra	35
Tabela 4 – Categorias de 3ª e 2ª ordem	39

Índice de Anexos

Anexo A – Consentimento Informado.....	65
Anexo B – Questionário Sociodemográfico.....	68
Anexo C – Guião de Entrevista.....	70
Anexo D – Transcrição das Entrevistas.....	73
Anexo E – Categorização.....	136
Anexo F – Aplicação da <i>Dupla Lua</i>	140
Anexo G – Grelhas de análise a <i>Dupla Lua</i>	146

Introdução

O fenómeno migratório foi, e em alguns países continua a ser, um aspeto de grande interesse para sociólogos, antropólogos, economistas, pelo forte impacto que este tem na demografia e na economia de um país. Mais tarde, também os psicólogos se começaram a debruçar sobre a temática, procurando perceber os efeitos que a partida de algum membro da família, ou mesmo de todo o grupo familiar, podia ter para aqueles que ficavam no país de origem, para aquele que parte, assim como tentar compreender de que forma se dá a integração no país de acolhimento e como se preserva a identidade pessoal e familiar.

Ao focar a atenção sobre a família e sobre o impacto que a ausência de uma figura concreta – o pai – pode acarretar para a mesma e, principalmente para os filhos que se vêm obrigados a crescer sem essa presença constante, mas apenas mitificada pelas palavras da mãe e/ou pelo sistema familiar alargado, importa compreender como se processou a evolução da família em Portugal e como se insere este fenómeno nessa evolução. Para depreender o impacto que esta transição familiar, que é a saída de um membro para outro país, teve na família, importa ainda considerar que existe um ciclo de vida familiar que cumpre distintas etapas, todas elas com diferentes significados e momentos de crise. Para além disso, aceder a uma dimensão estrutural do sistema familiar, ajudará a compreender que regras, papéis, subsistemas e fronteiras existem nas famílias, e concretamente naquelas em que o pai está ausente a maior parte do tempo.

Por fim, questiona-se a dimensão trigeracional, ou seja, que legados familiares são transmitidos pela família de origem do pai quando este está ausente, podendo este aspeto ser remetido para as razões da emigração deste pai, enquanto filho.

A grande maioria de estudos acerca da emigração em Portugal foca-se nos seus contornos, isto é, em que década existiu um maior ou menor fluxo migratório; como se encontrava o país, económica e socialmente, nessa época; quantos eram os emigrantes, de onde partiam e para onde iam; e razões da emigração. Obviamente, não são de descorar todos estes aspetos, de forma a enquadrar histórica e socialmente o momento da emigração daquele membro familiar.

O enfoque, que hoje vem crescendo, sobre a figura paterna, surgiu, principalmente nas décadas de 80 e 90 aquando do aumento do número de divórcios, o que levou a pensar

nas consequências que esta ausência poderia ter sobre os filhos. Noutros contextos internacionais, como por exemplo na América Latina, onde o fenómeno migratório é verdadeiramente significativo, este tipo de estudos também se disseminou. Desta forma, entender o papel que o pai assumiu e assume hoje nas relações familiares é deveras importante para se aceder às representações que os filhos destes pais ausentes têm acerca desse mesmo papel e da conceção de família. A importância deste membro no desenvolvimento dos filhos, as consequências que podem daí advir aos mais variados níveis, e especificamente nos casos de emigração são um dos focos de interesse da investigação que nos propomos.

Relativamente à parte metodológica desta investigação, esta caracteriza-se por ter uma abordagem qualitativa, sendo um estudo exploratório, onde se procura aceder e conhecer as representações que os filhos jovens adultos, cujo pai, desde a sua infância e até à atualidade, se encontra emigrado, têm acerca da sua família. A amostra é constituída por jovens adultos que muito precocemente ficaram sem a presença diária do pai devido à emigração do mesmo, e que ainda hoje se encontram em igual situação. O processo de amostragem, isto é, o procedimento que nos permitiu aceder a esta amostra, foi por redes ou também chamada de “bola de neve”, ou seja, recorre-se a redes sociais, amizades, e à indicação de outras pessoas na mesma situação, disponíveis para participar na investigação.

Os instrumentos de recolha de dados foram a entrevista semiestruturada e o instrumento gráfico projetivo *Dupla Lua* (Greco, 2006) que se encontra ainda em fase de validação para a população portuguesa (Moreno, 2012). A utilização da entrevista permite aceder ao máximo de informação acerca da experiência e ao máximo de autorrevelação que vai de encontro à profundidade e ao contexto pessoal. O segundo instrumento, sendo projetivo, permite aceder à dimensão simbólica, às representações, fronteiras e sistemas de pertença daquela família em concreto.

No capítulo referente aos resultados são apresentadas e descritas as categorias encontradas nas entrevistas realizadas, bem como a síntese dos resultados da aplicação da *Dupla Lua*, obtidos e organizados de acordo com a grelha de análise do instrumento.

Por fim, procede-se à discussão dos resultados, sendo necessário confrontar as verbalizações nas entrevistas com as projeções obtidas com o segundo instrumento.

Parte teórica

1. Enquadramento sociológico

Neste primeiro capítulo começar-se-á por procurar definir família, com a dificuldade que lhe está implícita; todavia, recorre-se à sua dinâmica interativa e às funções que esta apresenta. Por outro lado, far-se-á também o paralelo com a evolução da sociedade de forma a compreender os diferentes tipos de família que surgem descritos ao longo dos anos.

Num segundo ponto considerar-se-á que a família tem também um ciclo de vida marcado por diferentes etapas e diversas funções, onde ocorrem mudanças que implicam transições e reestruturações. Da mesma forma, a família apresenta também uma tipologia estrutural que a descreve na sua funcionalidade.

1.1. A família e as suas transformações

Procurar definir família não é tarefa fácil, o próprio termo é pouco específico, envolvendo uma variedade de experiências e relações, mas excluindo outras (Saraceno & Naldini, 2003). Apesar da grande heterogeneidade que marca as famílias, podemos considera-la uma organização básica e fundamental para que a vida humana se desenvolva (O’Shea, 1999). Não esquecendo, porém, que este “corpo” familiar tem uma identidade e opera de forma interativa e organizada, onde cada um dos seus membros é imprescindível na sua diferença e todos contribuem para o bem-estar do “corpo”. Neste vemos patente a relação Dom-Débito, ou seja, a interação recíproca assente na gratuidade e as dimensões fundamentais da relação familiar, isto é, a confiança no outro, a esperança da continuidade da relação, a justiça presente no compromisso assumido por cada membro e a lealdade para com esse mesmo compromisso e para com o outro (Cigoli & Scabini, 2006)

Por outro lado, se atendermos às mudanças que marcam a sociedade atual, vemos esta dificuldade acentuada, pois segundo Dessen e Lewis (1998) e de acordo com o modelo ecopsicológico, há 196 (cento e noventa e seis) formas possíveis de definição de família resultantes da combinação de catorze variáveis que contribuem para a caracterização da família atual. Por exemplo ser ou não casados, ter ou não filhos, ser pais biológicos ou não, partilhar os rendimentos, entre outros.

Embora estas dificuldades se façam sentir, poderemos retomar a definição de Lévi-Strauss (1967 cit. in Scabini & Cigoli, 2000, p. 7) que define a família como “a união duradoura, socialmente aprovada, de um homem e de uma mulher e dos seus filhos”. Nesta abordagem torna-se evidente que a família pressupõe a criação de laços estáveis e aceites pela sociedade de duas pessoas diferentes, com a finalidade de transmitir a vida. Desta forma a família assume particular importância dado que funciona como mediadora entre o indivíduo e a sociedade (Henriques, Féres-Carneiro & Magalhães, 2006), ou seja, é ela que prepara cada novo ser para a vida em sociedade interligando o crescimento pessoal com o que é exigido pela cultura.

A família como estrutura social ocidental é o resultado de um longo processo de diferenciação da sociedade onde está inserida (Cigoli & Scabini 2006). Inicialmente marcada pelo poder patriarcal e pela importância da fertilidade, onde as crianças eram o centro, gradativamente os focos de atenção foram-se desviando e a mulher tornou-se o modelo dominante privilegiado pela relação com os filhos.

Neste sentido podem ser apontados três tipos de família, como refere Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães (2006). Assim a família tradicional é caracterizada pela produção económica conjunta, pela autoridade paterna, pela ênfase nos aspetos emocionais do casamento e pela ligação com a comunidade e família alargada. A família contemporânea é mais nuclear, influenciada pelo individualismo, pouco ligada a laços de parentesco e à comunidade e bastante centrada no afeto entre os seus membros. Singly (2006) refere a existência de dois períodos neste modelo, ou seja, até aos anos 60 a família era baseada no amor como fulcro do casamento, na divisão do trabalho entre o homem e a mulher e na atenção à criança, saúde e educação; a partir dos anos 60 ocorre uma desestabilização do casamento com a crise do estereótipo da mulher “dona-de-casa”. Neste caminho surge a família pluralista classificada pelos novos arranjos consequentes dos divórcios, sendo esta mais flexível, menos permanente e mais igualitária.

Enquanto na família tradicional o casal estabelecia laços com a família alargada e as relações com as famílias de origem eram privilegiadas, hoje o casal centra-se em si mesmo procurando uma maior “privatização”, caracterizada pela qualidade das relações interpessoais, e uma “socialização” como resultado da intervenção do Estado (Singly, 2006). A família hoje, ao querer prescindir da família alargada, acaba por necessitar do apoio estatal; assim, à medida que se torna mais nuclear, a sua dependência das grandes instituições é também maior, enquanto outrora a instituição família era, na maioria das vezes, suficiente.

Não podemos, porém, descurar que as mudanças culturais, económicas e laborais marcam a visão de família dominante na sociedade ocidental, ou seja, aquela que a concebe como um “refúgio diante das instabilidades e incertezas do mundo do trabalho” (Borges & Magalhães, 2009, p. 44). Esta conceção, aliada ao enfraquecimento da relação de casal, conduz a inúmeras situações que tornam a família disfuncional.

Porém, devemos considerar que, como define Parsons (1994, cit. in Andolfi, 2001) a família nuclear é o tipo de estrutura que não estava em conflito com a exigência própria da economia industrial; nos primeiros estudos sociais sobre a família a maior parte das pessoas concordava com a ideia da família nuclear patriarcal como sendo o modelo a adotar pela sociedade, devendo responder a quatro funções: sexualidade, reprodução, socialização e sustento económico (Murdock, 1949, cit. in Andolfi, 2001).

1.2. Ciclo de vida familiar e transições

Na sequência da teoria de Erikson (1998) relativa ao ciclo de vida caracterizado por oito estádios desde o nascimento até à morte, o ciclo de vida familiar é considerado a partir das mudanças ocorridas na formação da família e em todo o seu desenvolvimento enquanto tal. Carter e McGoldrick (1995) apresentam seis estágios do ciclo de vida familiar. O primeiro estágio caracteriza-se pelo jovem adulto solteiro que sai de casa com o objetivo de aceitar a responsabilidade emocional e financeira pelo eu; no segundo estágio ocorre a união de membros de diferentes famílias, através do casamento, dando origem a um novo casal; este depois terá filhos que passarão pela primeira infância, idade pré-escolar e escolar, e mais tarde pela adolescência, correspondendo ao terceiro e quarto estágios, respetivamente; num quinto estágio dá-se o lançamento dos filhos, ou seja, chegada a idade jovem adulta destes, devem deixar a casa parental, seja para estudar, afirmar-se no mercado de trabalho ou constituir família; por fim, as famílias vivenciam o estágio tardio da vida.

Todas as mudanças que marcam o ciclo de vida familiar implicam transições para uma nova condição, o que por vezes é vivenciado como uma situação de crise. Porém, este conceito de crise não é sinónimo de stress, podendo ser considerado como uma epifania onde se revelam e se manifestam as relações familiares: são estes eventos críticos que obrigam a família a agir, colocam as pessoas a pensar, mexem com os pensamentos e com as relações e ajudam a revisitar o passado e a prefigurar o futuro. Todavia é necessário que as pessoas e a família possuam recursos, quer internos, quer externos, para uma correta reestruturação (Cigoli & Scabini, 2006).

As transições no ciclo de vida familiar podem ser de vários tipos. Segundo Cigoli e Scabini (2006) podemos ter a entrada de novos membros na família; outras estão relacionadas com a vida social; podem estar ainda ligadas a problemas económicos; ou podemos falar naquelas transições que não são claras no tempo, como por exemplo a emigração, quando em determinado momento da vida a pessoa se vê obrigada a deixar o seu país e a sua família para, por exemplo, superar dificuldades económicas. De acordo com os mesmos autores, devemos ainda considerar que os efeitos a curto prazo das transições fazem-se sentir ao nível das interações familiares, ou seja, nos comportamentos observáveis das dinâmicas da família; enquanto a longo prazo os efeitos são sentidos a nível relacional, o que implica atender à relação intergeracional e a toda a dimensão simbólica.

Hill (1949 cit. in Cigoli & Scabini, 2006) identifica três estágios de adaptação às transições descritos da seguinte tabela.

Período de desorganização	Situação de crise	Ex.: Isolamento, interrupção da relação social, conflitos, etc.
Período ativo	Procura de soluções	A família ambiciona compensar a crise através da análise de respostas e estratégias para lhe fazer face.
Período de reorganização	Reintegração das mudanças	Por exemplo, através de rituais ou cerimónias reconciliatórias.

Tabela 1 - Estágios de adaptação às transições (Hill, 1949 cit. in Cigoli & Scabini, 2006)

Contudo, esta última fase pode não se verificar dando lugar a um impasse, ou seja, a família não foi capaz de se reestruturar e de encontrar novas formas de atuação perante a mudança e este bloqueio emocional será doloroso para a família, podendo abrir caminho para soluções menos adaptativas ou a uma clara resposta patológica de um ou mais membros.

Pela sua própria natureza, por serem perigosas, dolorosas e apresentarem um resultado incerto, as transições são difíceis (Cigoli & Scabini, 2006). Estas características tornam-se mais evidentes quando os acontecimentos que obrigam à transição são chamados “não normativos”, ou seja, não são esperados e normalmente a pessoa não tem de os enfrentar; se, pelo contrário, os acontecimentos forem do tipo “normativo” ou esperados, a família pode fazer uma mudança antecipada recorrendo também à sua experiência (Carter & McGoldrick, 1995). Podemos repensar aqui a dimensão da

emigração, não sendo um evento esperado, pois certamente a maioria dos emigrantes deseja permanecer no seu país, junto da sua família; quando a decisão de partir se concretiza, já muito foi refletido, porém, existiu com certeza um período de sofrimento, que pode arrastar-se durante algum tempo, ou permanecer rigidificado na estrutura da família se esta não conseguiu transformar as relações.

É importante considerar as estruturas de família, ou seja, o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as formas de interação dos seus membros. (Minuchin, 1982). A partir da interação dos diferentes subsistemas, isto é, conjugal, parental e fraternal, podem surgir tipologias de família de acordo com as fronteiras estabelecidas entre eles, ou seja, depende das regras de quem participa das transações e de como se operam (Elkaïm, 1995).

Quando as fronteiras são claras, isto é, quando está patente uma passagem relacional de informação e de influência mútua, a família é funcional; se pelo contrário as fronteiras são difusas, existindo demasiada insegurança e uma invasão do espaço de identidade e crescimento a família torna-se emaranhada, não havendo uma definição clara de papéis entre os membros, o que dificulta as separações; quando não há espaço para a entrada e saída de membros as famílias apresentam fronteiras rígidas, aqui tudo é uma ameaça à estrutura familiar e a dificuldade em definir papéis e identidades é muito elevada, tornando-se famílias desligadas condicionam a relação familiar e a projeção dos filhos na vida pessoal (tabela 2).

Fronteiras claras	Passagem relacional de informação	Família funcional
Fronteiras difusas	Demasiada insegurança e invasão do espaço de identidade e crescimento	Família emaranhada
Fronteiras rígidas	Não há espaço para a entrada e saída de membros	Famílias desligadas

Tabela 2 - Fronteiras e tipologias de famílias (Minuchin, 1982)

2. Papel do pai e sua ausência

Associando já o conceito de família, a sua origem e os papéis dos diferentes membros, focar-nos-emos na evolução do papel do pai ao longo do tempo, atendendo às suas funções em três períodos distintos. Posteriormente, atender-se-á à importância da sua presença para o sadio desenvolvimento da família, principalmente, dos filhos. Para finalizar este capítulo ter-se-á em atenção as consequências que esta ausência pode trazer para os filhos, nas diferentes etapas de vida dos mesmos.

2.1. Papel do pai ao longo do tempo

Pensar o papel do pai na atualidade implica criar uma ponte de comparação com o passado; falar em pai, obriga-nos a pensar também na família em que este se desenvolve e, posteriormente tornando-se ele mesmo fundador de uma nova família; podemos aqui considerar a própria origem do termo “família” que deriva do vocábulo latino *famulus* que significa servo, isto diz-nos que, todos os que viviam debaixo do mesmo teto, servos e escravos, faziam parte da família (Centeno, 2001). Ao longo do século XX as mudanças culturais, sociais e económicas tornaram-se bastante visíveis nas transformações ocorridas na família; em Portugal, segundo Aboim (2010) podemos falar em três momentos e características distintas de família, ou seja, entre os anos 40 e 70, na década de 70 e nos anos 80, 90.

Primeiramente temos o período do “familiarismo” que assentava no seguinte:

- Política da “mãe em casa” e do “homem ganha-pão masculino”;
- O chefe de família – marido – é considerado como a principal autoridade em todos os atos da vida conjugal;
- Humilde e cristã, assente no casamento religioso para toda a vida;
- A família é um símbolo da estabilidade institucional e do vigor moral, lugar da transmissão dos costumes e da continuidade da tradição, com os quais se afirma a identidade da Nação;
- O lugar do homem nesta família baseia-se em três funções principais que definem o “bom pai” e o “bom marido”:
 - a de provedor da família, impondo a si mesmo longas horas de trabalho e de “ser poupado” nos gastos gerais e individuais;
 - a de chefe de família, representante da autoridade;
 - e guardião da moral no seio da família.

- A maternidade, o trabalho doméstico e os cuidados femininos são louvados e enaltecidos de formas variadas, tanto pelo Estado como pela Igreja, bem como pelas várias organizações associadas à sua tutela (Aboim, 2010).

A evolução do saber científico pautou a sociedade moderna, que ao tornar possível a industrialização estabeleceu mudanças sociais mediante a institucionalização da própria organização, onde se inclui a família; de facto, esta, como instituição central na sociedade, é objeto, na cultura moderna, de estudo e reflexão continua (Centeno, 2001).

A partir da década de 70, e com influência do 25 de Abril, surgem mudanças imediatas, por exemplo:

- O Estado procura reconhecer autonomia e liberdade aos indivíduos e à família na esfera privada, ao mesmo tempo que garante apoio e proteção.
- A mulher deve poder trabalhar a tempo inteiro como o homem e o Estado deve apoiar a família nas suas funções de guarda das crianças.
- Surge um modelo normativo que aponta para uma família “igualitária e democrática” e, para uma família de “duplo emprego”, por oposição à família “ganha-pão masculino” do período anterior.
- Passou a dar-se mais importância à ideia da reciprocidade entre pais e filhos, procurando defender melhor os interesses da criança.
- Os filhos devem obediência aos pais, mas estes, por sua vez, devem ter em conta a opinião dos filhos nos assuntos familiares importantes e reconhecer-lhes autonomia na organização da própria vida.
- O homem deixa de ser o chefe de família; deixa de ser considerado como o provedor; e passa a partilhar com a mulher as funções de proteção e orientação dos membros da família (Aboim, 2010).

É a partir dos anos 80-90 que se começam a introduzir os direitos de paternidade, com alterações legislativas que revelam, pela primeira vez, a preocupação do Estado em promover, por um lado, a conciliação entre a vida profissional e a vida familiar e, por outro, a paternidade. É já no início do século XXI que a questão da paternidade se torna central com a introdução da obrigatoriedade de gozo da licença de paternidade de cinco dias. Por fim, destacam-se as alterações no regime jurídico do divórcio, em particular no que se refere à regulação do poder paternal, que é substituído pelo conceito de responsabilidades parentais exercidas em conjunto. As designações das licenças são

completamente reformuladas: os termos maternidade e paternidade desaparecem do corpo das leis e são substituídos pelo conceito de parentalidade (Aboim, 2010).

Para além de todas estas mudanças que foram sendo acompanhadas por alterações nos regimes jurídicos, e que implicaram uma reestruturação dos papéis que anteriormente cabiam a cada membro da família, surgem também mudanças ao nível das estruturas familiares, por exemplo, decorrentes de divórcios, o que eleva as famílias monoparentais de mulheres, ou por vezes são estas que decidem ter filhos sem a presença de um pai (Marin & Piccinini, 2009). Este é já um exemplo de desvinculação do homem ao papel de provedor e responsável pela família, pois as mulheres mostram-se também capazes de o ser. Devemos ainda considerar as famílias monoparentais de mulheres quando o marido está ausente por emigração, apesar de não ser o mais comum atualmente, foi nas últimas décadas uma das formas do homem manter o seu papel de provedor da família.

Já em 1963 Mitscherlich demonstrou que caminhamos para uma *sociedade sem pais*, pois a progressiva desvalorização do pai como modelo de identificação, o enfraquecimento da imago paterna («pai invisível» no seu trabalho, na sua inserção social), não lhe permite oferecer-se como referência ao Ideal do EU, e o Super-EU perde flexibilidade porque em vez de resultar de um introjeção fundada na relação afetiva, surge como uma imposição «das exigências da sociedade». O problema é que estando o pai desvalorizado e ausente, o indivíduo não tem condições de formar um EU autónomo, e cai no anonimato dos grupos indiferenciados de jovens que reagem com formas primárias de reivindicação (Malpique, 1998).

Dentro da família, o homem, no seu papel de marido e pai, foi obrigado a fazer reposicionamentos. Quando antes passava o seu tempo a trabalhar fora de casa, enquanto a mulher cuidava do lar e dos filhos, hoje vê-se obrigado a estar tão presente quanto a mãe nos cuidados da prole. A dificuldade é acrescida, pois procurar manter o seu papel de autoridade familiar, introduzindo a lei, as regras e a moral, ao mesmo tempo que é chamado a ser carinhoso e afetivo com os filhos, coloca o homem/pai numa ambiguidade de posições e numa constante reorganização de si e das relações (Gomes & Resende, 2004).

Passar de um pai frio e distante para um pai presente e carinhoso não é fácil, isto só acontece ao nível das gerações; serão necessárias, talvez, três gerações para que se percebam as exigências das transformações sociais. Não podemos também negar a influência que as gerações que nos precedem têm sobre a forma como estabeleceremos as nossas relações, ou seja, cada nova geração pode continuar a replicar o modelo que

tinha como exemplo em casa, ou pelo contrário, transformá-lo e dar início a uma nova trama familiar (Gomes & Resende, 2004).

Porém, há um novo perfil de pai que vai sendo delineado, segundo Badinter (1993), que sendo um homem de classe média ou alta, tem formação e ordenado acima da média, um emprego que lhe permite dispor do seu horário e que se diz em rutura com o modelo da sua infância, não querendo reproduzir o modelo do seu pai, desejando reparar a sua infância; por fim, as suas esposas também não desejam ser mães a tempo inteiro.

São estes os pais que hoje, tanto os filhos, como as mães, desejam ter em casa, como apoio à educação da prole, e como apoio emocional e físico à mulher que hoje é mãe, trabalhadora a tempo inteiro, dona de casa e esposa. Como diria Badinter (1993) o homem-pai é o homem reconciliado, é aquele que encontrou o seu pai e reencontrou a sua mãe, ou seja, tornou-se homem sem ferir o feminino-materno.

2.2. Importância da presença paterna

Depois de se revisitar as transformações ocorridas nas estruturas familiares nos respetivos papéis dos seus membros, nomeadamente o papel do pai, cabe agora ressaltar a importância deste elemento fundamental no desenvolvimento da criança e no bom funcionamento de todo o sistema familiar.

Autores como Maccoby (1995), Lamb (1997) e Paquete (2004) referem que o pai pode influenciar profundamente o processo desenvolvimental dos filhos, pois ao ser prestadores de cuidados competentes e implicados, assumindo um papel parental ativo, podem ter uma influência positiva para o bem-estar e desenvolvimento da criança, contribuindo de forma distinta para esse desenvolvimento (Lima, 2008).

Diferentes investigações referidas por Lima (2008) mostram benefícios para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos filhos (Lamb, 1997; Shek, 2005), para além das influências sobre os outros membros da família (Beitel & Parke, 1998) e para o desenvolvimento e bem-estar dos próprios pais (Eggebean, & Knoester, 2001).

É certo que nos tempos atuais se espera do pai um maior envolvimento e contacto com os filhos, contribuindo de forma significativa para o seu desenvolvimento, neste sentido Lima (2008) cita o modelo tripartido de envolvimento paterno de Lamb, Pleck, Charnov, e Levine (1987): Interação, Acessibilidade e Responsabilidade. A Interação diz respeito à interação direta pai-criança em atividades como o jogo e a alimentação; na Acessibilidade o pai pode, ou não, envolver-se diretamente na interação mas continua disponível (física e psicologicamente) para a criança; na Responsabilidade o pai assume

a responsabilidade pelo bem-estar e segurança da criança (por exemplo, cuidar da segurança do filho ou saber quando necessita ir ao pediatra) (Lima, 2008).

O pai assume um papel crucial no bom desenvolvimento do filho, primeiramente, o pai interdita o vínculo com a mãe, sendo o verdadeiro agente da mudança ao introduzir a relação triangular. É a partir dele que a criança se depara com a mudança de objeto ou com a diferença de modelos, impedindo que se prolongue indefinidamente a natureza simbiótica dessa relação dual que visa a obtenção do prazer com a satisfação das necessidades do filho (Almeida, 2007; Malpique, 1998). O pai é o mediador da relação mãe-filho, introduz a distância, a diferença e a frustração mais penosa. É ele que, segundo Lacan, faz reconhecer à criança a *falta*, a impossibilidade da relação fusional com a mãe. A presença de um pai real (ou substituto) que dispute a mãe à criança é, portanto, indispensável (Malpique, 1998).

Apesar de a presença real do pai ser importante para a satisfação da mãe e do filho, não significa que a sua ausência deixe forçosamente o vazio. O pai ausente, mesmo por morte, pode estar presente na memória, no desejo e no agir da mãe que, assim, permite sustentar no imaginário de cada um e da família uma importante força estruturante.

O perigo da ausência real é a excessiva idealização, não o esquecimento. O grande risco surge quando essa ausência é veiculada pela própria mãe, e o valor simbólico da função paterna desaparece do discurso da mesma («forclusão do pai» de J. Lacan), e se mantenha a relação simbiótica (psicose). A vantagem da presença real é que na interação pai-filho se compare, retifique e adapte o que de imaginário há em cada um do outro. A desidealização, fonte de reconhecimento dos limites de si-próprio, dá sentido à existência. O ideal do EU é um projeto de futuro realizável e não uma megalomania paralisante (Malpique, 1998).

A investigação desenvolvida por Rohde *et. al* (1991 cit. in Eirizil & Bergmann, 2004) mostra-nos que a função paterna é fundamental para o desenvolvimento do bebê, pois é uma função dinâmica, uma vez que o pai representa um sustentáculo afetivo para a mãe interagir com o bebê, sendo também nos primeiros anos da criança um fator de divisão da relação simbiótica mãe-bebê. Muza (1998) afirma que o pai aparece como o terceiro imprescindível para que a criança elabore a perda da relação inicial com a mãe, sendo que a criança precisa do pai para se desprender da mãe, ao mesmo tempo que precisa de um pai e de uma mãe para satisfazer por identificação, a sua bissexualidade. O pai representa um princípio de realidade e de ordem na família, pois a criança sente que já não é a única a compartilhar a atenção da mãe. Segundo Ferrari (1999) é a presença de

ambos os pais que permite à criança viver de forma mais natural os processos de identificação e diferenciação.

Num segundo momento o pai introduz o filho no mundo da lei, desenvolvendo com isso a linguagem, noção de limites e o recurso da discriminação, três elementos preponderantes para a sua inserção na cultura (Almeida, 2007), pois como refere Vorcaro, Mazzini e Monteiro (2008) não nos podemos esquecer que o pai é o primeiro e fundamental representante da lei da cultura, isto é, a figura paterna é o primeiro ser que mostra e introduz as regras e as leis junto dos filhos, procurando que estas sejam internalizadas como normas a não transgredir.

Para além disto, destaca-se ainda a importância para o estabelecimento de relacionamentos íntimos, pois segundo Corneau (1991) a presença física do pai promove a capacidade de amar, ao contrário do medo da intimidade que é provocado pela ausência física do pai (cit. in Almeida, 2007).

Desta forma podemos concluir dizendo que a função paterna protege a criança da exclusividade da relação simbiótica com a mãe, relativiza a influência do feminino com a introdução do masculino, autoriza a criança a inscrever-se na genealogia e filiação através de uma identificação sexual e social, permite a vivência do complexo de Édipo e introduz a criança no mundo das diferenças, alargando o seu espaço interior para o exterior, para o universo social (Bayle, 2006).

Outro momento em que o papel paterno é crucial para o desenvolvimento, segundo Muza (1998), é a entrada na adolescência, quando a maturação genital obriga a criança a definir o seu papel na procriação. Segundo este autor as crianças que não convivem com o pai acabam por ter problemas de identificação sexual, dificuldades em reconhecer limites e de aprender regras de convivência social. Isto demonstra a dificuldade de internalização de um pai simbólico, capaz de representar a instância moral do indivíduo, a partir daqui podemos pensar nos efeitos que a ausência da figura paterna pode ter na vida de crianças e adolescentes.

Por outro lado, se o valor simbólico que o pai representa for transmitido pela mãe e pela sociedade, a sua ausência real pode ser superada. As famílias portuguesas bastante marcadas pela emigração masculina criaram condições para o aparecimento de uma particular dinâmica psicológica, pois vive-se uma incompletude e a evocação romântica de uma ausência. Esta ausência do pai real exacerba a elaboração de um pai imaginário, aproxima a criança da mãe e facilita a manutenção de ligações carregadas de

ambivalência, ou seja, ligações em que é tao forte a atração fusional como a necessidade de rutura (Malpique, 1998).

2.3. Consequências da ausência do pai

Se considerarmos que é a função paterna que introduz a criança e o adolescente na lei e nas normas sociais, podemos questionar que efeitos surgirão aquando da não existência desta figura masculina. Existem vários estudos, principalmente no contexto norte-americano, que procuraram compreender e interligar a delinquência e certos atos infracionais de adolescentes com a ausência do pai. Todavia, não podemos tomar como determinante esta consequência, pois cada adolescente será influenciado no seu percurso de vida de forma singular (Vorcaro, Mazzini & Monteiro, 2008).

A fase da adolescência é marcada por alterações muito profundas, seja porque se tenta ainda prevalecer na infância isenta de preocupações, seja porque se tem em vista favorecer um desenvolvimento que prepare para a idade adulta (Barus-Michel, 2005). Esta ambivalência entre crescer e regredir é complexa tanto para o adolescente como para o adulto, e uma infração pode ser entendida como uma tentativa de inclusão num contexto social do qual se é expulso, o sujeito pode transgredir a lei como forma de inscrever-se nela (Garcia, 2000, cit. in Vorcaro, *et. al*, 2008) e a partir da transgressão os jovens passam a cumprir o código das leis. Apesar de ser uma forma infeliz de o fazer, a infração é a tentativa de estabelecer laço social.

Estes autores apontam que, apesar de se reconhecer que a ausência do progenitor do sexo masculino tem consequências no desenvolvimento dos filhos, alertam para o facto de esta não servir para justificar um fenómeno que tem raízes sociais, pois, na grande maioria dos casos, para além desta ausência, há outros fatores relevantes, como a condição socioeconómica, etnia, escolaridade ou local onde habitam.

Por outro lado, isto remete para as transformações sociais que conduzem a um “declínio da imago paterna” como referiu Lacan desde 1938, que gerou uma substituição dos referenciais culturais. Sganzerla e Levandowski (2010) fizeram um levantamento da literatura produzida entre 1998 e 2008, quer no Brasil, quer a nível internacional, e dos 16 estudos que se enquadravam no que era pretendido, todos se referiam à ausência física de carácter prolongado ou duradouro devido a falecimento ou divórcio. Referem que uma investigação com 647 adolescentes norte-americanos, de carácter longitudinal, indicou a ausência paterna duradoura como um fator de risco para a manifestação de comportamentos delinquentes, como porte de armas e embriaguez no contexto escolar

(Coley & Medeiros, 2007). Outro estudo, anterior a este, efetuado por Hollist e McBroom (2006) realizado com 48 adolescentes norte-americanos, comparando aqueles que viviam com ambos os progenitores ou apenas com um, demonstrou também que a probabilidade do uso de drogas era maior entre os adolescentes do último grupo. Eizirik e Bergman (2004) também apontam a existência de conflitos familiares e o envolvimento em discussões na escola como estando mais presente nestes adolescentes.

Há ainda a salientar os sentimentos manifestados pelos adolescentes aquando da ausência física do pai devido ao divórcio ou ao desligamento dos filhos, que são principalmente de revolta ou indignação, pois eles tendem a acreditar que o pai poderia reverter tal situação e voltar a ser mais presente, caso o desejasse, pode pensar-se aqui na angústia de se saber que se tem um pai, mas que no fundo ele não se interessa pelo filho, ao invés de saber que ele morreu (Sganzerla e Levandowski, 2010).

Apesar de os primeiros autores apresentados dizerem que a infração não se deve apenas à ausência do pai, Goldenberg (1998) refere que a falta da entrada da lei paterna no lar é um fator crucial que impulsiona o adolescente a cometer uma infração. Porém, estes ressaltam um aspeto importante, ou seja, o facto de todos os adolescentes acompanhados na pesquisa viverem ainda numa relação dual com a mãe, isto é, imaginária, em que o terceiro não entrou na constelação familiar.

A proposta deste autor é que o crime é a forma de estes adolescentes introduzirem a lei nas suas vidas, fazem surgir uma lei externa para interditar a relação dual. Quando eles e a sua família buscam no juiz uma função de pai, é porque este possivelmente está ausente no psiquismo deles. Nesses casos, os jovens transferem maciçamente para o juiz a esperança de ter o pai que não tiveram (Goldenberg, 1998).

Como refere Winnicott (1987) a criança que não recebeu de casa um sentimento de segurança, procura-a fora; recorre aos avós, tios e tias, amigos da família, escola; estabilidade externa que ela necessita para não enlouquecer. A criança antissocial está a ir um pouco mais longe, recorrendo à sociedade para lhe fornecer a estabilidade que necessita para transpor os primeiros estágios do seu crescimento emocional. Este autor foca a ausência intrapsíquica do pai; ou seja, não significa que haja ausência física, e muitas vezes o juiz é o terceiro que a criança não teve internalizado no seu desenvolvimento precoce, e toda a criança precisa de se submeter a certas restrições e leis internas para se humanizar, pois a função materna, por si só, é insuficiente para satisfazer as necessidades da criança, é importante a participação ativa do pai (cit. in Goldenberg, 1998).

É ainda de realçar que muitas vezes a responsabilidade desta impossibilidade de introduzir o pai no psiquismo da criança é da mãe, quando ela própria também não conseguiu realizar a separação da sua própria mãe, o ato delinvente é um sintoma dos conflitos gerados pela patologia familiar (Goldenberg, 1998), pois muitas vezes o pai existe na sua forma física, mas não é ativo o suficiente para exercer autoridade e firmeza.

Numa dimensão sociológica, devemos considerar toda uma série de fatores contextuais que podem levar à delinquência, tal como já foi referido, baixo nível socioeconómico, etnia, zona de habitação, padrões familiares, entre outros. Porém, se aprofundarmos este último, podemos estar perante adolescentes que na ausência do pai, da internalização da lei, cometem delitos numa tentativa de reconhecerem as regras, esta é a visão das teorias psicanalíticas, que prestam grande relevo à importância das figuras parentais para o desenvolvimento sadio das crianças.

Para estas teorias a ausência do pai como variável é discutível, pois a realidade externa de uma ausência apenas corresponde à ausência imagoica quando há grave patologia, da mesma forma, a influência do pai real depende muito mais da qualidade da sua presença do que do tempo de interação. Há autores que consideram que a ausência do pai, no seu valor simbólico e socializante, pode ser superada pelo grupo social e seus representantes capazes de oferecer modelos de identificação à criança, ao longo do seu desenvolvimento. A ausência do pai altera a homeostase do sistema familiar, mas também surge uma dinâmica que procura restabelece-la, isto depende da estrutura da família, da sua capacidade de suportar a mudança, do papel que o pai nela representava (prestígio, qualidade da interação, suporte económico, etc.), da flexibilidade e complementaridade dos papéis no casal, da permeabilidade dos ecossistemas, etc. (Malpique, 1998).

São também diversos os autores que relacionam as dificuldades de aprendizagem e de socialização em crianças e adolescentes com a ausência da figura paterna. Desta forma, Monticelli (2008) no seu estudo procurou mostrar de que modo a ausência da figura paterna repercute na socialização do indivíduo, principalmente em âmbito escolar¹.

¹ *Sabes o que é masculino e feminino? Não.*

Mas o que tu pensas sobre o que é masculino e feminino? Masculino é mulher, feminino é homem.

Porquê que pensas assim? Não sei.

Coelho é o quê? Feminino.

E vaca? Feminina.

E boi? Feminino

E o que é ser masculino? A menina no início não respondeu e depois disse que não sabia.

A investigadora observa numa escola uma menina de 8 anos que não acompanha um exercício relativo às questões de género.

Este relato é um exemplo de uma experiência de aprendizagem em que a criança usa a sua lógica para as respostas. Em primeiro lugar levanta-se as questões de género, o que é ser homem e ser mulher; como refere Grossi (1992, cit. in Monticelli, 2008) pensar em género é pensar em masculino e feminino e a escola é um espaço privilegiado para a constituição das relações sociais fundadas nas diferenças entre sexo, pois é nela que se dá grande parte do processo de socialização das crianças.

Outro aspeto relevante é que esta menina não tem o nome do pai na certidão de nascimento, pois sempre foi criada e educada unicamente pela mãe; pode aqui colocar-se uma segunda questão que diz respeito à negação em utilizar o termo masculino com a ausência da figura paterna na sua vida, até na dimensão simbólica de receber o nome.

Os estudos não são claros e conclusivos quanto ao efeito desta ausência na aprendizagem, porém Vizzotto (1988) concluiu que a ausência prejudica a aprendizagem na medida em que provoca danos no desenvolvimento psicodinâmico pelas dificuldades da criança ao não ter a figura masculina como fonte de identificação para o desprendimento narcísico primário com a mãe conduzindo na elaboração de símbolos.

Em investigações realizadas com adultos que não tiveram um pai presente, ressalta a importância de outras relações significativas, a qualidade destas e dos indivíduos com a cultura no seu todo foi fundamental para uma boa socialização. No caso apresentado neste estudo, a resistência em assimilar o termo masculino, enquanto termo que marca a diferença com a própria sexualidade, pode ou não ter a ver com a ausência da figura paterna. A insistência na expressão feminino, termo que marca a semelhança com a mãe, lembra a relação simbiótica ou o desejo materno, pois é a mãe que funda a convivência com o diferente. Por outro lado, o sujeito só aprenderá se desejar emancipar-se, se quiser desprender-se da *saia da mãe* para crescer, ou seja, constituir-se como ser social, o que implica aceitar o diferente (Monticelli, 2008).

Eizirik e Bergmann (2004) referem que crianças com ausência do pai biológico têm duas vezes mais probabilidade de repetir o ano escolar e evidenciam maiores dificuldades nas provas finais e uma média mais baixa na literatura. Os mesmos autores apontam o estudo de Shinn (1978) sobre os efeitos da ausência paterna no desenvolvimento cognitivo das crianças e verificou que na ausência ou na fraca interação do pai há maior associação com desempenhos pobres em testes cognitivos.

Segundo Ferrari (1999) os fracassos escolares e os problemas de aprendizagem e de relacionamento com os outros têm como base, na maioria das vezes, situações familiares. Porém, pode acontecer o inverso, ou seja, para agradar à mãe, com medo de ser abandonado por esta, o filho torna-se um excelente aluno, sendo que isto pode não durar toda a vida escolar, pois com a entrada na adolescência esta identificação total com a mãe pode saturar-se e surgem os problemas.

Malpique (1998) refere que algumas investigações demonstram que os rapazes educados sem pai tendem para um «padrão cognitivo feminino», isto é, com níveis verbais mais elevados que os espaciais, quer nos testes quer no rendimento escolar. Quanto mais prolongada e precoce for a ausência do pai, mais definitivo se torna esse «padrão feminino», que seria explicado pela identificação ao tipo de estímulo predominantemente verbal por parte da mãe. É importante salientar que a qualidade da relação está sempre correlacionada com o nível cognitivo do filho e muitas vezes também com o seu bom rendimento escolar.

Sganzerla e Levandowski (2010) relembram que esta configuração familiar é também um fator de risco para o início precoce da atividade sexual por parte de adolescentes; havendo ainda associação entre a ausência paterna duradoura e uma antecipação do desenvolvimento físico entre adolescentes de ambos os sexos, com consequente entrada precoce na puberdade (Bogaert, 2005).

O estudo de Baum (2004) revelou que quando a ausência paterna se deve ao divórcio, há um aumento de conflitos entre o adolescente e a mãe e dificuldades para iniciar e manter relacionamentos. Mais recentemente, Burns (2008) aponta também o surgimento de dificuldades de socialização, principalmente no que se refere à independência e assertividade.

Desta breve revisão pode-se depreender que a configuração familiar, e concretamente a não existência da figura paterna, pode ter efeitos na aprendizagem das crianças, principalmente ao nível da identificação de género. Não devemos ainda descurar o impacto que a relação, possivelmente, fusional com a mãe pode ter na capacidade da criança se abrir ao diferente e de criar espaço para novas relações.

3. Emigração e ausência do pai

Neste terceiro capítulo o foco recai essencialmente sobre a emigração masculina. Desta forma, para fazermos o enquadramento deste fenómeno em Portugal procurar-se-á descrever algumas das possíveis razões da emigração; fazer uma breve descrição histórica da emigração ao longo do século XX, assim como apresentar alguns dados estatísticos.

Num segundo ponto falar-se-á das consequências que a ausência do pai por emigração tem na família, citando estudos que revelam que estes filhos têm comportamentos desajustados na escola, diminuição do rendimento escolar, reações emocionais negativas na adolescência, repercussões na construção da identidade e na socialização, e ainda as consequências para a mulher/mãe.

Um último aspeto a ser focado será a construção da identidade nestes filhos, referindo a importância que esta tem para a idade adulta; como foi construída a identidade de diferentes gerações de emigrantes e a idealização excessiva do pai emigrante por parte dos filhos.

3.1. Emigração em Portugal

Compreender a emigração em Portugal, implica também conhecer aquelas que são apontadas como as razões para deixar o país, apesar de serem muitas as razões apresentadas para o contínuo fluxo migratório dos portugueses, há pouco consenso em relação às mesmas.

A emigração em Portugal, documentada estatisticamente desde 1900, releva que até 1988 emigraram de Portugal 3,5 milhões de pessoas, sendo que foi a partir de 1950 que se registou o maior número de saídas, correspondendo a 61% do total verificado ao longo de todo o período, foi ainda particularmente intenso entre 1966 e 1973, com 48% do total das saídas (Baganha, 1994). É de salientar que, até 1988, a recolha da informação estatística sobre a emigração baseava-se na emissão do passaporte para emigrante. Assim, competia à Junta da Emigração a autorização e emissão do passaporte e o envio dos dados para o Instituto Nacional de Estatística. A partir de 1976, de acordo com as recomendações das Nações Unidas, a informação estatística sobre emigração passou a ser permanente se residisse noutro país por um período igual ou superior a um ano, e temporária de esse período fosse inferior (Moreira, H. 2004).

Este tipo de passaporte, único meio de acesso à informação relativa à emigração, foi abolido entre 1989 e 1991, de tal forma que os dados da emigração nesse período não

são fidedignos. A partir de 1992 iniciou-se a realização do *Inquérito aos Movimentos Migratórios de Saída* (IMMS), como módulo específico do Inquérito ao Emprego (IE). A disponibilização de dados sobre fluxos de entrada, na ótica do país de destino, é também uma fonte de obtenção de dados estatísticos sobre a emigração, porém há que salientar as questões resultantes da falta de harmonização da informação nos diversos países de destino e na atenção a ter na interpretação dos dados. Torna-se evidente que os dados relativos aos movimentos migratórios internacionais se caracterizam por algumas dificuldades na qualidade e comparabilidade da informação estatística e na divergência intracomunitária de critérios e práticas estatísticas comuns (Moreira, H. 2004). Apesar disso estima-se que, entre 1992 e 2003, tenham emigrado 336 200 pessoas, na sua maioria de forma temporária, e sobretudo homens e jovens em idade ativa (Pimentel, 2004).

Podem se distinguir dois ciclos migratórios: um transatlântico que duraria até aos anos 50 e outro intraeuropeu que foi dos anos 60 a finais dos anos 70, isto porque a Europa precisava recuperar das duas guerras mundiais e a necessidade de mão-de-obra foi colmatada pelo recrutamento de trabalhadores do sul da Europa, tendo sido emitidos 8 milhões de autorizações de trabalho. Estima-se que terão saído de Portugal cerca de 1,5 milhões de portugueses entre 1960 e 1973 (Pimentel, 2004). No total das partidas verificadas até 1960 mais de 80% dirigiram-se para as Américas, sendo o fluxo migratório para o Brasil sempre o mais volumoso, superior a 80% até 1949 e de 68% na década de 50. No cômputo total, entre 1950 e 1988, 59% do fluxo migratório nacional dirigiu-se para a França e para a Alemanha, enquanto 30% se orientou para o Brasil, os Estados Unidos e o Canadá (Baganha, 1994). Todas as regiões do país foram marcadas pela emigração, porém o Alentejo e o Algarve tiveram uma participação acentuadamente menor no fenómeno migratório.

Com a mudança dos destinos migratórios da América para a Europa, deixou de ser necessário viajar de barco ou de avião, o que veio aumentar o número de emigrantes clandestinos que passavam a fronteira terrestre com apoio dos chamados “passadores”. Este facto também condicionou a possibilidade de ter um número real dos portugueses emigrados. Na década de 60 por cada emigrante oficial existia outro não controlado; em 1971 a proporção era de dez clandestinos para um oficial; na década de 70 centrou-se nos três emigrantes clandestinos por cada um controlado (Moreira, H. 2004); por exemplo, entre 1969 e 1973 estima-se que 300 000 portugueses terão saído ilegalmente do país, o que corresponde a 54% do total de emigrantes (Pimentel, 2004).

Por outro lado, a partir da década de 80 muitos dos condicionalismos para sair do país deixaram de existir, havia maior mobilidade nas fronteiras, os meios de transporte eram mais desenvolvidos, a globalização da economia fez com que fosse mais fácil encontrar noutros países melhores condições de vida e de trabalho. A partir de 1986, quando Portugal aderiu à Comunidade Europeia, bastava ser maior de idade e ter bilhete de identidade para atravessar as fronteiras para os países membros (Moreira, H. 2004).

Nas décadas de 60 e 70 o principal destino foi a França, tendo recebido um terço dos emigrantes (65 200) na primeira metade dos anos 60, 59% (264 000) na segunda metade e 28% (81 000) na primeira metade de 70. Nesta época a Alemanha surge como destino de preferência, estimando-se que residissem em 1973 cerca de 100 000 de portugueses (Pimentel, 2004). Torrado (2012) refere que a partida de portugueses para a França ajudou a preencher um vazio demográfico que a guerra provocou, porém, causou também alterações demográficas em Portugal, que perdia a sua população jovem e ativa. Salienta-se ainda que existiu um forte fluxo migratório para os Estados Unidos e para o Canadá a partir dos Açores e da Madeira no final da década de 50 e até à década de 70, principalmente aquando da erupção do vulcão dos Capelinhos em 1957.

O conhecimento sobre quem partiu é mais frágil, apenas sabendo-se que até aos anos 30 o emigrante português típico para os Estados Unidos era do sexo masculino, solteiro, tinha entre 16 e 29 anos de idade e não possuía qualquer qualificação específica. As características sociodemográficas dos emigrantes saídos entre 1950 e 1988 são as seguintes: indivíduo do sexo masculino, solteiro, entre os 15 e os 45 anos, e em regra, oriundo do sector agrícola. Porém, a informação esgota-se praticamente na década de 50 quando o fluxo de clandestinos era reduzido, pois pela análise dos dados a percentagem de casados é superior à dos solteiros nas restantes décadas (Baganha, 1994). Da mesma forma, Torrado (2012) refere que a emigração era protagonizada sobretudo por homens provenientes de zonas rurais no norte do país. Tinham poucas ou nenhuma habilitações e procuravam trabalho em troca de um salário que não requeresse habilitações.

Esta mesma autora, relativamente às famílias portuguesas em França, refere que estas enfrentaram problemas e dificuldades, pois muitos pais de família tiveram que deixar para trás mulher e filhos, ou mesmo casais que partiram e deixaram os filhos com familiares ou em colégios, sendo o seu projeto migratório de carácter temporário. Estas mesmas famílias, em Portugal, tiveram que reorganizar-se sem a presença do patriarca e da figura paterna, e as esposas passaram a assumir os papéis que competia ao primeiro, por exemplo, gerir a economia familiar. As dificuldades surgem quando as famílias se

reagrupam, pois os filhos tiveram dificuldade em reconhecer a figura paterna e as mulheres necessitaram de se readaptar à presença do marido.

Na primeira década do século XXI, a componente imigratória passou a ter maior proporcionalidade no saldo migratório, porém a emigração não se tornou irrelevante, oscilando entre as 20000 e as 30000 ocorrências, continuando os portugueses a sair, mas também a receber cidadãos estrangeiros. Todavia, devemos considerar que nos últimos anos a crise económica e o desemprego são fatores que incentivam a emigração, que se torna também mais heterogénea, com a saída de portugueses com nível de instrução mais elevado, onde os jovens procuram melhores condições para as suas carreiras académicas e profissionais (Moreira, H. 2004).

No período de 1992 a 2003 cerca de 45% possuía o 2º ou 3º ciclo do ensino básico; 9% o secundário ou superior e 10% não tinha qualquer habilitação, isto revela que os emigrantes de hoje possuem maiores habilitações, tornando-se em mão-de-obra qualificada, que em Portugal enfrenta o desemprego (Pimentel, 2004).

Para a economia do país a emigração tem um forte impacto, pois as pessoas enviam as suas poupanças para Portugal, o que dinamiza a economia e contribui para equilibrar a balança de pagamentos nacional.

3.2. Impacto da ausência por emigração

Depois de um breve percurso pela história da emigração portuguesa interessa agora compreender que impacto a ausência do pai devido a emigração tem na família e, principalmente nos filhos.

Portugal não apresenta grande variedade de estudos a nível da emigração na vertente familiar, os que existem focam-se essencialmente nas questões socioeconómicas e demográficas e não consideram, de todo, o papel da família, nem as consequências para a mesma. Todavia, países onde o elevado número de pais ausentes por emigração, e cujos filhos ficavam longos períodos de tempo apenas com a mãe, ou por vezes, com avós e familiares próximos, levou a que se desenvolvessem diversos estudos, principalmente na América Latina, onde a emigração para os Estados Unidos teve um forte reflexo nos países envolvidos, como é o caso do México, Chile, Brasil ou Equador.

Estudos comparativos entre crianças que tinham os pais emigrados e aqueles que viviam com os pais mostraram que os primeiros apresentam mais comportamentos desadaptativos na sala de aula que os segundos (Lotero & Diaz, 2008). Outra investigação evidenciou que estes filhos apresentam conduta introvertida, timidez e escassa capacidade

para estabelecer relações interpessoais significativas com os pares (Gómez & Guerreiro, 2010). Acrescentam ainda que a condição de indefinição destes filhos provoca alterações no seu comportamento, afeta o seu desenvolvimento psicossocial e gera conflitos nas relações de convivência no núcleo familiar, social e educativo. Nestas crianças é notório o comportamento pouco disponível para assumir responsabilidades, alguma indiferença no cumprimento de tarefas e exercícios de aprendizagem, assim como isolamento em termos escolares, desta forma as perturbações de comportamento mais evidentes são: timidez, agressividade, tendência ao isolamento, comportamento autodestrutivo e resistência à autoridade.

Gómez e Guerreiro (2010) acrescentam que a emigração é um fenómeno de saúde pública que afeta psicologicamente crianças e adolescentes, gera problemas sociais e morais, diminui o rendimento académico, conduz ao abuso de álcool e drogas, provoca ansiedade, depressão e alterações de conduta. Para além disso está demonstrado que crianças provenientes de lugares em que o pai está ausente, é alcoólico ou tem algum problema mental, e de famílias que não participam nas redes sociais da sua comunidade, apresentam significativamente mais problemas de adaptação e aprendizagem escolar.

As consequências nos filhos menores e na mãe quando o pai emigra são variadas, por exemplo, mudanças no comportamento e tendência a depressão melancólica nas mulheres e somatização, ao contrário dos homens que mostram a sua depressão com agressão e irritabilidade, assim como com manifestações severas de alterações na conduta que conduzem a problemas de adaptação social e fracasso escolar. Há crianças que podem assimilar e aceitar a situação com menos dificuldade; não obstante, há outros que por determinadas características de personalidade, circunstâncias e dinâmica familiar interpretam a ausência como abandono e desproteção, o que pode repercutir na sua autoestima ao sentir que não são merecedores de atenção e afeto, e como consequência torna-se difícil integrar-se socialmente, razão pela qual possuem menos recursos para enfrentar a vida (Zárate, Córdoba, & Vargas, 2007).

Para os adolescentes, a ausência do pai também tem forte impacto, apresentando reações emocionais como sentimentos de ira, dor e medo ao futuro; a distância física entre o subsistema filial e parental produz nesta etapa da vida uma rutura para a independência e identidade do adolescente e mudanças abruptas na relação entre pais e filhos (Gómez & Guerreiro, 2010). Na educação apresentam muitas vezes baixo rendimento escolar e condutas desadaptativas; ao nível da saúde e segurança, por vezes, sofrem de problemas de nutrição, inicia-se o consumo de álcool, drogas, tabaco, promiscuidade e gravidez

indesejada; no desenvolvimento social apresentam desestruturação familiar, desenvolvem atitudes agressivas e destrutivas pelo que lhes é difícil incluir-se na sociedade.

Da análise dos resultados da investigação desenvolvida por Zárata, Córdoba, e Vargas (2007) ressalta-se que a postura da mãe mudou, passando esta a escutar, compreender e apoiar mais o filhos e não o expondo a situações constrangedoras diante dos outros. Os sentimentos associados pela ausência eram preocupação pelo bem-estar familiar, sensação de responsabilidades excessivas, falta de carinho e solidão. Nos jovens os problemas de maior ocorrência foram a baixa autoestima, baixo rendimento escolar e mau comportamento em casa, a falta de melhorias económicas podia desencadear em delinquência, estes jovens manifestam a necessidade da figura paterna, mal-estar consigo mesmos, más relações com a mãe e tristeza pela ausência paterna, verificando-se que não são os problemas económicos que os preocupam, razão pela qual o pai emigrou, mas sim outros fatores de índole afetivo.

A saída do pai é também uma experiência difícil para a mãe/esposa, que se vê obrigada a comandar a casa, os filhos e até as finanças, ampliando o seu papel diante do grupo familiar; porém, existem estratégias que são criadas para a manutenção do poder da autoridade do pai que emigrou e da perda do papel das esposas, que passam a viver com a ausência dos maridos (Coelho, 2007); estas também apresentam altos níveis de depressão associadas a estas numerosas responsabilidades e às novas tarefas, tornando os jovens mais vulneráveis (Zárata, Córdoba, & Vargas, 2007).

O estudo levado a cabo por Coelho (2007) teve como objetivo analisar as consequências da migração internacional nas famílias que tiveram um ou mais membros migrados para o exterior e o significado dessa experiência para o grupo. Partindo do pressuposto que a migração de um dos familiares poderia trazer modificações nas condições de vida do grupo, além de mudanças na estrutura e organização da família, especialmente em termos dos papéis e do poder no grupo familiar, pois as modificações provocadas pela rotura de vínculos afetivos e a rearticulação de valores, normas e padrões de comportamentos, afeta também os membros que ficam.

Das 12 famílias entrevistadas, nas quais a mãe/esposa foi a porta-voz do grupo familiar, percebeu-se que as condições económicas eram o principal motivador da emigração, com o intuito de construir a casa de família ou adquirir bens materiais com maior facilidade; com a ausência do pai há um aumento do poder, da autoridade e da autonomia da mãe diante do grupo familiar; todos os familiares vivem esta experiência

com profundos questionamentos, reflexões ambíguas e muito sofrimento, principalmente no que se refere à distância e ao tempo fisicamente não compartilhado entre o migrante e a sua família (Coelho, 2007).

A questão que se coloca é que efeito tem a emigração na saúde emocional e relacional das gerações seguintes, apesar de se considerar que a família devia fomentar o desenvolvimento harmónico dos filhos, incluindo aspetos tão fundamentais como a autoestima e o sentido de pertença, o problema pode aparecer no momento em que o processo se vê ameaçado pela emigração de um ou de ambos os progenitores (Hernández & Poot, 2001).

Moreira (2004) assinala que há sentimentos, sensações e condutas ligadas à baixa autoestima, entre os quais se encontram os sentimentos de abandono, rebeldia, depressão, agressividade, insegurança, incerteza, apatia face à escola, poucas relações interpessoais, ausência de valores, abandono escolar, baixo rendimento escolar, perda de identidade, abuso sexual, estigmatização, falta de visão de futuro, tendência ao suicídio, precocidade, transtornos na aprendizagem e perda de valores culturais.

Charbit (cit. in Malpique, 1998) considera que a ausência do pai motivada pela emigração tem sempre repercussões graves no desenvolvimento da criança, quer ao nível da identidade, quer ao nível da socialização. A mãe passa a ser a figura de autoridade e, desse modo, altera a imagem maternal. Como consequências refere a má adaptação social, fraqueza da personalidade, sentimento de isolamento e depressão. Os filhos dos emigrantes apresentam com maior frequência sintomas psiquiátricos do que os filhos não-emigrantes e constituem uma população em risco.

Outro aspeto importante é a forma como a criança vive a ausência do pai, por exemplo, com culpa e como se fosse responsável pelos sacrifícios que o pai faz para lhe dar uma vida e um futuro melhor (Malpique, 1998).

A reação da mãe à ausência do marido pode ser de diferentes níveis. Algumas tornam-se superprotetoras, procurando no filho um substituto do pai, o que resulta numa grande dependência e atraso da criança. Outras, de personalidade mais afirmativa, e que incitaram o marido à emigração para elevar o seu estatuto económico, tendem a ser autoritárias com os filhos e a assumir o papel do pai; são controladoras e exigentes com o rendimento escolar dos filhos e culpabilizam-nos; por seu turno, estas crianças revelam quadros de inibição e reagem com grande oposição aos estudos. Outras mães, mais imaturas e incapazes de suportar a ausência dos maridos, têm uma atitude ambivalente e

oscilante com os filhos, ou seja, ora são superprotetoras, ora são agressivas e o pai é muitas vezes evocado como ameaça e culpabilização (Malpique, 1998).

3.3. Emigração e identidade

Falar em identidade implica compreender em que consiste, como se desenvolve e que importância tem para a vida das pessoas. A construção da identidade é considerada a tarefa mais importante da adolescência e o passo fundamental para a construção de um adulto produtivo e maduro (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvares, 2003). Para Erikson (1998) a construção da identidade consiste em definir aquilo que a pessoa é, quais são os seus valores e que caminhos deseja seguir na vida. É uma conceção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido.

A construção da identidade é influenciada por fatores intrapessoais (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), por fatores interpessoais (identificações com outras pessoas) e por fatores culturais (valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários) (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvares, 2003). Neste sentido, pensando na ausência da figura paterna, devemos considerar a influência que essa terá na construção da identidade destes filhos, por exemplo, a não existência do exemplo da masculinidade, quer para o filho rapaz quer para a menina. Ou ainda os valores que são transmitidos nestas famílias, por exemplo, a importância que o pai assume como provedor da família, levando os filhos a desejar o mesmo caminho ou a repudia-lo.

Da mesma forma, refere Benczik (2011), a interação entre pai e filho é um dos fatores cruciais para o desenvolvimento cognitivo e social, isto facilita a capacidade de aprendizagem e a integração da criança na comunidade.

Arpini e Quintana (2003) acrescentam ainda que a construção da identidade leva-nos a pensar nas relações familiares e com o meio social, assim como nas experiências vividas por cada um, neste caso podemos considerar a experiência particular de ter o pai a trabalhar num país distante. Estes autores dão ênfase ao contexto histórico do indivíduo e ao grupo com o qual a pessoa se identifica ou diferencia, consideramos, por exemplo, contextos onde a emigração masculina é muito presente sendo quase transmitida através das gerações.

Outro aspeto que pode ser foco de atenção quando se fala em emigração do pai é a construção da identidade destes filhos. Numa investigação desenvolvida por Sánchez-

Plata e Vizcarra-Bordi (2009) onde se analisaram três gerações de emigrantes através de entrevistas aos mesmos e às esposas, procurou-se perceber como se construiu a identidade das gerações seguintes.

A segunda geração de migrantes forjou-se a partir de uma paternidade abstrata, baseada na ausência do progenitor, onde apenas conviviam em pequenos períodos de tempo quando este voltava para as colheitas, era neste contexto que pais e filhos se juntavam e os primeiros relatavam as formas de trabalho, os climas extremos, as variadas geografias, as habilidades e dificuldades para entender-se com os patrões, o tipo de horário de refeições, e sobretudo relatavam as experiências dignas de aventuras que mostravam a valentia e virilidade. Assim, a ideia de que a ausência do pai fazia parte do cumprimento do seu papel de provedor de família, foi parte da construção do homem ideal entre os jovens filhos, construção que as mães também fabricavam, pois cabia-lhes a elas o cuidado da figura paterna, autoritária, responsável e hierárquica (Sánchez-Plata & Vizcarra-Bordi, 2009).

A este ponto podemos referir aquilo que Andolfi e Angelo (1989) definiram como mito familiar, ou seja, uma verdade mascarada, que sendo transmitida de geração em geração, pode ser o reflexo da única forma de gestão de uma situação dolorosa devido a um vazio ou ausência. No caso das mães que ficavam sem os maridos, transmitiam aos filhos uma verdade que para elas era falsa, pois a ausência do marido causava-lhes sofrimento.

O mito funciona como um mecanismo da consciência relacional que permite manter um nível de estabilidade, funcionamento, segurança e proteção individual/relacional que zele pelas necessidades emotivas. Portanto, os mitos comportam uma valência disfuncional, mas também uma valência funcional ao dar sentido e coerência a um conjunto de acontecimentos e comportamentos, que sendo traduzidos num relato partilhado por todos, cada um encontra uma chave de leitura para as suas experiências quotidianas (Andolfi & Angelo, 1989). Isto verifica-se nestas famílias em que o elemento ausente é verbalizado como um herói, apesar de a esposa sofrer com esta versão substitutiva da verdade, ela é partilhada por todos os elementos do sistema e é isso que dá sentido à vida da família.

Os filhos da segunda geração falam da sua infância com uma curta presença paterna, porém feliz, e descrevem o pai como uma pessoa valente, provedor, consentidor e criador de ilusões. Para as mães não foi uma tarefa fácil, pois educar os filhos na ambiguidade do discurso: a migração como ato de sacrifício, valentia, mas ao mesmo

tempo, pouco grato e indesejado para as mães, conformou um novo perfil de risco: arriscar para ter. Para além disso, o desejo de emigrar nestes jovens foi criado pelo melhoramento da vida material e social, pois aquando do regresso do pai a abundância material também chegava com ele. Assim, os homens da segunda geração quando partiram desejavam ser alguém com experiência noutra país, partiam com as ilusões cristalizadas da infância, eram mais jovens e não tinham o objetivo de prover a família, mas de comprar roupa e melhorar a sua vida, ao estilo americano que acabava por aumentar o seu círculo de amigos e as conquistas sentimentais. Todavia estes jovens eram criticados por ter muita roupa mas estarem de mãos vazias e não terem como sustentar uma família (Sánchez-Plata & Vizcarra-Bordi, 2009).

Na terceira geração de filhos, as micro-mudanças nas questões de género geraram alterações no fenómeno migratório. A crença de que a mulher que sabe trabalhar em casa é sempre bem recebida e nunca morrerá de fome, levou a que elas procurassem escapar do trabalho doméstico através da emigração. Já o homem deve trabalhar de forma a ganhar dinheiro para manter a família, porém, o desejo de abandonar os estudos ou deixar os seus trabalhos de professores de nível básico e profissionais para emigrar, converteu-se numa “traição” perante o sacrifício dos pais emigrantes (Sánchez-Plata & Vizcarra-Bordi, 2009).

Pode-se aqui falar em distintas motivações para a emigração consoante as gerações. Os solteiros desta recente geração de emigrantes justificavam a sua integração no fluxo migratório com as seguintes motivações: ir contra o seu pai (a primeira vez que pensou emigrar tinha discutido com o pai), para elevar os seus pertences pessoais, porque todos os amigos já lá estavam, para experimentar o trabalho e para ganhar dinheiro para casar-se. Já os casados versam as suas razões sobre: a inquietude de fazer algo, ter algo melhor, fazer o património familiar, mobilar a casa (ter comodidades), comprar um terreno, comprar um carro, cumprir com as suas responsabilidades de homem, ter bens materiais (Sánchez-Plata & Vizcarra-Bordi, 2009).

Em jeito de conclusão, estes autores apontam que os adultos com responsabilidades familiares emigravam para solucionar as necessidades materiais da família; os emigrantes da etapa contemporânea vão movidos por necessidades mais complexas, elaboradas debaixo de uma combinação de aspirações privadas e diretrizes sociais. Estas migrações caracterizam-se pela acumulação de bens materiais e os altos custos económicos, sociais, humanos e afetivos; podemos assim dizer que a mobilidade

de homens através de três gerações trouxe consigo a construção de uma nova identidade de género.

Malpique (1998) realizou uma investigação com famílias de pescadores emigrantes de S. Pedro da Afurada com três grupos, isto é, grupo de pais pescadores, grupo de pais emigrantes, grupo de pais sedentários. Para obtenção dos resultados foi aplicado o teste do desenho de uma família (TDF) e o teste das relações familiares (FRT, de Eva Bene e James Anthony) a crianças entre os 8 e os 12 anos.

Foi possível concluir que os filhos dos emigrantes idealizavam o pai, pois tudo favorece esta situação. Ou seja, a mãe transmite uma imagem valorizada do pai, a comunidade tem uma representação valorizada da emigração e o prestígio social do homem evidencia-se pelo nível económico das famílias.

O pai acaba por ter um papel pouco ativo na educação dos filhos e quando está presente é uma figura benevolente, procurando deixar uma imagem agradável e compensar-se afetivamente dos longos períodos de ausência. Os filhos não conhecem a atividade do pai, por isso torna-se um pai invisível no seu trabalho, mas quando regressa traz dinheiro, presentes, conta aventuras e não castiga. Desta forma a criança constrói um pai imaginário, um personagem mítico do qual não pode fazer um verdadeiro luto, pois é um ausente sempre presente.

Esta autora conclui que as crianças educadas junto do pai têm um EU mais forte, mais realista e revelam maior segurança, logo o processo de identificação estaria a dar-se em melhores condições. Da mesma forma, a ausência do pai por emigração traz um acréscimo do poder económico, o que faz com que as expectativas dos pais em relação aos filhos sejam mais ambiciosas e diversificadas e oferecem-lhes oportunidades de prolongar o tempo lúdico de espera, a fim de prolongarem a aprendizagem. Ou então a sua idealização traz um campo mais amplo de opções para o futuro e uma maior adaptabilidade, assim não se considera a ausência só como fator negativo.

4. Problema, objetivos e questões de investigação

As inúmeras mudanças que marcaram a família no último século, tornando-a nuclear, isolada e de múltiplas configurações, refletiram-se no crescente interesse dos investigadores (Aboim, 2010); por exemplo, sobre as funções de cada membro e as consequências da sua ausência. Considerando a importância que o fenómeno migratório teve em Portugal nas décadas de 60 a 80, deparamo-nos com a existência de um número elevado de famílias onde a ausência de elementos era evidente; muitos homens, na sua condição de maridos e pais, deixaram a sua família e a sua terra para alcançar melhores condições de vida (Moreira, 2004).

Associando estas duas dimensões, torna-se importante aceder e compreender a história de vida destas famílias na visão dos filhos jovens adultos, que se forjaram na presença do ausente. Perceber que estruturas, regras, mitos e papéis estão presentes nestas famílias ajudar-nos-á a fazer um paralelo com a importância da presença de todos os membros do sistema familiar e com o possível impacto que esta inexistência acarreta.

O foco sobre a importância do papel do pai e sobre as consequências da sua ausência tem sido relevante e variados estudos referem estas dimensões, principalmente em países da América latina, preocupando-se com os comportamentos infantis, com a aprendizagem, ou com a delinquência (Coelho, 2007; Lotero & Diaz, 2008; Gómez & Guerreiro, 2010). Porém, no contexto português, são escassos os estudos que se focam nessas consequências, principalmente em relação à ausência por emigração, pois quando o crescente interesse pelo papel do pai surgiu, o país estava mais marcado pela imigração. Noutros países estes têm sido desenvolvidos, contudo, não com o enfoque relacional-sistémico que se pretende introduzir nesta investigação, com o recurso a um instrumento projetivo que permite aceder à representação e internalização das fronteiras familiares e aos sistemas de pertença.

Assim, o problema desta investigação parte da necessidade de compreender toda uma estrutura familiar, que se viu alterada pela falta de um membro, a partir da visão dos filhos que, ao percecionarem o passado, recordam como foi vivida a ausência e como essa se refletiu e reflete na sua vida familiar, pessoal e social.

Os objetivos desta investigação serão os seguintes: a) aceder às representações de família de filhos com pai emigrante; b) compreender de que forma os legados familiares são transmitidos aos filhos na ausência da linhagem paterna; c) apreender como se dá a

introdução da lei e da autoridade e que função assume a mãe na inclusão do papel do pai;
d) compreender as fronteiras familiares e os sistemas de pertença destes filhos.

As questões de investigação que se apresentam neste âmbito podem ser formuladas da seguinte forma: Que representações de família têm os filhos de pai emigrante? Como se sentem estes filhos em relação ao pai ausente? Como são transmitidos os legados da linhagem paterna? Como se mantém presente a figura do pai, na sua ausência? De que forma a mãe introduz o papel do pai? Que ritos familiares existiam e existem para tornar o pai presente? Como eram exercidas as funções de poder e autoridade? Que fronteiras existem e como foram definidas? Que efeitos estes filhos são capazes de reconhecer sobre a ausência do pai?

O elevado número de emigrantes que se fizeram e voltam a fazer sentir hoje, devido à crise económica, associado às consequências da ausência do pai documentada em variadas investigações, leva-nos a procurar compreender os problemas individuais à luz do sistema familiar. Para além de que, ao aceder ao relato destes filhos, podemos conhecer uma experiência pessoal, nas suas dimensões relacional e simbólica.

Parte empírica

1. Metodologia

Neste capítulo descrevem-se todos os aspetos inerentes à investigação, nomeadamente, o porquê de ser qualitativa, qual o raciocínio utilizado e o que se pretende obter. Faz-se uma breve referência ao desenho da investigação e ao processo de amostragem, isto é, a forma como a amostra é construída.

Posteriormente descreve-se a amostra, explicitando a escolha pela idade jovem adulta e apresentam-se os dados sociodemográficos do grupo. No ponto seguinte explica-se em que consiste a entrevista semiestruturada e o instrumento gráfico-projetivo *Dupla Lua* (Greco, 1999). Por fim faz-se a descrição dos procedimentos e de como foi feita a análise dos dados.

1.1. Abordagem de investigação

Usamos uma abordagem qualitativa, pois enquanto investigadores não somos os peritos do que se pretende estudar, pelo contrário, são as pessoas que têm a experiência deste fenómeno particular, que possuem uma experiência pertinente ou partilham a mesma cultura (Rosseau & Saillant, 2009). Para além disto, a abordagem apoia-se num raciocínio indutivo, pois enquanto observadores e investigadores não recorremos a qualquer teoria existente para tentar explicar o que se observa.

O que se pretende é descrever o universo percetual dos filhos que passaram e passam pela experiência da ausência paterna devido a emigração, permitindo que o investigador se aproxime desta experiência e a descreva com as palavras dos participantes (Benner, 1994, cit. in Rosseau & Saillant, 2009). Assim, passa-se a conhecer uma realidade do ponto de vista das pessoas que a vivem.

Considerando que se trata de uma abordagem qualitativa, o tamanho da amostra é relativamente pequeno e não é representativo, no sentido probabilístico do termo, da população. Pretendeu-se obter casos variados que representassem as diversas características que podem tomar um fenómeno. Procurou-se, assim, juntar entre os participantes as propriedades concretas de um grupo ou de uma situação (Rosseau & Saillant, 2009) que, neste caso, compreende os jovens adultos filhos de pai emigrante. Ter uma amostra muito grande não é viável nos métodos qualitativos, pois obter-se-ia um amontoado de dados difíceis de analisar. A amostra deve ter tantos sujeitos quantos os

necessários para atingir a «saturação» dos dados, ou seja, quando o investigador não aprende nada de novo dos participantes ou das situações observadas (Rosseau & Saillant, 2009).

1.2. Desenho de investigação

Este estudo realizou-se em meio natural, neste sentido as entrevistas foram realizadas no local previamente definido e acordado com o participante, procurando que cada participante se sentisse à vontade no seu ambiente.

A população alvo neste estudo foi constituída por filhos, em idade jovem adulta (entre os 20 e os 26 anos), cujo pai emigrou numa fase inicial do casamento e que ainda hoje se encontra ausente, fazendo com que estes filhos sempre vivessem sem a presença regular desta figura concreta.

Atendendo que esta investigação se debruça sobre as representações mentais de família associadas à emigração paterna, começou-se por solicitar a colaboração do agregado do participante para a aplicação conjunta do instrumento gráfico projetivo *Dupla Lua*. Porém, depois de algumas recusas por parte das mães, foi necessário proceder a uma alteração, passando apenas a fazer-se a aplicação individual do instrumento. Assim sendo, focamo-nos sobretudo sobre a experiência dos filhos.

Considerando que o sistema é sempre superior à soma dos indivíduos singulares (Lewin, cit. in Lanz & Rosnati, 2002) seria importante não apenas aceder às representações individuais de cada um, mas ao confronto e às perspetivas grupais. Assim, este objeto de estudo, sendo relacional-simbólico, implicaria o recurso a metodologias de investigação que assegurassem essa particularidade (Lanz & Rosnati, 2002), como era o caso da aplicação conjunta da *Dupla Lua*.

De qualquer forma pretendeu-se com este instrumento aceder à relação estruturada pela diferença de género, de gerações e de estirpes; no campo relacional inclui os laços de casal e os laços pais-filhos e as relações com as famílias de origem. Por conseguinte, o objeto específico de investigação com a família é a relação familiar.

Feetham (1988, cit. in Lanz & Rosnati, 2002) diferenciou os estudos chamados *family research* e os *family related studies*. Nestes últimos a unidade e o nível de análise é individual, enquanto nos primeiros falamos de unidade e nível de análise grupal e relacional. Sendo inicialmente pensado como *family research*, não foi possível concretizá-lo dessa forma, pelo que se considera um estudo relacionado com a família.

A categoria em que se insere esta investigação é a exploratória-descritiva, uma vez que se pretende descrever a experiência de um grupo de pessoas. As questões de investigação são de nível I e, existindo uma base teórica fraca, procura-se reconhecer e descrever como é vivida a experiência da ausência do pai durante a infância e adolescência e de que forma a família vivenciou e integrou essa situação (Fortin, 2009).

1.3. Processo de amostragem

Por amostragem entende-se o procedimento pelo qual um grupo de pessoas é escolhido com vista a obter informação relacionada com um fenómeno, e de tal forma que a população que nos interessa esteja representada (Fortin, 2009), assim, interessando o ponto de vista dos filhos jovens adultos que sempre tiveram o pai emigrado, estes são o alvo da investigação.

A amostragem contemplada neste estudo é teórica ou gradual, pois a dimensão e as características da população não são conhecidas de antemão e existe uma extração repetida dos elementos da amostragem (Flick, 2005). Para além disso, podemos ainda acrescentar que será não probabilística, pois nem todos os elementos da população têm igual probabilidade de constituir a amostra.

Uma vez que nesta investigação pretende-se aceder à experiência dos filhos que viveram a ausência paterna por emigração, será uma amostragem por redes, ou também chamada de “bola de neve”; ou seja, uma vez que existem critérios determinados e que estes sujeitos são difíceis de encontrar, recorre-se a redes sociais, amizades, e à indicação de outras pessoas na mesma situação (Fortin, 2009). Sendo uma amostragem não probabilística, há enviesamentos que não são possíveis ter em conta; desta forma, não se fala em representatividade passível de generalização à população alvo, mas de uma representação do fenómeno experienciado por aquelas pessoas concretas.

1.4. Amostra

A amostra deste estudo foi constituída por filhos jovens adultos cujo pai tenha emigrado numa fase precoce do casamento e que ainda se encontre emigrado.

A escolha da faixa etária dos jovens adultos para esta investigação prende-se com o fato de ser a etapa que permite aceder a um leque mais extenso da experiência pessoal e familiar, por se considerar que estes jovens sejam mais capazes de expressar as representações de família e por ter já uma consciência integrada da ausência do pai.

Estes jovens adultos definem-se por um carácter eminentemente social, em detrimento das características pessoais. A fase do jovem adulto é a ponte que faz a transição entre a adolescência e a idade adulta, porém não é fácil delimitar esta fase em termos de idade cronológica ou de desenvolvimento psicológico e social. Segundo Carter e McGoldrick (1995) a fase de lançar os filhos e seguir em frente é a fase mais recente, mais longa e mais difícil no ciclo de vida familiar. Nesta fase podemos falar de uma dupla transição, ou seja, da adolescência para a idade jovem adulta, e desta para a idade adulta; sendo uma fase de preparação, é um processo lento, estendendo-se no tempo, e onde cada uma das etapas se apresenta com diferentes estatutos sociais (Cigoli & Scabini, 2006).

O papel do pai e da mãe é diferente nesta fase; o primeiro mais distante consegue perceber a necessidade de mudanças a nível da coesão familiar, e da flexibilidade das fronteiras para acolher o crescimento do filho; do lado contrário, a mãe tende a procurar maior coesão familiar e a criar forças centrípetas na família. Uma efetiva presença paterna fará a diferença, em alguns momentos significativos da transição para a idade adulta (Cigoli & Scabini, 2006).

Este termo não é usado para indicar uma expansão cronológica da adolescência para a primeira fase da idade adulta, mas é um tempo de vida único, de ponte e de passagem entre duas condições, adolescência e idade adulta, e que cobre um período de vida que vai desde os 19 até aos 28 ou 30 anos (Scabini, Marta & Lanz, 2006).

Apesar de o grupo dos jovens adultos não poder ser determinado por limites cronológicos específicos, para efeitos deste estudo considerou-se como jovem adulto quem têm mais de 18 anos, que se encontre a completar a sua formação académica e que ainda não tenha constituído família.

Desta forma contamos com seis jovens, três rapazes e três raparigas, com as características apresentadas na tabela seguinte.

Dados sociodemográficos	
Idade dos participantes	X = 23
	S = 2,280351
Idade do pai	X = 50,33333333
	S = 5,921711
Idade da mãe	X = 47,33333333
	S = 3,777124
Nacionalidade	Portuguesa
Habilitações do participante/profissão	Estudantes no ensino superior: Licenciatura: 4 Mestrado: 1 Doutoramento: 1

Habilitações dos pais	Pai	4ª classe: 3 6º ano: 1 12º ano: 1 Licenciatura: 1
	Mãe	4ª classe: 2 9º ano: 3 12º ano: 1
Profissões dos pais	Pai	Eletricista Funcionário Público Carpinteiro Funcionário de construção civil Operário em fábrica de peças Encarregado de obras
	Mãe	Gerente de restauração Auxiliar de ação educativa Doméstica (3) Empregada de limpeza
Anos de emigração		X = 24,66666667
		S = 9,003703
País de acolhimento		Suíça (5) Tailândia (1)
Visitas ao pai		Nenhuma (1) Uma vez (1) Três ou quatro vezes (1) Quase todos os anos (3)

Tabela 3 – Dados sociodemográficos da amostra

1.5. Instrumentos de recolha de dados

O instrumento utilizado para atingir os objetivos deste estudo foi a entrevista semiestruturada, que implica uma definição *a priori* das questões do guião (Anexo C), que porém podem ser reformuladas e alteradas na sua ordem no momento da entrevista. O facto de ter as questões definidas permite uma uniformidade dos procedimentos sem ser demasiado rígido, pois pode recorrer-se a perguntas de aprofundamento para explorar os dados.

Este tipo de entrevistas qualitativas implica a não diretividade das questões, pois estas são abertas e o discurso do participante deve ser fluente e não dirigido pelo entrevistador; com a profundidade e o ressaltar dos aspetos específicos da experiência da pessoa consegue-se uma certa especificidade dos dados; uma certa amplitude permite também que se tente aceder ao máximo de informação acerca da experiência; e por fim, permite o máximo de autorrevelação que vai de encontro à profundidade e ao contexto pessoal. Sem esquecer que para aplicar este método, é necessário dar a conhecer os nossos

objetivos aos participantes, e também de forma a garantir a confidencialidade dos dados, é pedido o consentimento informado para participar no estudo (Anexo A).

Previamente foi também preenchido um questionário sociodemográfico (Anexo B) para obter algumas informações pertinentes acerca da amostra a estudar, tais como a idade de todos os membros da família, habilitações literárias e profissões, há quanto tempo o pai está ausente e qual o país de acolhimento.

Além da entrevista semiestruturada foi também aplicado a *Dupla Lua*, que sendo um instrumento gráfico-projetivo, valorizasse especialmente o trabalho simbólico e a atribuição de significados. Esta particularidade possibilita um diálogo entre o investigador e os sujeitos sobre aquilo que foi desenhado (Greco, 1999).

A *Dupla Lua* surge a partir da reflexão iniciada pelo instrumento *Family Life Space* (Mostwin, 1980), que permite projetar, mediante um desenho simbólico, as representações familiares da pessoa e propiciar um espaço de diálogo e de reflexão. Porém, este primeiro instrumento não contempla as ambiguidades nos limites e pertenças das famílias complexas (Greco, 1999). Por sua vez, *A Dupla Lua*, faz emergir mais claramente o tema das raízes e das pertenças nas quais se funda a identidade de cada membro da família.

Este instrumento está especialmente orientado para o trabalho clínico com famílias complexas, isto é, famílias reconstituídas, adotivas, de acolhimento, separadas ou divorciadas, famílias em que algum dos membros morreu ou imigrou/emigrou e famílias que recorreram a fecundação assistida (Greco, 2006).

Nas famílias complexas, é necessário um trabalho psicológico que foque os limites e pertenças familiares, em relação ao elemento ausente e à sua presença simbólica, que pode funcionar como um “buraco negro” que atrai e destrói o pensamento. A representação do vazio gerado pela ausência pode tornar-se o centro da vida psicológica da pessoa, no desejo e na nostalgia de uma presença real (Greco, 2006).

1.6. Procedimentos e análise dos dados

À medida que iam surgindo participantes, foram agendadas as entrevistas de acordo com a sua disponibilidade e no local mais conveniente. Assinado o consentimento informado foi preenchido o questionário sociodemográfico e de seguida fez-se e entrevista, que foi gravada em formato áudio para posterior transcrição e análise de conteúdo. Num segundo momento deu-se a aplicação da *Dupla Lua* com os materiais necessários, tendo sido gravada também em formato vídeo (Anexo F).

A análise das entrevistas pode ser dividida em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A codificação consistiu na transformação, segundo regras precisas, dos dados através de recorte (escolha das unidades), agregação (escolha das categorias) e enumeração (escolha das regras de contagem). Foram consideradas como unidades de registo palavras, temas ou expressões; as unidades de contexto são os segmentos de mensagem que permitem a compreensão do significado exato da unidade de registo. As regras de enumeração consistem no modo de contagem, nomeadamente: presença ou ausência, frequência, intensidade e coocorrência (Bardin, 2009).

A análise dos dados obtidos a partir da *Dupla Lua* começou por uma avaliação global, tendo em conta a primeira impressão que suscita a observação do desenho. Observando os sinais gráficos, as relações entre os espaços preenchidos e os espaços vazios. Posteriormente dá-se um título geral ao desenho, de forma a registar esta primeira impressão. Depois de realizar a avaliação global, convém observar com mais pormenor cada um dos elementos do desenho, especialmente a tipologia dos símbolos, a dimensão dos símbolos utilizados, a utilização de símbolos convencionais e não convencionais, a disposição dos diferentes elementos na folha e no retângulo, os membros da família colocados dentro e os que estão fora, a representação dos limites familiares (que famílias, quais os elementos de cada uma das famílias), as pessoas que representa espontaneamente e as que desenha depois de serem dadas as instruções 4 e 5, e onde são colocados os elementos ausentes depois de questionados (Greco, 1999). Salienta-se que este instrumento está em fase de validação para população portuguesa (Moreno, 2012).

É importante analisar também a interação que se produz durante a entrevista e a aplicação do instrumento, ter em conta os aspetos emotivos e o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo. Por outro lado, é importante observar a capacidade que os sujeitos têm para comentar o seu próprio desenho.

Depois passa-se à análise dos construtos chave, ou seja, as fronteiras e as pertenças. Aqui procura-se compreender as fronteiras individuais, geracionais, familiares, intra-sistémicas e inter-sistémicas. Posteriormente, verifica-se o conflito de pertença e se os polos de conflito estão presentes ou não e se são ou não verbalizados.

Por último, o administrador deve registar todos os aspetos que considere importantes e que não foram considerados nos itens anteriormente assinalados.

2. Resultados

Neste ponto do estudo apresentamos os resultados obtidos a partir da análise de conteúdo das entrevistas, dando ênfase às categorias encontradas e explicando a sua conceção. No ponto seguinte são apresentados os resultados alcançados com a aplicação d'A *Dupla Lua*, sintetizados depois de preenchidas as grelhas de análise da mesma.

2.1. Análise de conteúdo

Da leitura da transcrição das entrevistas (Anexo D) e depois de elaborada a análise de conteúdo obtiveram-se três categorias de terceira ordem, onze de segunda e vinte e quatro de primeira (tabela 2). Os resultados serão descritos de forma a realçar os aspetos mais significativos (Anexo E).

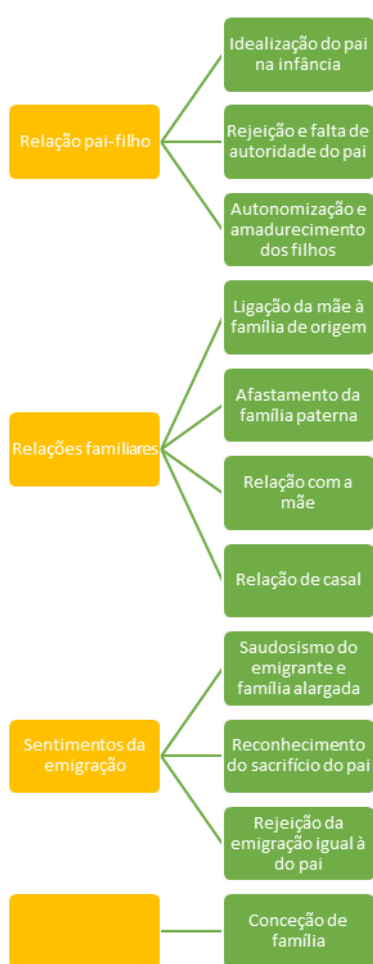


Tabela 4 – Categorias de 3ª e 2ª ordem.

Foi possível verificar que na fase da infância a maioria dos participantes tinha uma imagem idealizada do pai. Uma figura associada aos momentos de férias onde todos se divertiam fazia do pai uma figura maravilhosa que, normalmente vinha acompanhada de presentes significativos para toda a família. Para além disso era um ídolo para os filhos, pois estes foram sempre incentivados a reconhecer as qualidades do pai que se sacrificava para dar uma qualidade de vida acima da média. Desta forma viam-no como uma pessoa lutadora, tendo um dos participantes seguido a sua profissão.

Quando se pensa no papel do pai normalmente pensa-se também na introdução da autoridade na família. Nas entrevistas efetuadas foi notória a dificuldade que estes homens têm de assumir o seu papel de autoridade e na educação dos filhos, que fica delegado à mãe; por outro lado, os próprios filhos rejeitam esse papel do pai como se ele não tivesse o direito de interferir devido ao facto de estar fora.

Dois dos participantes relatam como episódios significativos na sua infância momentos em que o pai tentou exercer autoridade chamando a atenção numa birra ou mau comportamento. De alguma forma isto assustou-os, pois não era comum o pai

responsabilizá-los, mas protegê-los e ser indiferente a determinados comportamentos. Como refere outro participante “quem não vê, não sente”, não estando diariamente com os filhos não pode exercer o seu papel parental na totalidade.

Associado a isto os participantes referem ainda que o pai tende a ser mais tolerante, mais bondoso e mais liberal, procurando que a imagem fantástica que os filhos tinham deles não fosse destruída com atitudes mais severas.

Apenas uma participante referiu que o pai continuou a ser mais exigente e a impor regras, contudo, acrescenta que seria de esperar o contrário pelo facto de estar fora. Aqui podemos realçar a idade da filha quando o pai emigrou, pois tinha já oito anos, logo este pai já tinha construído a sua função parental e procurou mantê-la na sua ausência.

Para além de o pai assumir o seu afastamento e de o filho assim o exigir e considerar correto, a mãe tem também um papel muito relevante nesta situação. Apesar de existir um diálogo frequente entre marido e esposa, a mãe acaba por assumir todos os papéis no seio da família, seja de autoridade e educação, seja assuntos relacionados com finanças ou a construção de morada de família, por exemplo. A esposa ao assumir tudo sozinha não dá a devida importância ao papel do marido, nem o introduz na vida dos filhos, pois mesmo tendo que perguntar ao pai por determinada decisão, esta muitas vezes já estava tomada pela mãe.

Emerge também a forte ligação que estas mulheres continuam a ter com a sua família de origem, tendo algumas delas continuado a viver na casa dos pais, mesmo depois de construída a casa da família. A autonomia que se assume existir em relação ao marido não se traduz numa autonomia em relação aos pais, pois estes são uma ajuda importante no exercício de todas as funções que recaem sobre ela, nomeadamente, a função afetiva que foi posta de lado, ou mesmo funções de liderança que colocam a figura masculina ainda mais fora da família.

Esta forte ligação com a família de origem impede também uma correta construção e vivência de uma verdadeira relação de casal. Mesmo nos momentos em que o marido está presente ele não pode assumir o seu papel, pois ao ficar na casa dos sogros surgem atritos e não há espaço para a introdução desta figura. Da mesma forma, o apego aos pais impede que estas mulheres equacionem a possibilidade de ir viver com o marido, apesar de os filhos já serem adultos, pondo em causa o próprio casamento.

Com todas estas alterações estruturais os filhos são chamados a ter um papel mais ativo, por exemplo, como referem, tomavam as suas próprias decisões. Da mesma forma, estando a mãe sozinha esta acabava por exigir dos filhos o seu apoio e por introduzi-los

nas decisões que seriam do casal. Outros participantes acrescentam que tinham conversas com os pais sobre assunto mais destinados a adolescentes quando ainda eram crianças fazendo com que se desenvolvesse uma maturidade superior à esperada para a idade.

Por esta mesma razão estes filhos tendem a ter uma relação muito próxima com a mãe, referindo ter com ela uma relação de confiança onde partilham tudo um com o outro e se ajudam mutuamente. Ressalta evidente uma relação de amizade, sendo descrita como melhor amiga, por isso se questiona uma vez mais a inexistência de uma dimensão maternal, onde porventura não existirá uma relação de afeto.

Quando estes filhos pensam na relação dos seus pais enquanto casal, reconhecem que não se pode considerar uma verdadeira relação de casal. Relatam-na como semelhante a uma relação de namoro – “eles não sabem viver como casal, eles sabem viver como namorados” (AL2) – onde os encontros esporádicos são maravilhosos e não há conflitos. Para outros participantes, esta ausência de conflitos torna-a numa relação ideal – “são muito pacíficos” (F4); porém, outros reconhecem que com a separação pode acabar o amor que os unia, vivendo uma rotina à qual o casal já se acomodou – “já não é aquela relação de amor” (M3). Foi também referido que estes casais desejavam estar juntos, mas sacrificaram-se pelos filhos.

No discurso destes jovens foi notório que a mãe/esposa sempre transmitiu uma imagem de sacrificio destes homens, dizendo que eles eram bons maridos, que respeitavam as suas decisões e que estavam emigrados para garantir a qualidade de vida ambicionada. Porventura, a própria esposa terá incentivado o marido a emigrar e procurava que os filhos valorizassem o sacrifício que ambos estavam a fazer.

Perante esta possível conclusão poderemos pensar o mesmo em relação aos filhos que apresentam um discurso semelhante, onde a ausência do pai era muito importante para ter bens materiais e a relação que têm com ele também é muito boa – “eu via aquilo como um sacrifício, para nós termos uma vida melhor” (AL2); “eles foram para lá para (me) dar uma vida melhor” (M3). Em contrapartida dois deles referem claramente que este assunto é doloroso e rejeitam a situação, tendo uma relação mais distante com o pai. Estarão estes últimos mais próximos da realidade, assumindo verbalmente que a ausência do pai não foi positiva, revelando já uma integração da emigração, e os anteriores a verbalizar apenas o que conseguem racionalizar sem sofrimento, negando a própria experiência de vida familiar.

Esta mesma conclusão pode ser confirmada com a rejeição que estes jovens manifestam acerca da emigração semelhante à do pai. Considerando o panorama de

desemprego vivido em Portugal, todos estes jovens imaginam-se a viver noutra país, todos frequentam o ensino superior e é possível virem a desempenhar a sua profissão no estrangeiro. Porém, não aceitam a possibilidade de deixar a família em Portugal, desejam manter maior proximidade com os filhos e estar junto dos respetivos cônjuges.

Expressões como “não é uma vida fácil, não a desejo para ninguém” (M3), “emigrar para mim não” (P5) e “não era capaz de emigrar e deixar cá a família, é impensável” (H6), reforçam que esta foi uma experiência difícil, e por isso também não seria de esperar um discurso tão positivo em relação à mesma.

É também evidente nestes emigrantes uma ligação forte à sua família de origem, pois quando têm possibilidade vêm passar férias a Portugal e procuram reunir a família e mantêm todas as tradições. O saudosismo também é comum nestes homens, pois esforçam-se por construir uma casa com excelentes condições e regressar aquando da reforma.

Esta necessidade dos homens estarem ainda ligados à sua família de origem reforça a não construção de uma verdadeira família com a esposa e os filhos. Desta forma os filhos acabam por não se aproximar da família paterna, relegando o contacto para encontros de festividades na presença do pai; em alguns casos visitam os avós semanalmente, mas há uma grande diferença na relação com os avós paternos e os maternos, que, como referido anteriormente, têm um papel muito ativo. Neste sentido os legados da família paterna acabam por não se transmitir, não é permitido a estes filhos receberem a herança que lhes era devida.

Quando questionados acerca da sua conceção de família todos remeteram para um conceito de família nuclear, como esta não existe presencialmente, denota-se um grande foco na família alargada. Estes participantes verbalizam principalmente sentimentos, como confiança, esperança, afeto, carinho e paz; ou remetem para a relação que existe entre os membros, que inclui partilha, união, apoio, ajuda, proximidade, ouvir e comunicação.

Se considerarmos que estas características não se coadunam com a ausência de um membro, podemos hipotizar que estamos perante uma família idealizada. Porventura representam um desejo inconsciente de que fosse assim, ou de alguma forma estão a considerar estes valores sem incluir o pai na família.

Concluída a análise das entrevistas podemos referir que apesar de inicialmente algumas conclusões parecerem óbvias pela verbalização, elas merecem uma reflexão mais aprofundada questionando aquilo que está a ser dito. À luz dos conceitos teóricos

do modelo relacional-sistémico emergem categorias que exigem a confrontação com o instrumento utilizado na segunda etapa da recolha de dados. É a partir deste que podemos, eventualmente, confirmar algumas questões levantadas ou mantê-las em aberto para investigações futuras.

2.2. Análise da *Dupla Lua*

Realizada a análise do instrumento gráfico-projetivo *Dupla Lua* através do preenchimento da grelha de avaliação do mesmo (Anexo G), passaremos a descrever os resultados alcançados.

2.2.1. Análise do conteúdo gráfico

Atendendo ao primeiro impacto que os desenhos causam visualmente, à exceção de um, todos remetem para um vazio, isto é, espacialmente o retângulo e a folha foram pouco utilizados, quer pelas poucas representações efetuadas, quer por apenas terem utilizado determinados quadrantes. Expressões como vazio, solidão, distância ou arrumação e confusão contrastando-se, emergem da primeira visualização dos desenhos.

Passando para uma avaliação mais pormenorizada dos elementos do desenho, começamos por verificar que a maioria dos símbolos utilizados pelos participantes são convencionais. Nomeadamente, formulas geométricas, árvores, flores, estrelas, corações, sois, e bonecos. Apenas um participante fez as representações com basa nas linhas, que parecendo comuns, estão repletas de significado que foi verbalizado ao longo da administração.

Relativamente à dimensão dos símbolos utilizados, verifica-se uma forte heterogeneidade em todos os participantes, o tamanho utilizado é muito semelhante, à exceção de algumas representações de amigos e colegas, que tendem a ser mais pequenas.

Quanto à localização espacial dos símbolos na folha, apenas um participante colocou uma representação fora do retângulo. Todos os outros utilizaram o retângulo, muito embora as representações estejam bastante próximas das fronteiras e na sua maioria sejam pobres, pelo vazio do retângulo.

Quanto à disposição no retângulo apenas um participante utilizou o centro estando os membros colocados ao redor da família nuclear. Nos restantes não existe centralidade, em quatro deles todos os membros estão colocados no lado esquerdo do retângulo e um utilizou os quatro quadrantes, embora num deles esteja apenas um círculo com as pessoas que fazem parte da família.

A sequência dos elementos desenhados começa, conforme a instrução, pelo participante. Dois participantes desenharam o pai em segundo lugar, outro colocou a mãe, um representou os dois juntos e os últimos dois apresentaram a avó nesta posição. Em terceiro lugar surge a mãe ou o pai, noutros casos temos uma tia, a irmã e as sobrinhas. Em quarto lugar surgem em quatro participantes os irmãos, nos outros dois temos a mãe e os tios. Na quinta posição aparecem os avós maternos em dois participantes, noutra tem a madrinha da mãe que viveu com eles e que era como uma avó, noutro participante está representado uma prima que era vista como uma irmã por ter vivido com ele, por fim temos os amigos. A sexta representação está destinada aos avós paternos, aos amigos, a uma prima, a um casal de tios maternos, e à família. De seguida surgem os tios em dois participantes, os amigos e o namorado. Temos também os primos, o amor como algo desejado mas que ainda está fora do mundo da pessoa, a família materna e os pais. Em nono lugar aparecem os amigos, a família paterna e a ex-namorada. Finalizando temos dois afilhados num participante, sendo a posição 11 e 12.

Não há um padrão lógico que seja comum a todos os participantes na sequência das pessoas representadas, excetuando os irmãos que surgem em quarta posição em quatro participantes. Para além disso verifica-se que os participantes tendem a colocar as pessoas que lhes são mais próximas fisicamente ou seguem uma lógica familiar.

As famílias que são representadas espontaneamente são a nuclear (participantes, pai, mãe, irmãos e sobrinhas num caso); a família alargada que inclui os avós maternos e paternos, tios, tia-avó e primos, família no seu todo, família materna e paterna e afilhados. Para além dos elementos de família há também cinco participantes que representam amigos e uma referência aos colegas. Apenas um participante representa um namorado e dois reproduzem ex-namorados/amor.

Em dois participantes considera-se que não existem elementos ausentes, pois estão representadas a família nuclear e alargada. Num caso denota-se a ausência do pai e qualquer outra referência à família alargada, principalmente a linhagem paterna. Num outro participante não está representada a família de origem materna, mas apenas os tios, porventura não existe ou a relação não é significativa. O último participante desenha a família “no global” pressupondo-se que esteja a incluir todos os membros da família alargada de ambas as linhagens, por outro lado pode indicar a falta de relações significativas com algum destes membros.

Atendendo agora à posição do participante em relação aos restantes elementos desenhados ressalta que apesar de apenas um participante ter colocado os membros muito

distantes entre si há mais quatro participantes cujo desenho manifesta alguma distância, pela falta de relação entre os membros, pela forma como foram circundadas as pessoas que fazem parte da mesma família ou até pela estrutura em que as pessoas foram representadas. Quatro participantes estão acima ou ao lado dos restantes elementos desenhados, estando apenas dois abaixo.

Em nenhum desenho existem pessoas da família representadas fora do retângulo, apenas foi colocado fora o amor por um participante e noutro os colegas estão muito próximos do limite, tendo a pessoa referido que pensou colocá-los fora mas considerou que deviam estar dentro.

Seguindo agora para as famílias que estão envolvidas em círculos, apenas um participante fez quatro círculos sendo o único que circundou verdadeiramente a família nuclear (pais e filhos), depois colocou os avós maternos e paternos, noutro englobou os tios e primos e por fim os amigos. Todos os outros fizeram apenas um círculo englobando as pessoas que viveram ou ainda vivem com eles, incluindo os pais, avós, tios e primos. Um participante incluiu também o amigo no círculo da família; outro não circundou conforme a instrução mas num círculo escreveu todas as pessoas que seriam da família, com isto reforça o afastamento que há entre os membros.

Apenas um participante acrescentou o namorado depois de ter sido dada a instrução quatro e cinco; os restantes não quiseram acrescentar mais ninguém, mesmo faltando pessoas que poderiam ser significativas, nomeadamente o pai no participante C1.

No caso do participante que acrescentou o namorado colocou-o ao seu lado, embora pela representação pareçam duas figuras isoladas, apesar de estarem próximas.

Quando questionados se mudariam algo no desenho, ninguém mudou nada efetivamente. Três dos participantes referiram claramente que não mudariam nada, os outros três referiram que gostavam de ter os ex-namorados mais próximos e até dentro do círculo da família, foram pessoas significativas e construir uma relação estável é um desejo de ambos; outro disse que gostaria de acrescentar mais pessoas, mas não o faz, porventura gostaria de ter mais pessoas significativas, mas neste momento não existem.

Neste ponto levanta-se a questão de as famílias representadas corresponderem a uma família idealizada e não à realidade da vida deles, pois a ausência do pai por emigração não é visível no desenho, esperando-se que eventualmente esta fosse a pessoa movimentada na representação.

2.2.2. Análise do conteúdo verbal

Passando agora para a análise das verbalizações dos participantes ao longo da aplicação do instrumento podemos referir que apenas um participante foi constante nas falas procurando pensar em voz alta e explicando o significado das representações. Todos os outros mantiveram-se em silêncio na realização dos desenhos, falando apenas para esclarecer a instrução, por exemplo, questionando se se podia incluir nos dois mundos, pois via-se dentro e fora, questionando se se incluíam no círculo da família e se a numeração era por ordem de importância das pessoas ou se correspondia à posição em que estava a desenhar.

Esta dúvida acerca da sua inclusão na família ou a possibilidade da presença nos dois mundos pode refletir a distância emocional existente e a incerteza de realmente pertencer a um contexto familiar.

No final alguns participantes procuram explicar o que tinham desenhado, fazendo referência à ordem pela qual tinham desenhado, explicando quem eram as pessoas representadas, ou o que significavam os símbolos. Neste sentido podemos citar o pai como estrela que a guia sendo o seu ídolo, o coração como representação do amor dos pais, o sol que ilumina ou a árvore como símbolo da vida e do crescimento familiar. Significados mais profundos e de dimensão mais complexa estão geralmente associados aos avós, por exemplo, uma coluna representativa da matriarca da família, ou as mãos que acolheram o jovem e o educaram ou aquilo que a avó lhe transmite, nomeadamente paz.

No participante C1 ressalta o facto de ter referido que em termos de parentesco faltaria o pai, mas não o quis representar; assim como outras pessoas que disse poderiam ser acrescentadas, mas isso não aconteceu. De forma um pouco desconfortável referiu quanto à ausência do pai “quer dizer o que quer dizer”. Questionado se queria acrescentá-lo disse “sim, acho que sim, mas estava a tentar ser fiel ao teste e não às convenções familiares”.

O participante AL2 acrescentou que os amigos são um círculo diferente da família, são importantes mas não estão no mesmo grupo; quanto aos colegas, ponderou colocá-los fora do retângulo, mas explicou que embora nem sempre se deem todos bem fazem parte do mundo dela.

Os participantes M3, F4 e H6 fazem referências significativas aos amigos, apesar de serem poucos são importantes, são únicos, estando sempre ao lado deles, sendo por vezes mais importantes que a família, pois como refere o H6 “os amigos são aqueles que

a pessoa escolhe e acaba por ter mais afinidade que com a família”. Isto pode de facto confirmar um possível corte emocional com a família, esta surge de forma indiferenciada e sem relação com o participante.

O participante F4 acrescenta aquando da questão sobre o que mudaria no desenho, “é a família que temos, temos que aceitar e lidar com ela”, talvez se entreveja aqui alguma resignação e tentativa de aceitação da sua realidade, muito embora não pareça existir uma real integração.

O participante P5 à medida que ia desenhando fazia verbalizações contrárias, por exemplo, referiu “claro que não estão aqui os meus pais, se fosse por ordem de afetividade seria os meus pais, a minha avó e depois esta minha tia, são as pessoas mais importante, de certeza absoluta”, mas o facto é que os colocou na posição número oito e na realidade as pessoas que representou antes dos pais foram aquelas que estiveram sempre ao seu lado e com as quais tem uma relação muito mais significativa do que com os pais que estão longe. Confirmando isto podemos considerar a verbalização aquando da representação dos pais, ou seja, na dificuldade de se lembrar de um símbolo que costumava usar quando lhes escrevia cartas opta por desenhar “algo que supostamente toda a gente desenharia”, no fundo não é um desenho significativo mas socialmente esperado.

Confrontado com a posição dos pais no desenho e com as suas verbalizações referiu que não era uma ordem hierárquica de afetividade, mas começou por colocar as pessoas que estavam próximas fisicamente. De facto quando se verbaliza algo está-se a recorrer à dimensão racional e era esperado que dissesse isto, desta forma consideramos como sendo a realidade interna aquela que está projetada no desenho.

2.2.3. Análise do nível interativo-emotivo

Focando agora sobre o nível interativo e emotivo é importante salientar a interação ocorrida na aplicação do instrumento, mas também o clima emotivo inerente ao mesmo. A maioria dos participantes demonstrou ter dificuldade em encontrar símbolos para representar-se a si e aos outros, porventura pela novidade da tarefa, mas também pelo facto de terem de pensar em conteúdos dolorosos e não refletidos.

As verbalizações mais significativas e mais carregadas de emotividade foram as seguintes: no C1 quando diz em relação à ausência do pai “quer dizer o que quer dizer”, negando qualquer possibilidade de explorar o seu significado e mostrando ser um assunto que não queria abordar, por outro lado verbaliza o polo de conflito.

O participante M3 revela sentimentos negativos em relação ao amor, denota-se que é algo desejado, mas no passado alguma experiência não terá sido positiva e ainda tenta construir uma relação interpessoal significativa.

A resignação da participante F4 quando diz “é a família que temos, temos que aceitar e lidar com ela”, transparece algum desconforto, como se quisesse firmar que é feliz com a sua circunstância de vida, mesmo não correspondendo à realidade.

No participante P5 percebeu-se a necessidade de justificar a posição dos pais, não foi possível perceber se realmente corresponderia à verdade, se foi uma verbalização de uma realidade idealizada ou se o fez por considerar que seria esperado os pais estarem noutra posição. Vemos uma vez mais a referência a uma relação interpessoal significativa como desejada e carregada de emoção, talvez porque estes pares seriam a forma de preencher o vazio deixado pela ausência da família.

Quanto ao participante H6 denota-se bastante desconforto quando questionado acerca da categoria “família”, não expressou quem estaria a incluir nela, percebendo-se uma vez mais o possível corte emocional existente. Um outro aspeto constrangedor para este jovem foi assumir a sua homossexualidade quando acrescentou o namorado, foi clara a sua vergonha por ter que assumir algo que socialmente é rejeitado.

2.2.4. Análise do nível reflexivo

Atendendo ao nível reflexivo, ou seja, à capacidade da pessoa comentar o seu próprio desenho e daí emergir assuntos importantes para reflexão, podemos ressaltar os seguintes aspetos. À exceção dos participantes C1 e P5, todos fizeram as representações e procuraram explicar o seu significado, porém, não se perceberam sentimentos, pelo contrário pareciam muito seguros e confortáveis com a tarefa, o que nos leva a pensar num mecanismo de defesa, afastando e negando o sofrimento inerente à situação. Nos outros dois percebeu-se o desconforto e o desejo de terminar rapidamente a tarefa para não ser mais questionado ou confrontado com o sofrimento. De certa forma todos negaram qualquer reflexão que poderia estar a emergir e não quiseram expressá-la.

2.2.5. Análise dos dois construtos chave: fronteiras e pertenças

Passamos agora para uma avaliação mais pormenorizada dos dois construtos chave fundamentais do teste, ou seja, os limites e o conflito de pertença. Nas fronteiras individuais verifica-se em três participantes tendência para o isolamento com ausência de pessoas significativas e isolamento do símbolo do sujeito em relação aos outros. Os outros três apresentam diferenciação através da dialética entre proximidade e distância.

Relativamente às fronteiras geracionais, isto é, a distância entre as gerações, apenas um participante revela a existência de cuidado dos pais para com os filhos, pois estão representados acima dela. Em dois podemos observar uma situação de parentalização, pois num verificamos a ausência de um dos pais e noutra o símbolo do filho é maior e está acima dos pais. Nos restantes podemos falar numa relação igualitária, apenas pelo tamanho semelhante entre os símbolos de pais e filhos.

Refletindo sobre as fronteiras familiares, no que toca à distância entre a pessoa e uma ou mais famílias, em apenas dois participantes é clara a não pertença a um contexto familiar; os restantes considera-se que reconhecem que pertencem a um contexto familiar, embora isto venha a ser alvo de reflexão com o resultado das entrevistas.

Atendendo à distância entre a família nuclear e as estirpes verificamos que num participante apenas existem símbolos de só uma das estirpes, pois não há qualquer referência à família paterna e a avó materna é incluída na família nuclear, isto pode indicar risco de emaranhamento. Noutra participante considera-se como ausentes as estirpes, podendo indicar o isolamento das mesmas. Todos os outros representam símbolos das duas estirpes, embora não haja uma clara diferenciação entre a família nuclear e outros membros que partilhavam a mesma casa, podendo não existir uma diferenciação da nova família.

Considerando agora a distância entre família nuclear e alargada e a sociedade, ou seja, as fronteiras inter-sistémicas, verifica-se que em três participantes é clara a pobreza ou ausência de relação com elementos externos à família. Nos restantes existem símbolos referentes à realidade extra familiar, mas cingem-se apenas aos amigos e colegas que não têm nome, acabam por ser indiferenciados.

Partimos para a análise do conflito de pertença, e começamos por ver a presença dos polos de conflito. Apenas dois participantes falaram dos polos de conflito, mas com algumas reticências, pois percebeu-se a dificuldade de abordar o assunto e o desejo de não o fazer. Apesar disto apenas outros dois participantes distintos apresentam uma modalidade gráfica não-integrativa de isolamento do sujeito; os restantes incluem-se numa modalidade gráfica integrativa de conjunto único.

À exceção dos participantes C1 e P5 que verbalizam os polos de conflitos, nenhum faz qualquer referência à ausência do pai emigrado, todavia o C1 não representa o polo de conflito. Desta forma consideramos que estão a ser utilizados, pelos restantes participantes, elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito. Em quatro participantes o pai está incluído no seio da família nuclear, não se denotando a sua

ausência, levando a pensar que estamos perante uma família idealizada, isto é, estas são o ideal de família, o que eles desejariam que fosse, mas que não corresponde à realidade.

2.2.6. Síntese dos resultados

Em jeito de síntese dos resultados podemos apontar algumas conclusões e levantar questões que serão contrastadas com os resultados das entrevistas. É notório um certo isolamento destes filhos em relação à família e a outras figuras significativas, até porque estas quase não existem, não há uma rede de apoio extrafamiliar. Haverá porventura uma dificuldade nestes jovens para as relações com os pares e para construção de relações significativas e de suporte social? Mesmo nos participantes em que a sua representação não está isolada, emerge a sensação de uma proteção excessiva e necessária para esta estrutura de família, podendo hipotizar a não existência de uma verdadeira autonomização destes jovens, ou tao pouco da família nuclear.

Neste sentido é também visível a parentalização ou, pelo menos, uma relação igualitária pais e filhos, principalmente pelo tamanho semelhante dos símbolos de todos os membros, mas também por estarem acima de todos os outros elementos. Isto estaria de acordo com o resultado nas entrevistas, onde todos falam numa autonomização e na necessidade de assumir uma postura mais responsável.

Este possível isolamento ou excessiva proteção leva-nos a questionar se existe um verdadeiro reconhecimento da pertença familiar, seja porque alguns participantes questionaram se deviam incluir-se na família, seja pela quantidade de membros incluídos no círculo familiar. Neste sentido questiona-se a existência do casal parental, num participante claramente não existe e nos outros está camuflado, não se percecionando a quem pertencem estes filhos, que ao longo da sua vida não tiveram um verdadeiro exemplo de parentalidade.

Por fim levanta-se a possibilidade de estas famílias estarem a ser representadas de forma idealizada e não correspondendo à realidade, uma vez que a figura do pai surge no seio da família nuclear, quando na verdade está ausente há vários anos, ou está junto da mãe quando estão separados. Possivelmente estas seriam as famílias desejadas, é esperado que a família esteja unida e por isso está junta num sentido formal, por outro lado o polo de conflito está a ser negado, não existindo uma verdadeira integração da experiência da ausência do pai por emigração.

Discussão dos resultados

Partindo das conclusões retiradas da análise de conteúdo das entrevistas e confrontando com os resultados alcançados com a aplicação do instrumento gráfico-projetivo *Dupla Lua*, algumas questões podem aqui ser discutidas.

O primeiro aspeto que emerge das entrevistas é a imagem idealizada que a maioria dos participantes tinha da figura do pai na sua infância, sendo visível no relatado destes filhos um discurso muito positivo da infância e adolescência.

Atualmente a imagem que transmitem já não corresponde a este protótipo, pois já reconhecem que a vida de emigrante não é tão fácil quanto isso e que toda a família sofre com esta separação, muito embora esta realidade não seja verbalizada de forma tão clara. A figura que era exaltada na infância hoje perdeu alguma credibilidade perante os filhos jovens adultos.

Todavia, estes mesmos jovens aquando da *Dupla Lua* representam a sua família de forma também idealizada, ou seja, uma metafamília (Greco, 1999). À exceção de um participante, todos acabam por representar o pai e inclui-lo no seio da família, não refletindo uma família afastada, pelo contrário, todas parecem estruturadas e funcionais. Por este facto, aquando da possibilidade de mudar algo no desenho, não há referência ao polo de conflito, nem à vontade da presença do pai que tinha sido verbalizada nas entrevistas, uma vez que todos desejavam que o pai estivesse com eles e mostraram mágoa perante a emigração.

Porventura, podemos considerar estas representações como uma distorção protetiva (Greco, 1999), pois esta pode ser a forma inconsciente de se sentirem integrados e protegidos numa família que não existe (ou é muito diferente do que se desejaria) na realidade.

Quando os participantes referem que são autónomos e que amadureceram mais cedo do que a idade é de questionar se este amadurecimento é real ou se será uma parentalização. Pois, como acaba por acontecer com os progenitores que cuidam dos filhos sem a presença do outro cônjuge, eles tendem a levar os filhos a assumir papéis paternos e passam a ter responsabilidades adultas que são emocionalmente prejudiciais (Wallerstein & Kelly, 1980. cit. in Peck & Manocherian, 1995). O mesmo se verifica com estas famílias, onde a mulher acaba por assumir maior responsabilidade no lar e envolve os filhos nas suas decisões, exigindo deles maior apoio e retirando-os do papel de filhos.

Ao verificar as representações efetuadas deparamo-nos com posições de parentalização ou de relação igualitária, podendo esta autonomia não ter sido construída de forma benéfica, que pode ter consequências, nomeadamente na construção das relações interpessoais.

Da mesma forma vemos que nas verbalizações o pai tende a não assumir o seu papel de autoridade e educador, os próprios filhos rejeitam o poder do pai e a mãe também coaduna com isso não incentivando a responsabilidade da figura paterna.

A literatura fala também do papel do pai pouco ativo na educação dos filhos, como uma figura benevolente que procura deixar uma imagem agradável e compensar-se afetivamente, traz dinheiro, presentes, conta aventuras e não castiga. Isto também é notório nestes jovens, quase todos referem que o pai era mais liberal, não responsabilizava os filhos, pelo contrário protegia-os (Malpique, 1998).

Por outro lado, a mãe ao tentar assumir os dois papéis acaba por não exercer nenhum devidamente, descurando a dimensão afetiva, logo não existe parentalidade. Isto vai de encontro às representações da *Dupla Lua*, onde o casal parental não se percebe e a relação entre pais e filhos torna-se igualitária.

Pode-se levantar aqui a seguinte questão: afinal estes jovens são filhos de quem? Se os pais não estão disponíveis para assumir totalmente o seu papel e os avós na sua função nunca podem se assumir como pais, surge novamente a ausência da parentalidade. Acresce ainda a confusão de papéis onde os avós são vistos como pais, os tios como irmãos e a mãe como irmã mais velha, poderemos estar perante uma confusão de papéis com consequências na vida destes jovens.

Malpique (1998) aponta que com a autoridade que a mãe ganha, o que é também notório neste estudo, esta tende a perder o seu papel maternal. Quem o assume? Não há na família nuclear a dimensão mais afetiva que cabia à mãe. Desta forma se compreende a falta de representações e verbalizações de dimensão afetiva entre pais e filhos. Mas por outro lado visualiza-se a importância que os avós assumem nas representações de família, por vezes surgindo antes dos pais, substituindo-os, e na sua maioria incluídos no círculo familiar.

A própria relação de casal, praticamente inexistente, nunca é construída e é vista de forma romanceada ou negativa pelos filhos, verbalizando as perdas que advêm da separação. Porém, uma vez que os filhos já são adultos e já sugeriram à mãe que fosse viver com o marido, porque rejeitam as mulheres essa hipótese? Porventura será mais fácil para estas mulheres continuar a ter as suas rotinas individualmente; terão receio de

não se adaptar à vida de casal? Será mais confortável, dentro do desconforto, ter uma relação à distância, manter a sua autonomia e viver uma relação romanceada do casamento?

O facto de a maioria dos participantes não refletir acerca do que está a representar nem querer verbalizar sentimentos ou emoções emergentes da representação pode significar a dificuldade em falar sobre um assunto doloroso e que não é aceite. Apesar de falarem dele abertamente na entrevista, pois quando se está a verbalizar recorre-se à dimensão racional, quando se entra no campo afetivo e emocional é mais difícil.

Uma das consequências da ausência do pai por emigração referidas anteriormente dizia respeito à indefinição destes filhos que os torna menos disponíveis para assumir responsabilidades, leva ao isolamento, à timidez e à resistência à autoridade no contexto escolar. O mesmo acontece na adolescência onde tendem a existir atitudes agressivas com dificuldade de incluir-se na sociedade, baixo rendimento escolar e mudança nas relações pais-filhos (Gómez & Guerreiro, 2010).

Apesar de não ter sido um aspeto focado na entrevista pode-se concluir pela *Dupla Lua* que estes jovens não apresentam relações significativas externas à família e quase todos refletem algum isolamento. Apesar de todos estarem no ensino superior, em alguns casos percebe-se que o percurso escolar teve interrupções, talvez devido a alguma destas situações.

Malpique (1998) refere que este tipo de ausência tem repercussões no desenvolvimento da criança, principalmente ao nível da identidade e socialização. Podemos lembrar também aqui o facto de nenhum jovem ter uma relação interpessoal significativa e não haver referência a projetos de vida como a construção de família, mas principalmente a nível profissional. Porventura, os poucos amigos indiferenciados ou ex-namorados que surgem carregados de importância tenham sido a forma de preencher um vazio deixado pela ausência das figuras parentais.

O facto de não existir o exemplo de masculinidade pode ter um impacto negativo, no caso destes participantes, referem que tiveram como exemplo o avô ou tios que viviam com eles, mas não tiveram o exemplo da paternidade que o pai deveria ter passado. Pelo contrário, transmitiram um papel de pai como provedor, que pode fazer estes filhos seguirem o mesmo caminho ou repudia-lo completamente (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silveiras, 2003). Atualmente estimula-se bastante um papel igualitário entre os progenitores, onde também já se espera do pai um papel de proteção, cuidado e carinho, porventura este não foi o exemplo recebido.

Quando verificamos que a mulher transmite uma imagem do marido muito positiva, dando grande valor à sua atitude e sacrifício de toda a família, questiona-se se isto será real. Porventura será um mito familiar que se transmite de geração em geração como forma de aceitar uma vivência que por si só é dolorosa para toda a família. A própria mãe transmite aos filhos uma versão substitutiva da verdade, de forma a dar sentido à experiência (Andolfi & Angelo, 1989). Este discurso funcionaria como mecanismo de defesa para não mostrar fragilidade perante os filhos, mas também para elas próprias camuflarem o seu descontentamento. Esta conclusão pode fazer sentido se pensarmos na recusa em participar neste estudo por parte das mulheres, talvez pela dificuldade de pensar num assunto que ainda não foi integrado e que ainda causa sofrimento.

Desta forma podemos falar de um pai imaginário, ou seja, um personagem mítico do qual não se pode fazer um verdadeiro luto, pois é um ausente sempre presente. Apesar de não ser um pai presente na educação, no cuidado e no carinho dado aos filhos, faz-se presente apenas pela existência e pelo que traz quando regressa ao seio familiar.

Outro aspeto que faz pensar numa possível idealização da família na representação da *Dupla Lua* é o facto de os participantes terem referido características de uma família tradicional. Isto é, união, proximidade, partilha, apoio, comunicação, afeto e carinho, que não são características tão óbvias nestas famílias. Refletindo um pouco na história de vida e familiar verbalizada nas entrevistas, estes são aspetos desejados, como sendo os ideais, aqueles que toda a família deveria ter, mas na deles não tem, pelo menos da maneira formal como a verbalizaram.

Apesar de inicialmente parecer que estes jovens se encontravam integrados num sistema de pertença, analisando com a devida atenção, verifica-se que isso não corresponde à realidade. Primeiro pertencem a uma família imaginária, que não se adequa à realidade, mas a um conceito formal, à família nuclear ou às pessoas com quem vivem. Depois quase todos se mostram isolados e sem relações significativas com as pessoas que os rodeiam, mais ainda não tendo eles contacto frequente e consistente com uma linhagem, principalmente a paterna, que acaba por ser esquecida e negada; daí se verifique também a pouca importância que lhes é dada na *Dupla Lua*, sendo esquecidos ou colocados de forma subtil.

Foi notório que, muitas vezes, o que está a ser verbalizado pode não corresponder à realidade interna, ou seja, socialmente a pessoa fala aquilo que pensa ser esperado, quando de facto a sua verdade corresponde a algo completamente diferente. Por exemplo,

querer transmitir que os pais são as figuras mais importantes da sua vida, quando foi a avó que assumiu o papel mais crucial na sua educação e construção de identidade.

No enalço disto verificamos o facto de a maioria dos participantes ter referido sentir-se bem ao longo da entrevista, mas na aplicação da *Dupla Lua* isso já não aconteceu; excetuando os dois participantes que assumiram que a ausência do pai traz sofrimento e ainda os magoa, estando estes mais próximos da integração da sua experiência do que aqueles que negam a sua realidade. Todos estes filhos sofreram e ainda sofrem pelo facto de ter o pai ausente, nuns foi perceptível porque verbalizaram isso, nos outros apenas se percebeu pela negação do conflito.

O certo é que nenhum destes jovens deu importância, quer na entrevista, quer na *Dupla Lua*, ao seu sofrimento enquanto filhos, como se eles não tivessem o direito de assumir que isto teve impacto na sua vida.

Conclusão

Colocar em estudo temas que se enquadram no âmbito da família é, por si só, complexo, pois falamos de um construto que tem vindo a sofrer inúmeras alterações; sabemos que esta foi se redefinindo ao longo dos séculos e continua em mudança. A família é marcada por transições e por diferentes etapas dentro de um ciclo familiar que pode trazer mais ou menos consequências na vida de quem a constitui. Por isso mesmo se torna crescente o interesse da comunidade científica em diversas áreas e os estudos desenvolvidos são diversos.

Falamos por exemplo, no interesse pelo papel do pai e pelas alterações que este tem sofrido, tornando-se mais participativo e exigindo-se maior envolvimento na família, ressaltando-se os seus benefícios, mas principalmente as consequências da sua ausência. Havendo um grande foco sobre a ausência por divórcio, há também quem se debruce sobre o impacto da emigração paterna, principalmente nos países da América Latina ou em determinadas zonas fortemente marcadas pela emigração.

Portugal foi em tempos país de colonizadores, era comum os homens deixarem o lar e partirem em busca de trabalho bem remunerado para construir a casa de família e para ter um nível de vida acima da média, porém, o homem era visto como provedor da família e devia cumprir a sua função com os meios que tivesse disponíveis. Atualmente, a geração que forjou a sua identidade com este exemplo, tende a rejeitá-lo, pois têm consciência do sofrimento causado, apesar de este nem sempre ser verbalizado, é visível pela negação da hipótese de seguir o exemplo.

Procurar compreender de que forma estes jovens percebem a sua família e como foi vivenciada esta experiência é inovador e de difícil acesso, pois implica chegar ao inconsciente e retirar o que eles tentam ocultar até deles próprios. Apesar de a entrevista ter como objetivo aceder aos pensamentos e sentimentos do participante, estes e outros aspetos mais complexos apenas foram alcançados com a aplicação do instrumento gráfico-projetivo *A Dupla Lua*. Aquelas que pareciam ser conclusões óbvias e de acordo com a literatura, foram confrontadas com os resultados deste instrumento. O recurso a dois instrumentos distintos foi fundamental para levantar a discussão apresentada nesta investigação.

Como principais resultados podemos citar a dificuldade de aceitação e integração de uma experiência de vida que estes jovens não se permitem verbalizar como difícil,

pelo contrário, enaltecem os benefícios daí ocorridos. Mas no momento de desenhar as relações familiares, esta dificuldade emerge e provoca sofrimento. Por isso mesmo há a tentação de representar uma família idealizada, colocam-se os membros que à partida seriam os mais importantes afetivamente e no momento de confrontar o desenho com a realidade não há espaço para isso, pois a conclusão a que vão chegar será dolorosa.

Um outro aspeto fundamental é aceitar que estas não são famílias tradicionais e que os papéis esperados de cada membro estão alterados. O papel do pai é completamente esquecido e negado por todos os membros; a mãe demite-se do seu porque simplesmente não consegue assumir dois papéis distintos; os avós que se vêm obrigados a ser educadores asseguram também a dimensão afetiva na vida destes jovens; e estes que não tiveram ninguém que cuidasse deles devidamente acabam por ser responsabilizados e adquirem uma falsa autonomia que depois não se reflete num verdadeiro comprometimento com a vida.

Refletindo sobre os objetivos deste estudo urge realçar que a representação que estes jovens têm da sua família não corresponde à realidade, mas a um ideal de família que eles visualizam com características que todas as famílias gostavam de ter, mas que na realidade poucas as possuem. No seu inconsciente projetam o desejo de ter uma família diferente, precisamente porque a experiência não foi benéfica. Quanto à transmissão dos legados familiares da linhagem paterna, estes não são transmitidos, pois estes jovens não desenvolvem uma relação de proximidade com estes membros, uma vez que o pai está fora e não pode fazer esta ligação.

Relativamente à introdução da lei e autoridade é notório que o pai não assume este papel, pelo contrário, é benevolente e tolerante; de igual forma a mãe também não o inclui, ficando completamente destituído da sua função de pai. Por fim, as fronteiras familiares praticamente não existem, não se diferenciando o casal parental, nem a desvinculação dos pais da sua família de origem, nem tao pouco a posição de filhos destes jovens. Desta forma não se vislumbra a existência de um sistema de pertença, isto é, estes filhos não sabem a quem ou a que família pertencem e todos se confundem nos seus papéis.

Algumas questões nesta investigação ficaram em aberto. Talvez fosse importante compreender um pouco mais a importância e a forma como se constroem as relações interpessoais destes jovens; ou aprofundar algumas respostas que se perceberam ser mais defensivas. Explorar mais as projeções feitas na *Dupla Lua* e confrontar o jovem com as suas verbalizações teria complementado os resultados.

Toda investigação tem sempre as suas limitações e a principal dificuldade neste estudo foi a constituição da amostra e, posteriormente a colaboração da família na segunda etapa do estudo. Certamente haverá muitos jovens que poderiam ter sido incluídos na amostra, porém é difícil chegar até eles, pois não há nenhum local onde nos possamos dirigir para os convocar e esperar pela divulgação de passa palavra pode ser demasiado moroso. Depois de assumido o compromisso do jovem, surgia a dificuldade de convencer a mãe a participar, isto tornou-se tão complexo que teve de ser redefinido e retirado do estudo.

Deste primeiro trabalho emergem outros aspetos a ser aprofundados, nomeadamente, a própria entrevista aplicada que tendo as questões cruciais para provocar a reflexão, não foi tirado o máximo de partido da mesma. Porventura, pela formatação mental da entrevistadora que obtendo uma resposta de acordo com a literatura, não criou oportunidade para uma reflexão mais complexa e inesperada.

Poderia também ser interessante, ao invés de fazer a entrevista e depois aplicar a *Dupla Lua*, inverter o processo. O facto de serem confrontados com o seu inconsciente na projeção podia ter uma forte influência nas verbalizações posteriores, pois a dimensão emocional já tinha sido remexida e seria mais difícil negá-la na entrevista e talvez os resultados desta fossem mais de encontro aos obtidos com o instrumento gráfico-projetivo.

Apesar de algumas limitações e de haver aspetos a considerar em futuras investigações, realçam-se também alguns pontos positivos deste trabalho. O recurso a diferentes instrumentos de recolha de dados foi muito importante. Foi possível verificar que nem sempre as verbalizações obtidas através de entrevista correspondem à realidade, pois os resultados obtidos com o segundo instrumento contrastaram com o primeiro e permitiram conclusões mais abrangentes. Por outro lado acedemos a um nível de informação distinto, pois procuramos alcançar o inconsciente destes jovens, através da projeção.

Desta forma sugere-se a utilização de diferentes instrumentos que estão pensados também para a investigação, especialmente aqueles que englobam o sistema familiar, pois obter-se-ão resultados complexos mas ao mesmo tempo importantes, quer para a comunidade científica, quer para o trabalho do psicólogo.

Referências

- Aboim, S. (2010). Género, família e mudança em Portugal. In Wall, K., Aboim, S. & Cunha, V. (2010) (Coord). *A Vida Familiar no Masculino: negociando velhas e novas masculinidades*. Lisboa. pp. 39-66. Acedido de http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/A_vida_masculino.pdf
- Almeida, M. (2007). *Paternidade e subjectividade masculina em transformação: crise, crescimento e individuação. Uma abordagem junguiana*. (Dissertação de Mestrado). Acedido de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-13082007-150555/pt-br.php>
- Andolfi, M., (2001). *Il Padre Ritrovato*. Milão, Itália: FrancoAngeli
- Andolfi, M. & Angelo, C. (1989). *Tiempo e mito en la psicoterapia familiar*. (F. Garcia, Trad.). Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Arpini, D. & Quintana, A. (2003). Identidade, família e relações sociais em adolescentes de grupos populares. *Estudos de psicologia* (Campinas). 20 (1): 27-36. Acedido de <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=352899&indexSearch=ID>
- Badinter, E. (1993). *XY: Sobre a identidade masculina*. (M. Estrada, Trad.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Baganha, M. (1994). As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional. *Análise Social*, 29, 128, 959-980. Acedido de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223378081S4cET4df4Yh89IX7.pdf>
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo* (rev.). Lisboa: Edições 70.
- Barus-Michel, J. (2005). Entre sofrimento e violência: a produção social da adolescência. In *Simpósio Internacional do Adolescente*, 1, São Paulo. Acedido de http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=msc000000082005000100018&lng=en&nrm=iso
- Baum, D. (2004). Authoritarian vs authoritative control, *Adolescence*, 3, 1, 255-272. Acedido de <http://psycnet.apa.org/?&fa=main.doiLanding&uid=1969-06772-001>
- Bayle, F. (2006). *À Volta do Nascimento*. Lisboa: Climepsi.

- Benczik, E. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Rev. Psicopedagogia*. 2011; 28 (85): 67-75. Acedido de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n85/07.pdf>
- Bogaert, A. F. (2005). Age at puberty and father absence in a national probability sample. *Journal of Adolescence*, 28, 4, 541-546. Acedido de <http://www.mendeley.com/research/age-puberty-father-absence-national-probability-sample/>
- Borges, C. & Magalhães, A. (2009). Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. *Psico*. 40, 1, 42-49. Acedido de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/3993/4140>
- Burns, V. (2008). Living without a strong father figure: a context for teen mothers' experience of having become sexually active. *Issues in Mental Health Nursing*, 29, 279-297. Acedido de <http://informahealthcare.com/doi/abs/10.1080/01612840701869692>
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. (M. Veronese, Trad.). (2ª ed). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Centeno, R. (2001). Contesti e condizioni della nuova paternità: alla ricerca dell'instinto paterno. In Andolfi, M. (2001). *Il Padre Ritrovato*. pp. 107-121. Milão, Itália: FrancoAngeli.
- Cigoli, V. & Scabini, E. (2006). *Family Identity. Ties, Symbols, and Transitions*. Londres: Lawrence Erlbaum Associates.
- Coelho, L. (2007). *A emigração sob o olhar de quem fica: uma análise das experiências de famílias do município de Ipaba-MG*. (Dissertação de Mestrado). Acedido de <ftp://ftp.bbt.ufv.br/teses/economia%20domestica/2007/204487f.pdf>
- Dessen, M. & Lewis, C. (1998). Como estudar a "Família" e o "Pai"? *Paidéia*. pp. 105-121. Acedido de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v8n14-15/09.pdf>
- Eizirik, M. & Bergmann, D. (2004). Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. *Revista Psiquiatria*, 26, 3, 330-336. Acedido de <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v26n3/v26n3a10.pdf>
- Elkaïm, M. (1995). *Panorama das Terapias Familiares*. São Paulo: Summus Editorial.

- Erikson, E. (1998). *O ciclo de vida completo*. (M. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Ferrari J. (1999). Por que es importante el padre? In Ferrai J. (1999). *Ser padres en el tercer milenio*. pp. 91-117. Mendoza: Ediciones del Canto Rodado.
- Flick, W. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Fortin, M.-F. (2009). *O Processo de Investigação – Da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Goldenberg, G. W. (1998). O pai simbólico está ausente na criança e no adolescente infractores. In Levisky, D. L. (1998). *Adolescência: pelos caminhos da violência*. pp. 113-128. Acedido de http://www.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=-uaicreURk8C&oi=fnd&pg=PA13&dq=ADOLESC%C3%8ANCIA+%E2%80%93+PELOS+CAMINHOS+DA+VIOL%C3%8ANCIA&ots=P1tWHZy7a&sig=_tJGASLWCZLL2odtdNMsXiUY6yiE#v=onepage&q&f=false
- Gomes, A. J. & Resende, V. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 2, 119-125. Acedido de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>
- Gómez C. & Guerreo E. (2010). *Transtornos de conduta en los hijos de padres emigrantes de la escuela “manuela cañizares” de al ciudade de cotacachi, província de imbabura de noviembr del 2009 a agosto del 2010*. Trabajo de investigación previo a la obtención del título de licenciadas en enfermería. Acedido de <http://repositorio.utn.edu.ec/bitstream/123456789/704/2/06%20ENF%20435%20TESIS.pdf>
- Greco, O. (1999). *La doppia luna: test dei confini e delle appartenenze familiari*. Milano: Vita e Pensiero.
- Greco, O. (2006). *Il lavoro clinico con le famiglie complesse: il test La doppia luna nella ricerca e nella terapia*. Milano: Franco Angeli.
- Moreno, G. (2012). *Família retalhos. Estudo de caso sobre a estrutura relacional de uma família multiproblemática*. (Dissertação de mestrado). Braga: UCP.
- Henriques, C., Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. (2006). Trabalho e Família: O prolongamento da convivência familiar em questão. *Paidéia*, 16(35), pp. 327-336. Acedido de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a04.pdf>
- Hernández, C. & Poot, G. (2001). Conformación de valores en menores de edad en procesos de migración. *Revista de Perinatología y Reproducción Humana*, 15, 69-74. Acedido de

- http://www.imbiomed.com.mx/1/1/articulos.php?method=showDetail&id_articulo=959&id_seccion=34&id_ejemplar=124&id_revista=7
- Lanz, M. & Rosnati, R. (2002). *Metodologia della ricerca sulla famiglia*. Milão: LED Edizioni Universitarie.
- Lima, J. (2008). *O tempo e as formas de envolvimento do pai em tarefas de socialização dos filhos em idade pré-escolar*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Acedido de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/6687/2/27841.pdf>
- Lotero, L. & Diaz, L. (2008). *Influencia de la emigración de los padres de familia, en el rendimiento académico y el comportamiento de los niños dentro del aula escolar*. (Dissertação de Mestrado). Acedido de <http://repositorio.utp.edu.co/dspace/bitstream/123456789/991/1/37127P259.pdf>
- Malpique, C. (1998). *A ausência do pai*. 3ª ed. Porto: Edições Afrontamento.
- Marin, A. & Piccinini, C. (2009). Famílias uniparentais: a mãe solteira na literatura. *Psico*, 40, 4, 422-429. Acedido de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/2683/4927>
- Minuchin, S. (1982). *Famílias Funcionamento & Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monticelli, F. F. (2008). Efeitos da ausência paterna na aprendizagem. *Educação Temática Digital*, 10, 1, 87-104. Acedido de <http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1830/1672>
- Moreira, H. (2004). *Emigração Portuguesa (Estatísticas, retrospectivas e reflexões temáticas)*. Artigo 3º. Instituto Nacional de Estatística. pp. 47-65. Acedido de http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_estudo_det&menuBOUI=13707294&contexto=es&ESTUDOSest_boui=106195&ESTUDOSmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554
- Moreira, M. (2004). Vulnerabilidad e impacto psicosocial. Consecuencias de la migración. *Revista Judicial de Ecuador*. Acedido de <http://www.humanrightsmoreira.com>
- Mostwin, D. (1980). *Life space approach to the study and treatment of a family*. Washington: Catholic University Press.
- Muza G. M. (1998). Da protecção generosa à vítima do vazio. In: Silveira P. (1998). *Exercício da paternidade*. pp.143-150. Porto Alegre: Artes Médicas.

- O'Shea, C. (1999). *La armonía vital, Una reivindicación de la familia*. (2ªed.) Madrid: Temas de hoy.
- Peck, J. S. & Manocherian, J. R. (1995). O Divórcio nas Mudanças do Ciclo de Vida Família. In Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. (Veronese, M. A. V., Trad.). (2ª ed). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pimentel, D. (2004). *Terra de migrações*. Instituto Geográfico Português. Acedido de http://www.igeo.pt/atlas/Cap2/Cap2c_1.html
- Rosseau, N. & Saillant, F. (2009). Abordagens de investigação qualitativa. In Fortin, M.-B. (2009). *O Processo de Investigação – Da concepção à realização*. pp. 147-160. Loures: Lusociência.
- Sánchez-Plata, F. & Vizcarra-Bordi, I. (2009). Tres generaciones de migrantes transnacionales del Valle de Solís, Estado de México. *Papeles de Población*, 62. Acedido de <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=11212354008>
- Saraceno, C. & Naldini, M. (2003). *Sociologia da Família*. (I. Santos, Trad.). (2ªed). Lisboa: Editorial Estampa.
- Scabini, E. & Cigoli, V. (2000). *Il Familiare*. Milão: Raffaello Cortina Editore.
- Scabini, E., Marta, E. & Lanz, M. (2006). *The Transition to Adulthood and Family Relations: An Intergenerational Perspective*. United Kingdom: Psychology Press.
- Schoen-Ferreira, T., Aznar-Farias, M., Silves, M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*. 2003, 8 (1), 107-115. Acedido de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17240.pdf>
- Sganzerla, I. & Levandowski, D. (2010). Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. *Psicologia em Revista*, 16, 2, 295-309. Acedido de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/976/2049>
- Singly, F. (2006). *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Torrado, M. (2012). *Os descendentes de emigrantes portugueses em França: o reencontro com as suas raízes*. (Dissertação de Mestrado). Acedido de <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2144>

- Vizzotto, M. (1988). *Ausência Paterna e suas Associações a Psicodinâmica e ao Aproveitamento Escolar da Criança*. (Dissertação de Mestrado). Acedido de <http://servicos.capes.gov.br/>
- Vorcaro, A., Mazzini, C. & Monteiro, J. (2008). Acto infracional e metáfora paterna. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10, 2, 135-146. Acedido de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v10n2/v10n2a11.pdf>
- Zárate, L., Córdoba, D. & Vargas, E. (2007). La emigración del adulto como factor de riesgo en la autoestima de los adolescentes. *Enseñanza e investigación en psicología*, 12, 2, 359-366. Acedido de <http://www.cneip.org/revista/12-2/olivazarate.pdf>

Anexos

Anexo A – Consentimento Informado

Carta de Explicação do Estudo e do Consentimento

Dirigida a filhos jovens adultos

Título: Emigração paterna e representações mentais de família: Estudo exploratório com filhos jovens adultos.

Mestranda: Joana Cristina Cardoso Soares.

No âmbito do plano curricular do Mestrado de Psicologia da Família da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, encontro-me a realizar a investigação relativa à dissertação final.

As inúmeras mudanças que marcaram a família no último século atraíram a atenção de investigadores, por exemplo, atendendo às consequências da ausência de determinados membros. Paralelamente, o fenómeno migratório em Portugal moldou também a família, devido à ausência prolongada de figuras masculinas.

Associando estas duas dimensões, torna-se importante conhecer e compreender a história de vida destas famílias na visão dos filhos jovens adultos, que cresceram na presença do ausente.

Esta investigação tem como objetivos: compreender as representações de família destes jovens; aceder à forma de transmissão dos legados familiares na ausência da figura paterna e da sua família de origem; perceber como é introduzida a dimensão da autoridade e que função assume a mãe na inclusão do pai; compreender as fronteiras e interações familiares.

A recolha dos dados será efetuada através da aplicação de dois instrumentos, ou seja, uma entrevista semiestruturada e o instrumento gráfico-projetivo *Dupla Lua*. O primeiro consiste num guião, previamente construído, de perguntas que permitam atender aos objetivos da investigação; o segundo, permite projetar, mediante um desenho simbólico, as representações familiares da pessoa e propiciar um espaço de diálogo e de reflexão, estando especialmente concebido para as especificidades dos limites e pertenças das famílias complexas (Greco, 1999).

Desta forma, num primeiro momento, solicito a sua colaboração numa entrevista de, aproximadamente, 60 minutos; posteriormente, far-se-á a aplicação da *Dupla Lua*. Peço ainda que a entrevista seja gravada em formato áudio, e a aplicação da *Dupla Lua* seja gravada em formato audiovisual para posterior e mais eficaz análise dos resultados.

A sua participação neste estudo não tem qualquer risco ou benefício associado e a qualquer momento pode suspender a condução da entrevista, ou a administração da *Dupla Lua*, sem que daí advenha prejuízo. Este trabalho é realizado com fins estritamente investigativos, sendo o anonimato e a confidencialidade dos dados absolutamente garantidos; para além disso, todos os registos serão destruídos depois da sua análise.

Reconhecidamente, agradeço a disponibilidade e preciosa colaboração para esta investigação. Qualquer dúvida que lhe surja pode a todo o momento contactar-me através do número 968711493.

A mestrandas,

Formulário de Consentimento

Reconheço que os objetivos de investigação descritos na carta anexa me foram explicados e que me responderam de forma satisfatória a todas as questões. Compreendo que não exista qualquer risco ou benefício na participação desta investigação. Sei também que, o meu nome e dados pessoais, assim como de todos os membros da minha família, não serão revelados e que a qualquer momento posso interromper a entrevista e a aplicação da *Dupla Lua*.

Pelo presente documento, eu _____ declaro que, aceito participar na investigação e colaborar na realização de uma entrevista.

Nome _____

Testemunha _____

Data ____/____/____

Pelo presente documento, declaro que, aceito participar na investigação e colaborar na aplicação do instrumento gráfico-projetivo *Dupla Lua*.

Nome _____

Data ____/____/____

Formulário de Consentimento de Gravação Áudio/Vídeo

Pelo presente aceito que a entrevista seja gravada em formato áudio e que a aplicação da *Dupla Lua* seja gravada em formato vídeo. Tomei conhecimento que sou livre de não participar e que a qualquer momento posso interromper a aplicação de qualquer um dos instrumentos.

Assinatura:

Assinatura da pessoa que obteve o consentimento:

Data ____/____/____

Anexo B – Questionário Sociodemográfico

Questionário sociodemográfico

1. Como se chama?

2. Que idade tem? _____ Anos.

3. Qual o nome dos restantes elementos da família?

Pai: _____ Anos.

Mãe: _____ Anos.

Irmãos: _____ Anos.

_____ Anos.

_____ Anos.

4. Que idade têm eles?

5. Qual a sua nacionalidade e a dos membros da sua família?

6. Onde vivem presentemente?

7. Já viveram noutras localidades?

Sim Não Qual (is): _____

8. Quais as suas habilitações literárias?

9º Ano

12º Ano

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

9. Quais as habilitações de todos os membros da família?

4ª Classe

6º Ano

9º Ano

12º Ano

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

10. Qual a sua profissão atualmente?

11. Quais as profissões dos membros da família?

Pai: _____

Mãe: _____

Irmãos: _____

12. Há quantos anos o seu pai está emigrado?

_____ Anos.

13. Em que país se encontra, atualmente?

14. Já esteve noutra país de acolhimento?

Sim Não Qual (is): _____

15. Alguma vez visitou o seu pai no país de acolhimento?

Sim Não

Quando: _____ Quantas vezes: _____

Anexo C – Guião de Entrevista

Guião de Entrevista

Dirigido a jovens adultos, filhos de pai emigrante

Introdução

Em primeiro lugar, gostaria de lhe agradecer a si e à sua família pela disponibilidade e colaboração neste estudo. Ao longo da entrevista vou colocar-lhe algumas questões relativas à sua história familiar, incidindo maioritariamente sobre a relação com o seu pai.

Num primeiro momento, e durante o período mais longo da entrevista, as questões que elaborei focam-se na sua infância e adolescência e nas situações ocorridas nestas duas etapas, no seio da sua família. Se pretender podemos fazer uma pausa e completamos a entrevista com um foco sobre o momento atual a nível familiar.

Gostaria que se sentisse à vontade para responder às questões que lhe vou fazer, sabendo, porém que pode não responder ou, até interromper a entrevista. Quando se sentir preparado podemos começar. Então, gostaria de começar por lhe perguntar:

I. Passado

1. Como imaginava o seu pai durante a sua infância?

2. Lembra-se de algum episódio/momento significativo ocorrido na sua relação com o seu pai? Poderia partilha-lo?

3. Nas vezes que visitou o seu pai, qual foi a sua experiência?

4. Quem organizava a vida da família?

5. Como participava o seu pai no momento de estabelecer regras em família?

5. a) Lembra-se de algum episódio em particular?

6. De que forma o seu pai entrava nas decisões da família?
7. Com que frequência falava com o seu pai?
8. Como descreveria a comunicação e a relação dos membros da família com o seu pai?
9. Como considera as mudanças que possam ter ocorrido na comunicação com o seu pai?
10. Que tradições foram mantidas na família?
 10. a) Como se enquadrava o seu pai nessas tradições?
11. Se voltar com o pensamento à adolescência, como descreve os seus sentimentos em relação ao seu pai?
12. Que imagem a sua mãe transmitia do seu pai?

Agora que já percorremos um pouco a sua história familiar na infância e adolescência, gostaria de remeter agora para a sua situação atual.

II. Presente

13. Como considera a sua relação com a família de origem do seu pai atualmente?
 13. a) E no passado?
14. O que considera ter-lhe sido transmitido pelo seu pai e pela família paterna?
15. Como caracteriza a relação com a sua mãe?
16. Como lhe parece a relação dos seus pais, enquanto casal?
17. E a relação do seu pai com outros membros da família, como a descreve?
18. O que diria da sua relação com o seu pai no momento atual?

III. Conclusão

19. Gostaria de acrescentar algo que não tenha sido abordado e que considere importante?

20. Como se sentiu durante a entrevista?

Desta forma encerramos a nossa entrevista, de momento não tenho mais questões para lhe colocar. Gostaria apenas de lhe agradecer, uma vez mais, a sua colaboração e a participação da sua família. Muito obrigada.

Anexo D – Transcrição das entrevistas

Entrevista C.1

Primeiro que tudo agradeço-te imenso a participação e agradeço claro depois à tua família se puder colaborar neste estudo. Ao longo da entrevista vou colocar-te algumas questões relativas à tua história familiar incidindo maioritariamente sobre a tua relação com o teu pai. No primeiro momento, e durante o período mais longo da entrevista, as questões que elaborei focam-se na infância e na adolescência e nas situações ocorridas nestas duas etapas no seio da família. Depois se quiser podemos fazer uma pausa e depois retomamos como for o melhor. Para depois focarmos um bocadinho mais o momento atual da família. Gostaria que estivesse completamente à vontade para responder às questões, se não quiseres responder não precisas responder, se quiseres interromper a entrevista também podes fazê-lo. Se te sentires preparado podemos começar.

1. Então gostaria de começar por te perguntar como é que imaginavas o teu pai durante a tua infância?

Durante a infância? Infância sendo de idade... Primária, por aí?

Sim, desde a primeira infância. Não sei que memórias tens da infância, não sei. O teu pai já está fora desde os teus dois anos, dos dois até aos 13 quase que podemos considerar aí a tua infância.

Hum... ok... como é óbvio não tenho muitas memórias de infância com o meu pai, não é? Pela especificidade do caso, mas penso que não infância aquilo que eu me lembro é em geral positivo, sei lá... hum... penso que via o meu pai como alguma coisa especial que estava muito ligado a um período de férias, o período de festas, portanto normalmente associado a períodos positivos. E como normalmente acontece quando os pais estão cá, os pais que não vivem com os filhos, são por norma, não sei, mais tolerantes, mais atenciosos, e esse tipo de coisas, portanto eu penso que nesse período vejo o meu pai como algo... penso que não muito... como é que eu hei-de dizer, não muito importante, não é não muito importante, mas não muito definidor da minha vida, não é? Portanto, também não estava muito presente, mas como sinónimo de diversão, talvez.

2. Quantas vezes estavas com o teu pai por ano? Nas férias só, natal?

Provavelmente, duas, férias de verão e férias de natal. E por períodos, penso eu, nunca mais que um mês.

A imagem que tinhas era a imagem do pai que vem para brincar, para se divertir, para passar bons momentos, um bocadinho com a família, com os filhos, uma vez que estava pouco tempo.

3. Lembras-te de algum episódio, momento significativo, ocorrido na relação com o teu pai, nesse período?

Nesse período? Hum... assim o primeiro episódio que me ocorre é talvez num qualquer período desses em que ele cá estava, eu penso que estava doente por algum motivo e tinha que tomar uma medicação qualquer, que já não me lembro o que era, nem me lembro porquê que estava doente, mas pronto estava a fazer uma birra de criança, não é? porque não queria tomar e não sei quê, eu nessa altura era a criança da casa, porque os meus primos não viviam lá, no entanto viviam vários tios connosco mais novos, quase da minha idade, portanto era a criança mais nova, e estava toda a gente à minha volta, tipo a tentar convencer-me a tomar o antibiótico, e lembro-me do meu pai intervir de forma assim mais autoritária, mais, sei lá, mais violenta, um pouco, sei lá, mais autoritária, cumpriu o seu papel enquanto pai, de se impor.

E que alterou um bocadinho aquela imagem que tinha...

Pois, eu lembro-me de pensar que não fazia muito sentido ele estar a fazer isso, lembro-me de pensar quase como se ele não tivesse muito o direito de fazer isso, ou pelo menos, achar muito estranho ele fazê-lo porque não era nada normal. Pronto, é um dos episódios que eu me lembro, não sei que idade deveria ter, mas... não sei, seis, sete, oito, não sei, por aí.

Quer acrescentar mais alguma coisa a esse episódio? Alguma coisa que tenha sentido, que se tenha lembrado.

Foi isso, lembro que senti um pouco que ele não tinha autoridade, era algo completamente normal que eu esperava da minha mãe e que aceitaria bem, não é? mas foi estranho.

4. Quem é que organizava a vida da família?

Hum... penso que era a minha mãe, sem dúvida, a todos os níveis. Estava a tentar lembrar quando era mais pequeno, como vivíamos com alguns tios, mas também eram novos, quase da minha idade, portanto, sim, a minha mãe, sem dúvida.

5. E a tua avó, sempre viveu convosco ou não?

Sim sempre.

6. Como vêes o papel da tua avó aí? Que dizes-me, é mãe da tua mãe.

Sim. Porque ela ficou viúva relativamente cedo, e portanto, a casa em que eu nasci e que ainda vivo atualmente era a casa familiar. E entretanto os tios foram casando e saindo e a minha avó, por ser viúva continua e a minha mãe, talvez por estar também mais ou menos sozinha, continuou sempre na casa, portanto a casa ficou para a minha família, na condição da minha avó ficar connosco. Não sei, a minha avó, se calhar tem aí um papel de... é estranho, agora que penso nisso as vezes acho que ela faz um pouco o papel de pai. Ela própria diz, porque já vive connosco há muito anos, e agora está mais velha e precisa de mais atenção e não sei quê, e de vez em quando há quezílias entre ela e a minha mãe, e a minha avó tem uma atitude muito engraçada, que é, ela sabe perfeitamente que por ter vivido tanto tempo com aquela filha e com os filhos dela, que as relações, que as discussões entre elas já são quase, é estranho estar a dizer isto, mas discussão quase de casal no sentido de organização da casa, da organização da lide doméstica. E às vezes até brinca com isso. Mas portanto, acho que ela se calhar tem aí o papel um pouco do pai, porque a minha mãe sempre foi mais, sempre foi, sempre esteve mais ao controlo das coisas, mas em segunda opinião viriam sempre a minha avó, quando se tivesse um pai presente, provavelmente viria dele.

7. Como é que o seu pai participava no momento de estabelecer as regras na família?

Acho que não participava. Tenho um pouco noção de que, tenho um pouco noção de que, não estando presente, se calhar não tem muito... enfim, perde um pouco o direito de estabelecer regras diárias na realização da família, portanto, delega toda essa tarefa na minha mãe. Só mesmo em caso de questões mais familiares, mais urgentes, tipo a compra de um carro ou a compra de uma casa, etc., é que ele pode opinar, mas mesmo aí...

Então, acha que realmente... falou aí numa questão de direito, não é, não estar presente quase não tem direito, não teria direito a participar muito nas decisões, se calhar, mais diárias. Ou isso acaba por acontecer naturalmente, porque não está presente.

Penso que sim, penso que é um... lá está, acho que é mesmo até uma questão de bom senso da parte dele, ele sabe que ele próprio, coloca-se nessa posição. Assume o papel de não influenciar muito, sendo que não está cá para saber o que é que se passa.

8. Agora pensando nisso, de que forma é que as decisões são tomadas em família? E de que forma o seu pai entrava nas decisões de família?

Isto ainda referente a um período de infância? Não sei. Por exemplo decisões ao nível, escolares por exemplo, penso que ele simplesmente não tomava. Deixava tudo o

que era decisões do género a mim ou à minha mãe, não é? Também sempre tive muita autonomia por causa disso, talvez. Em escolhas de curso, escolhas de áreas no secundário, etc. sempre foi completamente livre, nunca tive qualquer tipo de pressão. Não sei... que mais é que os pais podem escolher... sei lá, tarefas, tarefas tipo extracurriculares, sei lá, andar no futebol ou fazer um desporto ou não sei quê, eu nunca perguntei ao meu pai se poderia ou não, também nunca lhe perguntei se poderia, quando é que poderia começar a sair, quando é que poderia, portanto quem tomou sempre essas decisões sempre foi a minha mãe, portanto.

9. A sua mãe liderava ali um bocadinho tudo. Com que frequência é que falavas com o teu pai? Neste período.

Quando ele não estava?

Sim. Com que frequência é que falavas com ele.

Eu não me recordo de falar muitas vezes, porque sei lá, naquela altura também não era, a comunicação não era tao rápida como agora. Mas não me recordo mesmo de, não me recordo de conversas telefónicas, nem nada disso.

10. Como é que descreverias, esta comunicação com os membros da família, com a sua mãe também, como é que falava com ele, como é que era estabelecida a comunicação?

Eu lembro-me, por acaso agora lembro-me que, cerca de uma vez por semana, há pouco disse que não me lembrava, mas estou-ma lembrar agora, cerca de uma vez por semana eu ia com a minha mãe fazer um telefonema, numa cabine pública lá próxima, penso que era basicamente essa a comunicação.

Ok, uma vez por semana, e participava também dessa comunicação?

Sim, mas muito pouco, talvez...

11. Como é que considera as mudanças que possam ter ocorrido na comunicação com o seu pai? Houve mudanças depois, referiu que não tem grandes memórias de falar com ele, uma vez por semana, houve mudanças depois? Depois quando ele voltou? Como é que descreve essas mudanças?

O problema é que eu acho que ele voltou quando eu estava a entrar na adolescência, portanto também não é o período mais comunicativo, acho eu, entre filhos e pais. Portanto eu acho que é, isso pode ter, pode ter influenciado, não sei se irremediavelmente, mas talvez, a comunicação entre filho e pai, porque mesmo atualmente, não há muita comunicação. Apesar de já sermos adultos, mas sem dúvida, não é muita a comunicação.

12. Que tradições é que foram mantidas na família? Assim tradições, não sei, do dia-a-dia da família, até festas, aniversários. Mesmo na ausência do pai.

As tradições normais mantêm-se todas...

12. a) Como é que o pai se enquadrava nessas tradições?

Não sei... eu penso que... penso que, sei lá, talvez ligasse para casa nesse dia, ou assim qualquer coisa. No entanto, lembro-me que trazia, quando voltava trazia sempre presente referente ao aniversário, ao natal, etc. mas as tradições familiares mantêm-se completamente na normalidade. Porque, e é capaz de ser um aspeto importante, a família, tios inclusive, moram todos perto uns dos outros.

Houve aqui um apoio da família alargada que se manteve bastante próxima.

Sim, sim. Tanto que quando é aniversários, quando há qualquer festividade juntam-se todos e...

13. Agora, se voltar um bocadinho com o pensamento à adolescência, e esta parte agora é um bocadinho diferente porque o seu pai estava cá, como é que descreve os seus sentimentos em relação ao seu pai.

Na adolescência? Não sei, talvez aí seja um pouco o prolongar daquela história que eu contei. Como ele volta nessa altura em que não é muito fácil lidar com um corpo mais ou menos estranho e novo, acho que isso pode ter um pouco, pode ter prejudicado a comunicação entre nós, porque nunca se tornou assim muito aberta, muito franca, não há esse tipo de comunicação que normalmente, penso eu, deve haver entre pais e filhos.

Considera, por exemplo, que houve um prolongamento um bocadinho daquilo que já era na ausência dele, que se manteve o afastamento ou houve alguma mudança nesse período?

Houve necessariamente uma mudança, porque ele estava presente e isso já é uma grande mudança. Deixa cá ver... hum... não sei acho que quando ele voltou, não era muito confortável, penso que não era muito confortável, pelo convívio. Porque uma coisa era quando ele vinha de vez em quando e as coisas eram mais divertidas, também se calhar era mais criança e achava mais piada, depois quando ele volta de vez, e tenta finalmente começar a ter algum papel ativo parental, criar regras e etc. penso que não resultou de todo, portanto, eu não lidava muito bem com isso, como ele também, penso não o consegui fazer muito bem. Portanto, acabou por haver sempre uma coisa estranha, um misto entre falta de comunicação e tentativa, alguma tentativa, mas também muito pouca da impor regras e um recuo imediato porque eu penso que não aceitava muito bem.

Mas reconhece que houve uma tentativa da parte do seu pai?

Sim, por exemplo, do género, tens que chegar... penso que, ele não dizia tens que chegar a x horas a casa, mas se eu chegasse tarde ele poderia dizer alguma coisa, mas também só disse uma ou duas vezes, porque eu se calhar mostrei logo que não aceitava muito bem que ele me pusesse regras a esse nível.

Como é que acha que o seu pai se sentiu assim nesse papel, nesse período de procurar assumir o papel de pai e ao mesmo tempo não ter o feedback, como ele esperava da parte do filho? Ou se calhar ate esperava mas não, se calhar não muito positivo, para o papel que ele queria desempenhar.

Não sei, mas penso que, lá está, penso que, um pouco como nas questões da regras penso que ele acabou por, por aceitar essa dificuldade e por se conformar e então ter uma relação muito mais, muito menos parental comigo, do que com a minha irmã, porque estava cá quando ela nasceu e acompanhou-a durante grande parte da vida dela. Portanto, há uma grande diferença entre a imposição de regras na minha vida e na vida da minha irmã por ele, talvez por causa disso.

Que imagem a sua mãe transmitia do seu pai?

Voltando ainda, eu só digo isso, porque... se calhar não é uma questão de... podíamos estar aqui a falar de um pai que simplesmente não tivesse um papel ativo, enfim que simplesmente não se importasse de impor regras, só que nós temos aqui duas condições porreiras, que sou eu e a minha irmã que, cujo período é completamente diferente, e eu vejo que a relação é completamente diferente comigo e com ela a esse nível, a outros também.

14. Consegue descrever assim alguns níveis de diferença que veja claramente na relação do seu pai consigo e ele e a sua irmã?

Sim, esse é o principal. Está muito mais presente nas decisões da vida da minha irmã do que na minha, a nível de comunicação também é completamente diferente, ele tem a iniciativa de falar com ela, por exemplo, também ela tem a iniciativa de falar com ele. Eu não tenho a iniciativa de falar com ele, nem me sinto muito à vontade em fazê-lo e vice-versa. Portanto, em termos afetivos acredito que também seja completamente diferente.

Claro, até porque a sua primeira infância já não foi passada com o seu pai, não houve aquele estreitar de laços que a sua irmã já teve oportunidade de construir.

Sim, sim.

16. Focando-se na imagem sua mãe, como é que a sua mãe, que imagem é que a sua mãe transmitia do seu pai, o quê que ela mostrava dele?

Hum... não sei... ahhh... a imagem que eu tenho da minha infância é talvez muita baseada na relação deles quando eram jovens, porque, sei lá, aquilo que eu via do meu pai era por vezes histórias que ela contava de quando eram mais jovens e portanto com fotografias, etc., de quando eu nasci, de quando eles namoravam.

Então a imagem que a sua mãe transmitia do seu pai foi memórias um bocadinho do passado dela, da relação deles antes de nasceres.

Sim, penso que sim.

E depois, ao longo da sua infância ela só falava do passado, nunca falou de momentos presentes? De conversas que podia ter com ele, por exemplo, não tocava, quando falava em algum problema pra resolver não falava no pai?

Não, não muito.

Até porque, pelo que parece ela assumiu muito a liderança da família, parece-me uma mulher bastante autónoma, que tomava as decisões e que geria a família.

17. Agora, que percorremos um bocadinho esta parte da infância, eu gostaria que fossemos um bocadinho ao presente. Como considera a relação com o seu pai, aliás como considera a sua relação com a família de origem do seu pai? Fale-me aqui dos avós paternos, tem relação com eles, manteve relação com tios paternos?

Não muito, não muito, é uma relação quase só de convívio em festividades, tipo ir lá no natal, na pascoa.

E no passado, na sua infância?

Na minha infância era mais frequente, principalmente quando o meu pai estava cá, nos períodos em que o meu pai estava cá. Sem o meu pai estar não, penso que, não se isso alguma vez aconteceu, era muito raro, mas quando o meu pai estava cá era mais frequente, na minha infância passar várias noites até na casa dos meus avós paternos, atualmente isso já não acontece. Mas não é uma relação, é um pouco à imagem da relação que eu tenho com o meu pai, se calhar, não é, esporádica.

18. O quê que considera ter-lhe sido transmitido pelo seu pai e pela família de origem, pela família paterna, o quê que acha recebeu em termos de valores, experiências do lado paterno?

Hum... do lado paterno... hum... do lado paterno... acho que assim de valores... assim, aqueles mais de charneira, mas importantes, acho que, não sei... sei que, por exemplo, o meu avô paterno é uma pessoa muito extrovertida, eu lembro-me, mesmo atualmente ele está sempre a contar histórias, fala muito, conta imensas anedotas, e tenho

mais um tio ou outro que também é assim, portanto essa parte um pouco mais, não sei, essa parte um pouco mais humorística, talvez. Sei que as pessoas, as vezes, até dizem que, enfim, há algumas parecenças entre a minha forma de falar e a do meu avô. Mas de resto, coisas mais, sei lá, acho que a diferença entre o bem e o mal não foi aprendida na família do meu pai, portanto, posso ter adquirido alguns tiques, não sei, mais de sociabilidade, mas as questões mais básicas de valores não estou a associar nenhuma a esse lado da família.

Mas associa-se, possivelmente, ao lado da família materna?

Sim, sim, claro.

19. Como é que caracteriza a relação com a sua mãe? A sua relação com a sua mãe?

Com a minha mãe... acho que é uma relação muito, não sei, acho que é uma relação bastante forte, porque era a única, o único pilar, a única, não sei. Pode não ser de uma relação muito afetiva também, porque...

Eu ia questionar se nunca tinha pensado nesta questão: como é que é a relação com a sua mãe?

Acho que é uma relação, quer dizer...

Estava a referir que sente que até em termos afetivos é um bocadinho desligada, não sei se é esse o termo que podemos utilizar.

Não, não é uma relação muito desligada, mas, eu estou a dizer que em termos afetivos não é no sentido de ser uma relação muitas vezes com bastante carinho e não sei quê, até porque eu sempre vivi com a minha mãe, sempre estive presente nos problemas dela e ela nos meus, etc., portanto é uma relação muito mais pragmática, mas muito forte, todas as decisões e todas as coisas se sabem entre um e o outro.

Então já há aí algo muito forte na relação! Há uma proximidade, uma partilha muito maior...

Sim, porque, há uma abertura muito maior.

Porque ela no fundo, esteve muito próximo da sua mãe desde, só tinha mesmo a sua mãe, não é. Não sei se aí a avó também possa ter...

Se calhar a relação mais afetiva mesmo, em termos de, é com a minha avó, em termos de cuidados.

Talvez a sua mãe assumiu mais o papel do líder, mais do pai, se calhar. E a avó assumiu, possivelmente, é uma hipótese que eu estou a levantar, adotou mais o

papel do cuidar, do carinho, não sei, talvez. Que a mãe também o fizesse, mas se calhar partilhado um bocadinho pelas duas.

É possível, não sei. Realmente há um pouco aquela questão de, sei lá, quando era criança de me fazerem as vontades e não sei quê, não sei, de apaparicar a criança, e talvez fosse mais a minha avó, a minha mãe era uma questão mais tipo, prática, tens que ir ali, tens que fazer isto, agora põe isto, veste isto. Mas pronto, mas ambas as relações muito, penso eu, normais.

Atualmente, acrescentando aqui mais uma questão, encontra diferenças na relação com a sua mãe na sua infância, adolescência e agora? Houve evolução, mudanças, ou mantem-se um bocadinho o mesmo registo, padrão.

Penso que sim, de que me lembro é mais ou menos a mesma coisa.

20. Como é que lhe parece a relação dos seus pais enquanto casal?

Enquanto casal, hum, não sei... obviamente não é uma relação normal, normal no sentido de ser o mais comum, mas penso que é talvez uma relação de, não é de recurso, mas é uma relação, até porque foi quase sempre assim não é, temos que ver que, quase que desde o casamento que a relação é assim, portanto eu penso que... penso que eles lidam bem com isso, atualmente, não sei como é que foi no início, não posso fazer um julgamento dessa altura, mas penso que atualmente eles lidam muito bem com a separação, o que, faz com que, por exemplo, se estiverem muito tempo juntos, a coisa começa a correr mal. Mas no entanto acho que a coisa corre muito bem quando eles estão separados. Obviamente, eles devem ter as suas estratégias, mas pronto, é isso, acho que é uma relação atualmente, que..., que dificilmente será uma relação talvez completamente satisfatória para os dois se tiverem juntos durante muito tempo, portanto é patente quando estão separados.

É normal, nunca houve a adaptação à relação de casal, não é, em conjunto, por isso é que essa primeira fase das dificuldades no casal se calhar nunca foram, não sei, houve aquele período de seis anos em que eles estiveram juntos.

Eu identifico o período mais tumultuoso se calhar na relação deles com esse período em que eles estiveram juntos.

21. E como é que era a relação dos seus pais com outros membros da família? Já me falou da relação de casal, falou da relação com a irmã que sente que é diferente da relação consigo, gostaria de acrescentar mais alguma coisa à relação da irmã, com a irmã?

Não.

E com a avó?

Não sei, a minha mãe tem uma relação com a minha avó muito próxima, obviamente. Hum... o meu pai, não sei... penso que o meu pai tem aquela relação, aquela relação típica... imagine, é como se eu, talvez como se eu, por exemplo, se eu tiver uma namorada de longa duração e conhecer a mãe dela, a forma como eu me comporto, como quase toda a gente se comporta nessas situações, penso que é ainda hoje a forma como o meu pai se comporta quando está junto da minha avó, com muito cuidado, não é para, enfim, para não ferir algumas suscetibilidades.

É uma comparação interessante, visto que eles já estão casados há alguns anos, se calhar nunca conseguiram estabelecer uma relação próxima.

Pois se calhar.

E com outros parentes, tios, não sei, ele mantém a relação, tem contacto?

Não contacto assim muito... não.

22. Uma pergunta à parte, em termos de comunicação, como dizia, há uns anos atrás era bem mais difícil comunicar, fazia uma chamada por semana, hoje em dia é bem mais fácil, temos internet, temos muitas formas de comunicar. Hoje é mais fácil fazer isso, mas estava a dizer que da sua parte não há iniciativa para o fazer. Porquê? Sente que não foi construída essa relação, porque não sente necessidade de fazer isso, de retomar uma relação, de reconquistar uma relação com o seu pai?

Não, não sinto interesse, nem acho que haja esse hábito, portanto. Mas, por exemplo, a minha irmã fala quase todos os dias com ele.

23. O que diria, pois já me respondeu um bocadinho a esta pergunta, da relação com o seu pai no momento atual? Lá está, um bocadinho sem este grande contato através dos meios de comunicação possíveis. Mas quando tem que tomar assim alguma decisão, consulta o seu pai, fala com o seu pai? Não, sempre teve muita autonomia quanto a isso, nunca sentiu muita necessidade de incluir o seu pai nessas decisões.

24. Ok, muito bem, gostaria de acrescentar mais alguma coisa que não tenha sido abordada e que considere importante para o estudo, para o trabalho.

Não sei... deixe cá ver... porque eu tinha vindo a pensar nestas coisas, já estava à espera que abordássemos este tipo de temas. Mas eu penso que foi bastante até abrangente. Não sei...

25. Gostaria de acrescentar só mais outra questão, não sei se, certamente terá uma noção, uma conceção, não sei, do conceito de família, pensando na sua experiência como é que concebe a sua família?

Pois, não sei, não sei se isso... hum... agora é aquela parte em que fazemos a ligação com aquilo que foi dito... não sei, o meu conceito de família, penso que, lá está, não sei se há alguma ligação entre isto e o meu conceito de família, mas, penso que também não é, não sinto muita necessidade de uma família tradicional, sedentária, como é normal na maior parte das famílias, não sei se é herança do pai, se é consequência da atitude do pai, acontece que também o meu pai esteve emigrado muito tempo, mas acho que nem sempre foi por obrigação financeira, portanto acho que muitas, grande parte foi por, não sei, por gosto, por, porque sempre, porque se dá melhor assim, não sei.

O quê que sente em relação a isso?

Lá está, era o que ia dizer, eu compreendo, porque eu próprio também não me sinto atualmente, não me vejo num papel de pai tradicional de casa que cresce com, não sei, acho que o meu pai gosta muito, lá está, o meu pai já esteve em vários países, a maior parte do tempo esteve na Alemanha, mas sempre gostou de andar por esses países da Europa central e penso que ele genuinamente gosta disso. Não sei, eu também gosto bastante de viajar, por acaso nunca viajei para um país em que ele estivesse, não sei se isso era propositado ou não, mas...

Já pensou nisso, porquê que nunca foi visitar por exemplo o seu pai num dos países onde ele estava?

Pois, por que nunca sincronizei a minha vida de ir para um país e o facto de ele estar nesse país. Mas, não sei, eu acho que nunca tive curiosidade em saber o quê que ele faz, que até dada altura eu perguntava, não é, como é que seria vida dele noutros países e não sei quê, atualmente eu prefiro não saber.

Questionavas-te só a ti, ou questionavas por exemplo a tua mãe ou diretamente o teu pai?

No questionava nenhum.

Depois deixaste de questionar?

Não, atualmente prefiro não questionar.

É uma opção, tem alguma razão especial?

Não sei, porque, uma pessoa que está tanto tempo fora da família, ou vive tanto tempo lá fora, obviamente cria as suas rotinas nesses países, e cria a sua rede social nesses países e não sei quê, não sei, nunca tive curiosidade nem particular interesse em conhecê-

las. Não sei o quê que acontecia se eu fosse ter com ele em alguma altura, não sei, portanto, prefiro não conhecer.

Nem questionando, nem saber mesmo estando cá. Certamente, ele fala muito com a sua irmã, ela deve saber um pouco mais.

Pois provavelmente, não sei. Agora quando à conceção de família acho que a minha vai buscar um pouco disso ao meu pai, não é, não gostava de ser emigrante totalmente, mas gostava, e sempre direcionei a minha formação académica e escolhi a minha área por ser uma área em que me dá bastante facilidade em passar longos períodos lá fora. E é algo que eu acho essencial, se quando, se tiver uma família, é a possibilidade de passar longos períodos lá fora.

Considera essa opção, mesmo tendo família.

Considero obrigatório.

Acha que o seu pai lhe passou essa imagem, acha que é consequência daquilo que o seu pai fez, ou é mesmo pela sua opção profissional, a experiência. O querer também passar longos períodos fora do país, emigrado, a trabalhar fora.

Eu não diria... que necessariamente... eu gosto bastante, já fiz Erasmus, já estive muito tempo fora de casa e gosto muito de cá estar. Hum, não gostaria de ser um emigrante por períodos tao longos como o meu pai, mas, por exemplo, é normal na minha área passar três meses numa universidade no estrangeiro, meio ano e etc. e isso agrada-me.

Mas revê-se por exemplo no papel do seu pai perante um filho, como é que imagina um filho seu a crescer na ausência do pai?

Acho que nunca será uma ausência tao forte, ou pelo menos farei com que não seja uma ausência tao sentida. Períodos mais curtos de ausência.

E a presença física, considera importante na família, na relação?

Eu acho que sim, na infância acho que sim, acho que se houver uma presença física é necessariamente diferente. Agora, não sei.

Nunca pensou no seu papel de pai nessa situação?

Já, já, e já pensei nestas questões obviamente, mas penso que tentarei ser um bocado diferente daquilo que o meu pai foi, portanto, comunicar mais, numa primeira fase. Se estiver no mesmo sítio que o filho, ótimo, porque se constroem os laços, se não estiver, se me vir forçado a não poder estar com ele, tentarei ser obviamente mais comunicativo, mais participativo.

26. Muito bem. Só uma última questão, como é que te sentiste durante a entrevista?

Não sei, sinceramente, mais ou menos, não é fácil...

É difícil estar a evocar memórias que, muitas vezes quase nem existem.

Sim, é um tópico que eu não abordo todos os dias, muito raramente e só em contextos muito íntimos.

Achas que pode ser, é difícil tocar nestes assuntos, para quem vive esta experiência?

Sim, acho que sim.

Eu tinha essa noção e tinha esse receio, claramente. Que seria uma experiência muito pessoal e que toca nos sentimentos, nas emoções, na experiência de vida das pessoas e que por essa razão nem todos querem, nem todos estão disponíveis para abordar.

Mas é, não é, sem dúvida, um tema fácil, não é uma entrevista fácil. Mas que aborda quase tudo o que é necessário. Esta parte mais projetiva, do como é que será quando a pessoa que está a ser entrevistada tiver a sua própria família acho que é muito importante.

Muito obrigada pela tua participação e pela tua opinião.

Entrevista AL2

Em primeiro lugar agradeço-te uma vez mais a ti e à tua família por aceitarem colaborar neste estudo. Ao longo da entrevista vou colocar-te algumas questões relativas à tua história familiar, incidindo maioritariamente sobre a relação com o teu pai. No primeiro momento e que seria talvez o período mais longo da entrevista, vamos focar a tua infância e adolescência, depois passamos para o momento atual. Se achares que queres fazer uma pausa neste, entre estes dois períodos, podemos fazer ou então podemos fazer tudo seguido, sem problema algum. Gostaria que estivesses completamente à vontade para responder a qualquer questão, sabes que não precisas de responder, sabes também que podes interromper a entrevista se assim o entenderes, por isso quando estiveres pronta podemos começar.

Em primeiro lugar ia-te perguntar como é que tu imaginavas o teu pai durante a tua infância?

Isso é complicado. Ora, portanto, o meu pai era, portanto era sempre aquela pessoa que eu estava sempre à espera que ele chegasse, era aquela pessoa que eu por exemplo ia a casa da minha avó paterna e estava sempre à espera de o ver lá, não sei porquê? Pronto, sempre gostei do meu pai apesar de ele estar ausente. É assim, ele esteve ausente mas também esteve presente ao mesmo tempo, porque apesar de estar muito longe ele sempre tentou vir cá pelo menos no natal e nas férias de verão, ligava quase todos os dias, portanto tivemos sempre algum contacto. Mas eu para mim pronto era aquela figura maravilha, era aquela pessoa que trazia muitos presentes, que trazia... pronto.

Lembras-te de algum episódio, momento significativo ocorrido na relação com o teu pai nesse período da tua infância? Assim algo que te tenha marcado de alguma forma.

Ah, houve uma altura, portanto, que devia ter mais ou menos 4 ou 5 anos, portanto o meu pai estava a ver uma notícia qualquer ou um jogo de futebol e que queria brincar com ele, só que ele naquele momento não queria. E então como eu era muito teimosa e queria mesmo brincar com ele comecei a atirar uma boneca contra a parede, comecei a chamar a atenção no fundo, pronto, só me lembro que o meu pai me deu um raspanete e me levantou a mão e eu fiquei cheia de medo e então memorizei isso, não sei porquê, porque é assim, é aquela que pessoa que sempre que eu fazia asneiras ele me protegia, sempre que eu não queria fazer alguma coisa ele dizia 'pronto deixa lá, não faz mal', e naquele momento ele chamar-me assim a atenção e dar-me um raspanete foi assim...

momentos bons, eram quase todos, portanto eu quando queria brincar com alguém ia sempre brincar com ele, mas quando era para sair, para ir a algum lado, às compras ou assim, normalmente a minha mãe também tinha que ir, portanto eu nunca queria ir sozinha com o meu pai, também tinha que ir a minha mãe, tínhamos que ir os três. Portanto isto antes de a minha irmã nascer, depois da minha irmã nascer, aí a atenção já ia mais para ele e eu aí sentia-me um bocadinho posta de parte, porque era a menina querida do meu pai, e de repente ter a atenção partilhada para ela, portanto ela é que estava sempre no colo dele, eu nunca estava, portanto isso também marcou um bocadinho.

Pois tu tinhas 6 anos quando ela nasceu.

Tinha 6 anos quando a minha irmã nasceu, portanto, fui sempre... e depois fui também a primeira neta dos meus avó maternos, e na altura os meus avó paternos, portanto, os meus primos já eram todos grandes, eu era a menina pequena dos dois lados e de repente ser trocada, trocada entre aspas, claro, foi assim um bocado...

Uma experiencia que...

Marcou.

Mexeu contigo, exatamente.

Nas vezes que visitaste o teu pai qual foi a tua experiência, como é que te sentiste nessa visita, porque foi só uma vez?

Por incrível que pareça eu senti-me bem. Senti-me à vontade, não senti muito a falta da minha mãe, portanto, à partida pensei 'oh se calhar vou ter muitas saudades', tive saudades como é obvio, mas eu estava bem com ele, sentia-me à vontade, um dos meus maiores receios era, portanto, fui eu e a minha irmã, portanto, fomos à Suíça as duas, a minha mãe teve que ficar com os meus avós, e eu pensei, 'bom, se calhar nós não vamos estar tao à vontade, nunca convivemos assim com ele sozinho', mas não estivemos super à vontade, estávamos bem, portanto não...

Foram lá no período de férias de verão?

Férias de verão, foi.

Como é que foi a experiencia de passar férias assim lá na Suíça?

Ai foi ótimo. Outro país, outra... foi fantástico. Depois o facto de o meu pai, pronto depois o estar com o meu pai, não é, ele tem lá casa, foi ótimo.

Quem organizava a vida da família? Na ausência do teu pai quem é que organizava...

Era a minha mãe, sem dúvida.

Como é que descreves essa organização da tua mãe?

Portanto, eu digo que a minha mãe é mãe e pai ao mesmo tempo. Ela é que, ela é que trata de tudo, por exemplo, eles construíram recentemente uma casa e a minha mãe, portanto, ela é que andava sempre, claro o meu pai também ia sabendo das coisas, a minha mãe informava-o sempre ou por telefone ou por o msn, mas a minha mãe é que tratava de tudo. Ela é que tinha que passar cheques, ir ao bando quando havia algum problema, tratar dos seguros, portanto era o homem da casa, por assim dizer.

Como é que o teu pai participava quando era necessário estabelecer as regras em família?

É a minha mãe que estabelece.

Podemos dizer que o teu pai raramente entrava?

Não, o meu pai também entra mas a última palavra é sempre da minha mãe.

Lembras-te de algum episódio em particular que tenha ocorrido de necessidade de estabelecer regras em que a tua mãe ou o teu pai, em que a tua mãe fez isso ou o teu pai participou nessa decisão?

Assim uma situação específica não me lembro. Pronto, assim pequenas, pequenos pormenores, como sei lá, por exemplo, quando o meu pai vem cá a Portugal, portanto, nós costumamos ir visitar alguma cidade, Viana ou Póvoa de Varzim, pronto, e normalmente ele diz-nos sempre onde é que eu e a minha irmã queremos ir, então dá prioridade a nós, e quando nós estamos em dúvida ele pergunta à minha mãe. Nesse aspeto, portanto, quando é para ir de férias e tudo o meu pai também diz ‘podíamos ir para ali ou para acolá’, mas a decisão final é sempre nossa.

Então, esta pergunta vem um bocadinho de encontro àquilo que estavas a dizer, como é que ele entra nas decisões da família, quando está fora como é que ele, vocês tem que tomar algum decisão importante, como é que ele...

Ligamos logo. Portanto, a minha mãe quando tinha decisões importantes, ou acerca da casa ou questões de saúde, portanto ela ligava logo para o meu pai e eles comunicavam logo um com o outro, pronto, por isso não havia assim...

Decidiam em conjunto, chegavam a um acordo.

Sim, sim, decidiam em conjunto, sim sim sim, sempre.

Com que frequência é que falavas com o teu pai?

Ai, quase todos os dias, e por exemplo, ele ligava, na altura era pelo telefone, não havia internet, não havia tantas facilidades, e era praticamente eu que atendia sempre, e estava ali a falar, a falar, a falar, portanto, ele gostava de me ouvir e perguntava como é que estava, como é que estava isto, como é que estava aquilo, e eu respondia. Pronto,

depois ele também falava para a minha mãe, mas digamos que o tempo de antena era para mim.

Ok. Como é que descreverias a comunicação e a relação dos membros da família com o teu pai? Como é que tu vez a relação da tua família com o teu pai? Nessa altura, na infância.

Relacionavam-se todos bem. Portanto, os meus avós sempre gostaram muito do meu pai, o meu pai também sempre gostou muito deles, sempre se ajudaram mutuamente, é como eu costumo, como vejo agora, acho que...

Como consideras as mudanças que possam ter ocorrido na comunicação com o teu pai, achas que houve mudanças na comunicação da tua infância para a adolescência ou para agora para a atualidade?

Se calhar agora na adolescência, adolescência e vida adulta, se calhar agora comecei também a confiar um pouco mais no meu pai. Portanto, até agora era só a minha mãe, mas agora também comecei a falar mais com o meu pai. Portanto, às vezes partilhamos opiniões, peço mais a opinião dele, não sei bem porquê, mas...

Que tradições foram mantidas na família? Esta questão, não sei se estás a entender o que eu quero dizer com isto, mas por exemplo, o facto de o teu pai já estar emigrado quando tu nasceste, mas os teus pais estiveram casados durante alguns anos ainda sem tu nasceste, não sei se eles tinham algumas tradições que eram habituais no casal, deles, e que depois de ele ter emigrado que deixaram de existir. Ou mesmo tradições que se mantiveram ou que existiam no início e que depois foram deixadas de lado. Tradições, posso falar em festas de natal, a páscoa, os aniversários.

Portanto, entes de eu nascer, os meus pais era, passavam o natal e o ano novo era passado em cada casa dos meus avós, portanto, antes de eu nascer era um ano na casa dos meus avós maternos e outro o natal era na casa dos meus avós paternos. A partir do momento em que eu nasci o natal foi sempre passado na casa dos meus avós maternos. E o ano novo na casa dos meus avós paternos. Quando os meus avós paternos faleceram nós, portanto, o meu pai mesmo decidiu que, e a minha mãe claro, passarmos tanto o natal como o ano novo nos meus avós maternos. Foi assim a única alteração que eu me lembre.

Por exemplo, e os aniversários continuam a festejar?

Sim, sim, os aniversários de casados, apesar de estarem sempre separados. Mas continuam a festejar e ligam e de vez em quando também ligam, trocam mensagens.

Não referiste aí a páscoa, ele não vem ca na altura da pascoa?

É assim, o meu pai, portanto, na minha infância só me lembro de ele vir cá no natal e nas férias de verão. Portanto, era muito raro vir na páscoa. Depois à medida que os anos foram avançando e depois entretanto também nasceu a minha irmã, portanto, ele começou a vir mais vezes, por exemplo ele agora com os voos low cost ele tem vindo praticamente de dois em dois meses. Portanto, que seja às vezes quatro dias ou, pronto, por exemplo, ele vem para a semana, vem cá passar uns dias, pronto vai dando para matar as saudades. É uma das diferenças.

Exatamente. Se voltares agora com o pensamento um bocadinho à tua adolescência, como é que describes os teus sentimentos em relação ao teu pai?

... é assim, os meus sentimentos manteve-se iguais. Portanto, desde a infância até a adolescência, pronto, da adolescência talvez, por ser assim uma altura complicada digamos, eu às vezes entrava em muitas desavenças com a minha mãe, portanto, se ela dizia uma coisa eu queria contrariá-la, e às vezes chegava-me mais para o meu pai, dizia ‘oh pai a mãe, por exemplo, quer ir a tal sítio, mas eu não quero, vamos antes a outro’. Portanto, tentava convencer, dar-lhe a volta por assim dizer. Era mais isso, portanto, comecei a dar mais atenção ao meu pai, e na adolescência foi ainda mais, não sei bem porquê.

Não houve assim nada, aquela imagem que tu tinhas do teu pai na tua infância...

Manteve-se igual, sim. Não, não houve alterações.

Que imagem é que a tua mãe transmitia do teu pai?

Uma imagem fantástica, portanto, ela sempre transmitiu uma imagem de um bom marido que sempre, aliás, a minha mãe diz que o meu pai é fantástico. Muitas vezes, por exemplo, falando agora da questão dos meus avós, nós estamos a viver na casa dos meus avós mas é uma casa antiga, por exemplo, as divisões são pequenas, a casa não tem aquecimento, enquanto que, por exemplo, a nossa casa foi construída à pouco tempo, tem aquecimento, tem quartos largos, portanto, dava para andar uma cadeira de rodas. O meu pai, ele, portanto, ele já disse que por ele nós íamos viver para a nossa casa e os meus avós vinham connosco, isso ele sempre disse, pronto, porque os meus avós também me criaram, tanto a mim como à minha irmã, e ele disse que nunca os ia abandonar, pronto, mas o pai é assim, ele respeita que queiramos ficar na casa dos meus avós, porque os meus avós querem morrer lá. Mas claro, ele está ali um bocadinho contra a vontade, mas é como diz a minha mãe, se fosse outro, outra pessoa, ele dizia ‘não, ou tu vens viver

comigo e vens para a nossa casa ou então...'. Pronto, e o meu pai não faz isso, o meu pai está a fazer o sacrifício de ficar sozinho em prol de nós ficarmos com os nossos avós.

Por isso a imagem dele é...

Enorme.

Muito bem. Nós já percorremos então um bocadinho da tua história familiar na infância e adolescência, e agora passamos um bocadinho para a atualidade, pode ser?

Como é que tu vês a relação com a família de origem do teu pai. A tua relação com a família de origem, os avós paternos, a família paterna.

Sempre foi uma relação diferente com eles, portanto, eu sempre fui mais ligada à família da minha avó materna, porque sempre vivi com eles, pronto, é diferente, mesmo com o meu tio materno, portanto, a minha mãe só tem um irmão, tenho uma relação muito mais à vontade com ele. Com a minha família paterna, portanto, na infância tinha uma relação de enorme proximidade, portanto, também me sentia bem com eles. Na adolescência, não sei bem porquê, comecei-me a afastar. Pronto, não sei porquê. Ultimamente tenho-me aproximado mais um bocadinho e sinto-me mais integrada na família, portanto, houve uma altura que eu praticamente sentia que era invisível para eles, não sei bem porquê, se calhar era da minha cabeça, mas pronto, não me sentia integrada, mas sim sempre me senti mais à vontade com a minha família materna.

Achas que isso se deveu à ausência do teu pai ou não, o facto de o teu pai não estar presente diariamente para estar também em contacto com a tua família paterna?

Se calhar, se calhar, pode ter influenciado.

Vocês visitavam-se?

Sim, visitávamo-nos uma vez, todos os domingos íamos sempre visitar a minha família paterna, os meus tios, meus avós, portanto vivem todos juntos, na mesma freguesia, portanto, íamos visita-los aos domingos, mas claro com a minha família materna estava toda a semana, portanto, é diferente. Sim, se calhar o facto de o meu pai ter estado ausente pode ter influenciado, pode ter influenciado essa distinção, digamos.

E no passado, já me falaste um bocadinho na infância, era relativamente próxima, disseste que houve um afastamento, agora estás a tentar novamente.

Muito bem, o que consideras que te foi transmitido pela família de origem do teu pai, pelo lado paterno. O que tu achas que eles te transmitiram na tua vida?

Alegria. Portanto aquela, alegria, sentir que, a união também, portanto apesar de existirem algumas discórdias entre alguns dos irmãos, portanto, o meu pai tem alguns irmãos, tios meus, não é, com quem se dá melhor, mas no fundo eles dão-se todos igual e quando um está em baixo os outros tentam sempre ajudar, portanto é sobretudo a união, dar-se bem com todos apesar de às vezes não se concordar com algumas coisas, mas mesmo depois da morte da minha avó, nas partilhas das heranças e tudo, portanto sempre foram unidos, sempre, nunca quiseram criar muitas desavenças, portanto, é a alegria e a união na família.

Como caracterizas a tua relação com a tua mãe?

É assim, eu às vezes, ela é minha mãe, não é, mas eu já disse que eu vejo-a mais como uma irmã mais velha, pronto. Portanto, nós, eu sempre vi a minha família um bocado assim, portanto, o meu avô sempre era o meu pai, (emocionada) por exemplo as prendas do dia do pai (pausa para se recompor), portanto, as prendas do dia do pai eram para o meu avô, porque o meu pai não estava cá e então eu entregava-lhe a ele, a minha avó era como uma mãe, que era aquela que impunha respeito que, portanto dizia não faças isto, não faças aquilo, e a minha mãe sempre foi, sempre foi como uma irmã, pronto. Nós temos uma relação, partilhamos tudo uma com a outra, sinto-me à vontade para falar com ela com tudo e mais alguma coisa, ela também fala comigo, por isso é como uma melhor amiga, uma irmã.

Muito bem. Como é que te parece a relação dos teus pais enquanto casal?

Eu acho que eles os dois não conseguiam, portanto, eles já estão separados há tanto tempo que eu acho que eles não sabem viver como casal, eles sabem viver como namorados, é como eu vejo. Porque, o problema é que é assim, estão os dois habituados a viverem sozinhos, tanto um como outro, e quando estão juntos, portanto, eles separados conseguem tomar decisões, conseguem, chegam facilmente a acordo, mas quando estão frente-a-frente tem alguma dificuldade. Pronto, o meu pai muitas vezes já disse que se estivesse aqui a viver em Portugal mudava algumas coisas, pronto, mas como diz ele ‘estou aqui pouco tempo, também não me quero chatear nem quero criar confusões’. Por isso, se eles funcionariam como casal, eu não tenho bem a certeza, porque é complicado, porque a minha mãe está habituada a ter que tomar ela as decisões e pronto, para a minha mãe não, ir contra os ideais dela é um bocado complicado pronto. Mas de uma maneira geral sim, eles conseguem tomar decisões mas se relacionam-se como casal, não, acho que é mais como namorados, apesar de estarem casados há quase 25 anos.

Como é que tu descreves uma relação de namorados? É o estar cada um na sua casa...

Encontrarem-se só nas férias.

Encontrar-se de vez em quando, namorar, estar juntos.

Exato, apesar de terem...

Não sei, aquela sensação de que o namoro é sempre muito romântico, muito apaixonado, ninguém se irrita.

Sim, sim.

Quando se parte para um casamento a vida a dois implica compromisso, mais, sei lá, que haja cedências de parte a parte.

Sim, sim, é isso. Por isso é que eu acho que eles, se disserem, ok estão casados, mas não vivem vida de casados.

Exato. Como é que é a relação do teu pai com outros membros da família neste momento?

É ótima.

Quantos irmãos ele tem?

Tem oito. Não, tem sete.

A família maior um bocadinho da parte do pai.

Já é maior, exato. É assim ele, portanto, com os outros irmãos ele dá-se muito bem, aliás, quase, portanto, quatro dos irmãos dele estão emigrados, há um que também está lá com o meu pai, é o que ele tem mais, uma maior proximidade, também está emigrado, e a minha família é assim, os homens praticamente, emigraram sempre, já o meu avô também tinha sido emigrante em França, portanto, só dois irmãos, só dois tios é que têm as famílias com eles nos estrangeiro, o resto, ou trabalham aqui então está o marido lá e a família cá.

O que dirias da tua relação com o teu pai neste momento? O quê que tu podes dizer da vossa relação?

Acho que agora estamos mais próximos. Pronto, eu quando falo proximidade não é só por causa daquela questão dos presentes, essa fase já passou, claro que é assim, quando às vezes digo à minha mãe que preciso de uma coisa mais cara um pouco ela diz 'oh espera pelo teu pai', já sei, é sempre aquela coisa de o pai é que dá os melhores presentes. Mas, não, mas isso já passou. Mas nós tomamos muitas decisões juntos, por exemplo, o facto de, quando vamos passar férias, praticamente sou eu e o meu pai que decidimos isso, que tentamos marcar tudo, portanto nesse aspeto a minha mãe não toma

decisões, portanto estamos muito mais próximos. Eu sinto, portanto, sinto muito à vontade de sair com ele, de estar com ele, falamos muito, trocamos opiniões.

É uma relação muito positiva.

Sim, muito positiva, sim, sim.

De facto, também cresceste, estás se calhar mais madura, já vês as coisas de outra forma.

Sim, acho que isso também já...

O jovem adulto chega a um ponto em que tende a procurar mais o pai talvez, não sei, mesmo estando emigrado.

Exato. Eu sempre fui, portanto, como é que eu hei-de dizer, sempre fui uma criança, uma adolescente, muito adulta, talvez por influência da minha mãe, talvez como a minha mãe era, portanto, a chefe, portanto, ela é que tinha que tomar decisões e ela às vezes tomava, portanto, pedia-me opinião, ou seja, era como se fosse o braço direito dela. Depois também tinha a irmã mais nova, também já inculcia mais responsabilidade. Pronto, se calhar por isso é que eu digo que sempre fui um pouco mais adulta, portanto, sempre vi as coisas para além daquilo que os outros viam. Por exemplo, alguns viam os pais estarem emigrados como algo negativo, algo, eu via aquilo como, pronto, como um sacrifício, pensar, ok o meu pai está lá mas é para nós termos uma vida melhor, é para, pronto sempre tentei ver para além daquilo que.

Agora. Começando já a entrar assim na conclusão da entrevista, eu queria te perguntar, considerando a tua experiência pessoal, a tua experiência dessa relação familiar, como é que tu defines família? Qual é o teu conceito de família?

É assim, o meu conceito de família é sempre um pai, uma mãe e os filhos, pronto, é isso. Depois, quer dizer, a relação que existe entre eles é que varia, por exemplo, há, pode haver relações em que os pais podem ser conflituosos e isso se transmite para os filhos, pode haver relações em que não há sequer relações, portanto, os pais é como se não se importassem com os filhos e vice-versa. Portanto, eu acho que no fundo, o que marca o que é uma família é as ligações que existem, portanto, o partilhar segredos, o partilhar opiniões, isso para mim é uma família. Agora se, pronto, a presença deles, agora se estão aqui ou se estão fora, claro que o ideal seria que o meu pai estivesse aqui, não é, isso seria mesmo, seria mesmo o ideal, mas pronto, é assim também tenho que pensar que se o meu pai não estivesse emigrado nunca na vida poderia ter a vida que tenho. Nunca poderia sair, nunca poderia ter carta de condução, os meus pais não me poderiam dar um carro, não podiam.

Gostarias de acrescentar algo que não tenha sido abordado e que consideres importante?

Não, acho que falei de tudo.

Como é que te sentiste durante a entrevista?

Senti-me bem, senti-me à vontade, pronto, só naquela parte do meu avô e isso emocionei-me um bocado, mas isso é sempre, pronto. Mas senti-me muito à vontade.

Então assim encerramos a entrevista, não tenho mais questões para te colocar, agradeço-te uma vez mais e depois claro à tua família também agradecerei de uma forma muito particular.

Entrevista M3

Em primeiro lugar gostaria de te agradecer por aceitares colaborar neste estudo, nesta investigação, e depois à tua família, nomeadamente à tua mãe e à tua irmã, provavelmente. Ao longo da entrevista vou colocar-te algumas questões relativas à tua história familiar, incidindo maioritariamente sobre a relação com o teu pai. Num primeiro momento, talvez o período mais longo da entrevista, vamos focar a tua infância e adolescência, e depois passamos para um foco mais, na atualidade. Gostaria que te sentisses completamente à vontade para responder às questões, se não quiseres responder podes não responder, se quiseres interromper a entrevista também o podes fazer. Por isso quando te sentires preparada podemos começar.

Então ia começar por te perguntar como é que tu imaginavas o teu pai durante a tua infância? Já me disseste que viveste com ele, não, viveste com os teus avós até aos teus 10 anos, certo? Ok, como é que tu imaginavas o teu pai neste período da tua vida?

Não sei. Talvez como depois o vi quando eu fui morar com eles para a Suíça eu vi o pai com as minhas irmãs, que elas eram pequenas. Até porque quando eu fui para lá nasceu a Adriana, a mais nova, então, claro que é diferente estarmos com um pai presente e com um pai ausente, não é, claro que sim. Mas no entanto eu adoro os meus avós, e na altura quando o meu pai e a minha mãe decidiram que eu realmente também deveria estar com eles, até porque na altura eles foram para lá, claro, sempre para nos dar, neste caso era a mim que era a única filha que tinha, para dar uma vida melhor e fui ficando com os meus avós. O que é certo é que eu habituei-me aos meus avós, os meus avós eram como se fossem meus pais, ainda hoje em dia a minha relação com eles é como se fosse de pai e mãe. E custou-me muito na altura ir para lá, não aceitei muito, até porque uma das coisas que eu dizia muitas das vezes em frente a familiares e amigos meus era que os meus pais eram os meus avós e que não gostava dos meus pais mesmo. Não é verdade, é claro que nós gostamos, não é? Mas pronto, é diferente. Mas depois de lá estar, claro que é diferente vermos como eles tratavam as minhas irmãs, não é, aquilo que eu não tinha tanto, apesar que só tinha isso nas férias.

Quer dizer que tu sempre tiveste uma referência, uma figura masculina de referência, neste caso o teu avô, não é?

Sim.

E nesse período pensavas no teu pai que estava na Suíça, pensavas como ele seria, se idealizavas, como é que tu vias o teu pai?

Claro. É assim, quando nós somos crianças pequeninas, nós não idealizamos isso, porque é assim, crescemos naquele meio, não é, lá está, com os meus avós, e depois eu tenho dois tios, filhos, irmãos da minha mãe que, não são da minha idade, mas um tem 32 anos, ou seja, a diferença entre nós não é muita, então eu cresci até sempre em união, em família, não sentia aquela diferença de ter os pais fora e eu estar sozinha, não estava porque no fundo eles eram como se fossem meus irmãos. Lá está e a relação ainda hoje em dia é mais como irmãos do que propriamente tio e sobrinha. E pensar no pai, eu não digo que não pensasse, mas nós falávamos várias vezes, não é, havia o telefone, claro que pensamos sempre como é que será que eles estão, não é, mas acabas por te adequar e adaptar à realidade que estás a viver naquele momento.

Lembras-te de algum episódio significativo que tenha ocorrido na tua relação com o teu pai nesse período da tua infância?

Eu sempre tive uma boa relação com o meu pai, por incrível que pareça, por mais longe que ele estivesse. Ele sempre foi no fundo, vou dizer, o ídolo se calhar, não é. Nós às vezes temos mais tendência para a mãe, tenho uma boa relação com a minha mãe, mas o meu pai sempre foi aquela pessoa muito lutadora, pronto, mas acho que de certa forma, mesmo não estando com ele sempre dei valor a tudo o que ele fazia. Porque também ele me compensava com outras coisas, não é, lá está, nem vou dizer a nível material, não é só nesse sentido, mas, por exemplo, ainda hoje em dia se eu estou com o meu pai, eu sento no colo do meu pai, eu, nós trocamos beijos, há esse carinho. Lá está, se tivesse um pai presente não teria tanto essa relação, as vezes, não sei, acho que, de certa forma o facto de estar longe não fez com que eu fosse uma menina menos feliz. Antes pelo contrário, considero que até fui bem feliz e voltava a querer a mesma infância.

Disseste-me que visitaste os teus pais, durante este período visitavas os teus pais todos os anos?

Sim, por exemplo, eles vinham cá no natal e nas férias de verão eu ia sempre lá.

E lembras-te como eram esses momentos de reencontro?

Ah, era simplesmente fantástico.

Lembras-te de alguma coisa que te tivesse marcado, algum momento significativo nesses momentos?

Ah sei lá, lembro-me por exemplo de ir para lá e depois tinha lá a minha caminha, quando eu era pequena recordo-me perfeitamente de ter aquelas camas de bebés, tipo os

berços, e então recorro-me que tinha que dormir, por exemplo, as vezes eles estavam a ver filmes e eu acordava, começava a ver aqueles filmes, e depois chegava cá a Portugal, contava os filmes à minha avó, quer dizer, eles não se chateavam comigo por causa disso, porque estavam pouco tempo comigo. Claro que de certa forma, sempre foi ótimo estar lá, sempre estar com eles, mas sempre com aquela coisa de voltar. Porque sempre que eu ia de férias fazia um pé de vento.

A questão que eu te ia colocar agora aqui era realmente essa, qual era a tua experiencia quando visitavas o teu pai? Neste período os teus pais, pois estava lá os dois, e depois, não sei se posteriormente, mais tarde, era só o teu pai lá. Como é que foi a tua experiencia nessas visitas? Estavas a referir essa situação do “pé de vento”.

Sim, no inicio não queria porque eu gostava de cá, os meus avós sempre me trataram bem, sempre me fizeram tudo, tratavam-me melhor que se calhar aos próprios filhos, se bem que eles sempre trataram bem a todos, mas não sei, ainda hoje me ida sou a neta querida, sou aquela que recebe os melhores presentes, há um bocado isso, prontos, e eu sinto isso, sinto-me acarinhada, ainda hoje em dia. Quando era para ir, não, por mais que era para ir de férias eu não, não gostava muito porque eu sentia, porque eles diziam muitas vezes que tinham que me levar para lá, então o meu medo era eu ficar lá. Sim., prontos foi assim, e mesmo para a minha avó claro quando, ficava sempre a chorar e não sei quê, porque eu era a menina deles. E depois estava lá, claro que mudava, porque eu via os amigos deles, outras crianças como eu que também ia visitar os pais na mesma altura. Não sei, custava no inicio, mas depois de lá estar também gostava, porque é diferente estarmos com os nossos pais e depois pronto mais tarde, isso já com os oito anos foi quando nasceu a minha irmã Liliana quando ia lá de férias já sentia, claro que eles tinham uma relação muito mais próxima com ela, não é, apesar de que não iam gostar nem mais nem menos de mim, não é? Depois mais tarde quando viemos todas para cá, visitar o meu pai, fui lá algumas vezes sim, não tantas, depois já não ia todos os anos, também depois por causa da escola e tudo e depois a minha mudança para Braga isso também fez com que não tivesse tanto esse tempo, não é? Mas era a mesma coisa, sempre que estamos perto dele é ótimo.

Claro. Ora bem, ia-te perguntar quem organizava a vida da família? Aqui podes pensar em dois períodos. Esse período até aos teus 10 anos em que estavas com os teus avós; e depois no período em que estavas com a tua mãe e as tuas irmãs aqui. Quem é que organizava realmente a vida em família no dia-a-dia?

Então, quando era pequena era a minha avó, sempre foi, sempre, aaaahhh, porque é assim, ainda hoje em dia moram com a minha avó, estão na casa da minha avó, temos casa e tudo mas não moramos lá, nunca moramos lá por acaso, viemos de lá e ficamos na casa da mãe da minha mãe e hoje em dia ainda estão lá. E no fundo ali continua se calhar a ser um bocadinho a minha avó hoje em dia. Claro que a minha mãe dá uns certos palpites, não digo que não, mas a matriarca da casa é a minha avó.

É a avó, ok. Então como é que o teu pai participava no momento, ou participa até, participava, pensemos no passado, no momento de estabelecer as regras em família?

Ah, os meus pais, eu vou falar nos dois, porque é assim, nós claro que temos regras e, só que não eram aqueles pais, eu tive muita sorte, agora nem tanto porque sou independente, já não é a mesma coisa, mas vejo pelas minhas irmãs ainda hoje em dia. Mas nós nunca tivemos aquela coisa, a proibição de sair, nunca, desde nova que se eu quisesse sair saía, se eu quisesse namorar namorava, só que fazia o oposto, não namorava, não me apetecia sair, o meu vício era televisão, se calhar porque eu via, eu sou da aldeia e então aquela tendência é os pais serem muito rígidos, muita disciplina, e não sei quê, não. Mas mesmo os meus avós, por incrível que pareça também não são assim, e são pessoas muito mais velhas, não é? Cresceram num outro mundo, em que havia aquela disciplina e não sei quê, mas mesmo eles connosco nunca, sempre houve liberdade e acho que isso é uma das vantagens que no fundo eu tive, não é? Não haver aquela coisa de ‘ai não posso fazer isso não sei quê’, claro que há coisa que não podemos fazer não é, e que chamava-nos a atenção, ouvíamos um ralhete e não sei quê, mas saber que nós não estávamos limitados a nada e que ‘olha eu vou fazer isto, ok tudo bem’, só havia uma coisa, eu fosse para onde fosse dizia para onde ia, eu acho que a confiança aí era ótima, sempre foi, mas mesmo hoje em dia ainda é assim.

Mas lembras-te de algum episódio em particular em que o teu pai tenha participado de alguma forma nessas regras, no ter que estabelecer essas regras?

Sim. No meu 9º ano, isso já foi mais tarde, eu sempre quis seguir jornalismo, diretamente jornalismo, não é comunicação social, está dentro da comunicação social mas era jornalismo. Então eu tinha uns tios do Porto e havia lá escola de jornalismo mesmo, no secundário, já podias praticar e não sei quê, e eu sabia disso. Então um dia fui de férias, aí vou explicar a parte em que a mãe é que está cá e o pai é que está lá, e o pai às vezes é mais bondoso entre aspas, no sentido de. Então eu queria muito ir estudar para o Porto, convenci na escola aquela psicóloga que nos acompanha no 9º ano que a escola só haveria

no Porto, aqui em Braga também havia, mas pronto ela até convenceu a minha mãe que só havia mesmo no Porto. Claro a minha mãe não fazia ideia se havia em Braga ou não, e então estava tudo, inscrevi-me na outra escola, e fui de férias à Suíça, eu e a minha mãe. E nesse ano a minha mãe virou-lhe a cabeça no fundo, disse aquelas coisas da droga e não sei quê, fora de casa, e, o meu pai, quando eu lhe dei a notícia cá quando lhe liguei ele disse ‘pronto, se uma pessoa tiver que gastar é agora e não sei quê’, então eu toda contente, começava logo, não era o ir para o Porto, era mesmo o ir para aquilo do jornalismo. O quê que aconteceu, nessas férias tudo mudou porque o meu pai acabou por, entre aspas, a minha mãe disse que não queria e ele não tinha, não queria, prontos, desobedecer, entre aspas, a uma ordem dela, não é. E cedeu e disse que então não ia. E como, isso é coisa que eu não lhes perdoo, porque, não sou vingativa, mas há coisas que marcam, e depois mais tarde, claro a minha mãe até se arrependeu, não é? Mas eu entendo também a minha mãe, era aquele medo, eu era muito nova, e o quê que eu fiz, desisti no 9º ano, disse que não estudava mais. Pronto, e depois o meu pai sempre quis que eu estudasse, não é, tipo, eu era boa aluna e não sei quê, e viu, ficou triste por ver, então, ele desiludiu-me a mim mas eu também o desiludí, no sentido de ter desistido da escola, ele não queria, não é, mas pronto, depois desisti, mas depois voltei, voltei no ano a seguir, pedi-lhe para voltar a estudar e ele deixou.

Ok. A questão aqui vai um bocadinho de encontro à vem atrás, que tem a ver com as decisões da família. Como é que o teu pai participava das decisões? Contaste-me aqui este episódio, uma decisão que era importante ser tomada em relação ao teu futuro escolar em que a tua mãe acabou por decidir achando que era o melhor para ti, convenceu também o teu pai, não é?

Mas não foi só ela, porque depois também as outras pessoas é assim, percebes, a opinião alheia também fez muito isso, os tios e não sei quê, ‘ah realmente...’, então ele foi pensando nisso, sabes, ele pouco tempo passava comigo e realmente depois pensa, sozinha numa cidade, eu ia para os outros meus tios, mas pronto, mas para eles era a mesma coisa que estar sozinha. E se calhar foi um bocado por aí.

Mas lembras-te de alguma outra decisão que vocês tenham que ter tomado em relação às tuas irmãs ou uma questão de família em que o teu pai realmente tenha, tivesses interferido, e participado na decisão?

Não, quando temos alguma coisa, queríamos alguma coisa, pedíamos à mãe é aquela coisa, ‘olha diz ao pai’, prontos ele decidiu. Depois a mãe, diz qualquer coisa ao

pai, do género, não tinhas nada que dizer que sim e não sei quê, mas ele diz-nos quase sempre que sim, sempre nos disse que sim.

Ele aceita a decisão da mãe, normalmente?

Sim, sim, mas às vezes também há situações, eu não digo que não, sei lá, olha pode estar mais mal disposto não sei e acaba por ser contra a resposta que a mãe nos dê, não é, seja ela positiva ou negativa, não é? Mas no geral, por acaso não, nisso nas decisões, sempre estive entre os dois.

Exatamente, eram partilhadas, procuravam falar?

Sim, sim.

Muito bem. Com que frequência falavas com o teu pai? Referiste há pouquinho que havia telefone, que vocês falavam, com que frequência mais ou menos?

Quando era nova falava muitas vezes, chegava... quando era mais pequenita falava três ou quatro vezes por semana ou quase todos os dias, eu agora já não me lembro, mas sei que eles ligavam muito, no início principalmente então que lhes custava muito mais. Mas ligavam muitas vezes. Mas muitas vezes até podia não falar eu, falava a minha avó ou assim, eu podia não estar, mas ligavam sim. Depois, depois, depois quando viemos para cá, falávamos pelo menos, pelo menos ao domingo, falávamos sempre. Havia outro dia em que até ligava com a minha mãe, mas se nós não estávamos por perto acabávamos por não falar com ele. Mas ao domingo era sagrado, todos tínhamos que ir ao telefone, sim.

Ok. Como é que descreverias a comunicação e a relação dos membros da família com o teu pai? Como é que era a comunicação e a relação entre todos os membros da família com o teu pai?

Sempre foi boa. Pelo menos, agora hoje em dia é que está tudo uma confusão, mas sempre foi boa, sempre, claro que, por exemplo, quando ele vem cá e fica de férias cá, fica na casa dos sogros, as coisas são diferentes. Há sempre aquelas, lá estão aquelas coisas como eu há pouco estava a dizer, a minha avó é que é a matriarca da casa, não é, mas há aquelas coisas em que uma pessoa, neste caso ele tem que ouvir, calar e não sei quê, sim, isso também acontece, não é. Seria diferente se estivéssemos na nossa própria casa.

Como consideras as mudanças que possam ter ocorrido na comunicação com o teu pai? Podes pensar aqui em diferentes períodos da tua vida e se houve alterações na comunicação, no contacto na relação com ele.

Não. Não, sempre foi, sempre, desde que eu me lembre sempre foi a mesma coisa, sempre chegávamos e dizíamos aquilo que tinha acontecido, contávamos as novidades e ele exatamente o mesmo, sempre foi igual. Por acaso nunca, mesmo, tanto por telefone como quando estávamos com ele sempre tivemos uma boa comunicação.

Que tradições foram mantidas na família? Por exemplo, não sei, na ausência dos teus pais e na ausência só do pai quando vocês vieram para cá, houve alguma tradição que se tivesse alterado, ou mantiveram-se todas?

Eu acho que o respeito, acho que foi das coisas que sempre me ensinaram desde pequena, eu acho que a tradição é mesmo o respeitar. E porquê, porque independentemente de às vezes não crescermos lá está com os nossos pais e não sei quê, a educação é fundamental, e eu sempre tive uma ótima educação, mesmo com os meus avós, depois com eles lá, e mesmo cá com a minha mãe, isso nunca; o facto de a minha mãe estar cá, por exemplo, e ele lá, nós qualquer coisa que nós quiséssemos fazer, ir acampar por exemplo, pedia à mãe como é óbvio, mas também pedia ao meu pai, mesmo ele estando lá. Nunca fazíamos aquilo de ‘ai vamos fazer às escondidas’, não. Acabava, apesar que ele, lá está diz sempre que sim, mas deveria saber também, não é? Porque era como a minha mãe dizia, se acontecer alguma coisa as culpas vão para cima dela, e então havia sempre isso.

Por exemplo, pensando assim ao longo do ano, algumas festividades que existiam, vocês festejavam, o vosso pai participava também, por exemplo, o Natal, aniversários.

O Natal sim, às vezes na Páscoa sim, mas aniversários isso não. Isso não, só por telefone mesmo, exato, nem quando ia lá porque nenhum deles faz na época de verão, por isso aniversários era a única coisa que só se festejava quando estava lá e quando estávamos a viver lá todos e sim festejávamos os aniversários, fora isso não. Mas cá festeja-se na mesma na ausência do pai, sim.

Agora se pensares um bocadinho na tua adolescência como é que descreves os teus sentimentos em relação ao teu pai? Na tua adolescência, foi a partir dos teus 14 que tu já estavas cá com a tua mãe e com as tuas irmãs. Neste período, a partir dos 14, provavelmente, 13, 14 até à tua idade jovem adulta, como é que era a tua relação com o teu pai?

Era ótima, sempre foi. Sempre lhe contei tudo, digamos, ele era o meu amigo em vez de meu pai, às vezes, porque o meu pai sempre foi muito aberto a tudo, àquelas conversas que às vezes normalmente são as mães que têm connosco, era o meu pai que

tinha essas conversas comigo. Mas desde os meus 10 anos, quer dizer, eu, eu, entre aspas, eu cresci, eu nem que não quis, cresci rápido, porque haviam essas conversas de tudo, sexo, tudo, desde muito nova, sempre me abriram muito os olhos nesse sentido, e ele, depois na adolescência, claro, falávamos dos namorados, sempre tive boa relação com ele nesse sentido, ele sempre sabia o que eu fazia, ele também me contava, também às vezes não se portava lá muito bem e não sei quê, e sempre tivemos uma relação muito próxima, apesar de estarmos distantes. E então principalmente quando ele chega cá, então ficávamos sentados horas à lareira, por exemplo, era uma das coisas que nós adorávamos, lá em casa, toda a gente já na cama, a minha mãe tinha um bocadinho os ciúmes aí, aí sentia essa ciumeira e ele também sabia porque eu aproveitava, claro ele estava cá era para contar tudo, era ótimo, sempre foi. Nunca, é obvio que nós na adolescência, prontos, aquele passo que queremos fazer tudo e mais alguma coisa, mas lá está, eu não queria fazer tudo e mais alguma coisa porque eu fui fazendo sempre, no fundo, percebes. Como sempre fui livre no fundo nunca houve aquela coisa restrita e assim limitado, nunca senti aquela necessidade de ‘olha vou para a discoteca e não sei quê’, não. Eu fui indo, fui indo com os meus tios, porque lá está eu tinha os meus tios que no fundo eram praticamente da minha idade, mais velhos bocadinho e eu saia com eles, saia com o pessoal da terra que, eu sempre me dei com aquelas pessoas um bocadito mais velhas, que no fundo eles protegiam-me. Se calhar por aí é que eu também fui mais fácil sair mais cedo e assim.

Muito bem. Que imagem é que a tua mãe transmitia do teu pai? Quando ela estava cá e o teu pai lá? Procurava falar do pai, transmitir alguma imagem dele?

Sim, claro. Principalmente aquela coisa de que se ele está lá é para nosso bem, não é. Tipo, porque ninguém quer estar sozinho e sempre longe, não é? E por mais que uma pessoa esteja bem cá não é, ele é o que sofre mais porque é o que está sem nenhuma de nós lá, não é, supostamente. Ele é aquele que passa o ano sem nenhuma de nós, não é. É diferente, e no fundo quem sofre mais aqui é ele, porque sente-se mais sozinho sem duvida, porque a imagem que eu tenho do meu pai hoje em dia é que ele é uma pessoa só, nesse sentido lá, não é? Porque apesar de ter lá irmãos também e muitos conhecidos e muitos familiares até na zona onde está, mas não é a mesma coisa. Também acho que só falta mais seis anos e depois já vem para cá, mas são muitos anos fora, são quase 40 anos, ou melhor, são mais até de 40 anos fora.

E no período até aos teus 10 anos, os teus avós transmitiam alguma imagem do teu pai, de estar lá, falavam sobre isso?

Sim, o facto de os meus pais não estarem comigo era para eu ter uma vida melhor para me darem tudo o que eu tinha não é? Lá está, às vezes, e é verdade eles vinham cá e, quer dizer, tinhas uns ténis diferentes que cá ainda não tinham, por exemplo, não é? Ou tinhas uns patins onde aquilo ainda nem era praticamente conhecido percebes, apesar de que as nossas ruas naquela altura nem dava sequer para andar com eles, mas pronto. Mas é, era diferente, tinhas coisas que os outros ainda não tinham, e a minha avó, os meus avós dizia muitas vezes isto, ele está lá a ganhar dinheirinho para poder ter essas coisas, no fundo era por aí.

Muito bem, agora que já percorremos um bocadinho da tua história na infância e adolescência, vamos pensar agora no presente, na tua situação atual.

Como é que consideras a relação com a família de origem do teu pai, a tua relação com a família de origem do teu pai atualmente, os avós paternos, por exemplo, tios.

Neste momento não os tenho. Não era a mesma relação que tenho com estes, sem dúvida alguma, de longe, alias, adoro-os, foram meus avós, não é, mas claro que a relação não era, longe de ser a mesma. Com o resto da família dele, sim sempre tive boa relação com os meus tios, ia de férias para lá e ficava, principalmente na altura, agora que nós estávamos cá, claro o meu pai tinha um quarto, já não morava numa casa, era o seu quarto, eu não ficava lá, ficava na casa dos meus tios, não é, pronto, estava com ele todos os dias e tudo, mas ficava na casa dos meus tios, que tem a família lá deles. São, todos são porreiros, são sete irmãs salvo erro, e todos são, eram ótimos, uns estão em França, e assim, outros estão cá, mas sempre me dei bem com eles.

E no passado também?

Sim, sim, todos.

Mesmo o teu pai não estando havia contacto?

Sim, sim. E lá está nas férias juntávamo-nos sempre todos, isso sim, sim. normalmente lá está eles vinham cá mas férias de verão quando era eu, quando estava cá eu, e os outros também vinham sempre no verão, ou seja, juntava-se a família toda.

Muito bem. O que consideras que te foi transmitido pela família do teu pai? O quê que tu recebeste do lado paterno, da tua família paterna?

Eu nessa parte só recebi primos, recebi tios, porque, não recebi, estaria a mentir se dissesse, ‘ah também me educaram’, não, porque, lá está, apesar de, os meus avós paternos são da mesma aldeia que os meus, ou seja, são da mesma aldeia, uns moram aqui e outros moravam mais lá... mas lá está é diferente. Apesar e morarmos na mesma aldeia,

claro que não tinha aquela, não é não aprendi nada, mas a nível de educação e de estar com eles frequentemente, não, não tinha isso.

Como é que caracterizas a tua relação com a tua mãe?

Antigamente, lá está eu sempre me dei muito bem com o meu pai. Com a minha mãe tinha às vezes muitas chatices, tínhamos, sim. hoje em dia, se calhar agora já me dou mais com a minha mãe, não sei porquê, lá está, uma pessoa vai crescendo e vai entendendo. Sou mulher não é, e ela também, e a minha mãe era muito reservada a tudo, aos poucos vai falando, hoje em dia é com a filha que mais fala, as minhas irmãs costumam dizer que ela gosta mais de mim, não está aí, porque uma mãe gosta por igual de todos. Mas que fala mais, sim, desabafa, e às vezes nesses desabafos e tudo ficas a perceber muitas coisas que já aconteceram, mesmo com o meu pai, entendes? Porque nada é perfeito nesta vida e pronto, nós como mulheres se calhar apoiamo-nos mais, não é, entendemos se calhar mais um bocado a reação que ela tinha ou a atitude que ela tinha connosco, não é, a frieza que às vezes ela, o meu pai diz-nos muitas vezes, ‘tas linda, adoro-te’, a minha mãe não dizia isso, a minha mãe só diz isso, não demonstra com as palavras, entendes, não, mostra noutras coisas às vezes até te dá um beijo que tu não esperas, um beijo dela, não é, com o meu pai já é tao banal que já não ligas tanto. Mas hoje em dia já é melhor, a relação, sim, melhorou.

Ok. Como é que te parece a relação dos teus pais enquanto casal?

(pensa) É, sabes, eu costumo dizer aqui uma coisa, uma relação que vive da distância já não é aquela relação de amor, entendes? Mas é aquela de, é mais uma relação de... ai a palavra certa, como eu quero dizer... acomodam-se, entendes? Eles acomodam-se àquela vida no fundo. Eu não estou a dizer que não haja ainda um carinho assim, agora aquele amor, não há. Acho que nenhuma relação que seja, que viva tantos anos à distancia não é, como por exemplo, ainda no nosso caso, a minha mãe vai lá frequentemente e assim não é, agora tenho por exemplo, uma vizinha que durante 30 e tal anos que o homem está lá também, nunca la foi, entendes? Nem os filhos, para mim isso não faz sentido, quer dizer, eu às vezes penso assim, é impossível, só se tiver outra família lá. É fácil um casal ter outra família lá, um homem assim, é. A relação deles é, é aquela rotina, entendes? Vai estando, estão cá, está de férias, está lá, ok, falam pelo telefone, torna-se, não é uma vida fácil, não, nem a desejo para ninguém nesse sentido, porque uma coisa é alguém emigrar mas levar a família, estar com a família, não é, outra coisa é estar, estás meia dúzia de anos, ok, agora estar 10, 20, 30 anos é muito.

É a vida toda praticamente, e perde-se realmente muita coisa.

É, muita coisa, muita coisa. Eu digo muitas vezes à minha mãe, a relação deles não está fácil, neste momento, é só stresses, daí que eu te falei que ela não anda lá muito bem, e eu digo-lhe muitas vezes, também um bocado a culpa é porquê que ela não vai até para onde a ele, entendes? Não estou a dizer já nós, estou a dizer ela, porque o papel da mulher é ao lado de um homem, não é, por isso é que casou. E às vezes digo ‘mãe, tu não casaste com a tua mãe’, ‘tu não casaste com o meu pai, tu casaste com a tua mãe’. É um bocado isso, que é a minha avó, porque ela agora meteu-se ali, não quer deixar a minha avó, e não sei quê. Mas isso está a fazer muito mal também ao casamento.

Como é que é a relação do teu pai com outros membros da família? Estando lá outros membros, que esteja cá.

Com os de lá, é assim o meu pai tem uma ótima relação com toda a gente, o meu pai é aquela pessoa que tira a camisa do corpo para dar ao outro, tu vens lá pedes-lhe dinheiro ele empresta, ele é aquela pessoa que não olha a nada, as vezes eu digo assim mesmo ‘se fosse para os teus filhos não fazias tu’, não é verdade, ele faz, mas é uma coisa louca, ele não pode ver ninguém, prontos, desesperado e não sei quê, ele está sempre pronto para ajudar nesse sentido. Perde muito por isso, porque as pessoas aproveitam-se nesse sentido, mas ele é uma pessoa muito bondosa, sem dúvida, lá está, é nisso que eu também o admiro, ele é trabalhador, sempre fez tudo, tem defeitos, tem, e são daqueles que às vezes não, mais vale nem os lembrar, mas tem o outro lado que é uma pessoa espetacular, daí a relação que ele tem com as pessoas, é sempre ótima, cá é exatamente igual. Claro, às vezes tem tripes com os meus avós e não sei quê, lá está, pelo facto de vivermos todos, sabes que quando vivemos ou na casa dos sogros ou na casa dos pais é horrível para a outra parte não é, porque há sempre opiniões diversas, pronto, é só nesse sentido, de resto dá-se bem no geral.

Muito bem. Já falaste um bocadinho da relação com o, da tua relação com o teu pai neste momento, mas vou-te questionar novamente. Como é a relação com ele neste momento?

Com ele neste momento, olha é assim, eu sempre tive boa relação, neste momento a gente fala-se, mas não sei, há coisas, sei lá, atitudes que ele tem, percebes, ele mudou de há cinco anos para cá mais ou menos, cinco, seis anos, está uma pessoa diferente. Também lá está, foram, foram passagens da vida que houve entre eles os dois casal que foi ali uma época que foi abaixo, lá está, não se portaram tão, tão, prontos, tão bem, não é, entre eles, e isso fez com que ele agora seja uma pessoa, está um bocado diferente, tem vícios, e isso magoa-me porque, porque às vezes digo-lhe ‘olha no que te estás a mester,

olha a vida que tu estás agora a fazer’, e ele agora não me ouve tanto e ele ouvia-me muito, muito, ele era aquele que íamos às compras e o que eu achasse que ficava bem ele comprava, não olhava a preços, ele era assim, para ele, mesmo para ele, e neste momento ele está uma pessoa mais desleixada, olha, às vezes acho que vive por viver, sabes? É o que eu acho. E daí a minha relação com ele, prontos, está diferente, está, está diferente, espero que mude, espero que ele mude, espero que ele veja que, que ele, o que está a fazer, para onde está a caminhar, não é o caminho mais certo, enfim.

Ok. Ora, já em jeito de conclusão da entrevista vou-te colocar só mais três questões. Considerando toda a tua experiencia pessoal qual é a tua conceção ou definição de família?

Olha, família, claro que família, a minha definição de família será toda a gente junta e por exemplo, sair de casa só quando se casar, entendes. Era aquela ideia que eu tinha, família para mim era quando às vezes se via nas telenovelas ou nos filmes, aqueles jantares enormes, estás a entender, aquela reunião familiar, isso sim é um conceito de família para mim. Não tive esse conceito, não é, dessas reuniões assim, da família toda junta, apesar de, como eu disse, quando eles vinham no verão toda a gente se juntava, sim, claro, juntavas com uns nuns dias e com outro noutros, não havia aquele juntar de todos, todos juntos. E eu isso sim, adorava ter esse conceito de família de todos sentados à mesa, e ser uma família enorme. Mas família, como só somos cinco, quer dizer, o resto também é família, não é, mas, referindo-me aos cinco, família foi aquele período enquanto eu vivi com eles, aqueles quase quatro anos na Suíça, foi a época da minha vida em que eu vivi em família.

Nesse período as tuas irmãs eram pequeninas?

Sim, uma tinha dois, uma tinha dois, desculpa, quando eu fui para lá uma tinha dois, depois uma tinha quatro e a outra tinha dois anos, porque elas são dois anos de diferença, é, eram pequenininhas. No fundo fui eu que cuidei entre aspas delas.

Ok. Gostarias de acrescentar algo que não tenha sido abordado e que consideres importante?

Olha, o que eu considero importante, é que às vezes, eu estava a falar há pouco do conceito não é para mim foi aquele tempo enquanto eu vivi com eles, porque eramos, era a nossa, era a minha família, eramos os cinco, mas também quando vivi com os meus avós eu também tinha ali uma família, não é. Porque não estava só eu e os meus avós, estavam os meus tios, quer dizer, eu sempre vivi em casa com muita gente não é, e isso também é bom. Agora, é claro, para aqueles que tem os pais fora ou tem um dos membros

só fora, vivemos muitas vezes com a falta de alguma coisa, não é, porque às vezes estás num momento menos bom e precisas daquela palavra amiga que o teu pai ou a tua mãe até te poderia dar, não é, e quando ela vem, essa palavra já vem tarde, já passou, não é, prontos, temos isso. Agora, não é por se viver fora dos pais entre aspas, fora dos pais, longe deles, que não tens família, tens, por amor de Deus, continuamos sempre a tê-la, só que é vista de uma perspetiva diferente.

Exatamente. Como é que te sentiste durante a entrevista?

Ai ótimo, isto faz-me lembrar quando, quando me, quando me ponho a contar a minha história de vida, ou quando me ponho com as minhas amigas a lembrar-me, ‘olha o que eu fazia, olha como é que era’, é ótimo, foi bom.

Ok. Fico contente também por isso e assim encerramos a nossa entrevista, não te vou colocar mais questões, gostaria de agradecer-te uma vez mais pela tua colaboração e depois posteriormente veremos a segunda etapa do nosso trabalho, está bom?

Está bom.

Ok.

Entrevista F4

Em primeiro lugar gostaria de te agradecer por, pela tua disponibilidade e colaboração neste estudo. Ao longo desta entrevista vou colocar-te questões relativas à tua história familiar, incidindo maioritariamente sobre a relação com o teu pai. Num primeiro momento e durante o período mais longo da entrevista vamos focar a tua infância e adolescência, sabendo que até aos 8 anos há ali uma diferença, mas pronto, todas as situações ocorridas nestas duas etapas de vida a nível familiar, vou-te fazer algumas questões nesse sentido. Depois partimos para o momento atual, para a atualidade no que toca à tua relação de família e com o teu pai. Gostaria que estivesses completamente à vontade para responder às perguntas, se não quiseres responder não precisas de responder, se quiseres interromper a entrevista também o podes fazer, sabes que é assim que estas coisas funcionam. Quando te sentires preparada podemos começar.

Então a começar por te perguntar como é que tu imaginavas o teu pai durante a tua infância?

Ah... imaginava, tinha e tenho uma boa relação com ele, sou apegada, acho que sou mais apegada a ele, talvez, dizem que as raparigas são mais apegadas aos pais do que às mães, ou também pelo tempo que ele se calhar teria mais que a minha mãe. Mas via uma pessoa lutadora, com objetivos na vida, e presente.

Mas, por exemplo, repara, a partir dos oito anos, dos teus oito anos, quando ele deixou de estar presente, tens ideia de como é que tu pensavas no teu pai quando ele estava na Suíça nesse período, quando eras assim mais pequenina, criança.

Era um, no início foi um bocadinho complicado, não é, porque eu estava habituada, não fui, como acontece com outras situações, pessoas que já crescem, já nascem quase com o pai ausente, eu não aconteceu isso, eu tive que me adaptar a uma presença e depois para uma ausência. Foi um bocadinho complicado aceitar, mas também como tinha outros casos à minha volta da minha família que passavam pelo mesmo, acabava por entender, ou, tem que ser, via-o como uma pessoa lutadora e que se ele não fosse nós não poderíamos ter uma qualidade de vida como hoje a temos.

Exatamente. Lembras-te de algum episódio, algum momento significativo que tenha ocorrido na tua relação com o teu pai, nesse período da infância, algo que te tenha marcado?

Ah, é assim, aquilo que me recordo mais e que me tenha marcado talvez as chegadas e as partidas. Porque à chegada era muito fácil a gente se adaptar, às partidas vamos por a mesa já falta, temos que reduzir a um prato, temos que reduzir a qualquer, sentimos que há uma diferença, são os momentos mais significativos que eu encontro. Porque nós acabávamos por contactar, estar sempre presentes, ele sempre tentou estar presente seja houvesse uma doença, estar sempre a contactar, estar sempre a falar, ‘está tudo bem? como é que evoluiu, como é que não evoluiu’, eu acho que o momento mais significativo era mesmo a partida e depois, eu acho que consegui lidar melhor que o meu irmão, o meu irmão acabava por fazer muita birra, por chorar, acabava por tornar a situação mais complicada, ela já não é fácil, mas ele conseguia tornar aquilo num momento mais doloroso. Porque era mais novo, talvez não compreendesse e pronto, depois nós também somos pessoas diferentes, reagimos de maneiras diferentes. Eu considero-me uma pessoa se calhar um bocadinho para o frio, talvez seja por isso também.

Nas vezes que visitaste o teu pai qual foi a tua experiência, como é que te sentiste nessas visitas?

Senti-me bem. Eu gosto muito do país, daquilo que conheci gosto e não digo que num dia se precisar de sair de Portugal não tenho problemas com isso, saio, e pode ser para lá ou para outro país, gosto, acho que é uma cultura totalmente diferente da nossa, eu identifico-me, e senti-me bem, foi uma experiência diferente. Acabamos por conhecer os sítios, a rotina, os locais onde ele frequentava, e pronto, sentia-me outra vez em casa mas deslocada do outro sítio de residência.

Costumas ir lá, disseste que a última vez que foste lá foi em novembro, não era férias de verão.

Não, porque nas férias de verão ele está cá, no natal ele está cá mês e meio quase dois, na páscoa se não vier cá uma semana vem em maio, por volta disso. E novembro porque lá é feriado e depois eles lá consideram, fazem ponte no dia anterior ou a seguir e sempre dá para nós estarmos mais em família, conviver e depois também os preços de bilhete de avião e tudo é muito mais em conta do que nas épocas altas.

Claro, ok. Quem é que organizava a vida da família quando o teu pai estava na Suíça?

É a minha mãe.

Consegues descrever um bocadinho como é que a tua mãe fazia isso?

A minha mãe organizava mas ao mesmo tempo o meu pai estava informado de tudo, fosse a aquisição de alguma coisa para nós, fosse uma entrada num, eu cheguei a

frequentar uma escola de música, o meu irmão o futebol, tudo isso acabava por ser a minha mãe que organizava, mas o meu pai tinha, tinha o voto na matéria, assim dizendo. Claro que quem estava à frente de tudo era a minha mãe, não é, como encarregada de educação, como tudo, mas o meu pai estava sempre por dentro das coisas.

A questão que eu te ia colocar agora era exatamente, vai um bocadinho de encontro a essa, como é que o teu pai participava no momento de estabelecer as regras na família?

Participava, se alguma coisa tivesse acontecido, um mau comportamento nosso ou assim, ele falava connosco, tentava, através de outros meios de comunicação, não é, impor-se um bocadinho, e mesmo quando está cá impõe-se e é totalmente diferente, ele acabava, e é totalmente diferente, a presença dele e a minha mãe não estar cá, a minha mãe podia se impor em tudo mas era muito mais fácil, era muito mais manipulado facilmente, por nós, agora o meu pai não, o meu pai não cede tao rapidamente. E acaba por ser um bocadinho duro, podia ser o contrário, por estar fora podia facilitar e acabava por ser ao contrário, ser mais duro e ser mais autoritário do que propriamente a minha mãe, acaba por facilitar mais.

Lembras-te de algum episódio em particular em que o teu pai tenha participado nesse momento de estabelecer regras?

Talvez quando nós começamos a, na adolescência, a querer sair à noite, a chegar mais tarde, ele não compreendia, queria que a gente estivesse sempre em casa, se dizia uma hora e a gente chegava mais tarde reclamava ‘para a próxima não vais’, e por aí adiante e a minha mãe tentava interferir do género ‘tens que perceber que eles já cresceram, que tem a vida deles, querem continuar com a vida deles, tens que perceber um bocadinho’, e o meu pai nisso, ainda hoje isso acontece, ou é por querer estar ali com toda a gente à volta dele ou mesmo o meu irmão que até acaba por já estar com ele, tenta ainda por regras com ele, é mais nesse sentido que eu me recordo.

Ok, lá está, tenho aqui outra questão que é de que forma é que o teu pai entrava nas decisões. Já me falaste que a tua mãe falava bastante com o teu pai, sempre que havia uma decisão importante a tomar o teu pai também participava, também decidia, dava a opinião dele, funcionava mais ou menos assim.

Sim.

Com que frequência costumavas falar com o teu pai?

Normalmente falava mais ao fim de semana, e talvez uma ou duas vezes por semana, mas também dependia com as aulas, se eu estava em casa, se não estava, depois

há uma hora de diferença entre países, e se eu tinha aulas até mais tarde se calhar só falava a minha mãe com ele, porque nós ainda estávamos a chegar a casa, e depois o ritmo de trabalho, horas de trabalho totalmente diferente de cá, eles são obrigados a deitarem-se mais cedo porque se levantam mais cedo, mas falava com regularidade.

Como é que descreverias a comunicação e a relação dos membros da família com o teu pai?

Ah, sei lá. A comunicação, nós acabávamos por falar normalmente, nunca havia, eu acho que a comunicação ia de encontro à relação, porque nós não escondíamos nada, não omitíamos nada, nós tudo o que acontecesse a gente falava, comentava, partilhava, e acabávamos por não estar juntos mas estar unidos por outra forma.

Estava aqui a pensar, o teu irmão é mais novo que tu quatro anos?

Quatro anos e meio, mais ou menos.

O teu irmão, quando o teu pai foi para a Suíça o teu irmão teria quatro anitos.

Sim, mas sempre foi uma criança muito...

Foi mais complicado para ele, provavelmente.

Talvez, talvez e depois também foi sempre uma criança fora do normal, ele entrou mais cedo para a escola porque tinha capacidades para, e já não queria frequentar o jardim-de-infância, sempre foi uma pessoa muito mais avançada para a idade dele, ainda hoje isso acontece.

Estava a pensar, como é que vês, como era a relação do teu irmão com o teu pai, a comunicação.

Às vezes faziam um bocado faísca porque lá está o meu pai queria se impor e como ele como também não era uma criança fácil de dar a volta nem convencer, as coisas às vezes funcionavam um bocadinho de faísca, amuavam e tal, mas depois a coisa passava, nunca foi nada de muito complicado, senão ele não teria ido viver com ele, não é.

Como é que consideras as mudanças que possam ter ocorrido na comunicação com o teu pai? Achas que houve mudanças na comunicação? Não, sei, podemos pensar aqui quando ele estava cá, depois houve mudanças na comunicação quando ele foi para lá, ou até se houve algum período na tua vida em que houve alterações nessa comunicação com o teu pai?

Eu acho que, não noto tanta diferença, na altura que, quando ele foi no início, porque também não me recordo muito, sou sincera, também era muito pequenina e já se passou tanta coisa que não me recordo, mas noto mais diferença acho que à medida que

fui crescendo acho que a comunicação se calhar foi melhorando, ou a nossa relação foi melhorando também, ou então a partida do meu irmão para lá talvez as coisas tenham sido, tenha mudado a relação, porque acabamos não só por ter uma pessoa lá mas ter duas, ou também, sei lá, ultimamente agora a internet é muito mais fácil, Skype, muito mais fácil comunicar, e vermo-nos e transmitir, sempre nos vemos embora não haja aquele contacto do que propriamente só pelo telefone ou por telemóvel, torna-se muito mais fácil. Acho que melhorou não digo há uns tempos para cá, mas se calhar há alguns anos acho que mudou, ou talvez por eu também já ter crescido um bocadinho mais e ver as coisas de outra forma, ter amadurecido que a relação tenha melhorado.

Que tradições foram mantidas na família? Por exemplo, podemos pensar aqui rituais, tradições que eram normais na tua família até o teu pai partir e depois de ele ir para a Suíça houve mudanças, manteve-se tudo igual, como é que as coisas se processaram nesse sentido?

Manteve-se basicamente tudo igual. Por exemplo, eu recordo-me do natal, o natal é sempre passado na nossa casa, depois vou a casa dos meus avós, depois os meus avós vêm, vou a casa da minha outra avó, isso manteve-se. Lembro-me de dantes ser assim e agora continua sempre igual. Na páscoa igual, se ele não cá está nós continuamos a ir a casa dos meus avós e dos meus tios, acabamos por, por continuar, as tradições acabam por ser iguais, não houve assim nenhuma mudança que eu diga a partir dali houve alguma coisa que mudou, não, não me recordo, acho que continua tudo igual.

Como é que o teu pai se enquadrava nessas tradições? Disseste que ele no natal costuma vir cá e está presente, na páscoa nem sempre mas...

Sim. Exato, vai variando. Ele acaba por ser muito apegado a isso também, por exemplo, se nós tentarmos dizer para mudar, ou vamos mais tarde ou assim, não, tem de ser, ele acaba por manter aquele ritmo, aquela tradição, porque, ele próprio, por exemplo, nós, passar férias no verão, por exemplo, era sempre uma batalha porque ele queria vir cá e estar cá porque era passar com o resto da família e assim e depois já ia cortar tempo para estar com a família, ele acabava por ser, por seguir sempre aquilo à risca.

Agora pensando um bocadinho na tua adolescência, como é que descreves os teus sentimentos em relação ao teu pai?

Sei lá, se calhar, às vezes sentia a falta dele, porque via colegas que tinham o pai presente ou assim, mas acabei sempre por reagir bem a isso. Eu acho que nunca, ou me adaptei àquela ideia, ou mesmo ele não estando em casa connosco ele fazia-se sempre

sentir presente, nunca senti, nem houve uma mudança nos sentimentos que eu tinha por ele ou na forma como eu o via, não isso não mudou, acabou por não mudar.

Como é que era a forma como tu o vias? Hoje vês o teu pai como um lutador, não é?

Sim, agora acho que nem tanto, porque ele se calhar não precisava de estar na situação que já está, acho que se calhar durante a minha adolescência eu via-o mais assim, agora como, talvez porque ele já está lá há algum tempo as coisas foram melhorando, e por aí adiante, acho que neste momento ele não precisava de fazer o esforço que faz, talvez o faça porque agora está lá o meu irmão e quer ajudar o meu irmão. Acho que é mais nesse sentido. Acho que o via mais como um lutador durante a minha infância, a minha adolescência e um bocadinho ainda na minha infância, porque acho que se deve mesmo ao andamento da vida, acho as coisas mudaram e neste sentido ele já não precisava de estar a fazer o sacrifício que faz, mas claro que foi uma pessoa lutadora e com objetivos, porque ele lutou mesmo por aquilo que queria e pela vida que queria.

Exatamente. Que imagem é que a tua mãe transmitia do teu pai?

A minha mãe? A minha mãe apoiava e dizia muitas vezes para nós valorizarmos a atitude dele ou mesmo dela, o sacrifício que ela fazia, porque acabava por estar a tomar conta e nós, ser mãe e pai, não é, embora o meu pai estivesse presente, mas transmitia uma imagem de que nós devíamos valorizar aquilo que ele fez, porque se tínhamos certas coisas ou certas regalias tudo se devia ao esforço dele, oh pá, eu acho que eles têm uma relação muito, muito boa, os meus pais, acho que se calhar muitas pessoas não conseguem ter a relação que eles têm, eles conseguem não discutir, conseguem conversar, acho que isso é uma coisa muito fora do normal, por aqueles casais que eu vejo, complicados, talvez porque saibam levar a vida de outra forma, vêm a vida de outra forma e a minha mãe passava-me muito a imagem de que a gente devia valorizar, considerar, ver que na verdade o esforço dele tinha que ser reconhecido, e que, pronto, acho que é mais à volta disso.

Era uma imagem muito positiva.

Exato, muito positiva, nunca era contra, nunca foi contra ele estar fora e recair as coisas todas sobre ela, não. E mesmo na altura que o meu irmão estava mais na adolescência, aqueles momentos mais complicados, a minha mãe chegou a um ponto que, que ele era tão rebelde e tudo que chegou a dizer ao meu pai ‘olha, se ele continuar assim, tipo vais ter que vir para cá porque as coisas assim andam muito no ar’, agora as coisas

foram melhorando e não foi necessário haver isso, mas sempre foi uma, sempre passou uma imagem positiva e equilibrada, nada pelo contrário.

Muito bem. Agora que já, pronto, acabamos esta fase da infância e adolescência, vamos pensar no momento atual. Como é que consideras a tua relação com a família de origem do teu pai. Não sei se ainda tens os teus avós paternos.

Tenho, tenho os meus avós e tenho uma tia, que o meu pai só tem uma irmã.

Como é que tu descreves a relação com esse lado da família paterna?

Eu tenho, não tenho uma relação tão próxima como tenho à relação que tenho com a família da minha mãe, talvez porque a família da minha mãe está perto de mim, perto ali da minha casa, talvez seja por isso. Eu tenho uma boa relação com os meus avós e com a minha tia, na muito próxima, vemo-nos, convivemos, mas não é uma relação tão unida como a relação que eu tenho com a família da minha mãe. O meu avô tem assim uma personalidade um bocado complicada, isso também pode, deve-se ao facto de se calhar nós nos tentarmos, ficarmos assim um bocadinho mais retraídos em relação a estabelecermos uma relação mais próxima. Mas dentro da postura dele, nós conseguimos lidar com ele, tentar lidar com ele da melhor forma, mas isso acontece com nós netos, acontece isso com os filhos, mesmo com a minha avó, tem que ter muita paciência e muita calma para lidar com, mas nós tentamos que, que a coisa vá correndo da melhor forma. Agora, não senti diferenças, a relação que eu tinha com eles, visitava-os ao fim de semana, a minha mãe sempre fez isso, mesmo quando o meu pai emigrou, irmos ao domingo à tarde ou durante o fim-de-semana, irmos lá fazer uma visita, continuar o que fazíamos antes, no natal continuar a lá ir, na páscoa igual. Com a minha tia também, a minha tia também tem o marido fora e também continuamos a falar com ela, eu acho que a relação se manteve igual, não houve nem altos nem baixos. Agora não tenho uma relação tão próxima como por exemplo tenho com a família da minha mãe.

Ok. Então o que consideras que te foi transmitido pelo lado da família paterna, o quê que tu achas que recebeste desse lado, da linhagem paterna.

Ah, eu sempre recebi carinho, o amor, mas é assim, pontos muito, pontos importantes que eles me tenham transmitido? Talvez também a imagem que a minha mãe passava que era que o meu pai estava a fazer um, estava a ter um comportamento positivo, que era um esforço muito grande, no entanto eu acho que o meu avô achava que nada disto era necessário, muitas vezes diz-me se ele não vier na páscoa fica muito chateado porque o meu pai não está cá, ele não consegue compreender, isso ainda aconteceu no ano passado, eu disse ao meu pai que preferia que ele viesse para a minha missa de

finalistas que era dali a pouco tempo da páscoa e era quase impossível vir na páscoa e vir logo a seguir não é, um bocadinho complicado, então eu disse ao meu pai como há outros anos em que ele não tinha vindo se ele não se importava e o meu pai claro. E o meu avô não compreendia e eu disse ao meu avô que para mim era mais importante que o meu pai estivesse presente na minha missa de finalistas do que na páscoa que é tradição. Eu sei que se calhar para o meu avô aquilo custa entender, e acho que o meu avô não via tão positivamente a forma do meu pai ter ido para fora. Agora a minha avó sim, a minha avó sim, mas no entanto ele ter dito aquilo eu reconhecia que era importante o meu pai estar mesmo fora.

Como é que caracterizas a tua relação com a tua mãe?

É uma relação próxima, sei lá como é que eu hei de descrever. Nós sempre nos demos muito bem com a minha mãe e a minha mãe sempre, antes de se exaltar como às vezes o meu pai fazia, a minha mãe é mais pacífica, a minha mãe tenta ouvir, tenta ver, sempre quis que nós confiássemos nela, que lhe disséssemos tudo, e eu acho que isso era a melhor forma, porque nunca lhe escondi nada, nunca precisei de esconder porque se lhe dizíamos as coisas ela acreditava em nós e seria uma relação muito mais próxima, não era de conflito, nem nada e sei que posso contar com ela para tudo, isso sei. Basicamente é isso, somos muito próximos dela, damo-nos muito bem e mesmo, ela deixa-nos falar, consegue nos ouvir, consegue nos compreender e eu nisso valorizo porque sei de situações, vejo outras situações e há mães que não fazem isso e a minha mãe faz isso.

Tu há bocadinho já referiste alguns aspetos da relação do teu pai, dos teus pais, eu ia-te perguntar que me descrevesse um bocadinho mais como é que é a relação dos teus pais enquanto casal.

Enquanto casal são muito pacíficos, muito pacíficos mesmo, eu se os vi discutir duas ou três vezes em toda a minha vida foi muito, sou sincera. A minha mãe parte do princípio de que há coisa que não vale a pena uma pessoa se chatear, não vale a pena discutir e entrar para o conflito. Quando o meu pai está cá andam sempre juntos, fazem tudo juntos, mesmo, mesmo não estando cá eles partilham, falam, entendem-se bem, acho que têm uma relação de casal ideal, para mim têm, não é, e se assim não fosse se calhar seria muito complicado conseguirem ainda terem uma relação, não é, à distância.

A questão da distância aqui tem um peso muito forte.

Exato, exato. Mesmo hoje em tenho dito à minha mãe ‘olha, eu já sou crescidinha, se quiseres ir para lá, juntar-te com eles’, ‘a não, nem pensar’, talvez porque a minha mãe não se vê muito naquele ambiente de cidade e, porque ela diz ‘ai eu para lá tinha que ter

um emprego para me ocupar porque estar muito tempo em casa num apartamento não é para mim', e depois porque ela tem a vida dela aqui organizada, também é um bocadinho complicado ela saltar, e depois se calhar já estar habituada e ter uma relação estável, se calhar pensa duas vezes se vale a pena estar a fazer uma mudança dessas na vida dela.

Ok. E a relação do teu pai com outros membros da família, como é que descreves? Por exemplo, com os teus avós, a irmã, os sobrinhos.

É assim, ele com, ele tem uma relação positiva com quase tanto da relação da família dele de origem como da família da minha mãe. Com os meus avós ele tem uma relação ótima, claro, tenta ter assim um bocadinho de paciência com o meu avô que é um bocado complicado, tenta, também fala com eles, está sempre próximo, está tudo bem, claro a idade vai andando, se há algum problema, se é preciso alguma coisa, nós termos que estar lá presentes, levar a uma consulta ou alguma coisa, é positiva, não há conflitos. Com a família da minha mãe também não, que eu tenho família da minha mãe perto dele, e acabam por se entenderem bem, por terem uma relação próxima, claro cada um fazer a sua rotina, a sua vida, mas entendem-se bem, não há assim nada a apontar de mais crítico.

O que dirias então da tua relação com o teu pai neste momento? Como é que a descreves?

É uma relação próxima, eu admiti que agora se calhar agora até falo mais com ele, talvez pelo Skype, facebook, será mais fácil da gente comunicar. Também através do meu irmão não é, torna-se se calhar mais fácil o diálogo, praticamente, não tenho assim nada a apontar de diferente, falo com ele várias vezes, acho que falo mais agora do que antes, talvez pela facilidade de comunicação. À partida acho eu até falo mais vezes com o meu pai do que propriamente com o meu irmão, porque muitas vezes falo com o meu pai e o meu irmão não está em casa, ou assim, ou se calhar o meu pai tem mais interesse em falar comigo do que o meu irmão, estamos ali mais tempo a falarmos disto, a falarmos daquilo, e o meu irmão não, é 'olá, está tudo bem e tal', falamos alguns aspetos, mas se calhar ate falamos mais quando ele está cá de férias ou quando eu estou lá, saio mais vezes com ele, tenho mais tempo para conversar.

Mas é uma relação de proximidade, falam um com o outro, há contacto, há diálogo entre vocês.

Sim.

Agora assim, já em jeito de conclusão da entrevista, colocava mais algumas questões. Considerando então toda a tua experiencia pessoal, não é, desta ausência do teu pai, qual é a tua conceção ou definição de família?

Ah, a família. Eu acho que a família, antes de mais tem de ser unida. Porque para além de haver laços de sangue entre a família se não houver partilha, se não houver união, se não houver confiança não adianta. Porque acho que só isso é que se calhar consegue manter a família. A união, a confiança, a esperança, o apoio, só, acho que isso são as bases, uma boa relação com os membros da família acho que é importante, porque se nós não tivéssemos uma boa relação com o meu pai se calhar não tínhamos uma relação próxima, mesmo com ele não estando cá, tanto tempo fora, não é. Eu acho que a família tem que ser, para além de haver o sangue, os laços, também a comunicação, a partilha, a união, a ajuda, o saber que a pessoa está ali disponível para ajudar, para ouvir, para apoiar, oh pá, eu acho que é à volta disso a família. No meu ponto de vista, para além do que a teoria diz e assim, a minha experiencia pessoal neste momento diz-me isto.

Ok. Gostarias de acrescentar algo que não tenha sido abordado, que te lembres que pudesse ser importante para a entrevista?

Não me estou a recordar, acho que todos os aspetos mais salientes acho que foram tocados.

Ok. Como é que te sentiste durante a entrevista?

Senti-me bem.

Fico contente por isso. Então terminamos esta parte da entrevista, não tenho mais questões para te colocar, agradeço-te uma vez mais.

Entrevista P5

Em primeiro lugar gostaria de te agradecer a ti pela tua disponibilidade para colaborar neste estudo. Ao longo desta entrevista vou colocar-te algumas questões relativas à tua história familiar incidindo maioritariamente sobre a relação com o teu pai. O pai é sempre o que me interessa mais, embora no teu caso possas também fazer referência à tua mãe, e ao casal. Num primeiro momento vou-te colocar questões sobre a infância e adolescência, e depois passamos para o momento atual. Gostaria que estivesse completamente à vontade para responder às questões, se não quiseres responder não precisas de responder, se quiseres desistir da entrevista também podes desistir, estás à vontade. Quando estiveres preparado podemos começar. Pode ser?

Então ia-te perguntar como é que tu imaginavas o teu pai durante a tua infância?

Como assim, em que sentido?

Qual era a imagem que tu tinhas dele? Tu cresceste sempre com o teu pai ausente, tu imaginavas como é que ele era? Como é que tu vias o teu pai?

Eu... é assim... o meu pai esteve ausente durante a minha infância mas para mim tive sempre aquela figura paternal porque via-o de seis em seis meses, sete, mais ou menos, mas era sempre aquela figura paternal, nunca foi aquele afastamento tão prolongado que desse para fugir a essa parte, em que nós pudéssemos pensar outras coisas, não, para mim sempre foi pai. Não teve, não era aquele pai que está constantemente, mas aquele que pai que via de seis em seis meses.

E quando estavas, pronto, quando estavas com ele tu pensavas nele de que, como é que tu o vias, tens alguma ideia, por exemplo, se o imaginavas, se o idealizavas?

Não, não.

Está bem. Lembraste de algum episódio ou momento significativo ocorrido na relação com o teu pai?

Boa pergunta.

Estás à vontade para pensar, tens o tempo que precisares.

Algum momento...

Algo que te tivesse marcado de alguma forma.

(pensa) é difícil porque são 25 anos. Há vários.

Podias partilhar um?

Talvez a frase que a minha avó tanto repete que é quando era pequenino que havia um maluco debaixo do meu pai, talvez seja isso.

E isso marca-te, a tua avó repete isso muitas vezes?

Sim, sim. É uma coisa que está sempre constantemente, passou ao longo de ano a ano a minha avó sempre a dizer essa frase.

Nas vezes que ti visitas-te o teu pai qual foi a tua experiência, como é que te sentiste nessas visitas?

Sentia-me bem. Sentia-me, aquele conforto que uma pessoa não tem, estava lá presente.

Tu costumavas visitá-lo, era uma vez por ano, nas férias de verão, natal?

Sim, era uma vez por ano e normalmente era na Páscoa. Ou na Páscoa ou no inverno.

Ok. Aqui eu ia-te questionar, quem é que organizava a vida da família? Agora, é assim, cá em casa. Não sei se tu vivias com os teus avós, com os dois?

Não.

Não, nunca viveste.

Não, sempre com a minha avó, só a minha avó.

Então e como é que era a vida em família, quem é que organizava essa vida aqui?

Até certo ponto foi a minha avó, mas depois deixou de ser derivado aos problemas que ela tem, fui eu, basicamente.

Pois, mas consegues descrever a partir de que momento é que tu assumiste essa responsabilidade de organizar, de gerir até a própria casa?

Desde... mais ou menos seis anos pra cá, seis sete anos.

Como é que o teu pai participava no momento de estabelecer as regras cá em casa?

Estabelecia horas, estabelecia as horas, tipo, tentava fazer com que eu não estivesse tão longe de casa derivado à minha avó que é mãe dele. Poucas também podia dar, porque de resto, quem não vê não sente.

Lembras-te de algum episódio em particular em que ele tenha realmente participado nalguma regra que tenha sido necessário estabelecer aqui em casa? Que ele tenha sido, sei lá, firme de alguma forma.

Sim, o simples facto, mesmo o simples facto de eu querer sair e ele dizer ‘não, tu não sais, ficas, hoje não vais sair’.

Mas ele fazia isso, mesmo estando longe era presente?

Era, com força.

Lá está, agora queria-te questionar as decisões da família. Quando era necessário tomar uma decisão aqui em casa como é que o teu pai participava nessas decisões?

Decisões como assim?

Por exemplo, escolher a escola pra onde tu ias, comprar alguma coisa.

Neste caso eu tinha liberdade pra, como ele dizia, ‘o melhor para ti eu estou cá’.

Então quase que podemos dizer que tu tomavas as tuas decisões, comunicavas aos teus pais e eles...

Sim, tentava ter, dentro da experiência que tinha, de tudo o que a escola fornece tentava perceber onde me sentia melhor pra estudar, pra isto, para o que quero ser um dia mais tarde e então tomava as decisões.

Ok. Com que frequência falavas com o teu pai? Acho que esta pergunta é importante para compreender um bocadinho o que estavas a falar para trás. Falava com ele com que frequência?

Basicamente ao fim de semana era sempre, ao fim de semana sempre. Mas quando quisesse podia ligar ou ele ligava-me. Isso a frequência é um bocado relativo porque ora podia ser uma, ora podia ser duas, ora podia ser a semana toda, por isso.

Variava, não é? Às vezes há aquelas pessoas que ao fim de semana é certinho, ao domingo falam sempre.

Pelo menos um dia ao fim de semana era certo.

Exatamente.

De facto para haver essa presença como tu referes, essa tomada de decisões, essa comunicação, também era necessário haver algum contacto.

Correto. E quando era preciso pedir alguma coisa ‘pai, posso fazer’, tinha que lhe ligar.

Então como é que tu descreverias a comunicação e a relação dos membros da família com o teu pai? A tua, da tua avó, com o teu pai que estava lá fora. Como é que e a comunicação entre vocês?

A comunicação entre o meu pai e a minha avó sempre foi boa, ele é o pai, mas ela é mãe dele, então ele tem que acatar e vice-versa e andamos aqui, isto é mesmo um ciclo,

por isso. Agora a comunicação entre mim e o meu pai, como temos assim um feitio assim um bocado parecido, não é muito aquela, ora concordamos, ora, a maior parte das vezes discordamos, mas pronto. Mas eu sou filho, respeito, tenho que respeitar, faz parte disso. Se não houvesse respeito, como o meu pai respeita a minha avó, e quando as coisas assim funcionam tudo vai bem, a nossa relação sempre foi boa.

Ok. Como consideras as mudanças que possam ter ocorrido na comunicação com o teu pai? Não sei se ao longo do teu percurso, infância, adolescência, se houve mudanças na comunicação, na tua comunicação com o teu pai?

Sim, talvez tenha sido mais firme na minha opinião. Com o crescimento, eu tenho as minhas opiniões formadas, tenho a minha mentalidade, fico mais firme, mas firmeza não significa falta de respeito, por isso.

Esta questão eu vou reformula-la um bocadinho. Em termos de tradições na família, por exemplo, o festejar o natal, a páscoa, que rituais que a tua família tinha, houve mudanças, mantiveram-se, por exemplo, os teus pais estando fora isso teve alguma implicação?

Não.

Não sei se costumam estar juntos no natal, na pascoa.

Sim. Na páscoa não, no natal.

E como é que o teu pai, como é que vocês festejam, fazem, celebram esses momento estando os teus pais fora? Mantem tudo igual? Festeja aqui, não sei, os teus pais vêm cá no natal?

Sim, sim. Festejamos aqui, aqui na casa da minha avó.

Agora pensando um bocadinho na tua adolescência, como é que tu descreves os teus sentimentos em relação ao teu pai, na tua adolescência?

Como eu dizer na universidade, mais no secundário, é verdade, e no básico, a falta da parte paternal e maternal foi notada, porque aquele seguimento que toda a gente tem eu não o pude ter, talvez aquele desequilíbrio.

Mas sentiste isso? Como é que tu descreves isso realmente, essa mudança, essa falta que tu sentiste nessa altura?

É difícil de explicar, é um bocado, é incompreensível quando se vê pessoas queixarem-se por tudo e por nada e dizer assim 'eu não os tenho ao meu lado para poder seguir isto'. E claro que há oscilações em que nós temos, na nossa vida diária que se tivéssemos os pais cá era totalmente distinto, tínhamos aquela base, não fugia, não tendo

a base, sim, tenho a minha avó que é uma mão para mim, mas é diferente. Tinha-a sempre ali, ‘não faças isso, faz aquilo’.

Então podemos dizer que em alguns momentos sentiste falta dos teus pais, necessidade deles, da presença deles.

Muita, certo. A presença, é o que eu retratei por outras palavras, a falta deles foi sentida diversas vezes ao longo, no período escolar, principalmente também no período escolar.

Podias referir um exemplo em que isso acontecesse, tivesse acontecido?

O simples facto, por exemplo, claro que se tivesse, na altura de estudar e assim, se os tivesse a pessoa não oscilava tanto, mas sem eles havia oscilações muito fortes, tipo, do género de, não estudava às vezes e tudo o mais, porque, é aquela coisa, não se consegue muito explicar, mas é sentida.

Ok. Esta questão vou alterá-la também. Aqui eu ia-te perguntar que imagem a tua mãe transmitia do teu pai? Neste caso vou-te perguntar, a tua avó falava do teu pai? Que imagem é que ela transmitia dele?

Uma pessoa, é o que toda a gente vê, uma pessoa boa, certinha, que não, que tem uma mentalidade que é a dele e que não gosta, é aqueles parâmetros só e quer que sejam geridos assim. é uma pessoa divertida, digamos que eu e o meu pai somos muito a casa um do outro, em alguns aspetos eu fui buscar à minha mãe, sim o facto da paciência e tudo, mas de resto a cara de um é igualzinho, não foge muito a personalidade, é uma pessoa extrovertida, é uma pessoa, não mostra muito afeto, ao contrário do filho que já o faz (risos), pronto são aquelas coisas que a minha mãe, a minha avó já me alertava, mas é normal. É pai, se fosse a mãe já...

Fizeste aí uma distinção, como é que tu distingues isso?

O pai não mostra tanto afeto, não é aquela pessoa que o transmite, que o faz parecer, pode-o sentir mas, já a minha mãe não, a minha mãe eu sinto e ela gosta e transparece e deixa passar, não tem problemas quanto a isso.

Compreendi. Mas em relação ao facto de eles estarem emigrados, como é que tu vias isso?

Sinceramente? Não gostava. Não, nunca gostei.

E como é que tu lidavas com isso?

E sinto mesmo desprezo e repugnância pelas pessoas que dizem que ‘ai às vezes sinto falta que os meus pais saíssem’. E eu ‘cala-te’, é a palavra ideal que eu tenho é ‘cala-te’. Porque as pessoas às vezes falam sem pensar, eu, o emigrar para mim não.

Não faz sentido?

Não, não.

Muito bem. Agora deixamos a parte da infância e adolescência e vamos considerar agora o momento atual, no presente. Como é que tu consideras a tua relação com a família de origem do teu pai? Neste caso tu vives com a tua avó paterna, não é? Então a relação com a família do teu pai como é que tu a descreves? Como é a relação?

Como pode ver, é boa (risos).

É boa. Tu tens tios paternos também a viverem, que viveram contigo, ou não?

Viveram. O meu tio viveu comigo, tinha uma tia e uma prima já há bastantes anos, prai há seis anos que deixaram de viver, porque a minha tia juntou-se com um senhor, e tenho esta minha tia.

No fundo vocês sempre viveram todos próximos.

É, a minha tia, a minha outra tia, sempre viveu aqui na casa da minha avó, claro ela trabalha tem a sua vida, mas não está longe e sempre que vem do trabalho passa por aqui para cumprimentar a minha avó, é filha. E de resto sempre nos demos bem.

E no passado a relação também sempre foi assim, sempre foi positiva?

Sempre foi pacífica, sempre.

De facto, pensando bem o papel da tua avó não era propriamente de avó, se calhar.

Sim, que ela própria às vezes ate se engana, quando quer descrever, seja o meu tio ou a minha tia, diz 'a tua irmã', às vezes, e os próprios vizinhos às vezes, às vezes também se enganam e dizem 'o teu irmão'.

Ok. Eu ia te questionar, o quê que consideras que te foi transmitido pela família do teu pai, pela, é assim, no teu caso...

No meu caso foi tudo.

Pois, é engraçado, porque a maioria das pessoas que entrevisto vivem com a família materna e então como é o pai normalmente que está fora, acaba por haver uma certa distância da família paterna. No teu caso, tu sempre cresceste com a família paterna, eles, como tu dizes, foram eles que te transmitiram tudo, praticamente.

Sim, todos os princípios, tudo o que a vida nos vai, tudo o que nós esperamos da vida, e tudo o mais, foi transmitido por eles, porque, princípios, educação, claro que os meus pais também me passaram, porque se não houvesse aquela mão rígida 'para, isto,

aquilo, escolhe este caminho, pensa' e tudo, aquelas palavras nos momentos certos, nas alturas, tudo pensado e dito da forma que eles já viveram e transmitiram ajudaram, complementaram tudo o que esta família já me deu até hoje.

Muito bem. Como é que caracterizas a tua relação com a tua mãe?

Eu digo isto e digo a muita gente, é a melhor mãe do mundo (risos), não tem palavras para descrever a minha mãe ao longo de 25 anos.

É uma relação assim, topo, não é?

Certo. É como se estivesse presente. Digo o mesmo do meu pai, claro, o meu pai por não mostrar tanto carinho, eu sei que sou filho dele, não, pronto, que às vezes tenha aqueles momentos e tudo o mais, quando estou com ele nota-se que gosta, sente, para ele ainda sou aquela criança de 10 aninhos que ele não viu crescer, que quer sempre debaixo da asa, a minha mãe está sempre 'ele cresceu, ele cresceu'.

Não sei se estou a perceber, mas a tua mãe acompanhou mais o teu crescimento, sempre foste falando mais com a tua mãe?

Falo mais sim, tenho mais aquela coisa de, mesmo ao telefone ainda hoje em dia.

Há um contacto maior com a tua mãe do que com o teu pai?

Sem dúvida. Lá está é aquela coisa de pai e filho, se fosse pai e filha talvez fosse mais... neste caso pai e filho, temos diálogo ao telefone mas pouco, quando estou com ele já é diferente. É o normal, como se estivessem presentes.

Claro. Como é que te parece a relação dos teus pais enquanto casal? Ora bem, esta é uma questão que, quando os pais estão separados, a mãe em Portugal e o pai no estrangeiro a relação...

Pode ser complicada.

Agora no teu caso os teus pais estão juntos. Como é que tu vês a relação deles de casal?

Estão juntos há 25 anos... aturam-se um ao outro (risos)

Eu imagino que tu não tenhas muita, não sei, conhecimento, não sei se tens...

Não, não, tenho, sei. Como todo o casal, já passaram momentos difíceis há uns anos atrás, derivado também aos momentos que, financeiros e tudo, mas de resto.

Esclarece-me só uma coisa, eles estão juntos, os teus pais estão juntos os dois na Suíça há 25 anos, foram logo os dois emigrados?

Não, o meu pai há 25, a minha mãe há 22 mais ou menos, 20, 22. Mas eu e a minha mãe ia-mos lá constantemente, ou seja, só que depois a partir de uma certa altura fiquei.

Ficaste cá e a tua mãe foi para lá.

Tanto que o meu pai não quer que eu vá para lá.

Não quer?

Não. Não, o meu pai quer vir embora.

Sim, mas imagino, eu tenho sempre a ideia que essa é, o desejo dos emigrantes é trabalhar e depois reformar-se e vir para Portugal.

Ele está com muita família na Suíça. Tenho pessoas da minha idade que não querem vir para cá.

Pois, exatamente.

Nasceram cá, foram com 10 anos para lá...

E já se adaptaram ao país, e a uma cultura diferente, não é?

E agora os pais dele, neste caso estou a falar do meu primo com que me dou melhor quando vou para lá e tudo estou com ele, os pais dele já se estão, já estavam naquela de vir embora, mas agora já estão naquela 'vamos ou não vamos, ele vai ficar cá'.

Essa ideia de o teu pai não querer que tu vás para lá, como é que tu vês isso, por exemplo, tu ponderavas um dia ir para a Suíça.

Ainda hoje pondero, eu já disse ao meu pai, se dentro de, por exemplo, um ano, termino o curso, estou um ano, se nesse ano não arranjar emprego, tenho a facilidade, por exemplo, de ter dupla nacionalidade e tudo, entrar na Suíça...

Tendo em conta a crise que está o país, tendo os teus pais lá, claro que é uma facilidade.

Ele sempre disse, os amigos perguntam 'vais o trazer para aqui?', ele assim 'por minha parte filho meu não entra aqui'. É palavras que ele disse aos amigos lá.

Mas como é que tu compreendes isso quando ele próprio está lá e...

Vejo isto de uma maneira muito simples, o tempo que ele se afastou de mim e viveu este tempo todo fora e tudo o mais, tudo o que ele sabe e passou lá, não quer que eu passe e por isso ele faz passar isso para as outras pessoas. Para ele a vida no estrangeiro é uma vida como ele diz 'estúpida', é trabalho casa, casa trabalho.

É essa a tua opinião também e a do teu pai?

A minha opinião é um bocado diferente. Porque para o meu pai é casado, tem um filho, e tipo ele está lá a trabalhar, tipo, está com a minha mãe, e tudo o mais. Eu se for para lá já, eu sou jovem, já queria conhecer mais, queria...

É uma visão diferente. Embora ele também tinha ido para lá bastante jovem.

Sim, e é como ele diz, na altura tinha, na altura sim, ainda saia e tudo o mais, mas chega a um ponto que para.

Como é a relação do teu pai com outros membros da família? Tu referiste agora que tens mais família lá na Suíça também, por exemplo, a tua própria família materna, não sei se o teu pai tem relação com a família materna. Como é que descreves a relação?

Sim, sim. Ai o meu pai dá-se muito bem com a família da minha mãe, pelo menos a irmã mais velha da minha mãe, que neste, eles por acaso, a maior parte da família que está na Suíça é paterna. Basicamente quando foi foram todos. Sim, o meu pai sempre teve um bom relacionamento tanto com a família materna como a paterna.

Então o que dirias da tua relação com o teu pai neste momento?

Neste momento? Acho que é a relação que tenho desde os primeiros anos, ou seja, sempre foi boa, sempre, é sempre aquele do falar com ele e tudo o mais, mas não é, quando quero falar assim mais já sei a quem é que tenho que recorrer, é à minha mãe.

Ok. Referiste aí um aspeto, que vocês têm um feitio semelhante não sei, se calhar chocam um bocadinho.

Ai sim, sim, ai um bocadinho (risos). Hoje me dia os choques já são maiores, sim porque eu tenho 25 anos, não tenho 10 e tenho a minha opinião formada. Às vezes sim, às vezes tento, o pah, começamos ali um diálogo muito aceso que, é verdade, eu às vezes fico assim um bocado coisa, devia ter pedido desculpa, mas eu tenho razão, fico na minha, prontos, é o feitio, vai do feitio das pessoas, mas isso não influencia em nada todo o nosso comportamento, toda a nossa relação, tudo o que sentimos um pelo outro. Podemos chocar, é normal, quando são feitios muito diferentes, muito parecidos, aquilo é...

Ok, muito bem. Considerando a tua experiencia pessoal da ausência dos teus pais, teres crescido com a tua avó, qual é a tua conceção ou definição de família?

(pensa) Para mim é um bocado... é assim, é um bocado, é assim se eu for falar relativamente a esta família, posso dizer que é uma família muito próxima, muito chegada, tem muito afeto uns pelos outros, gostam de demonstrá-lo e tudo o mais, e estão sempre, falta-me a mim, estão lá, tipo não é monetariamente mas por outros meios eles tentam compreender, ajudar, etc. aqui é mais o termo sentimental que eles ajudam sempre. Monetário sou eu e a minha avó que nos regemos, tentamos nos reger da melhor maneira possível. Agora quando se tem os pais fora é complicado dizer o conceito de família, porque uns estão cá e outros estão lá, mas posso dizer que família... é a parte do carinho, paz, passasse de tudo um pouco, para mim eu acho que a família tem aquilo que nós

sempre desejamos para a vida, tem tudo lá, tudo aglomerado no mesmo local. Para mim, apesar de uns aqui e outros ali, que eu acho que isso nunca devia acontecer, mas pronto, infelizmente.

Pois, ok. Gostarias de acrescentar algo que não tenha sido abordado e que consideres importante para a entrevista?

Acho que tocou um bocado no ponto de cada, em cada parte. Eu também ao longo, fui tentando, fui respondendo às questões e também já passando mais alguma parte do que é lá fora e da relação que tenho com eles.

Claro. Como é que te sentiste durante a entrevista?

Bem. Não é uma coisa, sim é um facto, toca e vai sempre tocar não tendo-os cá, mas vou levando isso como possível.

Ok. Muito bem. Então encerramos assim a parte da entrevista, agradeço-te por estares disponível para isto.

Entrevista H6

Em primeiro lugar gostaria de te agradecer por realmente aceitares, e estares disponível para colaborar neste estudo, ao longo da entrevista vou-te colocar algumas questões relativas à tua história familiar, incidindo maioritariamente sobre a relação com o teu pai. Num primeiro momento, talvez durante o período mais longo da entrevista, vamos focar a tua infância e adolescência, depois passamos para a atualidade.

Gostaria que te sentisses completamente à vontade para responderes às questões, se não quiseres responder a alguma pergunta não precisas de responder, se quiseres interromper a entrevista também o podes fazer. Por isso quando te sentires preparado podemos começar.

Então a primeira pergunta que te vou fazer é como é que tu imaginavas o teu pai durante a tua infância?

É assim, eu nos primeiros tempos, até aos meus oito anos, estive mais presente com o meu pai, todas as vezes que nós íamos estávamos lá com ele uns seis meses, uns oito meses, portanto tive sempre aquela, o meu crescimento até aos oito anos, muito presente com ele. E depois foi um pouco o meu ídolo, porque inicialmente não era nada esta área que eu queria, não queria ir para civil nem nada do género, e depois como comecei a passar as férias com ele e tudo o mais, e começou-me a levar com ele para a obra, e a mostra o quê que ele fazia, comecei a tomar gosto e a querer seguir os passos dele.

Lembraste de algum episódio ou momento significativo ocorrido na relação com o teu pai e que te tenha marcado de alguma forma, na tua infância?

Assim de repente, não.

Podes pensar um bocadinho.

Talvez quando fui operado.

Gostarias de descrever um bocadinho mais?

Aí aos nove, dez anos fui operado, tive uma grande operação, e ele automaticamente decidiu regressar a Portugal para estar ao meu lado.

Ok. Nas vezes que tu visitaste o teu pai, que foram várias, como é que tu te sentiste, qual foi a tua experiência nessas visitas.

Foi completamente a euforia (risos), porque foram países com culturas diferentes, métodos de trabalhar completamente diferentes, acolhimento diferente, e achei isso

muito, muito bonito, muito enriquecedor, e sempre que podia ir a um país onde o meu pai estava aproveitava logo e tirava as férias grandes para ir lá.

Como é que o teu pai participava no momento de estabelecer as regras em família?

O meu pai sempre foi muito liberal (risos), a nível de regras era mais a minha mãe, o meu pai era mais soft, e penso por estar longe, não querer tanto implicar para não ganharmos tipo cisma dele, portanto a nível de regras nunca estabeleceu assim grandes regras.

Lembraste de algum episódio em que ele tenha participado, assim algum em particular que ele tenha realmente interferido?

Talvez quando tirei a carta.

Por exemplo, como é que descreves isso?

Foi aquela coisa de, por tipo as coisas no lugar, tipo tentar pôr-me responsabilidade antes de me dar o carro e tudo o mais, foi mais severo, a partir dos meus 18 anos começou a ser mais duro.

Ok. De que forma é que o teu pai entrava nas decisões da família. Quando era necessário tomar uma decisão como é que ele participava?

Como assim?

Alguma decisão importante da família, como por exemplo, referiste aí o exemplo de tirar a carta, não sei, o dar o carro, a escolar que querias frequentar, alguma compra que a família tivesse que fazer. Como é que o teu pai entrava nisso?

É assim, no dia-a-dia era a minha mãe que decidia as coisas. Depois, compras maiores era com ele, mas sempre, ou eram feitas em alturas que o meu pai estava cá, e decidiam os dois, ou então quando era coisas banais era a minha mãe que decidia, comunicavam por telefone, então às vezes enviamos fotos por mail e decidimos.

Ok. Com que frequência é que falavas com o teu pai?

Praticamente todos os dias.

Desde a tua infância?

Ainda hoje praticamente de dois em dois dias, todos os dias.

Hoje em dia é mais fácil, os meios de comunicação melhoraram muito, a internet, o Skype, isso torna as pessoas mais próximas apesar da distância.

Humhum.

Como é que descreverias a comunicação e a relação dos membros da família com o teu pai? Aqui membro da família, podes pensar em qualquer membro da família que esteja cá, as tuas irmãs, outros familiares, como é que era a relação com o teu pai?

Sempre foi boa, sempre foi muito boa. Sempre tivemos uma ligação muito próxima, portanto, quando ele está cá a família está sempre toda reunida, e, mas isso sempre foi muito bom.

Como consideras as mudanças que possam ter ocorrido na comunicação com o teu pai? Ou seja, houve alguma, tens noção de ter havido alguma na vossa comunicação ao longo do tempo?

Eu acho que ele agora mudou a nível de, é mais, talvez por causa da idade, é muito mais carinhoso, muito mais emotivo, nesse sentido é mais preocupado, eu acho que é muito mais preocupado agora do que antigamente.

Que tradições foram mantidas na família? Por exemplo, eu quando faço esta questão explico, se havia algumas tradições que a família costumava ter e na ausência do pai deixaram de existir. O comemorar o natal, a páscoa, os aniversários...

É assim, a nível de natal e páscoa o meu pai vem sempre, estamos sempre em família. Depois pronto, o mês de agosto é aquele mês que ninguém pode tirar férias para ir para fora que é para estar em família (risos).

Pois, isso é um bocadinho a vida do emigrante. Isto é uma questão à parte, mas há aquela ideia que o emigrante vem sempre passar férias a Portugal no verão, porque gosta sempre de regressar às origens.

É.

Ok. Se voltares agora um bocadinho com o pensamento à adolescência, como é que tu descreves os teus sentimentos em relação ao teu pai?

Na altura senti muita falta, e notava, pronto, quando havia festas na escola e tudo o mais, na altura do natal, pronto, era alturas em que o meu pai ainda não estava cá, e via propriamente no colégio que havia sempre o pai e a mãe que iam às festas, meu caso era a minha irmã e a minha mãe (risos), o meu pai estava mais ausente, e sentia bastante falta, principalmente, até ao meu 6º ano, 5º, 6º ano.

Que imagem é que a tua mãe transmitia do teu pai?

Sempre foi assim uma boa imagem, de uma pessoa que se preocupava muito com o nosso futuro, pronto, que apesar de estar longe, que está sempre presente, porque é, ele

a nível de decisões e tudo mais gostava de se influenciar um bocadinho, e pronto sempre foi uma boa imagem.

Lembraste de alguma expressão que ela usasse para se referir a ele, como é que ela o descrevia, se falava nele, quando falava dele o quê que ela costumava dizer?

Ela sempre dizia que tínhamos que ser como ele a nível, no futuro, quando fôssemos, pronto, pra seguir o nosso caminho, que deveríamos ser espontâneo como ele. Ele sempre teve a decisão, ele emigrou muito novo, quando tinha 15 anos, portanto, é como ele diz, uma pessoa não tem que ter medo, tem que aproveitar a vida, mas saber aproveitá-la bem, e sempre nos disse para fazer como, sempre nos deu assim liberdade de pudermos sair fora do país, e tentar voar pelas nossas asas, não é, como dizemos.

Ok. Agora que já percorremos um bocadinho do passado, da infância e adolescência, vamos pensar no momento atual. Como é que tu consideras neste momento a relação, a tua relação com a família de origem do teu pai?

Com a família de meu pai é um pouco distante. Não temos aquelas ligações como propriamente com a família da minha mãe. A família da minha mãe está mais distante, porque está toda em França, mas eles moram todos ali perto de nós a família do meu pai, mas sempre foi mais distante, não tenho nenhuma convivência com eles propriamente.

Então como é que tu descreves, como é que tu consideras isso, essa distancia, o quê que tu pensas acerca disso?

Acho que é um pouco inveja das pessoas. Vejo isso tipo inveja, e sim, principalmente inveja.

Ainda tens os teus avós paternos?

Tenho avó.

E tios, tens tios?

Sim, sim.

Referiste aí um aspeto interessante, que eles estão perto de vocês mas...

Mas sou capaz de passar meses sem os ver.

E no passado também era assim?

Sim, sempre foi assim.

O que consideras que te foi transmitido pelo teu pai e pela família paterna? Pelo teu pai, se calhar já referiste aí alguns aspetos, não é, o exemplo, queres acrescentar mais alguma coisa acerca do que ele te transmitiu?

Que ele me transmitiu ou que eles transmitiam dele?

O que ele te transmitiu.

É assim, ele sempre deu importância à família o meu pai, portanto, ele sempre defendeu aquela coisa de reunir a família e juntar toda a gente, ele por acaso a isso dá muito valor.

Quando falas em família, falas em família alargada ou família os pais e filhos?

Família alargada. Ele sempre gostou de estar rodeado (risos).

E a família paterna, referiste que não tinhas muita relação com ela, consegues, foi te transmitido alguma coisa pelo lado paterno da tua família?

Lá está, eles, não sei, sempre nos tentaram afastar, porque, pronto, é a tal coisa, que para mim acho que é inveja, de verem que alguns lutaram pela vida e conseguiram e outros não lutaram e pronto, e de verem que uns têm determinadas coisas e outros não têm e tudo o mais, acho que isso acaba por afastar e criar uns pequenos conflitos na família.

Como é que caracterizas a tua relação com a tua mãe?

É muito boa. Eu considero a minha mãe, da minha mãe eu não escondo nada propriamente, ela é como se fosse a minha melhor amiga e mãe. Por exemplo, às vezes quando falo com a minha mãe, não tenho aquela coisa tipo de, não trato por você nada do género, é sempre mais pessoal quando falamos os dois.

Essa relação sempre foi assim? Uma relação positiva, uma relação aberta.

Sempre foi. Sim, sim.

Como é que te parece a relação dos teus pais enquanto casal?

Acho que é uma boa relação.

Como é que tu vês o facto de eles estarem assim separados.

Isso entristeceu-me um pouco, porque vejo que a vontade de estarem os dois juntos era bastante, mas pronto, a minha irmã quis estudar cá em Portugal, portanto na altura, já regressamos para Portugal muito, muito cedo, para ela fazer o secundário, e depois comecei a frequentar cá a escola e tudo o mais, e a minha mãe, pronto, por motivos de consciência decidiram ela ficar cá em Portugal connosco e o meu pai continuar fora, caso contrário eu teria que andar sempre de escola em escola, de país em país, e eles tinham medo nessa relação de me poderem prejudicar e tudo o mais.

Mas vês a relação deles como positiva também?

Sim, positiva.

Como é que descreves a relação do teu pai com outros membros da família, neste momento, como é que é a relação? Do teu pai com a família dele, a mãe, os tios, outros, filhas, como é eu tu consideras?

Ele sempre foi uma pessoa muito preocupada, sempre a tentar procurar o bem-estar das pessoas e preocupasse bastante com as pessoas também, portanto está sempre por ali presente.

Hum hum, ok. O que dirias neste momento da tua relação com o teu pai?

É boa a relação com o meu pai. Também é, é como a minha mãe, não escondemos praticamente nada, quando tenho que falar uma coisa digo, com eles, abertamente, nunca, sempre me deram liberdade, o meu pai muito mais que a minha mãe, a minha mãe sempre foi mais em ordem, o meu pai sempre deu mais liberdade. Se disser que me apetece sair ou se quiser ir para algum lado ele não diz o contrário, diz para ir, porque é a tal coisa, como ele diz, se fizer algum erro, pronto, eles estão cá para me apoiar, mas é muito boa a relação com o meu pai.

Ok. Considerando essa tua experiencia pessoal da ausência do teu pai, qual é a tua conceção ou definição de família?

Pra mim a conceção de família, antes de mais nada casar, ou não, o meu pai a nível de casamento não liga assim, não é coisa essencial, porque os meus pais estiveram 20 anos sem casar, fui menino das alianças deles com 10 anos, portanto é uma coisa que para eles é indiferente, mas encontrar alguém, ser feliz, e aí sim, criar uma família e dar o apoio e termos o nosso canto, como eles sempre fizeram connosco e apoiar depois os filhos e assim.

É mais importante esses valores que estás a tentar mostrar, o apoio, o estar próximo, a união.

Sim.

Isso se calhar para ti é o mais importante da família. Consegues imaginar-te numa situação semelhante à do teu pai, por exemplo, estar fora com a família cá?

Eu não. Não era capaz.

Queres explicar porquê, um bocadinho?

É assim, porque eu acho que é uma vida que custa bastante, vejo pelo meu pai, e pelos amigos dos meus pais, que temos relações próximas, que são coisas, que pronto, que custa, se for estar fora e conhecer alguém cá a coisa é diferente, agora conhecer alguém e depois ter que ir para fora, deixar essa pessoa cá e filhos, e tudo o mais, isso para mim não é, é impensável.

Não sei, consegues perceber, achas que para o teu pai também é difícil essa situação, ele demonstra isso?

Acho que sim, ele demonstra muitas vezes, principalmente agora que está perto da reforma, cada vez mais demonstra que já está farto, já está cansado, apesar de gostar daquilo que faz.

Já está a precisar de regressar às origens para descansar e desfrutar também um bocadinho da família, provavelmente.

É, é isso.

Bem, esta pergunta já é em jeito de conclusão da entrevista, vou só te perguntar se gostarias de acrescentar mais alguma coisa que aches que seja, que consideres que seja importante para a entrevista e que não tenha sido abordado.

Não.

Algum episódio, alguma coisa que tenhas lembrado da relação com o teu pai que queiras acrescentar.

Não.

Muito bem. Como é que te sentiste durante a entrevista?

Senti-me bem, à vontade.

Isso é muito bom. Então encerramos esta parte da entrevista, não te vou colocar mais questões e gostaria de te agradecer uma vez mais e passar à fase seguinte.

Obrigado.

Anexo E – Categorização

Relação pai-filho

Idealização da figura paterna na infância

Rejeição da autoridade e falta de autoridade do pai

Autonomização e amadurecimento dos filhos

Características do pai

Convívio com o pai

Exemplo para os filhos

Postura do pai

Posição dos filhos

Afastamento da educação

Tomar decisões

Necessidade de amadurecer

Pessoa lutadora (2)

Figura maravilhosa

Férias

Diversão

Presentes

Idolo (2)

Seguiu a sua profissão

Bondoso

Tolerante

Liberal

"Perde um pouco o direito de estabelecer regras", é uma questão de "bom senso do pai"

Estava habituada a ser protegida pelo pai e não responsabilizada

Pai não participava muito, pois "quem não vê não sente".

Não implicava tanto com os filhos devido ao facto de estar longe "para não ganharem cisma dele"

"ele simplesmente não tomava... sempre tive muita autonomia por causa disso"

"eu tinha liberdade para, como ele dizia, 'o melhor para ti eu estou cá'"

"sempre fui uma criança, uma adolescente, muito adulta... era como se fosse o braço direito dela"

"o meu pai sempre foi muito aberto a tudo... cresci rápido, porque haviam essas conversas de tudo"

Relações familiares

Forte ligação da mãe à família de origem

Afastamento da família paterna

Relação com a mãe

Relação de casal

Posição da mãe

Papel dos avós

Relação distante

Encontros de festividades

Relação pragmática

Relação de amizade

Visão romântica

Visão negativa

Passa a ser o "homem da casa"

Continuam a viver com os pais

Assume o cuidado dos seus pais

Assumem papel educativo e afetivo

Confusão de papéis - vistos como os pais

Visitas semanais (2)

Relação esporádica

Relação de festividades

Reunem-se quando pai está presente (2)

A mãe é o "único pilar"

Estão ambos presentes nos problemas um do outro

Não existem conflitos

Relação de confiança (2)

Melhor amiga (2)

Irmã mais velha

Semelhante a relação de namoro

Não há conflitos quando estão juntos

Relação ideal

"Já não é aquela relação de amor"

Acomodação é rotina

Desejam estar juntos, mas sacrificam a relação

Sentimento da emigração

Saudosismo do emigrante e família alargada

Reconhecimento do sacrifício do pai

Rejeição da emigração semelhante à do pai

Família de origem do pai

Saudosismo

Visão da esposa

Visão dos filhos

Hipótese de emigrar

Rejeição do afastamento da família

Reencontro com as origens

Necessidade de manter tradições

Férias sempre em Portugal

Desejo de regressar e ter a qualidade de vida ambicionada

Bom marido

Respeita as decisões dela

Valoriza o seu trabalho

Sacrifício para ter vida melhor

Qualidade de vida e futuro melhor

Pondera passar alguns meses fora em trabalho

Vê a presença do pai noutra país como oportunidade para emigrar(2)

"Emigrar para mim não"

"Não me imagino tanto tempo longe"

"Isso nunca devia acontecer"

Família é pai, mãe e filhos, gostava que o pai estivesse cá

"Não é uma vida fácil, não a desejo para ninguém"

"Não era capaz de emigrar e deixar cá a família, é impensável"



Conceção de família

Sentimentos associados

Relação entre os membros

Confiança

Esperança

Afeto

Carinho

Paz

Partilha

União (3)

Apoio (2)

Ajuda (2)

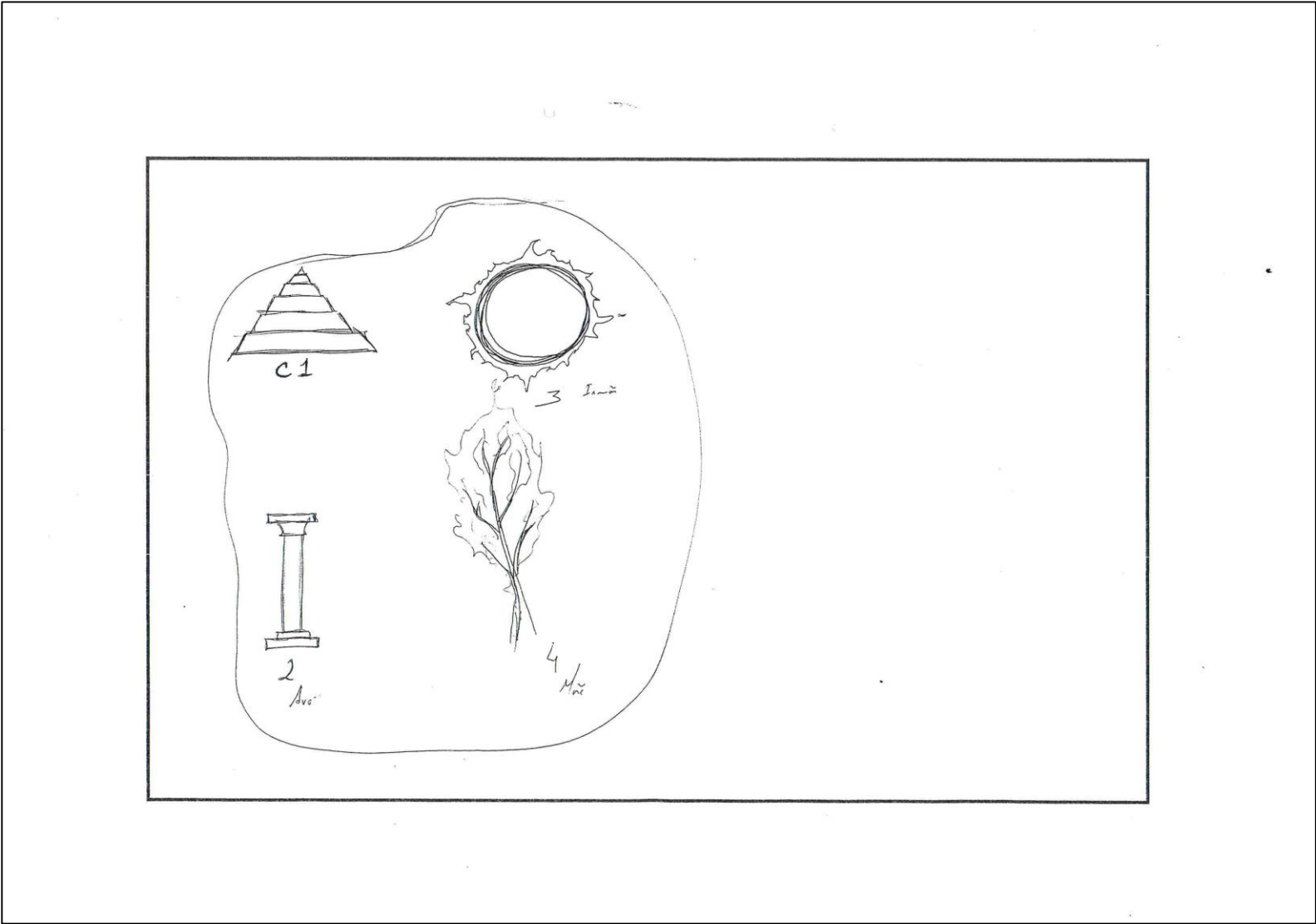
Proximidade

Ouvir

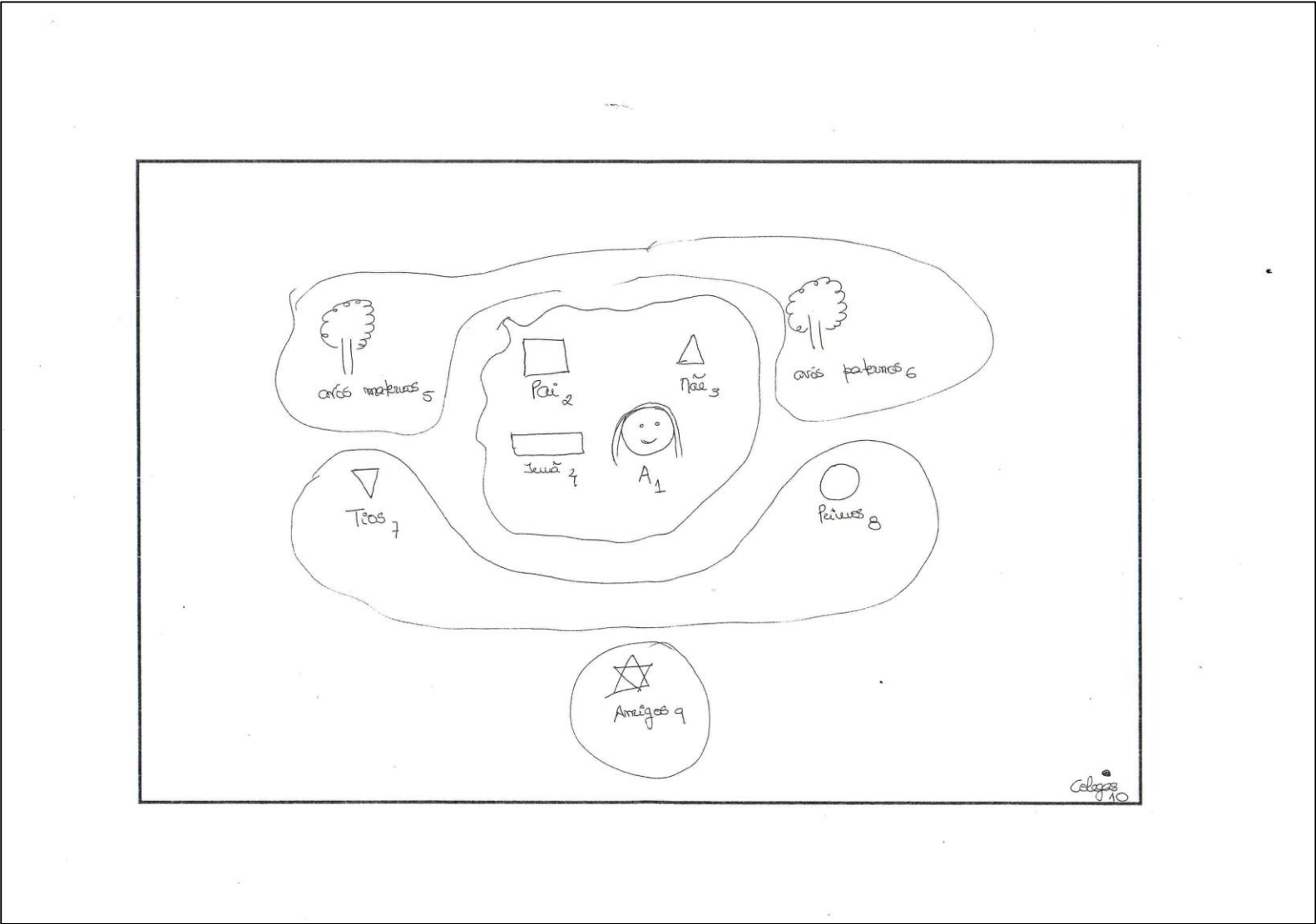
Comunicação

Anexo F – Aplicações da *Dupla Lua*

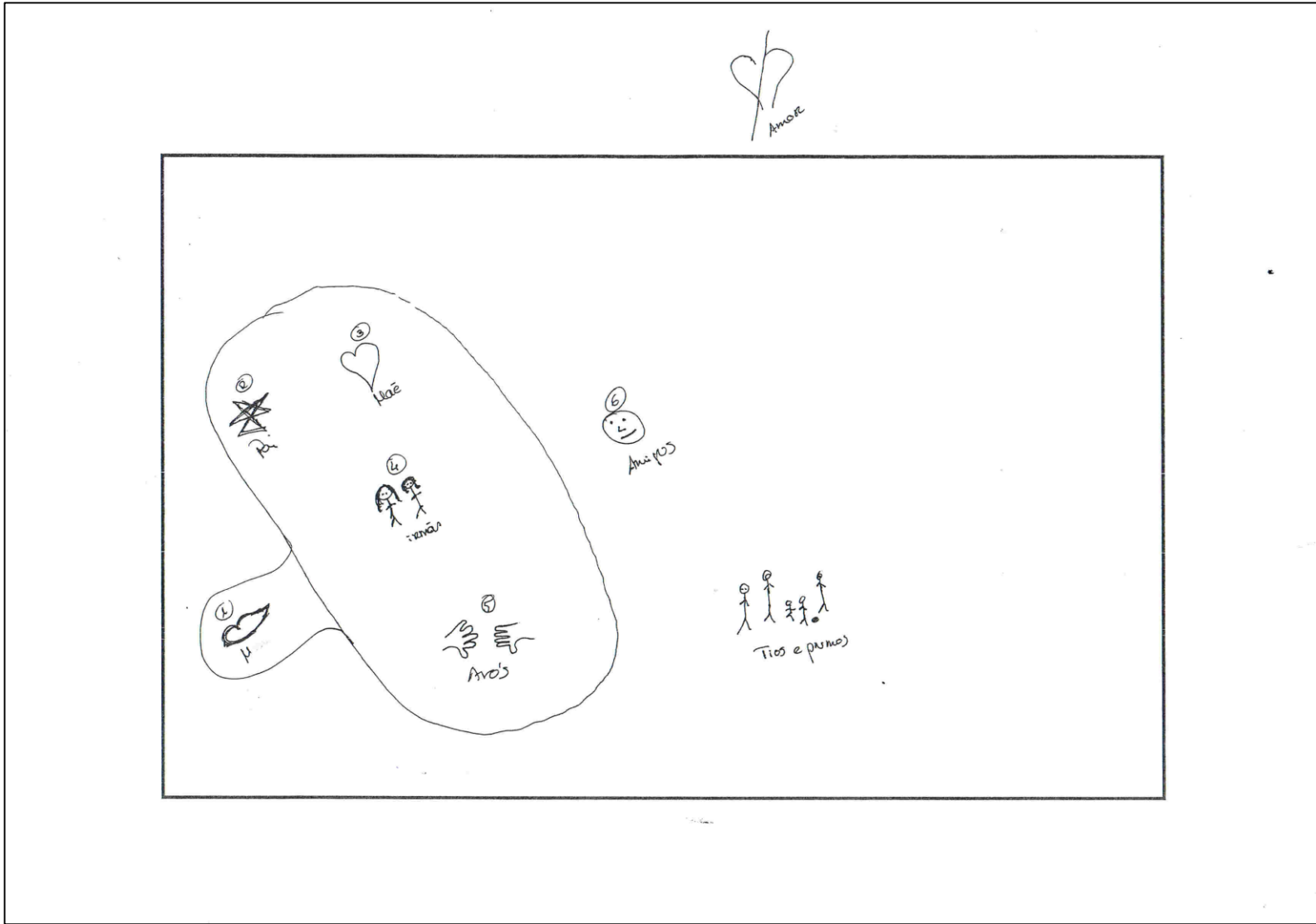
Participante C1



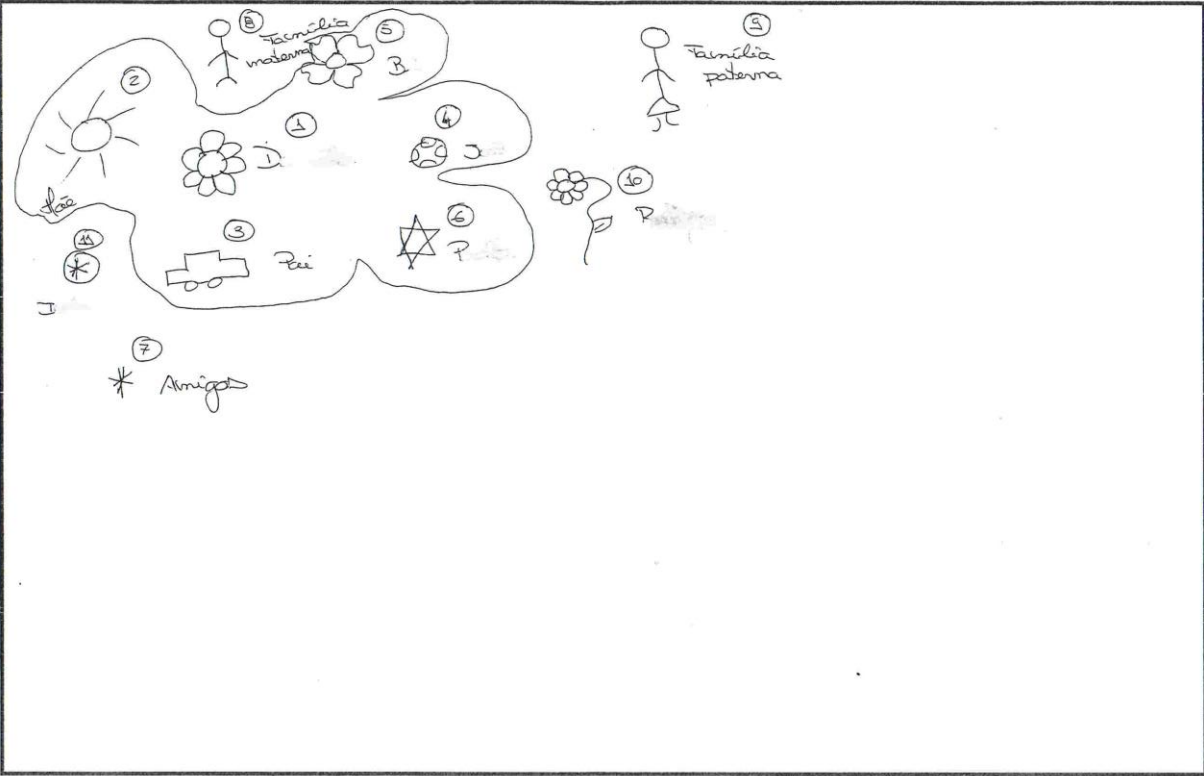
Participante AL2



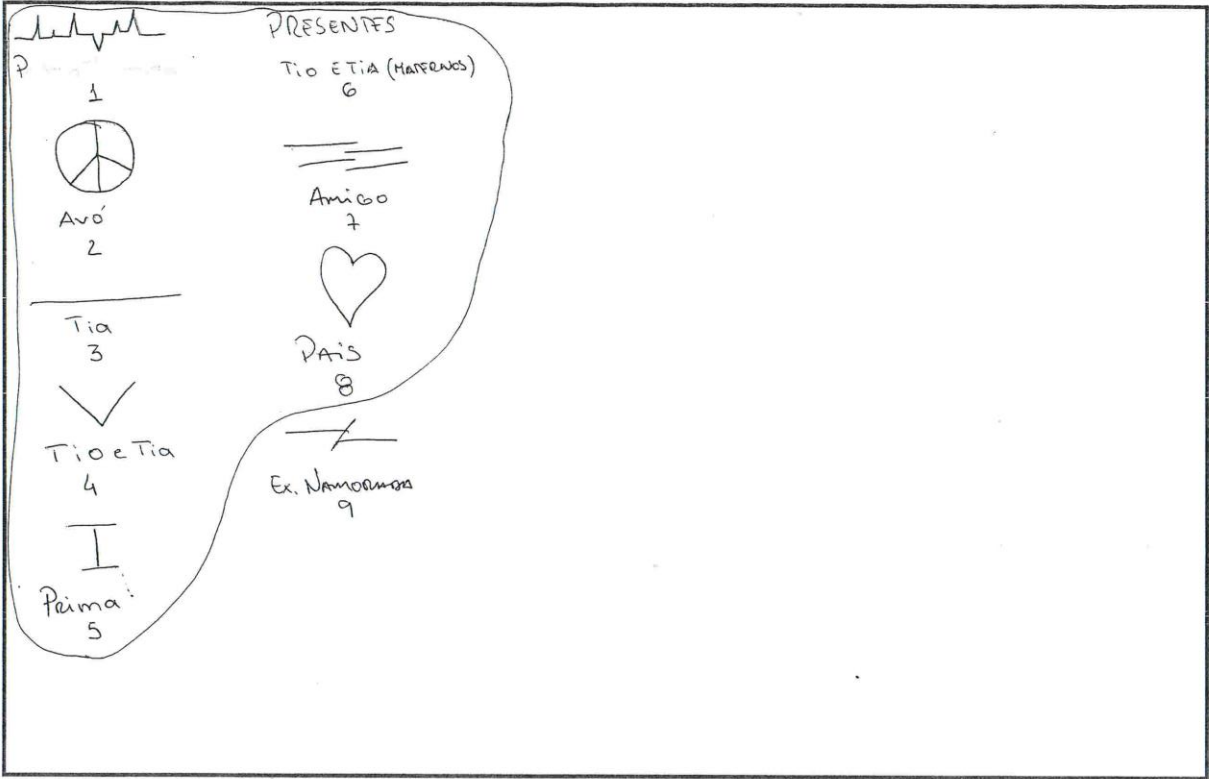
Participante M3



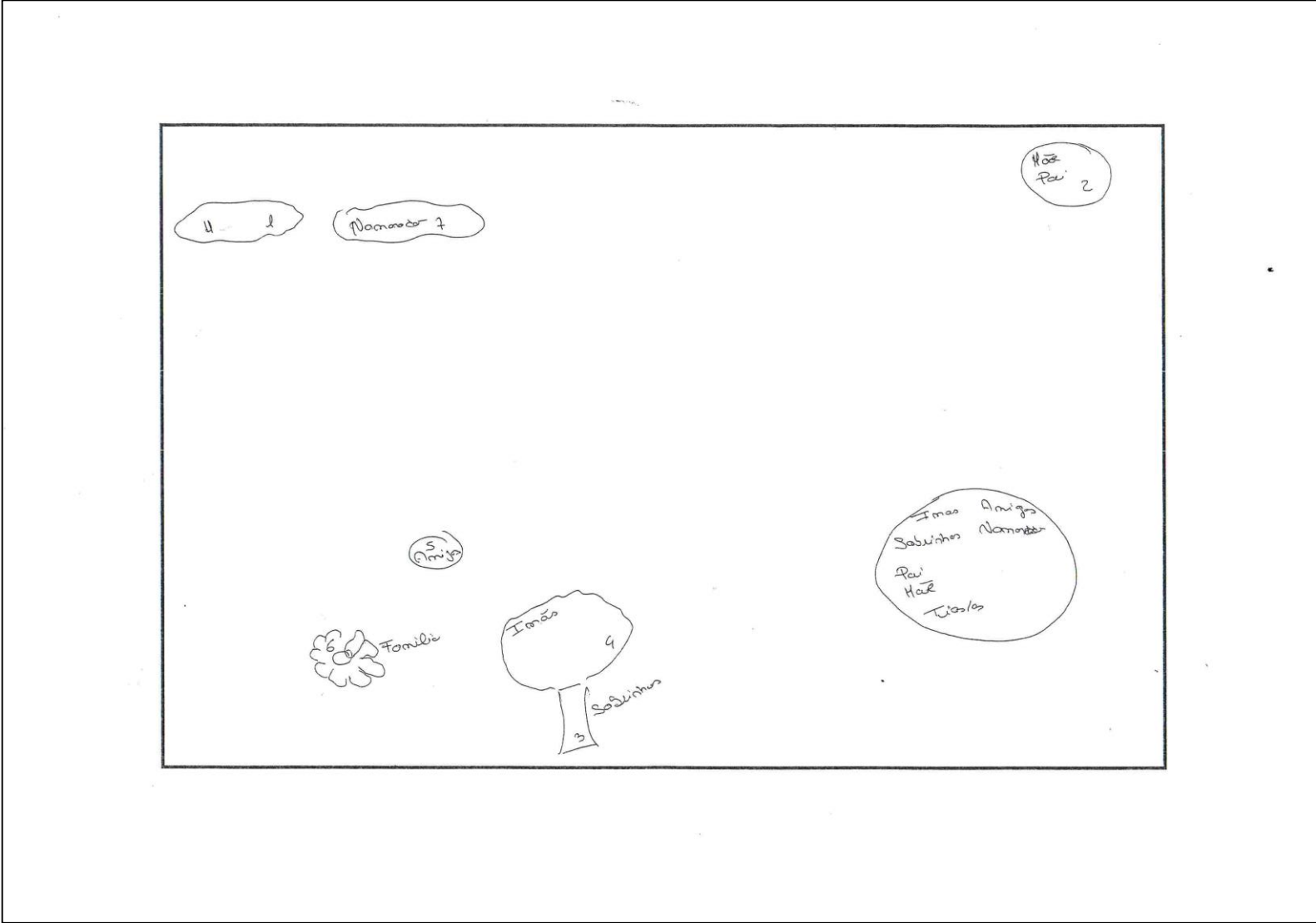
Participante F4



Participante P5



Participante H6



Grelha de Análise

A Dupla Lua

Teste das fronteiras e das pertenças familiares

Greco, O. (1999). La doppia luna. Milano: Vita e Pensiero.

Traduzido e adaptado por Costa, S., Moreno, G. (2011) Universidade Católica Portuguesa – Braga

Nome do avaliador: Joana Soares

Caso: C1

Data de realização: 14 de maio de 2013

Data de análise: 14 de maio de 2013

Apresentação da grelha:

A presente grelha divide-se em seis partes, que correspondem aos diferentes níveis de análise:

1. Análise do conteúdo **gráfico**: Estar atentos à tipologia dos símbolos, cores, tamanhos, disposições no espaço, sequência em que foram desenhados os diferentes elementos, membros presentes ou ausentes, representação dos limites familiares, relação entre as diferentes partes do desenho...
2. Análise **verbal** dos dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho e no diálogo posterior.
3. Análise do nível **emotivo/interativo**: Observar o clima emotivo durante a execução do teste, o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...
4. Análise do nível **reflexivo**: Observar se a pessoa é capaz de utilizar o conteúdo gráfico e o que emerge do desenho, para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.
5. Análise dos dois constructos chave do teste: os **limites** e as **pertenças**. Analisar, através de diferentes indicadores gráficos e verbais, os limites individuais, inter e intra-sistémicos, geracionais e familiares. Também observar a presença ou ausência dos diferentes polos familiares e a possível relevância do conflito de lealdade naquele caso.

Antes de iniciar a análise do teste é imprescindível estar por dentro dos fundamentos teóricos deste instrumento projetivo e recomenda-se uma primeira leitura geral da grelha de análise antes de começar a preencher os diferentes apartados.

1. Análise do conteúdo gráfico

1.1. Avaliação global:

Para a análise dos dados gráficos recolhidos, deve-se começar por uma avaliação global, tendo em conta a primeira impressão que nos suscita a observação do desenho. Devem-se observar os sinais gráficos, as cores, as relações entre os espaços preenchidos e os espaços vazios, a disposição dos símbolos no espaço, as evidências gráficas e a eventual ocupação do centro do retângulo. Posteriormente deve-se pensar numa frase ou metáfora para dar um título geral ao desenho, de forma a registar esta primeira impressão.

Primeiras impressões	Percebe-se o perfeccionismo do participante nos desenhos, mas ao mesmo tempo parece pobre. Sobressai o vazio relacional, pois não há representação de relações significativas e exteriores ao ambiente familiar. Os próprios elementos parecem ilhas isoladas.
Título do desenho	Perfeccionismo e vazio.

1.2. Avaliação dos elementos do desenho:

Depois de realizar uma avaliação global, convém observar e descrever com mais pormenor, cada um dos elementos gráficos do desenho, especialmente:

Indicadores							
A tipologia dos símbolos: a utilização de símbolos convencionais e não convencionais, símbolos abstratos, pictográficos...	Convencionais	Pirâmide, coluna, sol e árvore.					
	Não convencionais						
A dimensão dos símbolos utilizados (a homogeneidade /heterogeneidade entre eles)	Homogeneidade	Símbolos de tamanho semelhante.					
	Heterogeneidade						
A disposição espacial dos símbolos utilizados na folha (por exemplo, o uso do retângulo, dos limites, do espaço externo ao retângulo)	Apenas usou o lado esquerdo do retângulo, não colocou ninguém fora deste nem próximo das fronteiras.						
A disposição dos diferentes elementos no retângulo (uso do centro, uso dos limites, uso dos ângulos e uso dos quadrantes)	Na utilizou o centro; utilizou apenas os quadrantes do lado esquerdo.						
A sequência dos elementos desenhados, a ordem pela qual cada elemento foi colocado	1	Participante	6		11		16
	2	Avó	7		12		17
	3	Irmã	8		13		18
	4	Mãe	9		14		19
	5		10		15		20

Indicadores	
Qual/quais famílias são desenhadas espontaneamente? (biológica, adotiva, nuclear, reconstituída...) e quais os membros desenhados de cada família? Que outras pessoas não familiares u objetos, desenha espontaneamente?	Nuclear
	Participante, avó, irmã e mãe.
Quais são os elementos ausentes? Que pessoas importantes ou famílias não desenha espontaneamente?	Não desenhou o pai nem qualquer outra referência à família alargada; não existe linhagem paterna. Apenas representou as pessoas que vivem com ele.
Qual é a posição da pessoa que faz o desenho, relativamente aos restantes elementos das famílias desenhadas? (próximo, distante, abaixo, acima...)	O participante está relativamente próximo de todos os elementos, ao lado da irmã e acima da avó. Ao mesmo tempo parecem todos desligados, não se percebe relação entre eles.
Quais os membros da família que estão colocados dentro e quais os que estão fora do retângulo?	Não colocou ninguém fora do retângulo.
A representação dos limites familiares: que famílias são envolvidas em círculos? Quais os elementos de cada uma das famílias?	Envolveu todos os membros na família, pois apenas representou as pessoas que vivem com ele. Apesar de se ter questionado se também se incluiria, denotando uma possível ausência de um sentido de pertença a este ambiente familiar.
Que pessoas representa depois de serem dadas as instruções 4 e 5.	
Que pessoas não representa depois de ser dada a instrução número 4	Opta por não representar o pai nem outras pessoas que ele próprio disse que poderia representar, mas que não faria sentido.
Onde foram colocados os elementos ausentes depois de ser perguntado por eles?	
Quando se coloca a instrução nº 5, sobre o espaço do desejo, deve-se verificar: De que forma expressa o desejo? Afasta ou aproxima algum dos elementos presentes? Adiciona algum elemento novo que até então estava ausente? Elimina algum elemento do desenho?	“Se calhar acrescentava mais pessoas”. “Sim... acho que pra já não se justifica, não sei.” Talvez se referisse ao pai, como desejo de o ter mais próximo afetivamente, mas isso não corresponde à realidade, logo não o incluiu no desenho.
Outras observações relativas ao conteúdo gráfico	

2. Análise do conteúdo verbal

Os dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho, constituem uma preciosa informação, que podem ser confrontados com o resto dos indicadores e assim verificar a congruência ou incongruência na compreensão global do teste.

A análise do conteúdo verbal pode ser efetuada segundo diversas categorias e com diferentes procedimentos, como por exemplo, papel e lápis ou *software* de análise de texto.

Análise do conteúdo verbal

Questiona-se se inclui na família, para alguns segundos para refletir e acaba por fazê-lo, de alguma forma esta dúvida pode refletir uma distância emocional e uma dificuldade de se sentir pertença daquele contexto familiar.

Questionado se faltaria alguém refere que “em grau de parentesco faltaria o pai, mas em termos de proximidade e de representação mental da família...”, no fundo, foi fiel à realidade, pois para ele não é uma pessoa próxima nem considerada como sendo da família, pelo que não fazia sentido inclui-la no desenho. O polo de conflito foi evidenciado gráfica e verbalmente.

Questionado se queria acrescenta-lo disse “sim, acho que sim, mas estava a tentar ser fiel ao teste e não às convenções familiares”.

“Quer dizer o que quer dizer, não sei.” (diz em relação à ausência da representação do pai).

Referiu que se calhar acrescentava mais pessoas, mas não se justificava fazê-lo.

3. Análise do nível interativo-emotivo

Analisar também a interação que se produz durante a entrevista e a aplicação do instrumento. Os indicadores detetados através da análise da interação e do clima emotivo durante a execução do teste devem ser confrontados com os outros indicadores, para explorar a recíproca congruência ou incongruência.

Em particular é útil observar os aspetos emotivos e o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...

Análise do nível interativo-emotivo

Não é uma tarefa fácil, denota-se algum desconforto. Demora algum tempo a pensar o que desenhar e procura desenhar com perfeição.

Quando questionado se faltaria alguém diz que falta o pai, mas não o quis representar. Mostra que isso pode ter algum significado na sua vida ao dizer “quer dizer o que quer dizer (a ausência)”.

Com a ausência do pai talvez possamos hipotizar a existência de uma família paralela no país de acolhimento do pai.

Apesar da dificuldade em falar no pai, foca esse aspeto, mostrando ser relevante e denotando consciência para o assunto.

4. Análise do nível reflexivo

Um indicador importante a nível clínico provém da observação da capacidade ou incapacidade que a pessoa tem para comentar o seu próprio desenho. Se é capaz de utilizar o que emerge do desenho, acerca das suas próprias relações e da própria posição em relação às fronteiras familiares, utilizando o conteúdo gráfico das indicações do instrumento para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.

Análise do nível reflexivo

É perceptível o afastamento entre o participante e o pai, fala nele apenas como alguém que tem um grau de parentesco com ele, não existe qualquer afetividade.

Não comenta o desenho, não faz qualquer verbalização acerca do que desenhou (exceto para explicar que a irmã parece um vírus mas é um sol).

Concluída a tarefa da representação das pessoas mais significativas, não houve mais mudanças no desenho nem emergiram comentários acerca do mesmo, pelo contrário, foi perceptível a vontade de terminar rapidamente e não querer falar do assunto família.

5. Análise dos dois constructos chave: as fronteiras e as pertenças

Depois de observar cada um dos elementos do desenho, procede-se a uma avaliação mais pormenorizada dos dois constructos chave fundamentais do teste: os limites ou fronteiras e o conflito de pertença.

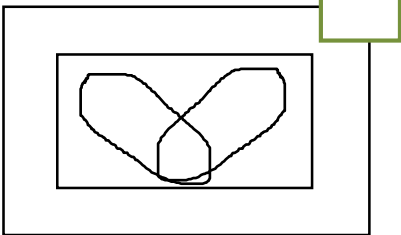
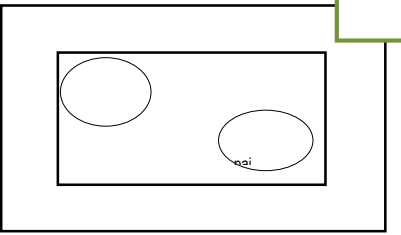
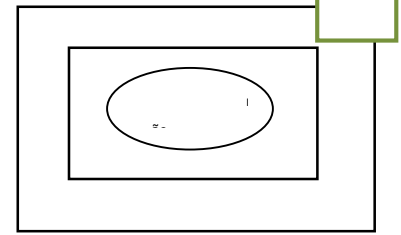
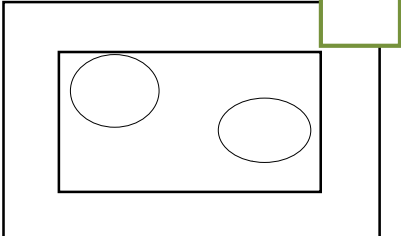
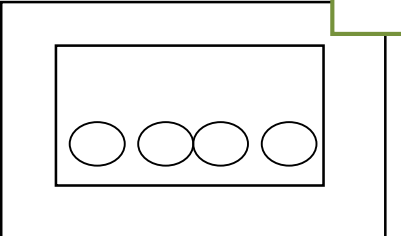
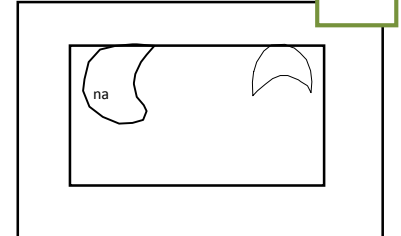
5.1. A representação das fronteiras						
Fronteiras individuais: distância interpessoal	Separação/individuação	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x	
	Diferenciação	Dialética entre proximidade e distância		Presença no discurso de outras pessoas significativas		
				Distinção semântica e gramatical entre si e os outros		
				Qualidade afetiva positiva na relação entre si e os outros		
	Relação simbiótica	Símbolos colados ou um dentro do outro		Sobreposição semântica e gramatical entre si e os outros		
				Qualidade afetiva ambivalente na relação entre si e os outros		
Tendência ao isolamento	Ausência de pessoas significativas		x	Ausência no discurso de outras pessoas significativas	x	
	Isolamento do símbolo do sujeito em relação aos outros			Qualidade afetiva negativa na relação entre si e os outros		
Fronteiras geracionais: distância entre as gerações (inter e intra)	Hierarquia de papéis	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x	
	Os pais assumem o cuidado dos filhos	Símbolos dos pais maiores ou acima dos filhos		Referências no discurso à tarefa parental do cuidado dos filhos		
	Relação igualitária entre pais e filhos	Tamanho igual entre os símbolos de pais e filhos		Descrição de uma relação igualitária entre filhos e pais		
	Parentalização: inversão de papéis, quando o filho assume as funções parentais	Ausência de símbolos de um ou ambos os pais		x	Inversão da relação hierárquica de cuidados: os filhos procuram responder às necessidades dos seus progenitores	
		Símbolo do filho maior ou acima dos pais				
Símbolos dos pais dentro dos símbolos dos filhos						
Fronteiras familiares: Distância entre a pessoa e uma ou mais famílias	Pertença familiar	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x	
	Reconhecimento da pertença a um contexto familiar	Configuração das famílias de pertença	x	Expressa uma qualidade positiva na vivência das relações familiares		
	Desconhecimento da pertença a um contexto familiar	Não pertença a nenhuma família			Expressa uma qualidade negativa na vivência das relações familiares e um sentido de solidão.	
Fronteiras intra-sistémicas: Distância entre a família nuclear e as estirpes	Estrutura triangular	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x	
	Balanço entre as duas estirpes, diferenciação da nova família	Presença de símbolos das duas estirpes		Referências e descrição de contactos efetivos com as duas estirpes		
	Exclusão de uma família, risco de emaranhamento	Presença de símbolos de uma só das estirpes		x	Referências e descrição de contactos efetivos só com uma das estirpes	
					Qualidade negativa na relação com a outra estirpe familiar	
Isolamento das duas estirpes	Ausência de símbolos das duas estirpes			Ausência ou qualidade negativa nas referências às duas estirpes		
Fronteiras inter-sistémicas: Distância entre família nuclear e família alargada, e entre família	Relação com o estranho	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x	
	Capacidade de relação com elementos externos e presença de recursos sociais	Presença de símbolos da realidade extrafamiliar		Presença e qualidade prevalentemente positiva nas referências à realidade externa da família		
		Proximidade entre a pessoa e os elementos externos				
Pobreza ou ausência de relação com elementos	Pobreza ou ausência de símbolos extrafamiliares		x	Ausência ou qualidade prevalentemente negativa nas		

nuclear e sociedade.	externos e pobreza de recursos sociais	Distância entre a pessoa e os elementos externos	referências à realidade externa da família
----------------------	--	--	--

5.2. O conflito de pertença

O primeiro indício da elaboração positiva do elemento ausente é a presença explícita de ambos os polos do conflito de pertença, seja no horizonte gráfico do teste ou apenas na verbalização que a pessoa realiza.

Pode-se pensar na presença de um *continuum* que vá desde o extremo funcional da modalidade gráfica integrativa com indicadores verbais congruentes, até o extremo oposto, em que a pessoa mostra grande ansiedade e desconforto quando se faz algum tipo de referência verbal ao elemento ausente

Presença dos polos do conflito	Análise verbal	A pessoa coloca espontaneamente em palavras os polos do conflito					
		A pessoa expressa abertamente a dificuldade de encontrar um lugar para cada um dos polos do conflito					
		A pessoa fala dos dois polos do conflito mas com algumas reticências	×	Falou no pai por ser um elemento de parentesco ausente, mas com algumas reticências. Percebeu-se o desconforto ao falar do mesmo e a vontade de terminar rapidamente a tarefa.			
	Modalidade gráfica integrativa						
	Análise gráfica	Conjunto intersecção		Duplicação da pessoa		Conjunto único	
		Modalidade gráfica não integrativa					
		Posicionamento a favor de um deles		Uma família para cada pessoa		Isolamento do sujeito	
		Ausência de um ou mais polos do conflito	Análise verbal	Um dos polos do conflito nunca é verbalizado			
				Os polos do conflito nunca são verbalizados			
			Análise	Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito			
Um dos polos do conflito não é representado	×			O pai não é representado, como figura de parentesco poderia estar presente, mas não o quis fazer.			
		Os polos do conflito não são representados					

	Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito		

6. Síntese dos resultados

Apesar de agrupado no grupo da família parece que existe algum isolamento pela ausência do pai, de elementos da família alargada e de elementos externos à família (p.e. amigos). A própria dúvida acerca da sua inclusão na família pode refletir um certo isolamento ou dificuldade de se sentir pertencente à família.

O pai não está representado e o participante está acima da mãe e da avó, pelo que sugere que ele assume um papel de maior responsabilização, o que pode ser confirmado com a entrevista, pois refere que sempre foi bastante autónomo. Por outro lado questiona-se a real autonomização, pois parece mais uma figura parentalizada.

O reconhecimento de pertença a uma família, não é muito claro, apenas representa as pessoas que vivem com ele, o que remete para a ausência de relações significativas fora deste grupo. Será que realmente pertence a esta família? Aquando do passo de circundar questionou se também se devia incluir.

Apenas estão representadas a mãe e a avó materna, não há distinção das estirpes, nem o casal parental. Todos os elementos desenhados parecem isolados entre si e distantes.

Verifica-se uma ausência de símbolos da realidade externa à família.

O pai foi abordado, mas com bastante desconforto; optou por não representá-lo – polo de conflito reconhecido mas negado.

Considera-se uma modalidade gráfica integrativa de conjunto único.

Grelha de Análise

A Dupla Lua

Teste das fronteiras e das pertenças familiares

Greco, O. (1999). La doppia luna. Milano: Vita e Pensiero.

Traduzido e adaptado por Costa, S., Moreno, G. (2011) Universidade Católica Portuguesa – Braga

Nome do avaliador: Joana Soares

Caso: AL2

Data de realização: 9 de maio de 2013

Data de análise: 13 de maio de 2013

Apresentação da grelha:

A presente grelha divide-se em seis partes, que correspondem aos diferentes níveis de análise:

1. Análise do conteúdo **gráfico**: Estar atentos à tipologia dos símbolos, cores, tamanhos, disposições no espaço, sequência em que foram desenhados os diferentes elementos, membros presentes ou ausentes, representação dos limites familiares, relação entre as diferentes partes do desenho...
2. Análise **verbal** dos dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho e no diálogo posterior.
3. Análise do nível **emotivo/interativo**: Observar o clima emotivo durante a execução do teste, o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...
4. Análise do nível **reflexivo**: Observar se a pessoa é capaz de utilizar o conteúdo gráfico e o que emerge do desenho, para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.
5. Análise dos dois constructos chave do teste: os **limites** e as **pertenças**. Analisar, através de diferentes indicadores gráficos e verbais, os limites individuais, inter e intra-sistémicos, geracionais e familiares. Também observar a presença ou ausência dos diferentes polos familiares e a possível relevância do conflito de lealdade naquele caso.

Antes de iniciar a análise do teste é imprescindível estar por dentro dos fundamentos teóricos deste instrumento projetivo e recomenda-se uma primeira leitura geral da grelha de análise antes de começar a preencher os diferentes apartados.

1. Análise do conteúdo gráfico

1.1. Avaliação global:

Para a análise dos dados gráficos recolhidos, deve-se começar por uma avaliação global, tendo em conta a primeira impressão que nos suscita a observação do desenho. Devem-se observar os sinais gráficos, as cores, as relações entre os espaços preenchidos e os espaços vazios, a disposição dos símbolos no espaço, as evidências gráficas e a eventual ocupação do centro do retângulo. Posteriormente deve-se pensar numa frase ou metáfora para dar um título geral ao desenho, de forma a registar esta primeira impressão.

Primeiras impressões	Organização, coerência, centralidade (participante no centro), estabilidade, harmonia, proteção.
Título do desenho	Membros harmoniosamente dispostos no desenho.

1.2. Avaliação dos elementos do desenho:

Depois de realizar uma avaliação global, convém observar e descrever com mais pormenor, cada um dos elementos gráficos do desenho, especialmente:

Indicadores							
A tipologia dos símbolos: a utilização de símbolos convencionais e não convencionais, símbolos abstratos, pictográficos...	Convencionais		Rosto, quadrado, triângulo, retângulo, árvores, triângulo invertido, círculo, estela (de David) e ponto.				
	Não convencionais						
A dimensão dos símbolos utilizados (a homogeneidade /heterogeneidade entre eles)	Homogeneidade		Todos os símbolos têm tamanho semelhante, mas apenas a participante e os avós estão representados com símbolos diferenciados.				
	Heterogeneidade		Exceto o último, que representa os colegas, é apenas um ponto mais pequeno que todos os outros desenhos.				
A disposição espacial dos símbolos utilizados na folha (por exemplo, o uso do retângulo, dos limites, do espaço externo ao retângulo)	Os símbolos estão dispostos de forma centralizada no retângulo. Começa com a família nuclear no centro; os avós maternos de um lado e os paternos de outro; abaixo dos avós colocou os tios de um lado e os primos do outro. Mais abaixo e no centro colocou os amigos.						
A disposição dos diferentes elementos no retângulo (uso do centro, uso dos limites, uso dos ângulos e uso dos quadrantes)	Usa todos os quadrantes; ocupa o centro. Não coloca nada fora do retângulo. Mas coloca junto à margem, no canto inferior direito, os colegas, apesar de fazerem parte do mundo dela estão mais distantes que o resto dos membros. Ponderou coloca-los fora.						
A sequência dos elementos desenhados, a ordem pela qual cada elemento foi colocado	1	Participante	6	Avós paternos	11		16
	2	Pai	7	Tios	12		17
	3	Mãe	8	Primos	13		18
	4	Irmã	9	Amigos	14		19

	5	Avós maternos	10	Colegas	15		20

Indicadores	
Qual/quais famílias são desenhadas espontaneamente? (biológica, adotiva, nuclear, reconstituída...) e quais os membros desenhados de cada família? Que outras pessoas não familiares ou objetos, desenha espontaneamente?	Nuclear Pai, mãe, irmã e participante.
	Alargada Avós maternos, paternos, tios e primos.
	Amigos
	Colegas
Quais são os elementos ausentes? Que pessoas importantes ou famílias não desenha espontaneamente?	
Qual é a posição da pessoa que faz o desenho, relativamente aos restantes elementos das famílias desenhadas? (próximo, distante, abaixo, acima...)	Posição próxima do participante em relação aos membros desenhados. Ela está no centro, acima de si desenhou os pais e ao seu lado a irmã. Ao lado dos pais tem os avós (uns de cada lado). Abaixo dos avós e quase ao lado dela tem os tios e os primos.
Quais os membros da família que estão colocados dentro e quais os que estão fora do retângulo?	Todos os membros estão dentro do retângulo. Na família alargada não representa pessoas específicas, mas coloca-os agrupados por parentesco, não faz distinção. Porquê esta indiferenciação? Não há ninguém significativo? Mesmo a família nuclear não a representa por símbolos significativos.
A representação dos limites familiares: que famílias são envolvidas em círculos? Quais os elementos de cada uma das famílias?	Circundou em primeiro lugar a família nuclear, onde também se inclui. Depois agrupou os avós (maternos e paternos). Depois os tios e os primos. Circundou também os amigos como sendo importantes, mas estão mais afastados do restante.
Que pessoas representa depois de serem dadas as instruções 4 e 5.	Não acrescentou mais pessoas.
Que pessoas não representa depois de ser dada a instrução número 4	
Onde foram colocados os elementos ausentes depois de ser perguntado por eles?	
Quando se coloca a instrução nº 5, sobre o espaço do desejo, deve-se verificar: De que forma expressa o desejo? Afasta ou aproxima algum dos elementos presentes? Adiciona algum elemento novo que até então estava ausente? Elimina algum elemento do desenho?	Não mudou nada no desenho.
Outras observações relativas ao conteúdo gráfico	Não foi preocupação do participante fazer símbolos não convencionais ou desenhar com esmero. Pelo contrário, são símbolos indiferenciados.

2. Análise do conteúdo verbal

Os dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho, constituem uma preciosa informação, que podem ser confrontados com o resto dos indicadores e assim verificar a congruência ou incongruência na compreensão global do teste.

A análise do conteúdo verbal pode ser efetuada segundo diversas categorias e com diferentes procedimentos, como por exemplo, papel e lápis ou *software* de análise de texto.

Análise do conteúdo verbal

Questionou se a ordem de numeração dos desenhos é a de importância dos membros ou a do desenho. A numeração efetuada foi a dos desenhos, considerando-se que as pessoas mais importantes são desenhadas primeiro, neste caso questiona-se se isso realmente aconteceu.

Refere que desenhou em primeiro lugar as pessoas mais importantes, o pai, a mãe, ela e a irmã, estão ao centro, são sem dúvida os mais importantes.

Depois circundou os avós maternos e paternos, os maternos têm preferência, daí terem sido desenhados primeiro.

Depois os tios e os primos, é indiferente a ordem, é a mesma coisa.

Depois os amigos, que também são importantes, mas são outro círculo, não têm nada a ver com a família.

Por fim os colegas, estava indecisa se os colocava fora ou dentro do círculo, optou por colocar num canto, pois apesar de nem sempre se darem todos bem, fazem parte do mundo dela.

Não mudaria nada do desenho, está bem assim.

3. Análise do nível interativo-emotivo

Analisar também a interação que se produz durante a entrevista e a aplicação do instrumento. Os indicadores detetados através da análise da interação e do clima emotivo durante a execução do teste devem ser confrontados com os outros indicadores, para explorar a recíproca congruência ou incongruência.

Em particular é útil observar os aspetos emotivos e o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...

Análise do nível interativo-emotivo

No momento de numerar os desenhos relativos à família nuclear verifica-se uma ligeira hesitação, porventura iria numerar numa ordem diferente da ordem de desenho. Neste caso desenhou primeiro o pai, será que queria colocar primeiro a mãe?

Não houve hesitação nas pessoas ou grupos que queria representar nem nos símbolos a utilizar.

No momento de circundar os membros não hesitou na familiar nuclear; mas circundou de seguida os tios e primos e depois os avós; talvez aqui tenha ponderado se devia incluir ambas as linhagens no mesmo círculo, pois os maternos têm preferência.

Quando questionada se mudaria algo no desenho diz que não com um sorriso. O desenho revela uma união entre os membros da família, parecendo que estão todos presentes, o que não corresponde à realidade. Estará a experiência da ausência do pai devidamente integrada?

4. Análise do nível reflexivo

Um indicador importante a nível clínico provém da observação da capacidade ou incapacidade que a pessoa tem para comentar o seu próprio desenho. Se é capaz de utilizar o que emerge do desenho, acerca das suas próprias relações e da própria posição em relação às fronteiras familiares, utilizando o conteúdo gráfico das indicações do instrumento para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.

Análise do nível reflexivo

A participante comentou o desenho com convicção e deu explicação para o que estava a desenhar. Demonstrou ter noção das pessoas que são importantes e da sua posição na sua vida, transmitindo isso para o papel.

Por outro lado, não expressou sentimentos ou emoções relativos ao desenho, demonstrando muita tranquilidade no que estava a desenhar, o que seria típico de uma família unida, sem a particularidade da ausência por emigração.

5. Análise dos dois constructos chave: as fronteiras e as pertenças

Depois de observar cada um dos elementos do desenho, procede-se a uma avaliação mais pormenorizada dos dois constructos chave fundamentais do teste: os limites ou fronteiras e o conflito de pertença.

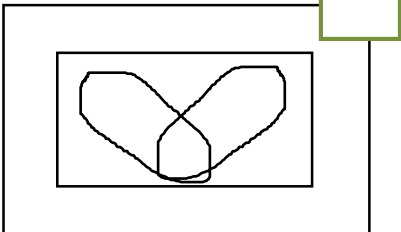
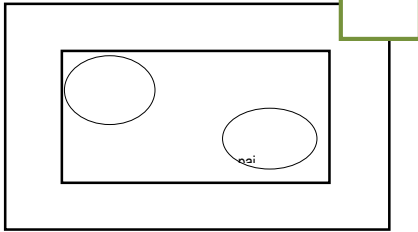
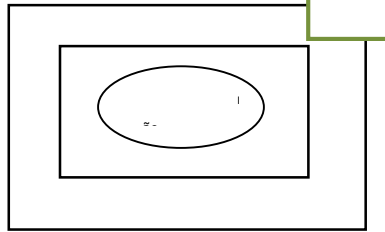
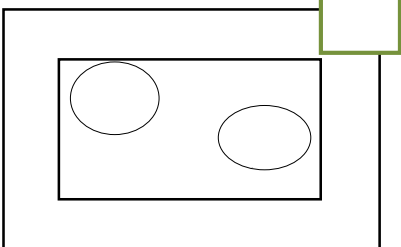
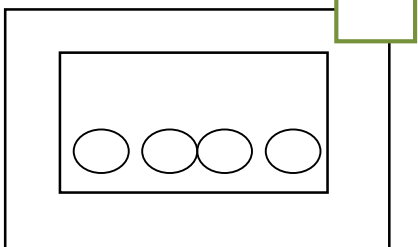
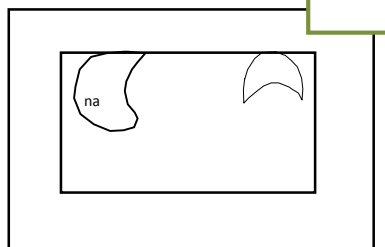
5.1. A representação das fronteiras					
Fronteiras individuais: distância interpessoal	Separação/individuação	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
	Diferenciação	Dialética entre proximidade e distância	x	Presença no discurso de outras pessoas significativas	
				Distinção semântica e gramatical entre si e os outros	
				Qualidade afetiva positiva na relação entre si e os outros	x
	Relação simbiótica	Símbolos colados ou um dentro do outro		Sobreposição semântica e gramatical entre si e os outros	
				Qualidade afetiva ambivalente na relação entre si e os outros	
Tendência ao isolamento	Ausência de pessoas significativas		Ausência no discurso de outras pessoas significativas		
	Isolamento do símbolo do sujeito em relação aos outros		Qualidade afetiva negativa na relação entre si e os outros		
Fronteiras geracionais: distância entre as gerações (inter e intra)	Hierarquia de papéis	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
	Os pais assumem o cuidado dos filhos	Símbolos dos pais maiores ou acima dos filhos	x	Referências no discurso à tarefa parental do cuidado dos filhos	
	Relação igualitária entre pais e filhos	Tamanho igual entre os símbolos de pais e filhos		Descrição de uma relação igualitária entre filhos e pais	
	Parentalização: inversão de papéis, quando o filho assume as funções parentais	Ausência de símbolos de um ou ambos os pais		Inversão da relação hierárquica de cuidados: os filhos procuram responder às necessidades dos seus progenitores	
		Símbolo do filho maior ou acima dos pais			
Símbolos dos pais dentro dos símbolos dos filhos					
Fronteiras familiares: Distância entre a pessoa e uma ou mais famílias	Pertença familiar	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
	Reconhecimento da pertença a um contexto familiar	Configuração das famílias de pertença	x	Expressa uma qualidade positiva na vivência das relações familiares	x
	Desconhecimento da pertença a um contexto familiar	Não pertença a nenhuma família		Expressa uma qualidade negativa na vivência das relações familiares e um sentido de solidão.	
Fronteiras intra-sistémicas: Distância entre a família nuclear e as estirpes	Estrutura triangular	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
	Balanço entre as duas estirpes, diferenciação da nova família	Presença de símbolos das duas estirpes	x	Referências e descrição de contactos efetivos com as duas estirpes	
	Exclusão de uma família, risco de emaranhamento	Presença de símbolos de uma só das estirpes		Referências e descrição de contactos efetivos só com uma das estirpes	
				Qualidade negativa na relação com a outra estirpe familiar	
Isolamento das duas estirpes	Ausência de símbolos das duas estirpes		Ausência ou qualidade negativa nas referências às duas estirpes		
Fronteiras inter-sistémicas: Distância entre família nuclear e família alargada, e entre família	Relação com o estranho	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
	Capacidade de relação com elementos externos e presença de recursos sociais	Presença de símbolos da realidade extrafamiliar	x	Presença e qualidade prevalentemente positiva nas referências à realidade externa da família	x
		Proximidade entre a pessoa e os elementos externos			
Pobreza ou ausência de relação com elementos	Pobreza ou ausência de símbolos extrafamiliares		Ausência ou qualidade prevalentemente negativa nas		

nuclear e sociedade.	externos e pobreza de recursos sociais	Distância entre a pessoa e os elementos externos	referências à realidade externa da família
----------------------	--	--	--

5.2. O conflito de pertença

O primeiro indício da elaboração positiva do elemento ausente é a presença explícita de ambos os polos do conflito de pertença, seja no horizonte gráfico do teste ou apenas na verbalização que a pessoa realiza.

Pode-se pensar na presença de um *continuum* que vá desde o extremo funcional da modalidade gráfica integrativa com indicadores verbais congruentes, até o extremo oposto, em que a pessoa mostra grande ansiedade e desconforto quando se faz algum tipo de referência verbal ao elemento ausente

Presença dos polos do conflito	Análise verbal	A pessoa coloca espontaneamente em palavras os polos do conflito					
		A pessoa expressa abertamente a dificuldade de encontrar um lugar para cada um dos polos do conflito					
		A pessoa fala dos dois polos do conflito mas com algumas reticências					
	Análise gráfica	Modalidade gráfica integrativa					
		Conjunto intersecção		Duplicação da pessoa		Conjunto único	
		Modalidade gráfica não integrativa					
Posicionamento a favor de um deles			Uma família para cada pessoa		Isolamento do sujeito		
Ausência de um ou mais polos do conflito		Análise verbal	Um dos polos do conflito nunca é verbalizado				
			Os polos do conflito nunca são verbalizados				
	Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito						
	Análise gráfica	Um dos polos do conflito não é representado					
		Os polos do conflito não são representados					
		Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito	x	O facto de ter representado o pai no seio da família nuclear, parecendo presente a tempo			

			inteiro, pode indicar a negação do conflito. De alguma forma é camuflado pela apresentação idealizada da família.
--	--	--	---

6. Síntese dos resultados

A análise gráfica do desenho sugere-nos uma modalidade gráfica integrativa de conjunto único, porém, estão representados mais três grupos, não contendo a participante.

O polo de conflito esperado, a ausência do pai por emigração, não é visível no desenho, nem foi verbalizado. Podendo indicar a não integração do mesmo, e o desejo de que a família estivesse toda reunida.

Há uma qualidade afetiva positiva na relação entre si e os outros.

Denota-se que os pais assumem os cuidados dos filhos, pois apesar dos símbolos serem do mesmo tamanho, os pais estão acima dos filhos.

Há o reconhecimento da pertença a um contexto familiar, as famílias de pertença estão representadas e expressa qualidade positiva na vivência das relações familiares.

Estão representadas as duas estirpes e realidades externas à família (amigos e colegas).

Grelha de Análise

A Dupla Lua

Teste das fronteiras e das pertenças familiares

Greco, O. (1999). La doppia luna. Milano: Vita e Pensiero.

Traduzido e adaptado por Costa, S., Moreno, G. (2011) Universidade Católica Portuguesa – Braga

Nome do avaliador: Joana Soares

Caso: M3

Data de realização: 18 de março de 2013

Data de análise: 13 de maio de 2013

Apresentação da grelha:

A presente grelha divide-se em seis partes, que correspondem aos diferentes níveis de análise:

1. Análise do conteúdo **gráfico**: Estar atentos à tipologia dos símbolos, cores, tamanhos, disposições no espaço, sequência em que foram desenhados os diferentes elementos, membros presentes ou ausentes, representação dos limites familiares, relação entre as diferentes partes do desenho...
2. Análise **verbal** dos dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho e no diálogo posterior.
3. Análise do nível **emotivo/interativo**: Observar o clima emotivo durante a execução do teste, o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...
4. Análise do nível **reflexivo**: Observar se a pessoa é capaz de utilizar o conteúdo gráfico e o que emerge do desenho, para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.
5. Análise dos dois constructos chave do teste: os **limites** e as **pertenças**. Analisar, através de diferentes indicadores gráficos e verbais, os limites individuais, inter e intra-sistémicos, geracionais e familiares. Também observar a presença ou ausência dos diferentes polos familiares e a possível relevância do conflito de lealdade naquele caso.

Antes de iniciar a análise do teste é imprescindível estar por dentro dos fundamentos teóricos deste instrumento projetivo e recomenda-se uma primeira leitura geral da grelha de análise antes de começar a preencher os diferentes apartados.

1. Análise do conteúdo gráfico

1.1. Avaliação global:

Para a análise dos dados gráficos recolhidos, deve-se começar por uma avaliação global, tendo em conta a primeira impressão que nos suscita a observação do desenho. Devem-se observar os sinais gráficos, as cores, as relações entre os espaços preenchidos e os espaços vazios, a disposição dos símbolos no espaço, as evidências gráficas e a eventual ocupação do centro do retângulo. Posteriormente deve-se pensar numa frase ou metáfora para dar um título geral ao desenho, de forma a registar esta primeira impressão.

Primeiras impressões	Certa distância entre os membros representados, não existe centralidade. Bastante espaço vazio. Sensação de solidão e isolamento.
Título do desenho	Simplicidade, solidão e isolamento.

1.2. Avaliação dos elementos do desenho:

Depois de realizar uma avaliação global, convém observar e descrever com mais pormenor, cada um dos elementos gráficos do desenho, especialmente:

Indicadores								
A tipologia dos símbolos: a utilização de símbolos convencionais e não convencionais, símbolos abstratos, pictográficos...	Convencionais	Apesar de parecer não convencional, representa-se com uns lábios a sorrir. Estrela, coração, bonecas, mãos, rosto e bonecos.						
	Não convencionais							
A dimensão dos símbolos utilizados (a homogeneidade /heterogeneidade entre eles)	Homogeneidade	Tamanho muito semelhante entre eles. Todos relativamente pequenos.						
	Heterogeneidade							
A disposição espacial dos símbolos utilizados na folha (por exemplo, o uso do retângulo, dos limites, do espaço externo ao retângulo)	Colocados no lado esquerdo do retângulo, com tendência para o canto inferior. No exterior coloca um símbolo, na parte superior, relativamente distante dela própria.							
A disposição dos diferentes elementos no retângulo (uso do centro, uso dos limites, uso dos ângulos e uso dos quadrantes)	Não existe centralidade, o que está mais próximo do centro são os amigos, mas não é intencional. Usa maioritariamente o lado esquerdo e os quadrantes inferiores. Coloca o amor no cimo da folha, fora do retângulo.							
A sequência dos elementos desenhados, a ordem pela qual cada elemento foi colocado	1	Participante	6	Amigos	11		16	
	2	Pai	7	Tios e primos	12		17	
	3	Mãe	8	Amor	13		18	
	4	Irmãs	9		14		19	
	5	Avós	10		15		20	

Indicadores		
Qual/quais famílias são desenhadas espontaneamente? (biológica, adotiva, nuclear, reconstituída...) e quais os membros desenhados de cada família? Que outras pessoas não familiares u objetos, desenha espontaneamente?	Nuclear	Participante, pai, mãe e irmãs
	Alargada	Avós, tios e primos
	Amigos	
	Amor	
Quais são os elementos ausentes? Que pessoas importantes ou famílias não desenha espontaneamente?		
Qual é a posição da pessoa que faz o desenho, relativamente aos restantes elementos das famílias desenhadas? (próximo, distante, abaixo, acima...)	A pessoa coloca-se num canto inferior, estando abaixo de todos os membros, exceto dos avós que estão ao lado e ligeiramente mais descidos. Apesar de relativamente distante de todos os membros, a pessoa que está mais longe é mãe, enquanto a distância entre os outros é semelhante. Por outro lado, imerge a sensação de isolamento pela forma como circundou a família.	
Quais os membros da família que estão colocados dentro e quais os que estão fora do retângulo?	Fora do retângulo apenas se encontra o amor/namorado que falta. Este aspeto não existe na vida dela, mas é uma área que ela refere como importante, mas neste momento não faz parte do seu mundo. Apesar do desejo de ter uma relação estável, esta não é uma área bem-sucedida.	
A representação dos limites familiares: que famílias são envolvidas em círculos? Quais os elementos de cada uma das famílias?	Incluiu dentro do mesmo circulo a família nuclear e os avós. Inicialmente na se incluiu na família. Depois de questionada se estava fora disse que não e retificou o desenho, ficando uma espécie de deficiência no círculo.	
Que pessoas representa depois de serem dadas as instruções 4 e 5.		
Que pessoas não representa depois de ser dada a instrução número 4		
Onde foram colocados os elementos ausentes depois de ser perguntado por eles?		
Quando se coloca a instrução nº 5, sobre o espaço do desejo, deve-se verificar: De que forma expressa o desejo? Afasta ou aproxima algum dos elementos presentes? Adiciona algum elemento novo que até então estava ausente? Elimina algum elemento do desenho?	Não mudou nada, a única coisa que gostaria que estivesse noutra sítio era o amor, como sendo algo importante e desejado, mas não conseguido.	
Outras observações relativas ao conteúdo gráfico		

2. Análise do conteúdo verbal

Os dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho, constituem uma preciosa informação, que podem ser confrontados com o resto dos indicadores e assim verificar a congruência ou incongruência na compreensão global do teste.

A análise do conteúdo verbal pode ser efetuada segundo diversas categorias e com diferentes procedimentos, como por exemplo, papel e lápis ou *software* de análise de texto.

Análise do conteúdo verbal

No início questionou se se podia representar nos dois mundos, pois via-se dentro e fora do seu mundo; acabou por se colocar junto à margem – o que significa isto? Dificuldade de se sentir pertença de alguma coisa?
“Isto de representar-nos a nós próprios é complicado” – ressonâncias emergidas e reflexão acerca de si.
Referiu que se representou a ela com uns lábios a sorrir, pois é assim que encara a vida, sempre a sorrir e com alegria. O pai é uma estrela, o ídolo que a orienta.
A mãe como um coração representando o amor que existe entre mãe e filha – será que existe mesmo no caso dela?
As irmãs são dois bonecos juntos – pouca relação entre elas?
Os avós estão representados com umas mãos, diz que representa os avós maternos e paternos, mas principalmente os maternos, pois foi com estes que viveu, foram estes que a educaram, que a apoiaram dando-lhe as mãos na ausência dos pais (pode-se considerar que os avós paternos não estão representados? Ou é uma mão para cada linhagem?)
Representa os amigos com um smile, pois mesmo sendo poucos são únicos e estão do lado dela.
Os tios e primos foram representados todos juntos simbolizando um momento de convívio e diversão.
O amor foi colocado fora do retângulo com um coração partido e traçado, mostrando que esta é uma área complicada e pouco satisfatória na sua vida, deseja ainda construir uma relação interpessoal significativa.

3. Análise do nível interativo-emotivo

Analisar também a interação que se produz durante a entrevista e a aplicação do instrumento. Os indicadores detetados através da análise da interação e do clima emotivo durante a execução do teste devem ser confrontados com os outros indicadores, para explorar a recíproca congruência ou incongruência.

Em particular é útil observar os aspetos emotivos e o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...

Análise do nível interativo-emotivo

Demorou algum tempo a encontrar os símbolos adequados para representar as pessoas, denotando a preocupação por encontrar símbolos que realmente significasse a pessoa representada, mas também a dificuldade de as associar a algo de forma imediata, pois implica pensar, muitas vezes, em conteúdos não refletidos e dolorosos.
Denotou-se um certo desconforto com a tarefa, não foi tao fácil como esperado.
Percebeu-se o sentimento negativo em relação ao amor/relacionamentos íntimos, provavelmente já teve alguém significativo mas que deixou de fazer parte da sua vida e deseja que esse campo melhore.

4. Análise do nível reflexivo

Um indicador importante a nível clínico provém da observação da capacidade ou incapacidade que a pessoa tem para comentar o seu próprio desenho. Se é capaz de utilizar o que emerge do desenho, acerca das suas próprias relações e da própria posição em relação às fronteiras familiares, utilizando o conteúdo gráfico das indicações do instrumento para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.

Análise do nível reflexivo

Demonstrou capacidade de explicar o que significava cada um dos símbolos representados e o que sente em relação a cada um, embora tenha demorado bastante a pensar o que desenhar para cada membro. Por outro lado, não verbalizou aspetos negativos ou sentimentos acerca do desenho obtido.

5. Análise dos dois constructos chave: as fronteiras e as pertenças

Depois de observar cada um dos elementos do desenho, procede-se a uma avaliação mais pormenorizada dos dois constructos chave fundamentais do teste: os limites ou fronteiras e o conflito de pertença.

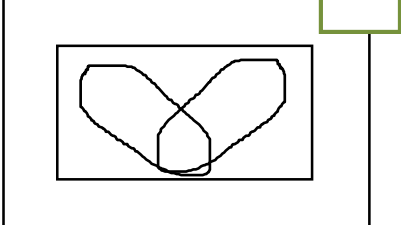
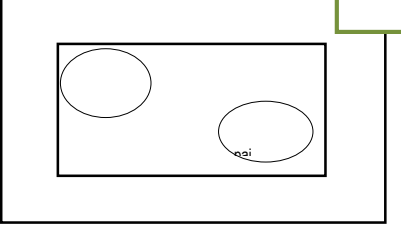
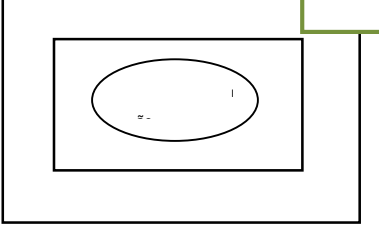
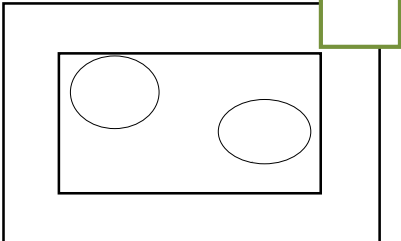
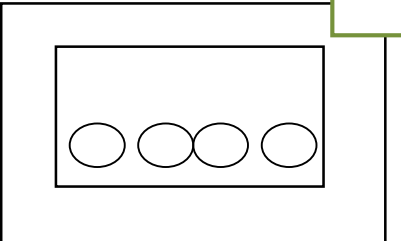
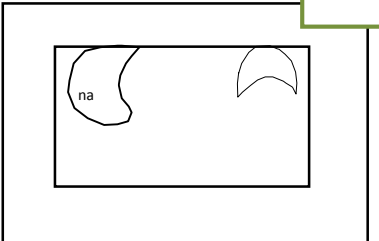
5.1. A representação das fronteiras							
Fronteiras individuais: distância interpessoal	Separação/individuação	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x		
	Diferenciação	Dialética entre proximidade e distância		Presença no discurso de outras pessoas significativas			
				Distinção semântica e gramatical entre si e os outros			
				Qualidade afetiva positiva na relação entre si e os outros			
	Relação simbiótica	Símbolos colados ou um dentro do outro		Sobreposição semântica e gramatical entre si e os outros			
				Qualidade afetiva ambivalente na relação entre si e os outros			
Tendência ao isolamento	Ausência de pessoas significativas		Ausência no discurso de outras pessoas significativas				
			Isolamento do símbolo do sujeito em relação aos outros	x	Qualidade afetiva negativa na relação entre si e os outros		
Fronteiras geracionais: distância entre as gerações (inter e intra)	Hierarquia de papéis	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x		
	Os pais assumem o cuidado dos filhos	Símbolos dos pais maiores ou acima dos filhos		Referências no discurso à tarefa parental do cuidado dos filhos			
	Relação igualitária entre pais e filhos	Tamanho igual entre os símbolos de pais e filhos	x	Descrição de uma relação igualitária entre filhos e pais			
				Parentalização: inversão de papéis, quando o filho assume as funções parentais	Ausência de símbolos de um ou ambos os pais		Inversão da relação hierárquica de cuidados: os filhos procuram responder às necessidades dos seus progenitores
					Símbolo do filho maior ou acima dos pais		
Símbolos dos pais dentro dos símbolos dos filhos							
Fronteiras familiares: Distância entre a pessoa e uma ou mais famílias	Pertença familiar	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x		
	Reconhecimento da pertença a um contexto familiar	Configuração das famílias de pertença		Expressa uma qualidade positiva na vivência das relações familiares			
	Desconhecimento da pertença a um contexto familiar	Não pertença a nenhuma família	x	Expressa uma qualidade negativa na vivência das relações familiares e um sentido de solidão.			
Fronteiras intra-sistémicas: Distância entre a família nuclear e as estirpes	Estrutura triangular	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x		
	Balanço entre as duas estirpes, diferenciação da nova família	Presença de símbolos das duas estirpes	x	Referências e descrição de contactos efetivos com as duas estirpes			
				Referências e descrição de contactos efetivos só com uma das estirpes			
	Exclusão de uma família, risco de emaranhamento	Presença de símbolos de uma só das estirpes		Qualidade negativa na relação com a outra estirpe familiar			
Isolamento das duas estirpes				Ausência de símbolos das duas estirpes		Ausência ou qualidade negativa nas referências às duas estirpes	
Fronteiras inter-sistémicas: Distância entre família nuclear e família alargada, e entre família	Relação com o estranho	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x		
	Capacidade de relação com elementos externos e presença de recursos sociais	Presença de símbolos da realidade extrafamiliar	x	Presença e qualidade prevalentemente positiva nas referências à realidade externa da família			
		Proximidade entre a pessoa e os elementos externos					
Pobreza ou ausência de relação com elementos	Pobreza ou ausência de símbolos extrafamiliares		Ausência ou qualidade prevalentemente negativa nas				

nuclear e sociedade.	externos e pobreza de recursos sociais	Distância entre a pessoa e os elementos externos	×	referências à realidade externa da família
----------------------	--	--	---	--

5.2. O conflito de pertença

O primeiro indício da elaboração positiva do elemento ausente é a presença explícita de ambos os polos do conflito de pertença, seja no horizonte gráfico do teste ou apenas na verbalização que a pessoa realiza.

Pode-se pensar na presença de um *continuum* que vá desde o extremo funcional da modalidade gráfica integrativa com indicadores verbais congruentes, até o extremo oposto, em que a pessoa mostra grande ansiedade e desconforto quando se faz algum tipo de referência verbal ao elemento ausente

Presença dos polos do conflito	Análise verbal	A pessoa coloca espontaneamente em palavras os polos do conflito			
		A pessoa expressa abertamente a dificuldade de encontrar um lugar para cada um dos polos do conflito			
		A pessoa fala dos dois polos do conflito mas com algumas reticências			
	Análise gráfica	Modalidade gráfica integrativa			
		Conjunto intersecção		Duplicação da pessoa	
				Conjunto único	
Modalidade gráfica não integrativa					
Posicionamento a favor de um deles			Uma família para cada pessoa		
			Isolamento do sujeito		
Ausência de um ou mais polos do conflito	Análise verbal	Um dos polos do conflito nunca é verbalizado			
		Os polos do conflito nunca são verbalizados			
		Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito			
	Análise gráfica	Um dos polos do conflito não é representado			
		Os polos do conflito não são representados			
	Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito	×	Tendo representado o polo de conflito dentro do círculo da família, como sendo alguém presente,		

			quando na realidade não é, pode remeter para uma negação do conflito, tendo representado a família que desejava.
--	--	--	--

6. Síntese dos resultados

Considerando que a instrução relativa a circundar as pessoas pertencentes à mesma família tenha sido mal dada ou que esta tenha sido mal compreendida, o facto de ela não se ter incluído no círculo pode indicar uma certa distância dos restantes membros. Mesmo depois ter retificado isso, dizendo que fazia parte da família, verificando o desenho, ela continua isolada.

Considera-se a existência de uma relação igualitária entre ela e os pais, os símbolos são de tamanhos semelhantes e não podemos considerar que eles estejam acima numa postura de cuidado para com ela.

A família de pertença está representada e considera-se que expressa e existe uma qualidade afetiva nas vivências das relações familiares. Por outro lado o seu isolamento leva a questionar esta conclusão, a própria entrevista é contrária a isto, pois a relação com o pai está um pouco deteriorada, com a mãe assume mais o papel de cuidadora e está já a viver sozinha.

Consideramos a existência de símbolos para a família nuclear e a estirpe dos avós, embora estes não se diferenciem entre maternos e paternos e estejam incluídos no mesmo círculo familiar.

Estão presentes símbolos de realidade externa à família, como os amigos, mas com uma certa distância da participante e da família.

A hipótese de uma modalidade gráfica não integrativa de isolamento do sujeito surge devido à não inclusão de si própria no círculo, porém, com a ressalva anteriormente feita. De qualquer forma este isolamento é visível na representação e pode ser discutido com a entrevista e vida pessoal, pois já ocorreu uma emancipação, a relação com o pai está distante e com a restante família não é de encontros frequentes.

Grelha de Análise

A Dupla Lua

Teste das fronteiras e das pertenças familiares

Greco, O. (1999). La doppia luna. Milano: Vita e Pensiero.

Traduzido e adaptado por Costa, S., Moreno, G. (2011) Universidade Católica Portuguesa – Braga

Nome do avaliador: Joana Soares

Caso: F4

Data de realização: 20 de abril de 2013

Data de análise: 13 de maio de 2013

Apresentação da grelha:

A presente grelha divide-se em seis partes, que correspondem aos diferentes níveis de análise:

1. Análise do conteúdo **gráfico**: Estar atentos à tipologia dos símbolos, cores, tamanhos, disposições no espaço, sequência em que foram desenhados os diferentes elementos, membros presentes ou ausentes, representação dos limites familiares, relação entre as diferentes partes do desenho...
2. Análise **verbal** dos dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho e no diálogo posterior.
3. Análise do nível **emotivo/interativo**: Observar o clima emotivo durante a execução do teste, o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...
4. Análise do nível **reflexivo**: Observar se a pessoa é capaz de utilizar o conteúdo gráfico e o que emerge do desenho, para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.
5. Análise dos dois constructos chave do teste: os **limites** e as **pertenças**. Analisar, através de diferentes indicadores gráficos e verbais, os limites individuais, inter e intra-sistémicos, geracionais e familiares. Também observar a presença ou ausência dos diferentes polos familiares e a possível relevância do conflito de lealdade naquele caso.

Antes de iniciar a análise do teste é imprescindível estar por dentro dos fundamentos teóricos deste instrumento projetivo e recomenda-se uma primeira leitura geral da grelha de análise antes de começar a preencher os diferentes apartados.

1. Análise do conteúdo gráfico

1.1. Avaliação global:

Para a análise dos dados gráficos recolhidos, deve-se começar por uma avaliação global, tendo em conta a primeira impressão que nos suscita a observação do desenho. Devem-se observar os sinais gráficos, as cores, as relações entre os espaços preenchidos e os espaços vazios, a disposição dos símbolos no espaço, as evidências gráficas e a eventual ocupação do centro do retângulo. Posteriormente deve-se pensar numa frase ou metáfora para dar um título geral ao desenho, de forma a registar esta primeira impressão.

Primeiras impressões	Está tudo aglomerado num canto, demasiada proximidade. Certa confusão.
Título do desenho	Tudo ao molho.

1.2. Avaliação dos elementos do desenho:

Depois de realizar uma avaliação global, convém observar e descrever com mais pormenor, cada um dos elementos gráficos do desenho, especialmente:

Indicadores							
A tipologia dos símbolos: a utilização de símbolos convencionais e não convencionais, símbolos abstratos, pictográficos...	Convencionais	Os símbolos são convencionais e tendencialmente infantis. Flores, sol, carro, bola, estrela, bonecos (sem rosto) e asteriscos.					
	Não convencionais	Os asteriscos parecem símbolos indiferenciados, como se fosse a única forma de representar aquelas pessoas; um deles está circundado e o outro não.					
A dimensão dos símbolos utilizados (a homogeneidade /heterogeneidade entre eles)	Homogeneidade	À exceção dos asteriscos todos os símbolos são de tamanho semelhante.					
	Heterogeneidade	Há três flores diferentes entre si: duas apenas só a flor (uma com 7 pétalas e outra com 4) e outra com pé e folha. A família paterna está representada por um boneco feminino e a materna por um indiferenciado (masculino)					
A disposição espacial dos símbolos utilizados na folha (por exemplo, o uso do retângulo, dos limites, do espaço externo ao retângulo)	Todos os membros estão dentro do retângulo. Mas utiliza pouco o retângulo.						
A disposição dos diferentes elementos no retângulo (uso do centro, uso dos limites, uso dos ângulos e uso dos quadrantes)	O centro não é utilizado, todas as representações se encontram no quadrante superior esquerdo, logo muito próximo da fronteira.						
A sequência dos elementos desenhados, a ordem pela qual cada elemento foi colocado	1	Participante	6	Prima também viveu com ela	11	Afilhada	16
	2	Mãe	7	Amigos	12		17
	3	Pai	8	Família materna	13		18
	4	Irmão	9	Família paterna	14		19
	5	Madrinha da mãe que viveu com ela	10	Afilhado	15		20

Indicadores	
Qual/quais famílias são desenhadas espontaneamente? (biológica, adotiva, nuclear, reconstituída...) e quais os membros desenhados de cada família? Que outras pessoas não familiares u objetos, desenha espontaneamente?	Nuclear Pai, mãe e irmão
	Outros membros Tia da mãe e prima que viveram com eles
	Materna
	Paterna
	Amigos
	Afilhados (um menino e uma menina que se destacam da família por serem afilhados)
Quais são os elementos ausentes? Que pessoas importantes ou famílias não desenha espontaneamente?	Não faz referência a tios ou primos de qualquer linhagem, porém, podemos considerar incluídos nas representações da família materna e paterna.
Qual é a posição da pessoa que faz o desenho, relativamente aos restantes elementos das famílias desenhadas? (próximo, distante, abaixo, acima...)	Proximidade. Tudo está ao redor dela. Exceto a família paterna que está um pouco mais afastada e os amigos que estão abaixo. No entanto, cada membro da família parece que está isolado, devido à forma como circundou a família.
Quais os membros da família que estão colocados dentro e quais os que estão fora do retângulo?	Todos os membros estão dentro do retângulo, embora muito perto da margem, mas como não existe centralidade isso não é relevante, pois todo o desenho se encontra num canto do retângulo.
A representação dos limites familiares: que famílias são envolvidas em círculos? Quais os elementos de cada uma das famílias?	Dentro do círculo encontra-se a família nuclear, mas também mais dois membros que por terem vivido juntos são também significativos. Ao circundar as pessoas parece que cada uma se fecha sobre si mesma, pois não temos um círculo, mas cinco saliências ao redor da participante.
Que pessoas representa depois de serem dadas as instruções 4 e 5.	
Que pessoas não representa depois de ser dada a instrução número 4	
Onde foram colocados os elementos ausentes depois de ser perguntado por eles?	
Quando se coloca a instrução nº 5, sobre o espaço do desejo, deve-se verificar: De que forma expressa o desejo? Afasta ou aproxima algum dos elementos presentes? Adiciona algum elemento novo que até então estava ausente? Elimina algum elemento do desenho?	Não mudaria nada, pois como o desenho corresponde ao ideal de família e não à realidade da ausência o pai, não há nada para mudar. Parece uma família unida e próxima.
Outras observações relativas ao conteúdo gráfico	

2. Análise do conteúdo verbal

Os dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho, constituem uma preciosa informação, que podem ser confrontados com o resto dos indicadores e assim verificar a congruência ou incongruência na compreensão global do teste.

A análise do conteúdo verbal pode ser efetuada segundo diversas categorias e com diferentes procedimentos, como por exemplo, papel e lápis ou *software* de análise de texto.

Análise do conteúdo verbal

Questionou se tinha que colocar as pessoas que estão próximas dela, acabou por entender que não têm que estar próximas, mas sim serem importantes. Este aspeto pode levar a pensar se porventura não iria desenhar o pai, mas podia tê-lo feito noutra local da folha, mas acabou por inclui-lo na família, remetendo para uma família tradicional. Questionou se tinha que colocar um símbolo para cada amigo ou se podia utilizar um que os englobasse a todos; acabou por agrupá-los.

Não mudaria nada, “é a família que temos, temos que aceitar e lidar com ela”. Uma vez mais a ausência do pai não está representada.

Não verbalizou significados para os símbolos utilizados, nem parece que existam, pois são símbolos rudimentares e sem conexão com o que representa. Da mesma forma não verbalizou sentimentos ou emoções emergentes do desenho.

3. Análise do nível interativo-emotivo

Analisar também a interação que se produz durante a entrevista e a aplicação do instrumento. Os indicadores detetados através da análise da interação e do clima emotivo durante a execução do teste devem ser confrontados com os outros indicadores, para explorar a recíproca congruência ou incongruência.

Em particular é útil observar os aspetos emotivos e o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...

Análise do nível interativo-emotivo

Não teve dificuldade em encontrar símbolos para as pessoas que pretendia representar.

Agrupou os amigos, pois considera que são poucos os verdadeiros amigos.

Destacou os afilhados por ter um carinho especial por eles, o restante da família está englobada.

Quanto ao que mudaria no desenho foi perentória: nada. Acabou por dizer que tem que aceitar a família que tem.

Será sinónimo de uma verdadeira aceitação da mesma? Ou resignação?

4. Análise do nível reflexivo

Um indicador importante a nível clínico provém da observação da capacidade ou incapacidade que a pessoa tem para comentar o seu próprio desenho. Se é capaz de utilizar o que emerge do desenho, acerca das suas próprias relações e da própria posição em relação às fronteiras familiares, utilizando o conteúdo gráfico das indicações do instrumento para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.

Análise do nível reflexivo

Este aspeto não pode ser abordado com clareza, pois não foi perceptível se esta capacidade existe ou não. Não foram focados sentimentos ou valores, apenas aspetos factuais. Foi bastante clara no que estava a dizer e não desejou alongar-se nesta tarefa.

5. Análise dos dois constructos chave: as fronteiras e as pertenças

Depois de observar cada um dos elementos do desenho, procede-se a uma avaliação mais pormenorizada dos dois constructos chave fundamentais do teste: os limites ou fronteiras e o conflito de pertença.

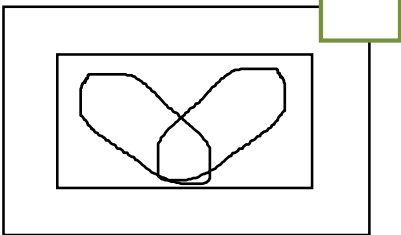
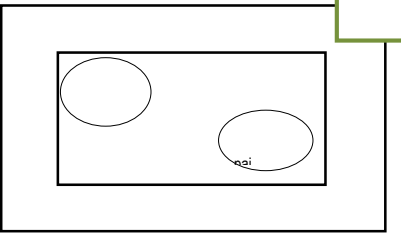
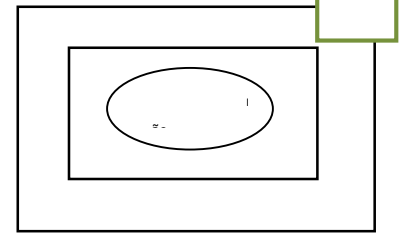
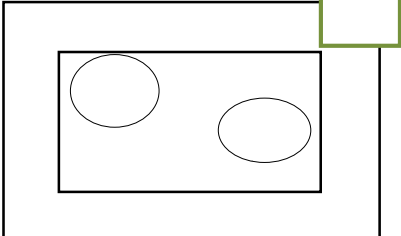
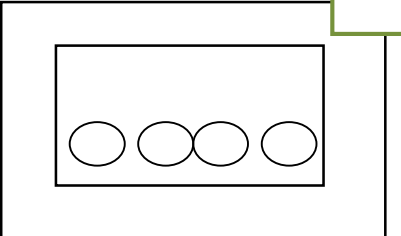
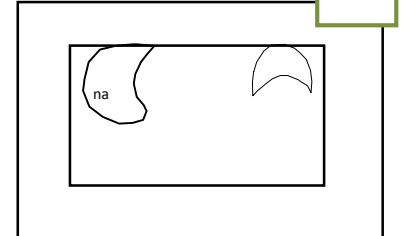
5.1. A representação das fronteiras						
Fronteiras individuais: distância interpessoal	Separação/individuação	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x	
	Diferenciação	Dialética entre proximidade e distância	x	Presença no discurso de outras pessoas significativas		
				Distinção semântica e gramatical entre si e os outros		
				Qualidade afetiva positiva na relação entre si e os outros		
	Relação simbiótica	Símbolos colados ou um dentro do outro		Sobreposição semântica e gramatical entre si e os outros		
				Qualidade afetiva ambivalente na relação entre si e os outros		
Tendência ao isolamento	Ausência de pessoas significativas		Ausência no discurso de outras pessoas significativas			
			Isolamento do símbolo do sujeito em relação aos outros	Qualidade afetiva negativa na relação entre si e os outros		
Fronteiras geracionais: distância entre as gerações (inter e intra)	Hierarquia de papéis	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x	
	Os pais assumem o cuidado dos filhos	Símbolos dos pais maiores ou acima dos filhos		Referências no discurso à tarefa parental do cuidado dos filhos		
	Relação igualitária entre pais e filhos	Tamanho igual entre os símbolos de pais e filhos	x	Descrição de uma relação igualitária entre filhos e pais		
				Parentalização: inversão de papéis, quando o filho assume as funções parentais	Ausência de símbolos de um ou ambos os pais	Inversão da relação hierárquica de cuidados: os filhos procuram responder às necessidades dos seus progenitores
					Símbolo do filho maior ou acima dos pais	
Símbolos dos pais dentro dos símbolos dos filhos						
Fronteiras familiares: Distância entre a pessoa e uma ou mais famílias	Pertença familiar	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x	
	Reconhecimento da pertença a um contexto familiar	Configuração das famílias de pertença	x	Expressa uma qualidade positiva na vivência das relações familiares		
	Desconhecimento da pertença a um contexto familiar	Não pertença a nenhuma família		Expressa uma qualidade negativa na vivência das relações familiares e um sentido de solidão.		
Fronteiras intra-sistémicas: Distância entre a família nuclear e as estirpes	Estrutura triangular	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x	
	Balanço entre as duas estirpes, diferenciação da nova família	Presença de símbolos das duas estirpes	x	Referências e descrição de contactos efetivos com as duas estirpes		
				Referências e descrição de contactos efetivos só com uma das estirpes		
	Exclusão de uma família, risco de emaranhamento	Presença de símbolos de uma só das estirpes		Qualidade negativa na relação com a outra estirpe familiar		
Isolamento das duas estirpes				Ausência de símbolos das duas estirpes	Ausência ou qualidade negativa nas referências às duas estirpes	
Fronteiras inter-sistémicas: Distância entre família nuclear e família alargada, e entre família	Relação com o estranho	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x	
	Capacidade de relação com elementos externos e presença de recursos sociais	Presença de símbolos da realidade extrafamiliar	x	Presença e qualidade prevalentemente positiva nas referências à realidade externa da família		
		Proximidade entre a pessoa e os elementos externos	x			
Pobreza ou ausência de relação com elementos	Pobreza ou ausência de símbolos extrafamiliares		Ausência ou qualidade prevalentemente negativa nas			

nuclear e sociedade.	externos e pobreza de recursos sociais	Distância entre a pessoa e os elementos externos	referências à realidade externa da família
----------------------	--	--	--

5.2. O conflito de pertença

O primeiro indício da elaboração positiva do elemento ausente é a presença explícita de ambos os polos do conflito de pertença, seja no horizonte gráfico do teste ou apenas na verbalização que a pessoa realiza.

Pode-se pensar na presença de um *continuum* que vá desde o extremo funcional da modalidade gráfica integrativa com indicadores verbais congruentes, até o extremo oposto, em que a pessoa mostra grande ansiedade e desconforto quando se faz algum tipo de referência verbal ao elemento ausente

Presença dos polos do conflito	Análise verbal	A pessoa coloca espontaneamente em palavras os polos do conflito					
		A pessoa expressa abertamente a dificuldade de encontrar um lugar para cada um dos polos do conflito					
		A pessoa fala dos dois polos do conflito mas com algumas reticências					
	Análise gráfica	Modalidade gráfica integrativa					
		Conjunto intersecção		Duplicação da pessoa		Conjunto único	
		Modalidade gráfica não integrativa					
Posicionamento a favor de um deles			Uma família para cada pessoa		Isolamento do sujeito		
Ausência de um ou mais polos do conflito		Análise verbal	Um dos polos do conflito nunca é verbalizado				
			Os polos do conflito nunca são verbalizados				
	Análise	Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito					
		Um dos polos do conflito não é representado					
		Os polos do conflito não são representados					

	Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito	×	O polo de conflito está representado no círculo familiar, não se percebendo que o pai está emigrado.

6. Síntese dos resultados

Verifica-se diferenciação dos membros com distância semelhante entre eles.

Aponta-se uma relação igualitária entre pais e filha, sendo os símbolos de igual tamanho.

Há reconhecimento de pertença a um contexto familiar, há uma configuração da família de pertença.

Apenas os amigos são representados como realidade extrafamiliar estão relativamente próximos dos restantes membros.

As verbalizações nesta aplicação não foram muito significativas, não permitindo perceber os sentimentos associados a cada representação.

Considera-se o conjunto único dentro da modalidade gráfica integrativa.

O polo de conflito está negado, indicando uma não-aceitação da realidade da emigração, mas uma representação idealizada da família.

Grelha de Análise

A Dupla Lua

Teste das fronteiras e das pertenças familiares

Greco, O. (1999). La doppia luna. Milano: Vita e Pensiero.

Traduzido e adaptado por Costa, S., Moreno, G. (2011) Universidade Católica Portuguesa – Braga

Nome do avaliador: Joana Soares

Caso: P5

Data de realização: 29 de março de 2013

Data de análise: 14 de maio de 2013

Apresentação da grelha:

A presente grelha divide-se em seis partes, que correspondem aos diferentes níveis de análise:

1. Análise do conteúdo **gráfico**: Estar atentos à tipologia dos símbolos, cores, tamanhos, disposições no espaço, sequência em que foram desenhados os diferentes elementos, membros presentes ou ausentes, representação dos limites familiares, relação entre as diferentes partes do desenho...
2. Análise **verbal** dos dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho e no diálogo posterior.
3. Análise do nível **emotivo/interativo**: Observar o clima emotivo durante a execução do teste, o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...
4. Análise do nível **reflexivo**: Observar se a pessoa é capaz de utilizar o conteúdo gráfico e o que emerge do desenho, para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.
5. Análise dos dois constructos chave do teste: os **limites** e as **pertenças**. Analisar, através de diferentes indicadores gráficos e verbais, os limites individuais, inter e intra-sistémicos, geracionais e familiares. Também observar a presença ou ausência dos diferentes polos familiares e a possível relevância do conflito de lealdade naquele caso.

Antes de iniciar a análise do teste é imprescindível estar por dentro dos fundamentos teóricos deste instrumento projetivo e recomenda-se uma primeira leitura geral da grelha de análise antes de começar a preencher os diferentes apartados.

1. Análise do conteúdo gráfico

1.1. Avaliação global:

Para a análise dos dados gráficos recolhidos, deve-se começar por uma avaliação global, tendo em conta a primeira impressão que nos suscita a observação do desenho. Devem-se observar os sinais gráficos, as cores, as relações entre os espaços preenchidos e os espaços vazios, a disposição dos símbolos no espaço, as evidências gráficas e a eventual ocupação do centro do retângulo. Posteriormente deve-se pensar numa frase ou metáfora para dar um título geral ao desenho, de forma a registar esta primeira impressão.

Primeiras impressões	Tudo a um canto, muito alinhado, apenas meio retângulo está ocupado.
Título do desenho	Arrumação.

1.2. Avaliação dos elementos do desenho:

Depois de realizar uma avaliação global, convém observar e descrever com mais pormenor, cada um dos elementos gráficos do desenho, especialmente:

Indicadores							
A tipologia dos símbolos: a utilização de símbolos convencionais e não convencionais, símbolos abstratos, pictográficos...	Convencionais	Coração e símbolo da paz.					
	Não convencionais	Desenhos na base das linhas, cinco membros representados apenas com linhas com o seu devido significado. O participante também se identifica com uma linha com picos.					
A dimensão dos símbolos utilizados (a homogeneidade /heterogeneidade entre eles)	Homogeneidade	Considera-se os símbolos de tamanho semelhante, bastante homogêneos.					
	Heterogeneidade						
A disposição espacial dos símbolos utilizados na folha (por exemplo, o uso do retângulo, dos limites, do espaço externo ao retângulo)	O participante coloca-se no canto superior esquerdo, junto às margens. Depois desenha todos os membros abaixo de si e continua ao lado, seguindo a lógica de representação. Não utiliza o espaço exterior.						
A disposição dos diferentes elementos no retângulo (uso do centro, uso dos limites, uso dos ângulos e uso dos quadrantes)	Não existe centro. Todos os membros estão colocados no lado esquerdo do retângulo.						
A sequência dos elementos desenhados, a ordem pela qual cada elemento foi colocado	1	Participante	6	Tio e tia	11		16
	2	Avó paterna	7	Amigo	12		17
	3	Tia	8	Pais	13		18
	4	Tio e tia	9	Ex-namorada	14		19
	5	Prima e tia	10		15		20

Indicadores		
Qual/quais famílias são desenhadas espontaneamente? (biológica, adotiva, nuclear, reconstituída...) e quais os membros desenhados de cada família? Que outras pessoas não familiares u objetos, desenha espontaneamente?	Nuclear	Pais e participante
	Alargada	Avó paterna, tia e prima, tio e tia e tio e tia.
	Amigo	
	Ex-namorada	
Quais são os elementos ausentes? Que pessoas importantes ou famílias não desenha espontaneamente?	Não há referência aos avós maternos, apenas coloca um tio e tia do lado materno.	
Qual é a posição da pessoa que faz o desenho, relativamente aos restantes elementos das famílias desenhadas? (próximo, distante, abaixo, acima...)	A pessoa que desenha está colocada num canto e todos os membros estão abaixo dela, vai quase até à margem do retângulo e continua ao lado seguindo a mesma lógica. Todos os símbolos estão próximos entre si, mas tendem a ficar distantes do participante.	
Quais os membros da família que estão colocados dentro e quais os que estão fora do retângulo?	Não existem membros fora do retângulo.	
A representação dos limites familiares: que famílias são envolvidas em círculos? Quais os elementos de cada uma das famílias?	Dentro do círculo estão todos os membros, exceto a ex-namorada. O amigo também se encontra dentro do mesmo círculo.	
Que pessoas representa depois de serem dadas as instruções 4 e 5.		
Que pessoas não representa depois de ser dada a instrução número 4		
Onde foram colocados os elementos ausentes depois de ser perguntado por eles?		
Quando se coloca a instrução nº 5, sobre o espaço do desejo, deve-se verificar: De que forma expressa o desejo? Afasta ou aproxima algum dos elementos presentes? Adiciona algum elemento novo que até então estava ausente? Elimina algum elemento do desenho?	Mudaria no desenho a posição da ex-namorada, gostaria de a incluir no círculo familiar.	
Outras observações relativas ao conteúdo gráfico		

2. Análise do conteúdo verbal

Os dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho, constituem uma preciosa informação, que podem ser confrontados com o resto dos indicadores e assim verificar a congruência ou incongruência na compreensão global do teste.

A análise do conteúdo verbal pode ser efetuada segundo diversas categorias e com diferentes procedimentos, como por exemplo, papel e lápis ou *software* de análise de texto.

Análise do conteúdo verbal

Representou a avó com o símbolo da paz por lhe transmitir isso, por ser uma pessoa calma, que passa calma, serenidade, é aquela que pessoa que não gosta de conflitos. De seguida diz que mais importante é a tia, “os outros também são importantes, mas acho que relevar isso...” “se for focar os muito importantes, isso sim é a minha avó...”. A tia foi a pessoa que sempre o acompanhou, “uma linha constante”, “mas esteve sempre lá, sempre me apoiou”. O tio era a pessoa que o defendia, “de braços abertos acolheu-me aqui e sempre me respeitou”. Prima que viveu com ele e que é como uma irmã, cresceram juntos, representou a prima e a tia juntas. Tio e tia maternos que também estão emigrados, mas são uma presença.

“Claro que não estão aqui os meus pais, se fosse por ordem de afetividade seria os meus pais, a minha avó e depois esta minha tia, são as pessoas mais importantes, de certeza absoluta”.

Amigo, representado por mãos que se ajudam, embora não sejam desenhadas as mãos, foi verbalizado.

Quando chegou o momento de representar os pais disse que ficou mais complicado, que tinha um símbolo que usava quando mandava cartas para eles, acabou por desenhar “algo que supostamente toda a gente desenharia, um coração”. Transmitem amor, carinho, ternura, estão sempre presentes.

Refere que há outras pessoas, mas que não quer englobar, por exemplo, a ex-namorada. Diz que ela o ajudou a ultrapassar muita coisa, mas os seus caminhos desencontraram-se, acabou por representá-la. Foi a única pessoa que não englobou no círculo.

Pergunta “eu também tenho que fazer parte (da família)?”, “acho que sim.” – sentimento de pertença? A quem pertence?

A ex-namorada é uma pessoa de carácter, tem personalidade, vê nela o feitio do pai, mas tinha que crescer mais um pouco, amadurecer.

A ordem dos desenhos foi por proximidade física e não afetiva, pois verbalizou que os pais eram mais importantes.

“isto não retrata uma hierarquia, as primeiras sete posições são as que estão cá fisicamente”. Os pais estão à frente deles todos. Colocaria os pais em segundo lugar. Será real? Racionalizando seria assim, mas a realidade está projetada no desenho.

Refere que não ia colocar a ex-namorada, percebendo que já teria pensado nela, mas recusava-se a representá-la.

3. Análise do nível interativo-emotivo

Analisar também a interação que se produz durante a entrevista e a aplicação do instrumento. Os indicadores detetados através da análise da interação e do clima emotivo durante a execução do teste devem ser confrontados com os outros indicadores, para explorar a recíproca congruência ou incongruência.

Em particular é útil observar os aspetos emotivos e o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...

Análise do nível interativo-emotivo

Nota-se algum desconforto com a tarefa, dificuldade em desenhar o símbolo que idealizou, mas acaba por concretizar a tarefa e verbaliza o que está a pensar.

Ao longo da aplicação vai pensando e falando um pouco de cada pessoa que está a representar, denota-se a importância de cada uma delas, principalmente por terem vivido com ele.

Referiu várias vezes que os pais eram mais importantes que todos eles, apesar de estarem em oitavo lugar o desenho não é hierárquico. A ex-namorada é uma figura que ainda provoca algumas emoções, ele gostaria que ela estivesse na vida dele e que fizesse parte da sua família, foi uma pessoa muito significativa.

4. Análise do nível reflexivo

Um indicador importante a nível clínico provém da observação da capacidade ou incapacidade que a pessoa tem para comentar o seu próprio desenho. Se é capaz de utilizar o que emerge do desenho, acerca das suas próprias relações e da própria posição em relação às fronteiras familiares, utilizando o conteúdo gráfico das indicações do

instrumento para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.

Análise do nível reflexivo

Ao longo de toda a aplicação foram verbalizados sentimentos e emoções relativos às pessoas representadas, procurou encontrar símbolos que os identificasse e explicar o porquê de ter escolhido aquele símbolo. Apesar da dificuldade em concretizar o que estava a idealizar, conduzindo a algum nervosismo, conseguiu fazê-lo com elementos simples e significativos. Foi perceptível que a tarefa estava a mexer com as memórias e à trazer ao de cima lembranças dolorosas.

5. Análise dos dois constructos chave: as fronteiras e as pertenças

Depois de observar cada um dos elementos do desenho, procede-se a uma avaliação mais pormenorizada dos dois constructos chave fundamentais do teste: os limites ou fronteiras e o conflito de pertença.

5.1. A representação das fronteiras

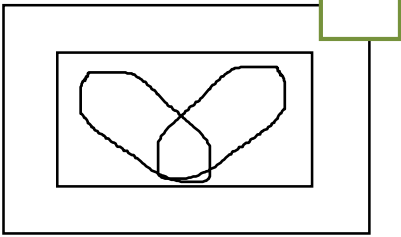
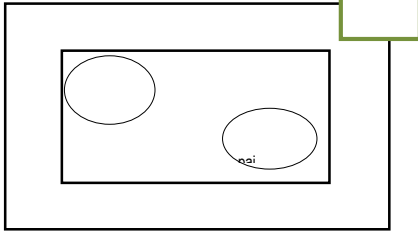
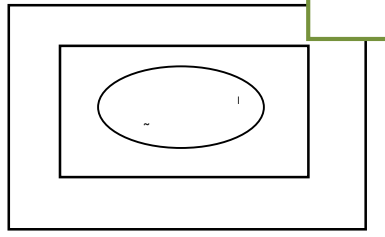
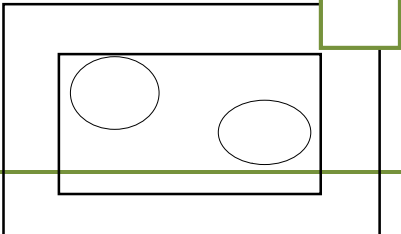
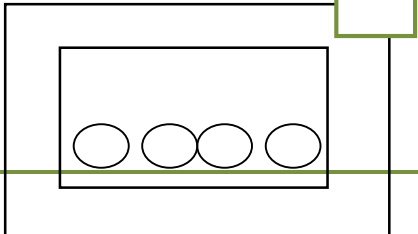
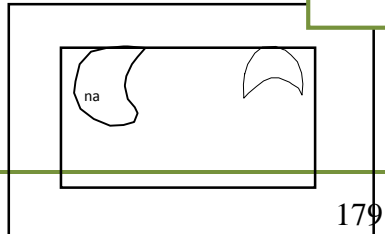
5.1. A representação das fronteiras					
Fronteiras individuais: distância interpessoal	Separação/individuação	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
	Diferenciação	Dialética entre proximidade e distância	x	Presença no discurso de outras pessoas significativas	x
				Distinção semântica e gramatical entre si e os outros	
				Qualidade afetiva positiva na relação entre si e os outros	
	Relação simbiótica	Símbolos colados ou um dentro do outro		Sobreposição semântica e gramatical entre si e os outros	
				Qualidade afetiva ambivalente na relação entre si e os outros	
Tendência ao isolamento	Ausência de pessoas significativas	Isolamento do símbolo do sujeito em relação aos outros	x	Ausência no discurso de outras pessoas significativas	
				Qualidade afetiva negativa na relação entre si e os outros	
	Hierarquia de papéis	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
Fronteiras geracionais: distância entre as gerações (inter e intra)	Relação igualitária entre pais e filhos	Tamanho igual entre os símbolos de pais e filhos		Descrição de uma relação igualitária entre filhos e pais	
	Parentalização: inversão de papéis, quando o filho assume as funções parentais	Ausência de símbolos de um ou ambos os pais		Inversão da relação hierárquica de cuidados: os filhos procuram responder às necessidades dos seus progenitores	
		Símbolo do filho maior ou acima dos pais	x		
	Símbolos dos pais dentro dos símbolos dos filhos				
Fronteiras familiares: Distância entre a pessoa e uma ou mais famílias	Pertença familiar	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
	Reconhecimento da pertença a um contexto familiar	Configuração das famílias de pertença	x	Expressa uma qualidade positiva na vivência das relações familiares	x
	Desconhecimento da pertença a um contexto familiar	Não pertença a nenhuma família		Expressa uma qualidade negativa na vivência das relações familiares e um sentido de solidão.	
Fronteiras intra-sistémicas: Distância entre a família nuclear e as estirpes	Estrutura triangular	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
	Balanço entre as duas estirpes, diferenciação da nova família	Presença de símbolos das duas estirpes	x	Referências e descrição de contactos efetivos com as duas estirpes	
	Exclusão de uma família, risco de emaranhamento	Presença de símbolos de uma só das estirpes		x	Referências e descrição de contactos efetivos só com uma das estirpes
Qualidade negativa na relação com a outra estirpe familiar					

	Isolamento das duas estirpes	Ausência de símbolos das duas estirpes		Ausência ou qualidade negativa nas referências às duas estirpes	
Fronteiras inter-sistêmicas: Distância entre família nuclear e família alargada, e entre família nuclear e sociedade.	Relação com o estranho	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
	Capacidade de relação com elementos externos e presença de recursos sociais	Presença de símbolos da realidade extrafamiliar		Presença e qualidade prevalentemente positiva nas referências à realidade externa da família	
		Proximidade entre a pessoa e os elementos externos			
	Pobreza ou ausência de relação com elementos externos e pobreza de recursos sociais	Pobreza ou ausência de símbolos extrafamiliares		x	Ausência ou qualidade prevalentemente negativa nas referências à realidade externa da família
Distância entre a pessoa e os elementos externos					

5.2. O conflito de pertença

O primeiro indício da elaboração positiva do elemento ausente é a presença explícita de ambos os polos do conflito de pertença, seja no horizonte gráfico do teste ou apenas na verbalização que a pessoa realiza.

Pode-se pensar na presença de um *continuum* que vá desde o extremo funcional da modalidade gráfica integrativa com indicadores verbais congruentes, até o extremo oposto, em que a pessoa mostra grande ansiedade e desconforto quando se faz algum tipo de referência verbal ao elemento ausente

Análise verbal	A pessoa coloca espontaneamente em palavras os polos do conflito		
	A pessoa expressa abertamente a dificuldade de encontrar um lugar para cada um dos polos do conflito		
	A pessoa fala dos dois polos do conflito mas com algumas reticências	x	A ausência dos pais é verbalizada pela ordem com que foi desenhando, apesar de ir referindo que os pais eram mais importantes a sua posição representa a distância a que eles estão.
Presença dos polos do conflito	Modalidade gráfica integrativa		
	Conjunto intersecção	Duplicação da pessoa	Conjunto único
			
	Modalidade gráfica não integrativa		
	Posicionamento a favor de um deles	Uma família para cada pessoa	Isolamento do sujeito
			

Ausência de um ou mais polos do conflito	Análise verbal	Um dos polos do conflito nunca é verbalizado	
		Os polos do conflito nunca são verbalizados	
		Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito	
	Análise gráfica	Um dos polos do conflito não é representado	
		Os polos do conflito não são representados	
		Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito	

6. Síntese dos resultados

Existe diferenciação entre o sujeito e os membros, há pessoas significativas no discurso do participante.

Relativamente à hierarquia de papéis, apesar de os símbolos serem de tamanho semelhante, o participante está acima de todos os membros representados. Isto iria de encontro ao expressado na entrevista, pois este jovem assumiu desde muito cedo a responsabilidade pela avó, que tem problemas de saúde, e sempre procurou tomar as suas próprias decisões, sendo bastante autónomo e não denotando que os pais cuidem dele, tende a ser uma relação mais igualitária para com estes, mas de cuidado para com a avó.

Apesar de integrado no círculo da família, surge a dúvida se realmente há uma pertença real, pois com tanto membro significativo a quem pertence este jovem?

Estão representados os pais e a avó paterna, não há representação dos avós maternos, remetendo para uma falta de contacto entre eles.

Da realidade extrafamiliar está representado apenas um amigo, que está englobado no círculo familiar e a ex-namorada, que apesar de importante está afastada do sujeito.

Considera-se a modalidade gráfica integrativa de conjunto único, desenhou apenas um círculo e estão nele todas as pessoas significativas e próximas.

Salienta-se que mesmo os tios maternos estando também emigrados acabam por estar antes dos pais. Terão sido uma presença mais afetiva e importante que a dos pais?

Grelha de Análise

A Dupla Lua

Teste das fronteiras e das pertenças familiares

Greco, O. (1999). La doppia luna. Milano: Vita e Pensiero.

Traduzido e adaptado por Costa, S., Moreno, G. (2011) Universidade Católica Portuguesa – Braga

Nome do avaliador: Joana Soares

Caso: H6

Data de realização: 11 de abril de 2013

Data de análise: 14 de maio de 2013

Apresentação da grelha:

A presente grelha divide-se em seis partes, que correspondem aos diferentes níveis de análise:

1. Análise do conteúdo **gráfico**: Estar atentos à tipologia dos símbolos, cores, tamanhos, disposições no espaço, sequência em que foram desenhados os diferentes elementos, membros presentes ou ausentes, representação dos limites familiares, relação entre as diferentes partes do desenho...
2. Análise **verbal** dos dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho e no diálogo posterior.
3. Análise do nível **emotivo/interativo**: Observar o clima emotivo durante a execução do teste, o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...
4. Análise do nível **reflexivo**: Observar se a pessoa é capaz de utilizar o conteúdo gráfico e o que emerge do desenho, para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.
5. Análise dos dois constructos chave do teste: os **limites** e as **pertenças**. Analisar, através de diferentes indicadores gráficos e verbais, os limites individuais, inter e intra-sistémicos, geracionais e familiares. Também observar a presença ou ausência dos diferentes polos familiares e a possível relevância do conflito de lealdade naquele caso.

Antes de iniciar a análise do teste é imprescindível estar por dentro dos fundamentos teóricos deste instrumento projetivo e recomenda-se uma primeira leitura geral da grelha de análise antes de começar a preencher os diferentes apartados.

1. Análise do conteúdo gráfico

1.1. Avaliação global:

Para a análise dos dados gráficos recolhidos, deve-se começar por uma avaliação global, tendo em conta a primeira impressão que nos suscita a observação do desenho. Devem-se observar os sinais gráficos, as cores, as relações entre os espaços preenchidos e os espaços vazios, a disposição dos símbolos no espaço, as evidências gráficas e a eventual ocupação do centro do retângulo. Posteriormente deve-se pensar numa frase ou metáfora para dar um título geral ao desenho, de forma a registar esta primeira impressão.

Primeiras impressões	Os membros desenhados estão muito distantes no retângulo com tendência para o uso dos cantos e próximo das fronteiras.
Título do desenho	Distância. Vazio.

1.2. Avaliação dos elementos do desenho:

Depois de realizar uma avaliação global, convém observar e descrever com mais pormenor, cada um dos elementos gráficos do desenho, especialmente:

Indicadores							
A tipologia dos símbolos: a utilização de símbolos convencionais e não convencionais, símbolos abstratos, pictográficos...	Convencionais	Nuvens, flor e árvore. Sol. Círculo.					
	Não convencionais						
A dimensão dos símbolos utilizados (a homogeneidade /heterogeneidade entre eles)	Homogeneidade	Símbolos de tamanho semelhante, a árvore é maior, pois a copa representa as irmãs e o tronco as sobrinhas.					
	Heterogeneidade						
A disposição espacial dos símbolos utilizados na folha (por exemplo, o uso do retângulo, dos limites, do espaço externo ao retângulo)	O espaço exterior não é utilizado, mas os membros estão dispostos em todo o retângulo, embora bastante afastados entre si. Verifica-se tendência para a proximidade dos limites.						
A disposição dos diferentes elementos no retângulo (uso do centro, uso dos limites, uso dos ângulos e uso dos quadrantes)	O centro não está ocupado. Desenha em todos os quadrantes, embora num deles esteja apenas o círculo contendo as pessoas que fazem parte da família, escreveu novamente.						
A sequência dos elementos desenhados, a ordem pela qual cada elemento foi colocado	1	Participante	6	Família	11		16
	2	Mãe e Pai	7	Namorado	12		17
	3	Sobrinhas	8		13		18
	4	Irmãs	9		14		19
	5	Amigos	10		15		20

Indicadores		
Qual/quais famílias são desenhadas espontaneamente? (biológica, adotiva, nuclear, reconstituída...) e quais os membros desenhados de cada família? Que outras pessoas não familiares u objetos, desenha espontaneamente?	Nuclear	Participante, mãe e pai
		Sobrinhas e irmãs
	Amigos	
	Alargada	
	Namorado	
Quais são os elementos ausentes? Que pessoas importantes ou famílias não desenha espontaneamente?	Quando coloca “família” não faz referência se é paterna ou materna, pressupondo-se que esteja a incluir todos os parentes da família alargada. Ao ser demasiado generalizado pode induzir a falta de relações significativas com algum membro da família alargada, mas identificou a categoria, porventura, por ser socialmente aceitável.	
Qual é a posição da pessoa que faz o desenho, relativamente aos restantes elementos das famílias desenhadas? (próximo, distante, abaixo, acima...)	A posição do participante é distante de todos os restantes membros, estando no canto superior esquerdo.	
Quais os membros da família que estão colocados dentro e quais os que estão fora do retângulo?	Não existem membros fora do retângulo.	
A representação dos limites familiares: que famílias são envolvidas em círculos? Quais os elementos de cada uma das famílias?	O participante não envolveu as pessoas num círculo, mas dentro de um círculo escreveu as pessoas que são importantes: irmãs, sobrinhos, pai, mãe, tios/as, amigos e namorado.	
Que pessoas representa depois de serem dadas as instruções 4 e 5.	O namorado, que incluiu no círculo das pessoas que fazem parte da sua família, mas não tinha representado anteriormente.	
Que pessoas não representa depois de ser dada a instrução número 4		
Onde foram colocados os elementos ausentes depois de ser perguntado por eles?		
Quando se coloca a instrução nº 5, sobre o espaço do desejo, deve-se verificar: De que forma expressa o desejo? Afasta ou aproxima algum dos elementos presentes? Adiciona algum elemento novo que até então estava ausente? Elimina algum elemento do desenho?	Acrescentou o namorado que colocou ao seu lado com o mesmo símbolo. Não mudaria nada no desenho.	
Outras observações relativas ao conteúdo gráfico		

2. Análise do conteúdo verbal

Os dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho, constituem uma preciosa informação, que podem ser confrontados com o resto dos indicadores e assim verificar a congruência ou incongruência na compreensão global do teste.

A análise do conteúdo verbal pode ser efetuada segundo diversas categorias e com diferentes procedimentos, como por exemplo, papel e lápis ou *software* de análise de texto.

Análise do conteúdo verbal

Pais como um sol a iluminar todos são o mais importante.
Sobrinhos foi a coisa mais maravilhosa que aconteceu na família. Representa através de árvore como sinónimo de crescimento, incluindo as irmãs.
Os amigos são muito importantes, são aqueles que a pessoa escolhe, que muitas vezes são mais próximos e existe mais afinidade que com a família – corte com a família? Não é muito positivo nas verbalizações.
Família global (depois de questionado se incluía família materna e paterna), família em global.
O participante em cima a olhar por todos eles.

3. Análise do nível interativo-emotivo

Analisar também a interação que se produz durante a entrevista e a aplicação do instrumento. Os indicadores detetados através da análise da interação e do clima emotivo durante a execução do teste devem ser confrontados com os outros indicadores, para explorar a recíproca congruência ou incongruência.

Em particular é útil observar os aspetos emotivos e o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...

Análise do nível interativo-emotivo

Ao focar se a família seria materna ou paterna não quis fazer distinção, embora se tenha percebido que hesitou e apenas respondeu “família global”.
Porque colocou os pais como um sol a iluminar no todo do retângulo, mas também diz que ele está a olhar por todos eles? Relação igualitária com os pais?
Namorado: inicialmente não representado, mas depois quis acrescentar por ser uma pessoa significativa. Vergonha por ser homossexual? Dificuldade em verbalizar este elemento.

4. Análise do nível reflexivo

Um indicador importante a nível clínico provém da observação da capacidade ou incapacidade que a pessoa tem para comentar o seu próprio desenho. Se é capaz de utilizar o que emerge do desenho, acerca das suas próprias relações e da própria posição em relação às fronteiras familiares, utilizando o conteúdo gráfico das indicações do instrumento para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.

Análise do nível reflexivo

Descreve o significado de cada membro desenhado. O facto de não ter envolvido as pessoas mas tê-las colocado novamente todas juntas não demonstra a sua proximidade, mas apenas o facto de serem da mesma família.
Não há referência aos avós nem membros específicos da família alargada, exceto no círculo que inclui os tios e tias, provavelmente maternos que estão próximos do pai.
Não verbalizou nenhuma ressonância surgida do desenho, percebendo-se a necessidade de concluir a tarefa.

5. Análise dos dois constructos chave: as fronteiras e as pertenças

Depois de observar cada um dos elementos do desenho, procede-se a uma avaliação mais pormenorizada dos dois constructos chave fundamentais do teste: os limites ou fronteiras e o conflito de pertença.

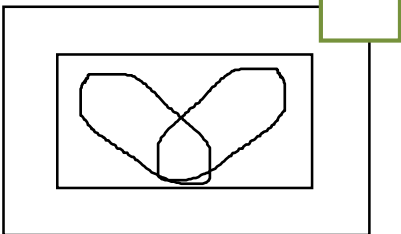
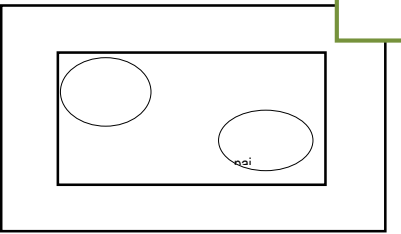
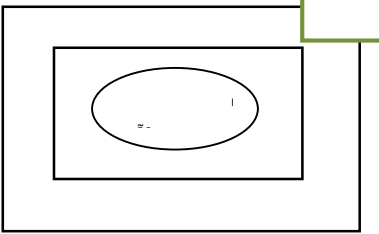
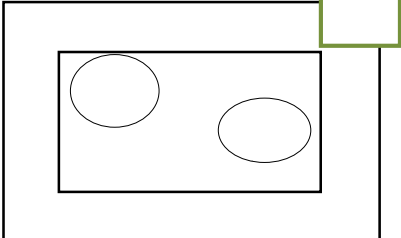
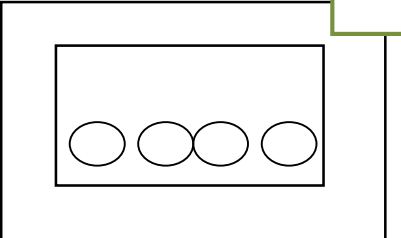
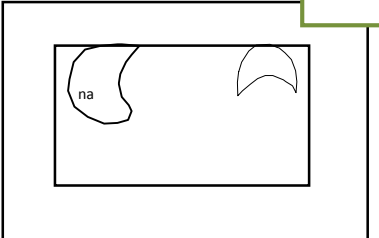
5.1. A representação das fronteiras							
Fronteiras individuais: distância interpessoal	Separação/individuação	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x		
	Diferenciação	Dialética entre proximidade e distância		Presença no discurso de outras pessoas significativas			
				Distinção semântica e gramatical entre si e os outros			
				Qualidade afetiva positiva na relação entre si e os outros			
	Relação simbiótica	Símbolos colados ou um dentro do outro		Sobreposição semântica e gramatical entre si e os outros			
				Qualidade afetiva ambivalente na relação entre si e os outros			
Tendência ao isolamento	Ausência de pessoas significativas		Ausência no discurso de outras pessoas significativas				
			Isolamento do símbolo do sujeito em relação aos outros	x	Qualidade afetiva negativa na relação entre si e os outros		
Fronteiras geracionais: distância entre as gerações (inter e intra)	Hierarquia de papéis	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x		
	Os pais assumem o cuidado dos filhos	Símbolos dos pais maiores ou acima dos filhos		Referências no discurso à tarefa parental do cuidado dos filhos			
	Relação igualitária entre pais e filhos	Tamanho igual entre os símbolos de pais e filhos	x	Descrição de uma relação igualitária entre filhos e pais			
				Parentalização: inversão de papéis, quando o filho assume as funções parentais	Ausência de símbolos de um ou ambos os pais		Inversão da relação hierárquica de cuidados: os filhos procuram responder às necessidades dos seus progenitores
					Símbolo do filho maior ou acima dos pais		
Símbolos dos pais dentro dos símbolos dos filhos							
Fronteiras familiares: Distância entre a pessoa e uma ou mais famílias	Pertença familiar	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x		
	Reconhecimento da pertença a um contexto familiar	Configuração das famílias de pertença		Expressa uma qualidade positiva na vivência das relações familiares			
	Desconhecimento da pertença a um contexto familiar	Não pertença a nenhuma família	x	Expressa uma qualidade negativa na vivência das relações familiares e um sentido de solidão.			
Fronteiras intra-sistémicas: Distância entre a família nuclear e as estirpes	Estrutura triangular	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x		
	Balanço entre as duas estirpes, diferenciação da nova família	Presença de símbolos das duas estirpes		Referências e descrição de contactos efetivos com as duas estirpes			
				Referências e descrição de contactos efetivos só com uma das estirpes			
	Exclusão de uma família, risco de emaranhamento	Presença de símbolos de uma só das estirpes		Qualidade negativa na relação com a outra estirpe familiar			
Isolamento das duas estirpes				Ausência de símbolos das duas estirpes	x	Ausência ou qualidade negativa nas referências às duas estirpes	
Fronteiras inter-sistémicas: Distância entre família nuclear e família alargada, e entre família	Relação com o estranho	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x		
	Capacidade de relação com elementos externos e presença de recursos sociais	Presença de símbolos da realidade extrafamiliar		Presença e qualidade prevalentemente positiva nas referências à realidade externa da família			
		Proximidade entre a pessoa e os elementos externos					
Pobreza ou ausência de relação com elementos	Pobreza ou ausência de símbolos extrafamiliares		Ausência ou qualidade prevalentemente negativa nas				

nuclear e sociedade.	externos e pobreza de recursos sociais	Distância entre a pessoa e os elementos externos	×	referências à realidade externa da família
----------------------	--	--	---	--

5.2. O conflito de pertença

O primeiro indício da elaboração positiva do elemento ausente é a presença explícita de ambos os polos do conflito de pertença, seja no horizonte gráfico do teste ou apenas na verbalização que a pessoa realiza.

Pode-se pensar na presença de um *continuum* que vá desde o extremo funcional da modalidade gráfica integrativa com indicadores verbais congruentes, até o extremo oposto, em que a pessoa mostra grande ansiedade e desconforto quando se faz algum tipo de referência verbal ao elemento ausente

Presença dos polos do conflito	Análise verbal	A pessoa coloca espontaneamente em palavras os polos do conflito			
		A pessoa expressa abertamente a dificuldade de encontrar um lugar para cada um dos polos do conflito			
		A pessoa fala dos dois polos do conflito mas com algumas reticências			
	Análise gráfica	Modalidade gráfica integrativa			
		Conjunto intersecção		Duplicação da pessoa	
				Conjunto único	
		Modalidade gráfica não integrativa			
		Posicionamento a favor de um deles		Uma família para cada pessoa	
				Isolamento do sujeito	
	Ausência de um ou mais polos do conflito	Análise verbal	Um dos polos do conflito nunca é verbalizado		
Os polos do conflito nunca são verbalizados			×	Não fala da ausência do pai, nem faz referência à família alargada, onde se considera ter existido um corte emocional.	
Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito					
Análise		Um dos polos do conflito não é representado			
		Os polos do conflito não são representados			

	Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito	×	Não se percebe que o pai esteja emigrado, pelo contrário o pai e a mãe estão desenhados juntos, o que não corresponde à realidade.

6. Síntese dos resultados

O símbolo do participante está distante dos outros membros, inicialmente isolado, depois acrescentou o namorado ao seu lado, mas mesmo assim parecem os dois isolados.

Considera-se os símbolos do participante e dos pais de tamanho semelhante, apesar de ligeiramente mais próximo do limite superior do retângulo que o participante, podemos dizer que a posição é igualitária, o participante assume-se a olhar por toda a família, por isso está no canto superior.

Por não se ter incluído no círculo da família e por estar tão isolado dos restantes membros considera-se a não pertença a um contexto familiar.

Não há famílias de origem dos pais nesta representação, o que faz pensar num corte emocional.

A única referência a elementos externos à família são os amigos, mas estão longe do participante.

Apesar de graficamente não ser semelhante, considera-se que o sujeito está isolado dos restantes membros.

O facto de não ter representado os avós e apenas colocar a família alargada de forma indiferenciada pode representar um polo de conflito? Não há relação com eles.

